JOÃO MUNIZ JUNIOR

Memórias de um homem (do) partido:

a escrita de si de Nelson Werneck Sodré

ASSIS
2021

JOÃO MUNIZ JUNIOR

Memórias de um homem (do) partido:

a escrita de si de Nelson Werneck Sodré

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista, para a obtenção do título de Doutor em História (Área de Conhecimento: História e Sociedade)

Orientador: Dr. Wilton Carlos Lima da Silva

Bolsista: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

ASSIS
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Laura Akie Saito Inafuko - CRB 8/9116

M966m

Muniz Junior, João
Memórias de um homem (do) partido: a escrita de si de Nelson Werneck Sodré / João Muniz Junior. Assis, 2021.
264 f.

Tese de Doutorado - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientador: Prof. Dr. Wilton Carlos Lima da Silva

1. Biografia. 2. História. 3. Sodré, Nelson Werneck, 1911-1999. 4. Epistemologia da virtude. 5. Performance (Arte). I. Título.

CDD 981.61

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: Memórias de um homem (do) partido: a escrita de si de Nelson Werneck Sodré

AUTOR: JOÃO MUNIZ JUNIOR

ORIENTADOR: WILTON CARLOS LIMA DA SILVA

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Doutor em HISTÓRIA, área: História e Sociedade pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. WILTON CARLOS LIMA DA SILVA (Participaçao Virtual)
Departamento de História / UNESP/FCL-Assis

Prof. Dr. PAULO CESAR GONÇALVES (Participaçao Virtual)
Departamento de História / UNESP/FCL-Assis

Prof. Dr. ANDRÉ FIGUEIREDO RODRIGUES (Participaçao Virtual)
Departamento de História / UNESP/FCL-Assis

Prof. Dr. FABIO FRANZINI (Participaçao Virtual)
Filosofia e Ciências Humanas / UNIFESP/Guarulhos

Prof. Dr. ALEXANDRE DE SA AVELAR (Participaçao Virtual)
Instituto de História / UFU/Uberlândia

Assis, 25 de janeiro de 2021

À minha família

Agradecimentos

Externar gratidão é um ato público de reconhecimento que talvez seja mais importante para quem está a agradecer do que para o alvo da enunciação. Trata-se de um exercício em que reconhecemos a importância do outro em relação a determinados aspectos da nossa trajetória. Eu chego a essa altura do meu percurso na academia e aproveito oportunidade a fim de direcionar palavras de gratidão a todos que, de alguma forma, contribuíram para que o processo de pesquisa que desenvolvemos nos últimos anos chegasse ao seu fecho.

Estou certo de que a relação de pessoas a quem eu deveria registrar a minha gratidão poderia ser muito mais extensa e detalhada do que a que se segue, mas penso que na maneira como se encontra, de uma forma ou de outra, ela incorpora a todos.

Assim, meu muito obrigado:

- Ao Professor Doutor Wilton Carlos Lima da Silva, meu orientador, pela dedicação, paciência e presteza, pela relação de confiança construída nos últimos 8 anos de trabalho conjunto, desde a iniciação científica, passando pelo mestrado para chegar agora, no doutorado. Wilton, para além da relação orientador e orientando, considero-te um parceiro, um amigo. Reforço o registro que fiz por ocasião da defesa do mestrado em 2015: os últimos anos permitiram-me enfrentar os desafios do ofício de historiador; errar, refazer e acertar. Espero que este último passo em maior quantidade que os demais.

- Aos Professores Doutores Paulo César Gonçalves e André Figueiredo Rodrigues, pela leitura atenta e as generosas sugestões quando do Exame de Qualificação.

- Aos Professoras Doutores Paulo César Gonçalves, André Figueiredo Rodrigues, Alexandre de Sá Avelar e Fábio Franzini pela disponibilidade de participar da Banca Examinadora.

- À Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", que desde o meu ingresso na graduação ofereceu-me condições para formação profissional e crescimento intelectual.

- À CAPES pelo financiamento da minha pesquisa: "O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001"

- Aos professores do Departamento de História, da UNESP, Campus de Assis, pelo aprendizado durante os anos de graduação e durante as aulas da Pós-graduação.

- Ao Grupo de Pesquisa Memento, principalmente aos seus integrantes, que são também amigos: Rafaela, Ingrid, Manoel, Assíria, Ester, Kassiana, Ailton, Hugo, Inaye, Moisés, Adriano. Os nossos debates durantes os nossos encontros renderam excelentes discussões sobre os nossos projetos de pesquisa e enriqueceram as nossas análises, além de enriquecer também os vínculos de camaradagem. Juntos, organizamos eventos, participamos de outros, vivemos a pesquisa, construímos lembranças lindas.

- À minha mãe, Ester, ao meu pai, João, aos meus irmãos, Gabriel, Ana Débora e Mário, aos meus cunhados, Gabriela e Bruno. Vocês são a minha família, a base sem qual eu teria ficado à deriva em muitos momentos. Agradeço o apoio, o amor e o cuidado, incondicionais.

“Este é tempo de partido,
tempo de homens partidos.[...]”
(ANDRADE, 2000, p. 29)

MUNIZ JUNIOR, João. **Memórias de um homem (do) partido: a escrita de si de Nelson Werneck Sodré.** 2021. 264 f.: il. Tese (Mestrado em História). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Assis, 2021.

RESUMO

Esta pesquisa tem o objetivo de analisar aspectos da obra memorialística de Nelson Werneck Sodré. Para tanto, propusemos fazer esse estudo a partir das seguintes obras: *Memórias de um soldado* (1967); *Memórias de um escritor* (1970); *A Luta pela Cultura* (1990); *O fascismo cotidiano* (1990), *A ofensiva reacionária* (1992); e *A fúria de Calibã: memórias do golpe de 64* (1994), a fim de ler, mapear e interpretar a memorialística do autor; bem como discutir determinantes sociais, políticas e culturais da construção da memória por meio de um relato específico de natureza autobiográfica; identificar os referenciais narrativos que se fazem presentes na escrita de si de Nelson Werneck Sodré e delimitar diferentes dimensões da narrativa, como um passado e um espaço social projetado na sua descrição de situações e comportamentos. O estudo do memorialismo deste autor é uma oportunidade de discutir sobre o gênero biográfico e suas relações com a narrativa literária e a escrita da história. Além disso, podemos questionar a temporalidade e a noção de história compartilhada pelo texto, bem como sobre o seu método de narrativa memorialística.

Palavras-chave: Memórias. História. Nelson Werneck Sodré. Virtudes epistêmicas. Performance.

MUNIZ JUNIOR, João. **Memories of a parted man: Nelson Werneck Sodré's self-writing.** 2021. 264 f.: il. Tese (Mestrado em História). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Assis, 2021.

ABSTRACT

This research aims to analyze aspects of Nelson Werneck Sodré's memorial work. To this end, we proposed to make this study from the following works: *Memórias de um soldado* (1967); *Memórias de um escritor* (1970); *A Luta pela Cultura* (1990); *O fascismo cotidiano* (1990), *A ofensiva reacionária* (1992); e *A fúria de Calibã: memórias do golpe de 64* (1994), in order to read, map and interpret the author's memorialistics; as well as discussing social, political and cultural determinants of memory construction through a specific report of an autobiographical nature; identify the narrative references that are present in the writing of Nelson Werneck Sodré and delimit different dimensions of the narrative, such as a past and a social space projected in his description of situations and behaviors. The study of this author's memorialism is an opportunity to discuss the biographical genre and its relationship with literary narrative and the writing of history. In addition, we can question the temporality and the notion of history shared by the text, as well as about its method of memorialistic narrative.

Keywords: Memories. History. Nelson Werneck Sodré. Epistemic virtues. Performance.

Sumário

Introdução.....10

Capítulo 1 – Identidade narrativa, dever de memória e seus usos políticos.....21

1. Nelson Werneck Sodré: em sua memória e sobre seu memorialismo.....22
1.1 Morte e rememoração.....22
1.2. Panorama das memórias de Sodré: cronologias, temas e sistematização da narrativa.....30
1.3. Um projeto memorialístico.....53
2. A construção do indivíduo por meio da narrativa, a noção de dever de memória e os seus usos políticos na escrita de Nelson Werneck Sodré.....55
2.1. A questão da identidade narrativa.....57
2.1.1. Quadro temático relacional das memórias de Nelson Werneck Sodré.....68
2.2. Os caminhos do dever de memória: conceituação, os seus usos políticos e sua prática....84
2.2.1. Exercício político da escrita de si e dever de memória.....92

Capítulo 2 - As virtudes epistêmicas como parâmetro garantidor de legitimidade.....100

1. Virtudes epistêmicas e operação autobiográfica em Nelson Werneck Sodré: as técnicas e os seus usos.....104
2. Virtudes epistêmicas e onde habitam no memorialismo de Nelson Werneck Sodré.....107
2.1. As virtudes epistêmicas de Nelson Werneck Sodré: arquivo e memória.....111
3. O fantasma do arquivo que assombra o memorialismo werneckano.....127

Capítulo 3 – O comportamento performático no memorialismo de Nelson Werneck Sodré.....180

1. A concepção de performance e a sua constante no âmbito das memórias de Nelson Werneck Sodré.....181
1.1. A performance autobiográfica.....181
2. O memorialismo werneckano e a crítica literária: aspectos de uma relação.....199
2.1. A crítica literária no Brasil: um panorama.....200
2.2. Crítica literária, performance e virtudes epistêmicas.....213
3. “Permitam que eu, finalmente, preste o meu depoimento”.....224

Considerações Finais.....242

Fontes.....251

Referências Bibliográficas.....251

Introdução

Realizar uma pós-graduação do Brasil, sobretudo na área de Ciências Humanas, é um ato de resistência. Ato este que ganhou novos significados conforme eu pude estudar, analisar e me inteirar das lutas pela cultura e soberania nacionais, além da produção do conhecimento levadas a cabo por Nelson Werneck Sodré ao longo da sua trajetória intelectual, política e de cidadão brasileiro.

Lembro-me que em 2015, após a defesa do meu Mestrado, o meu orientador à época e também agora, Professor Wilton Silva, me perguntou sobre o que eu gostaria de trabalhar no Doutorado. Essa mesma indagação fora feita alguns anos antes, quando, por ocasião da conclusão da graduação em História na Unesp em 2012, eu finalizara um Projeto de Iniciação Científica sobre aspectos da construção de uma ideia de feminino no Brasil dos anos 1960-80 a partir de análises dos manuais de etiqueta de um autor chamado Marcelino de Carvalho. Naquela ocasião, em 2012, eu acabei não aprofundando as análises da Iniciação Científica, mas iniciando uma nova empreitada no Mestrado: o estudo do campo do biografismo.

A pergunta repetida, dessa vez em 2015, me fez pensar no trabalho realizado no Mestrado, sobre as relações entre a escrita biográfica e a escrita da história a partir de análises do biografismo de Raimundo Magalhães Junior, membro do IHGB, da Academia Brasileira de Letras, jornalista, escritor, poeta, cronista, contista, dramaturgo, tradutor, editor, biógrafo, político e um escritor de história, como ele próprio costumava se identificar. Apesar do tempo relativamente apertado para a realização de uma pesquisa de mestrado, entre 2013 e 2015 eu pude amadurecer em termos acadêmicos e produzir uma dissertação da qual me orgulho, inclusive, de ter convertido em livro lançado pela Cultura Acadêmica, um selo da Editora da Unesp.

Assim, no interlúdio entre a defesa do Mestrado e a escrita do projeto de Doutorado, eu refleti, com base na pergunta do Professor Wilton Silva, sobre as possibilidades de pesquisa, entre elas, analisar a escrita de si de Pedro Calmon e a produção biográfica sobre ele. Mas uma outra proposta me interessou mais naquele momento: estudar o memorialismo de Nelson Werneck Sodré.

A partir daí, comecei a pensar a escrita do projeto de pesquisa. Em grande medida, os aprendizados oriundos da experiência com o Mestrado foram fundamentais, tanto os de ordem prática, como a escrita de um projeto, os seus fundamentos, tais como tema,

hipóteses, justificativa, objetivos gerais e específicos, teoria e metodologia adotadas, como ainda, os de ordem bibliográfica mesmo, pois de certa forma, o arcabouço de leituras e referenciais são bastante próximos em se tratando de biografias e autobiografias, dentro do universo das escritas de si.

Sendo assim, pensar o memorialismo de Nelson Werneck Sodré, em grande medida sofreu influências teórico-metodológicas das análises empreendidas no estudo das biografias assinadas por Raimundo Magalhães Junior. Conceitos como o de identidade narrativa, de Paul Ricouer, a própria experiência metodológica de analisar um escrito de cunho biográfico, algo relativamente escasso em nossa literatura especializada, que se dedica muito mais a propor reflexões sobre *como escrever* uma (auto)biografia do que *como analisar* uma escrita de si.

No caso do estudo que desenvolvemos aqui nessa tese, adaptamos algumas abordagens em razão das especificidades do objeto, mas também precisamos nos cercar de outras formas de aproximação e reflexão sobre o memorialismo de Sodré, como por exemplo pensar sobre as virtudes epistêmicas de sua escrita de si, as relações entre o seu arquivo e sua narrativa de vida, além do ato performático dessa narrativa.

Chegamos então no momento de apresentarmos o que faremos neste trabalho, em que analisamos aspectos da obra memorialística de Nelson Werneck Sodré.[1] Trata-se de um autor com uma trajetória densa, rica, mas também marcada por altos e baixos, momentos de avanços e recuos, como é a vida vivida e não aquela, da "ilusão biográfica", denunciada por Bordieu (1996).

Nelson Werneck Sodré foi professor, escritor, jornalista, editor, crítico literário, um autodidata que, sem formação acadêmica, se tornou um dos mais respeitados intelectuais do país na década de 1950, com destaque para sua atuação no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB); militar que chegou ao posto de General e que foi perseguido por sua concepção marxista e filiação ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), e, para nosso interesse específico, primeiro historiador brasileiro a compor uma escrita de si.

Estamos diante de um intelectual multifacetado, prolífero, atuante em diversas frentes, tanto no âmbito das Forças Armadas, como no meio intelectual e político,

[1] Será comum, ao longo do nosso estudo, usarmos a sigla NWS a fim de identificarmos o autor com o qual trabalhamos. Trata-se de uma sigla utilizada por amigos, colegas de trabalho, textos em jornais, entre outros.

também. Um indivíduo que em muitas ocasiões dividiu o seu tempo entre a caserna, a sala de aulas, as redações dos jornais, os arquivos públicos, o gabinete de trabalho e a família.

Apesar de nunca ter admitido publicamente o seu pertencimento ao Partido Comunista Brasileiro, Nelson Werneck Sodré é reputado como tendo sim integrado os quadros do alto escalão do Partidão. Além do mais, ainda que não se leve em consideração a sua filiação ou não ao PCB, é inegável as relações entre as teses marxistas do partido entre os anos 1950-60 e as que Sodré defendia, como a d feudalismo no Brasil. Teremos a oportunidade de mais adiante em nossa tese abordarmos, ainda que brevemente, essa questão de Sodré se recusar a confirmar ou negar as suas relações políticas com o PCB.

Foi justamente pensando nesse homem multifacetado e nessa dubiedade de ter ou não sido membro do Partido Comunista Brasileiro, que chegamos ao título do presente trabalho, isto é, nas "Memórias de um homem (do) partido: a escrita de si de Nelson Werneck Sodré". Esse jogo de palavras composto pela ideia de um homem partido, no sentido de multifacetado e um homem *do* partido, como sendo integrante do PCB, é, de certa forma, inspirado na carreira intelectual, militar, política, deveras movimentada e voltada para diversas frentes de trabalho muitas vezes concomitantes do autor, que publicamente nunca admitiu e nem mesmo negou o seu pertencimento ao Partido Comunista Brasileiro.

Reis (1999) elenca a obra de Nelson Werneck Sodré como uma das grandes matrizes explicativas do processo de formação e desenvolvimento do Brasil, como manifestação de um "sonho de emancipação e da autonomia nacionais", ao lado das produções intelectuais de Varnhagem, Gilberto Freyre, Capistrano de Abreu, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior, Florestan Fernandes e Fernando Henrique Cardoso.

Após certo ocaso, obra de Nelson Werneck Sodré, considerada por alguns como sendo eivada de radicalismo, de ortodoxia, de esquematismos, além de ser vista como base para os programas políticos do PCB, está sendo revisitada. Após um período de marginalização, a obra desse autor assistiu a um crescimento do interesse por diferentes

aspectos de sua produção intelectual: a revolução brasileira, a análise literária, a análise do processo histórico do Brasil, as etapas da história nacional, entre outros.[2]

No entanto, não nos interessa aqui a sua contribuição teórica de base marxista sobre a história socioeconômica brasileira, que busca explicar a formação da burguesia no Brasil a partir da articulação de classes latifundiárias e da burguesia internacional (representada pelo imperialismo econômico), ou a explicação da história da literatura a partir do determinismo econômico, mas sim um aspecto particularmente pouco explorado da enorme contribuição intelectual de Nelson Werneck, isto é, seus livros de memórias, que podem oferecer elementos para a compreensão de temáticas como a sua personalidade e seu pensamento, as dimensões de sua trajetória como intelectual, militar e militante, e das relações dessas dimensões com distintos grupos e instituições.

Na tradição historiográfica brasileira são raríssimos os textos autobiográficos, exceto por algumas entrevistas, publicadas em revistas acadêmicas, em suplementos culturais ou coletâneas específicas (MORAES e REGO, 2002, p. ex.), além dos memoriais acadêmicos, como exigência de alguns concursos públicos.

No Brasil, obras autobiográficas, portanto, textos de maior extensão e que cobrem dimensões públicas e privadas das vidas de historiadores, temos somente dois destaques, o próprio Nelson Werneck Sodré e Bóris Fausto, este último, autor de volumes como *Negócios e ócios* (1997), *Memórias de um historiador de domingo* (2010) e *O Brilho do Bronze* (2014).

A análise da obra memorialística de Nelson Werneck Sodré abre as portas para uma discussão sobre um determinado conhecimento produzido acerca do passado, sobre os processos de formação da memória histórica e as maneiras de transmissão às gerações futuras. O autor, que nasceu no Rio de Janeiro em 1911 e faleceu em Itu – SP em 1999, atravessou um período efervescente, tanto da história mundial como da vida nacional.

Segundo ele próprio, em *Memórias de um escritor*, foi participante ou testemunha de acontecimentos importantes na história nacional. Esta participação intensa na história

[2] A obra do autor, que se afirma como dotada de "abrangência temática, esforço teórico e zelo de erudição", apresenta um volume de mais de 50 livros, milhares de artigos, além de organizador de seis coletâneas e colaborador de diversas outras. (SILVA, 2012b, p. 4-5).

brasileira e o desejo de quem tem "o que contar" é um chamariz a fim de nos debruçarmos sobre os cinco volumes de suas escritas de si.[3]

O nosso estudo, se justifica, então, a partir dos seguintes aspectos: trata-se da escrita autobiográfica de um historiador, o que dentro da tradição brasileira caracteriza-se como manifestação rara; o autor, quer pelos méritos quer pelos limites de sua obra, é referência fundamental no pensamento historiográfico brasileiro; os títulos projetam uma distinção de múltiplas identidades, a do intelectual, a do militar, a do militante, a do escritor, a do historiador, a do crítico literário, a do jornalista, que, em termos cronológicos, vivenciou e se moveu durante vários períodos importantes da história do Brasil Republicano, o Modernismo, a Era Vargas, a reconstitucionalização após o fim do Estado Novo, o tenso clima político do período entre 1945 e o golpe civil-militar de 1964 e da ditadura militar instaurada, durante a qual inclusive o autor sofre perseguição política.

A escrita de cunho autobiográfico, como exercício de enunciação das lembranças por meio de uma narrativa, nesse contexto, se apresentaria como um objeto privilegiado para se constatar a multiplicidade de significados e expectativas que uma mesma matéria narrativa, no caso, a obra memorialística de Nelson Werneck Sodré, pode assumir em diferentes períodos e contextos nos quais seus significados são reelaborados.

A escrita memorialística de NWS foi iniciada e concluída durante a Ditadura Civil-Militar, apesar de algumas obras terem sido publicadas somente na década de 1990. Assim, iremos abordar aqui as seguintes obras: *Memórias de um soldado* (1967); seguida de *Memórias de um escritor* (1970), republicado em 1988 com o título *Em Defesa da Cultura*; *A Luta pela Cultura* e *O fascismo cotidiano* (1990); *A ofensiva reacionária* (1992); por último, *A fúria de Calibã* (1994), publicada poucos anos antes do falecimento do autor.

O texto memorialístico desse autor possibilita levantarmos questões a fim de refletirmos sobre a constituição híbrida do gênero, parte de história parte de literatura, que almeja por meio da narrativa de uma trajetória de vida construir um conhecimento histórico relacionado a uma perspectiva historiográfica. Podemos questionar ainda, a

[3] A obra memorialística de Nelson Werneck Sodré soma um total de cerca de 1900 páginas; os volumes que compõem esta obra seriam: *Memórias de um soldado* (1967); *Memórias de um escritor* (1970); *A Luta pela Cultura* (1990); *A ofensiva reacionária* (1992); e *A fúria de Calibã* (1994).

temporalidade e a noção de história compartilhada pelo texto, bem como sobre o seu método de narrativa autobiográfica.

O estabelecimento de um recorte temporal geralmente se trata de algo arbitrário, mas de extrema importância no contexto de uma pesquisa. Em nosso caso, optamos por inserir este recorte no período que compreende o período de publicação das memórias do autor, entre os anos 1960 e 1990. Todavia, nos guiaremos pelos temas abordados pelas obras e assim, o recorte não seria algo rígido, mas passível de flexibilização conforme se mostrar necessário.

Esse recorte que estabelecemos procura dar conta de um objeto de análise que não é tocado por um tempo único, mas por diferentes temporalidades, visto que a obra a ser estudada é uma rememoração, portanto, a partir de um presente, sobre temas como a vida intelectual, as relações entre o personagem central e os processos históricos nacionais, já que o escritor participou ativamente da história política e cultural brasileira.

Nelson Werneck Sodré, um autodidata, ao longo de sua carreira intelectual produziu dezenas de obras em que se ocupou da história do Brasil. Teve a sua produção reconhecida por seus pares, até mesmo aqueles que lhe faziam certas reservas, pela opção de seus métodos e referenciais teóricos, não lhe negavam o empenho de decifrar o Brasil e as suas origens.

Ao se dedicar à escrita da história da sua vida, NWS acabou se valendo de sua experiência como historiador a fim de compor a trama histórica que envolve os seus escritos de si. Assim, ao escrever sobre si, na verdade, Sodré está escrevendo sobre o que testemunhou no mundo, sobre os acontecimentos que vivenciou ou participou.

O foco pode a partir do subjetivo, mas de maneira alguma é uma escrita de um *eu* em busca de um si mesmo, tão somente. É de enorme valor para esse autor ocupar-se de si, ocupando-se do mundo ao seu redor. Podemos, sim, avaliar o que pensa o autor, seus valores, concepções de vida, visão de mundo, mas isso é filtrado pelo olhar do protagonista, via narrador, e em raras ocasiões é possível ver o autor se revelando a si mesmo, em estado de vulnerabilidade subjetiva.

A escrita de Nelson Werneck Sodré sobre si é guiada pelas virtudes oriundas de sua experiência como historiador. O seu olhar treinado procura transpor para o plano escrito, ainda que se ocupe de si, as suas impressões, análises e leituras da vida, como quem analisa as fontes para escrever sobre um período histórico. Aliás, a preocupação do

memorialista em pautar sua escrita com base em documentação é uma das principais características de sua escrita de si.

O estudo das memórias desse autor é uma oportunidade de discutir sobre o gênero autobiográfico e suas relações com a narrativa literária e a escrita da história. Além disso, podemos questionar a temporalidade e a noção de história compartilhada pelo texto, bem como sobre o método autobiográfico, a forma como acontece o aproveitamento dos resultados das pesquisas nos arquivos.

As memórias assinadas por Nelson Werneck Sodré constituem-se como objetos de estudo valiosos no entendimento de como esse autor conciliou uma escrita subjetiva com sua experiência como historiador. A nossa proposta é analisar a sua operação autobiográfica, sendo assim, trazemos à tona não somente aspectos do texto em si, mas também os seus elementos paratextuais, a maneira como lida com a documentação utilizada para basear a escrita, além dos textos que precedem a obra ou que a comentam, como é o caso da crítica literária. Estes textos fornecem elementos para o estudo da maneira como o autor, por meio do narrador, constrói o enredo autobiográfico.

Nelson Werneck Sodré possuía enorme cuidado em manter seu arquivo pessoal abastecido com farta documentação. O próprio autor faz questão de citar em suas memórias essa preocupação e o uso que faz de seu arquivo na escrita de sua história de vida. A preocupação com seu arquivo era tamanha, que em 1994 NWS doou todo o material para a Biblioteca Nacional, com a condição que o arquivo não fosse desmembrado, mas conservado como um acervo, o que acaba ocorrendo e inclusive, conta com grande parte disponível para consulta online no site da Fundação Biblioteca Nacional.

As memórias em foco permitem-nos analisar questões como: a abordagem que o memorialista desenvolve sobre as primeiras décadas da história da república no Brasil, depois a Era Vargas, seguida do período de democracia até o Golpe de 64 e as suas mazelas, principalmente concernentes às perseguições, execuções e atrasos na vida cultural brasileira.

Talvez esse, a luta pela cultura, título de uma de suas memórias e inspiração para o de outra, seja o principal tema das memórias escritas por NWS. Em todas elas essa temática é abordada de alguma forma. Mesmo em *Memórias de um soldado* (1967), que aparentemente focaria em sua trajetória à serviço das forças armadas, ainda assim, questões as leituras nos tempos do colégio em que frequentou o colégio militar, os cursos

de aperfeiçoamento que realizou, os cursos que ministrou para ingressos no Exército ou até mesmo cursos mais avançados, as revistas para as quais contribuiu ainda nos tempos de estudante, enfim, o tema sobre a produção cultural é latente.

Em *Memórias de um escritor* (1970), então, esse debate sobre a vida cultural no Brasil ganha ainda mais força. São relacionados os seus desafios inerentes à vida cultura, como a falta de investimentos, as dificuldades financeiras das editoras, além da pauperização de quem vive única e exclusivamente das letras, são constantemente abordados pelo memorialista. Trata-se de uma obra em que Sodré aborda desde a sua formação como leitor na infância, passando pelo período de adolescência e juventude até sua estreia com História da literatura brasileira, que ele considera marco inaugural na sua carreira de escritor. Nessa obra é feito um balanço dessa primeira fase de sua produção, que o autor considera se encerrar por volta de meados dos anos 1940, para dar início em um novo ciclo, narrado em *A luta pela cultura* (1990).

Nessa obra, basicamente a narrativa retoma a partir do encerramento da anterior e abrange um período de 1945 a 1960. Trata-se de um período de intensa produção intelectual de NWS, ele fez o curso de aperfeiçoamento da carreira de oficial do Exército na Escola de Comando e Estado Maior do Exército (ECEME), as colaborações com jornais e revistas no eixo Rio-São Paulo se intensificaram, participou do grupo fundador do Instituto Superior de Estudos Brasileiro (ISEB), assumindo o cargo de professor e responsável pelo Departamento de História.

A ofensiva reacionária (1992), em termos de periodização, faz um recuo na narrativa para tratar do ISEB. Acontece que esse será o tema principal da narrativa. Apesar de que em A luta pela cultura essa questão já ter sido abordada, o narrador, ainda assim, usa a estratégia de recuo até os anos de 1958 e avança até as vésperas do Golpe de 64. Apesar do período curto que abrange a obra, o autor trata com minúcia a sua participação nas atividades do ISEB, as suas responsabilidades para com a instituição. Além disso, o grande foco será a crise que se abaterá no ISEB, provocando a formação de grupos antagônicos e a atividade predatória da grande mídia explorando a formação das facções. Um dos focos do narrador é também narrar a forte campanha de parcelas massivas da mídia contra o protagonista em função de suas posições à esquerda no campo político e as suas convicções intelectuais.

A fúria de Calibã: memórias do golpe de 64 (1994), cobre um período de 12 anos, do Golpe até 1972, quando o autor encerra a escrita de sua obra memorialística. Em

termos gerais, o livro procura evidenciar a participação dos estadunidenses no processo golpista, bem como a aliança entre civis e militares para o sucesso do ataque e derrota da democracia no Brasil.

O autor procura retratar o clima da época: as perseguições políticas, as prisões, as cassações de mandatos políticos e também dos direitos políticos, as arbitrariedades de toda ordem contra as liberdades democráticas, extintas, contra a educação, a cultura, a vida. Nesse livro, Sodré relata ainda as forças de resistência intelectual ao regime militar, as vozes que não aceitaram serem silenciadas, inclusive a sua, que se organizaram, que se dividiram também, mas resistiram, por meio da defesa da cultura, do conhecimento contra o obscurantismo das forças de opressão que governavam o país.

Já *O fascismo cotidiano* (1990), como veremos no terceiro capítulo, é um caso à parte, não se trata de um livro de memórias. É uma escrita de si, mas do tipo diário. Ao mesmo tempo, não é um diário íntimo, mas voltado para os assuntos públicos, raramente se aventurando pelas subjetividades do autor. Nessa obra, escrita entre os meses de abril e junho de 1976, NWS utiliza manchetes, notícias, reportagens veiculadas na mídia para filtrar aspectos do cotidiano que pudessem dar pistas, indícios, para formar um quadro de denúncia contra os crimes praticados pela Ditadura Civil-Militar. É um livro que não guarda preocupações literárias ou científicas, como o próprio autor vai dizer, mas que cumpre com um propósito de denúncia, a partir do depoimento de alguém que vivenciou os fatos e tinha o desejo de legar uma memória do que ocorrera.

O memorialismo werneckano reflete uma preocupação do escritor com a ideia de que seria preciso reconstituir o meio social, cultural e histórico em que sua trajetória de vida se inseria, entre os anos 1920 e 1970, especialmente, nos períodos que apontamos agora há pouco na breve descrição que fizemos de suas escritas de si.

Nas últimas décadas, apesar do renovado interesse dos historiadores pela temática biográfica, entre nós, ainda não são muitos os trabalhos sobre o estudo das histórias de vida pela análise historiográfica. A maior parcela dos trabalhos que abordam a temática são análises de *como escrever* (auto)biografias e são escassos os estudos que se debruçam sobre *como analisar* (auto)biografias.

Existe uma carência de se investigar aspectos da trajetória dos gêneros que compõem as escritas de si e suas intersecções ou afastamentos em relação à historiografia, a fim de se analisar questões de ordem teórica e metodológica que cercam tais escritos

além de averiguar as mutações sofridas por este tipo de narrativa como um nicho da produção intelectual.

Estudar obras de cunho autobiográfico apresenta-se como uma rica possibilidade de análise para o historiador, porque muitas das questões debatidas por este profissional em seu campo de atuação também são enfrentadas pelo gênero autobiográfico: as condições de liberdade, de escolha e relações de poder presentes na vida humana, as relações entre indivíduo e sociedade, o indivíduo e a história, a questão do jogo de escalas na análise histórica.

O presente trabalho possui a seguinte estrutura: introdução, três capítulos e conclusão, sendo que na introdução apresentamos um panorama geral do texto.

O capítulo 1, "Identidade narrativa, dever de memória e seus usos políticos", é dividido em duas seções principais. Em primeiro lugar, iremos apresentar alguns textos, eventos, ações, obras, que ou se referiram ao centenário de nascimento do autor em 1911 ou foram elaborados pensando nessa efeméride; ainda nessa primeira parte, oferecemos ao leitor uma visão panorâmica do memorialismo werneckano, suas principais temáticas e as relações possíveis entre os seus escritos de si em termos de narrativa.

A segunda seção desse capítulo procura refletir sobre as possibilidades de pensarmos a constituição do indivíduo por meio da narrativa e analisa ainda a noção do dever de memória e dos seus usos políticos presentes nas escritas de si de NWS. No tocante a ideia de indivíduo, nós recorremos, principalmente, às concepções de Ricoeur (1991; 2007; 2013). Conforme desenvolvemos a reflexão sobre a constituição do sujeito narrativo, procuraremos relacionar essa abordagem com o conceito de dever de memória e o do uso político da mesma, conforme os pressupostos de, entre outros, Guazzelli (2010), Heymann (2007) e Lalieu (2001).

O capítulo 2, "As virtudes epistêmicas como parâmetro garantidor de legitimidade", se debruça sobre o memorialismo de Nelson Werneck Sodré tendo como orientação o conceito de virtudes epistêmicas com o objetivo de colocarmos sob estudo a escrita de si desse autor e relacionarmos com a sua prática historiográfica. O cenário analítico que se desenrola a partir dessas concepções é o de um autor preocupado em garantir o máximo possível de verossimilhança à sua narrativa de vida com o uso constante de recursos que podemos identificar como sendo virtudes epistêmicas.

O capítulo 3, "O comportamento performático no memorialismo de Nelson Werneck Sodré", contempla duas seções principais. O nosso primeiro passo será

destinado a analisar a noção de performance no âmbito das memórias assinadas por NWS. Ainda nessa primeira parte, faz parte dos nossos objetivos, entendermos como essa performance narrativa orienta, permeia, induz uma escrita memorialística eivada de combatividade política; ainda nessa etapa, dedicamos nossos esforços a fim de analisarmos as maneiras pelas quais alguns textos da crítica literária recepcionaram os escritos de si de Sodré, o que nos ofereceria pistas de como o memorialismo desse autor foi pensado na época por alguns elementos da crítica.

A segunda etapa do capítulo procura analisar a obra *O fascismo cotidiano*, na qual Nelson Werneck Sodré pratica uma escrita que seria um misto de crônica jornalística e diário. Esse livro, devido à sua singularidade entre os escritos de si desse autor, acabou sendo alocado para essa parte do texto da tese e será tratada segundo as suas especificidades.

A escrita de si de autoria de Nelson Werneck Sodré é permeada por questões como as relações entre indivíduo e sociedade, as maneiras pelas quais o protagonista é entretecido na malha social, as disputas pelo poder, nas alterações pelas quais passou a sociedade da época em que viveram, além, evidentemente, do olhar, em primeira pessoa, do autor, via narrador, na montagem dos quadros temporais em que foi testemunha e agente histórico.

CAPÍTULO 1 - IDENTIDADE NARRATIVA, DEVER DE MEMÓRIA E SEUS USOS POLÍTICOS

Capítulo 1 – Identidade narrativa, dever de memória e seus usos políticos

Este primeiro capítulo está dividido em duas seções principais. A primeira apresenta alguns aspectos do centenário do nascimento de Nelson Werneck Sodré em 2011, além de uma panorâmica do seu memorialismo como forma de situar o leitor sobre o autor e a sua obra aqui analisada. A segunda seção detém-se ao estudo da constituição do indivíduo por meio da narrativa e analisa, ainda, a noção do dever de memória e seus usos políticos presentes nas escritas de si de Sodré. No tocante a ideia de indivíduo, partilha-se, principalmente, das concepções de Paul Ricoeur (1991; 2007; 2013). À medida que a reflexão sobre a constituição do sujeito narrativo foi desenvolvida, relacionou-a com o conceito de dever de memória e de uso político da mesma, conforme os pressupostos de Guazzelli (2010), Heymann (2007) e Lalieu (2001).

1. Nelson Werneck Sodré: em sua memória e sobre seu memorialismo

1.1 Morte e rememoração

A edição de sexta-feira, 15 de janeiro de 1999, do jornal *O Estado de S. Paulo* trazia a notícia do sepultamento de Nelson Werneck Sodré em Itu, cidade próxima à Campinas-SP. Dois dias antes, por volta das 18 horas, ele havia falecido naquela mesma cidade, local de nascimento de sua esposa Yolanda Sodré.[4] Na página em que aparece a notícia com informações gerais sobre a sua morte, há um artigo intitulado "General foi o único militar a proclamar-se marxista", com informações sobre sua trajetória intelectual.[5] Dias depois, no domingo, *O Globo* trouxe um texto cujo título é "Historiografia brasileira perde o seu último marxista ortodoxo", recuperando trechos de uma entrevista dada por Sodré ao jornal poucos meses antes de falecer.[6]

Polêmicas à parte, no tocante aos chamativos títulos citados, é perceptível que, esses e outros artigos, notas e reportagens sobre a morte de Nelson Werneck Sodré gravitavam em torno das concepções teóricas e das contribuições intelectuais do falecido

[4] SIQUEIRA, Cláudia. "Nelson Werneck Sodré é enterrado na cidade de Itu", *O Estado de S. Paulo,* São Paulo, 15 jan. 1999, Geral, p. A-12.
[5] POMPEU, Renato. "General foi o único militar a proclamar-se marxista", *O Estado de S. Paulo,* São Paulo, 15 jan. 1999, Geral, p. A-12.
[6] MALUF FILHO, Aziz; MILLEN, Manya. "Historiografia brasileira perde o seu último marxista ortodoxo", *O Globo*, Rio de Janeiro, 17 jan. 1999, O País, p. 9.

aos estudos sobre o Brasil. O fio condutor destes textos explora à ideia das contradições entre as facetas do militar, do historiador marxista e a comentada, mas nunca confirmada pelo próprio, ligação com o Partido Comunista Brasileiro, o PCB.[7] Os textos enfatizam ainda, a invejável lista de dezenas de livros e milhares de artigos publicados, além da intensa atividade dedicada ao ensino em instituições militares e civis. [8]

Nelson Werneck Sodré foi um intelectual com vasta obra que há um tempo vêm sendo alvo de uma dinâmica retomada para análise após anos excluída do debate acadêmico.[9] O relativo ocaso da obra de Sodré pode ser entendido, parcialmente, por ter sido considerada datada e esquemática por determinados setores acadêmicos, representativa de uma perspectiva do Partido Comunista Brasileiro.

Como apontado acima, o século XXI assistiu a um crescimento do interesse por diferentes aspectos de sua produção intelectual: a revolução brasileira, a análise literária, a análise do processo histórico do Brasil, as etapas da história nacional, os nacionalismos cultural, econômico e político, a vertente marxista presente na sua obra, suas relações com o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), com as Forças Armadas

---

[7] Ivan Alves Filho, organizou o livro *Tudo é Política* (1998), reunião de artigos publicados entre os anos 1940 e 1990 por NWS, lançado pela Editora Mauad, conviveu com o memorialista desde os anos 1970, sendo que o pai de Ivan Alves Filho fora amigo e companheiro na luta política ao lado de Sodré. Em seu depoimento sobre NWS, Ivan Alves Filho defende, vigorosamente, que este não somente fazia parte como "era uma das figuras de proa do PCB" no auge da repressão da Ditadura Civil-Militar no começo dos anos 1970 (ALVES FILHO, 2006, p. 36). Sobre essa mesma questão, o Coronel Luís de Alencar Araripe afirma que NWS "nunca admitiu publicamente os fatos de sua conversão à fé comunista e posterior entrada no Partido Comunista Brasileiro. Ainda hoje discute-se quando esses dois eventos ocorreram, e o Exército não deu sinais de ter tomado conhecimento deles." (ARARIPE, 2006, p. 67). Paulo Ribeiro da Cunha considera que entre 1943 e 1944, NWS teria efetuado uma "rotação à esquerda", período em que ele teria assumido o seu lugar no PCB no período em que servira o Exército na Bahia (CUNHA, 2006, p. 92-93).

[8] A obra do autor, que fora afirmada como dotada de "abrangência temática, esforço teórico e zelo de erudição", apresenta um volume de mais de 50 livros, centenas de artigos, além de organizador de seis coletâneas e colaborador de diversas outras. (SILVA, 2012a, p. 4-5).

[9] Martin César Feijó (Professor titular-doutor na Faculdade de Comunicação e Marketing da Fundação Armando Álvares Penteado - FACOM-FAAP) no espaço "Fórum dos leitores" d' *O Estado de S. Paulo*, a 17 de janeiro de 1999, comentava a morte de Sodré afirmando que, na adolescência entrara em contato com a História lendo *História Militar do Brasil* e que, quando cursara História na USP em final dos anos 1970, tentara levar a obra de Sodré para o Departamento do curso, uma vez que seus colegas o liam apesar de não ser por indicação de seus professores. O autor do texto conta uma passagem saborosa: finalmente foi possível levar Sodré em pessoa para uma palestra na USP durante a redemocratização dos anos 1980. Nessa ocasião, perante um auditório lotado, Sodré foi provocado com uma pergunta sobre qual seria o fato histórico mais importante da história do Brasil, ao que teria respondido "sob aplausos, que o fato histórico mais importante da história do Brasil não havia ocorrido, fazendo referência, claro, à esperada e malograda revolução brasileira" (FEIJÓ, Martin Cezar. "Nelson Werneck Sodré". *O Estado de S. Paulo,* São Paulo, Fórum dos Leitores, 17 jan. 1999, p. A3). O breve texto que Martin Cezar Feijó escreveu oferece uma visão sobre a maneira como Sodré foi evitado pela academia, principalmente, mas não somente, a USP. Sobre essa questão do esquecimento em relação a Sodré pelos meios acadêmicos, ver Thomé, 2011.

Nacionais, com o PCB e o espaço que este autor ocupa na historiografia brasileira.[10] Todavia, suas memórias ainda não foram contempladas com estudos mais detidos ou que tomasse-as como objeto de análise, sendo esta, a principal justificativa do presente trabalho.

[10] Entre os estudos que nos últimos anos reacenderam o interesse pela obra e contribuição intelectual de Sodré, tem-se: TOLEDO, Caio Navarro de. *ISEB:* fábrica de ideologias. São Paulo: Ática, 1977; MANTEGA, Guido. *Economia política brasileira.* São Paulo: Polís, 1985; BEIGUELMAN, Paula. *A pratica nacionalista, dever intrínseco das Forças Armadas Nacionais* - São Paulo: Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo, 1987; MENDONÇA, Sueli Guadalupe de Lima. *A experiência da História Nova:* uma tentativa de revisão crítica do ensino de história no Brasil nos anos 1960. Dissertação (Mestrado), UFSCar, São Carlos, 1990; KONDER, Leandro. Intelectuais brasileiros e marxismo. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991; NETTO, José Paulo. Nelson Werneck Sodré. *In* Sodré, Nelson Werneck. *O naturalismo no Brasil.* Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992; SANTOS, Raimundo. *O pecebismo inconcluso*: escritos sobre ideias políticas. Itaguaí: Sociedade do Livro, Editora da Universidade Rural, 1992; GIORDANO, Cláudio (Org.). *História nova do Brasil (1963-1993).* Coleção Memória Brasileira 18. São Paulo: Ed. Giordano, Loyola, 1993; DÓRIA, Carlos Alberto. *O dual, o feudal e o etapismo na teoria da Revolução Brasileira*. *In* MORAES, João Quartin; REIS, Daniel Aarão. *História do marxismo no Brasil.* V. II: *Os influxos teóricos.* Campinas: Editora da Unicamp, 1995; HACK, Josias Ricardo. *Um general conta sua história:* perfil biográfico de Nelson Werneck Sodré. Dissertação. (Mestrado em Comunicação Social). Instituto Metodista de Ensino Superior de S. Bernardo do Campo, São Paulo, 1997. REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil:* de Varnhagem a FHC. Rio de Janeiro: FGV, 1999; SILVA, Marcos (Org.) *Nelson Werneck Sodré na historiografia brasileira.* Bauru: Edusc; São Paulo: Fapesp, 1999; GAIO, André Moysés. *Uma teoria da independência:* história e revolução na obra de Nelson Werneck Sodré. Tese (Doutorado), PUC, São Paulo, 2000; ROMA, Virgílio. *Dualidade e revolução no pensamento isebiano:* as visões de Hélio Jaguaribe e Nelson Werneck Sodré. Tese (Doutorado), UFRRJ, Rio de Janeiro, 1999; FERREIRA, Delson. *Nacionalismo, política e democracia na obra de Nelson Werneck Sodré.* Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). UFSCar, São Carlos, 2001. CUNHA, Paulo Ribeiro da. *Um olhar à esquerda:* a utopia tenentista na construção do pensamento marxista de Nelson Werneck Sodré. Rio de Janeiro: Revan; São Paulo: Fapesp, 2002; FONTES, José Silvério Leite. *Marxismo na historiografia brasileira contemporânea.* Aracaju: Edufs, 2002. DUCATTI, Ivan. *Os "restos feudais" no Brasil como metáfora política:* uma releitura de Nelson Werneck Sodré. Dissertação. USP, São Paulo, 2003. FIGUEIREDO, José Ricardo. *Modo de ver a produção no Brasil.* São Paulo: Educa; Campinas: Autores Associados, 2004; TOLEDO, Caio Navarro de (Org.) *et al. Intelectuais e política no Brasil:* a experiência do ISEB (1963-1993). Rio de Janeiro: Revan, 2005; PINTO, João Alberto da Costa. *Os impasses da Intelligentsia diante da revolução capitalista no Brasil (1930-1964):* história e política em Gilberto Freyre, Caio Prado Junior e Nelson Werneck Sodré /João Alberto da Costa Pinto. Tese (Doutorado), UFF, 2005; CUNHA, Paulo Ribeiro da; CABRAL, Fátima (Orgs.). *Nelson Werneck Sodré:* entre o sabre e a pena. São Paulo: Editora da Unesp, 2006; SILVA, Marcos (Org.). *Dicionário crítico Nelson Werneck Sodré.* Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008; CABRITA, Mariana Lívio Cavalcante. *A imprensa no Brasil e a visão de Nelson Werneck Sodré*. Dissertação. (Mestrado em Ciências Sociais). UERJ, Rio de Janeiro, 2010. CONTE, Daniela. *Nelson Werneck Sodré e as interpretações do Brasil moderno (1958-1964):* análise de conceitos e contexto de um intelectual brasileiro. Dissertação (Mestrado em História). UFGRS, Porto Alegre, 2010. BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. *Nelson Werneck Sodré:* um perfil intelectual. Maceió: EdUFAL; Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011; NETTO, José Paulo. *Nelson Werneck Sodré:* o general da história e da cultura. São Paulo: Expressão Popular, 2011. PENNA, Lincoln de Abreu. *A República dos manifestos militares:* Nelson Werneck Sodré, um intérprete republicano. Rio de Janeiro: E-papers, 2011. SILVA, Alex Conceição Vasconcelos da. *Nelson Werneck Sodré e a crise da Revolução Brasileira*. Dissertação. (Mestrado em História). UERJ, Rio de Janeiro, 2013. MORAIS, Rodrigo de Paula *Nelson Werneck Sodré:* história e utopia nos tempos do ISEB um estudo da narrativa como instrumento na disputa política 1955-1964. Dissertação. (Mestrado em História), UNESP, Franca, 2015. SODRÉ, Olga. *Odisseia de um general do povo brasileiro e de sua geração intelectual:* testemunho de Olga Sodré sobre o combate intelectual de Nelson Werneck Sodré. Jundiaí: Paco Editorial, 2019.

Algumas das suas obras entraram em franco processo de reedição pouco antes de o autor falecer, entre elas: *Panorama do Segundo Império* (1998), *Literatura e História no Brasil contemporâneo* (1998) e *Introdução à Geografia* (1998), todas pela Editora Graphia; além do inédito *Tudo é Política* (1998), reunião de artigos publicados entre os anos 1940 e 1990, organizado por Ivan Alves Filho e publicado pela Editora Mauad. O lançamento do último livro guarda algo curioso: aconteceu em uma noite de autógrafos, fato inédito na trajetória de alguém que sempre fugiu dos holofotes e cerca de dois meses antes de Sodré falecer.[11]

O ano de 2011 marcou o centenário de nascimento de Sodré e a efeméride foi celebrada por algumas ações que visaram ressaltar a importância da sua trajetória intelectual e propuseram-se a debater as suas contribuições.[12] Dentre essas, pode-se destacar o empenho de Olga Sodré em reavivar a memória do pai. Em cerimônia realizada na Biblioteca Nacional, ela doou documentação sobre os últimos anos de Sodré.[13] Na mesma ocasião, foi assinado um compromisso de divulgação da *Coleção Nelson Werneck Sodré*, que pode ser consultada na íntegra por meio do projeto BNDigital.[14]

Em agosto de 2011, a Academia Brasileira de Letras (ABL) organizou a mesa-redonda "Relevância das memórias de um escritor para a literatura e as culturas nacionais", em homenagem ao centenário de nascimento de Nelson Werneck Sodré. Sob a coordenação do acadêmico Alberto Venâncio Filho, a mesa foi composta pelos acadêmicos Carlos Heitor Cony, José Murilo de Carvalho e por Olga Sodré.

Nesse mesmo ano, a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) realizou em sua sede na cidade do Rio de Janeiro, um encontro em homenagem a Sodré e contou com a presença de Olga Sodré, Jorge Coutinho, Presidente do Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversão do Estado do Rio de Janeiro, Miguel Walther Costa, Presidente do Sindicato dos Radialistas do Rio de Janeiro, Luiz Antônio Gerace da Rocha

---

[11] MALUF FILHO, Aziz; MILLEN, Manya. "Historiografia brasileira perde o seu último marxista ortodoxo", *O Globo*, Rio de Janeiro, 17 jan. 1999, O País, p. 9.

[12] Como parte da agenda de comemorações, a prefeitura de Itu decretou, em 2011, o Ano Nélson Werneck Sodré e os Correios fizeram um selo especial desse centenário, inclusive, todas as correspondências da Secretaria de Cultura do município levaram o selo comemorativo durante o mês de outubro do ano do centenário.

[13] Em 1995, Nelson Werneck Sodré já havia doado o seu acervo para a Biblioteca Nacional. O texto da tese discutirá mais à frente sobre o referido acervo. Por ocasião do seu centenário, a documentação doada por Olga Sodré refere-se ao período entre 1995 e 1999, ano da morte de Sodré.

[14] A Biblioteca Nacional (doravante, iremos utilizar a sigla BN na maior parte dos casos para nos referirmos a essa instituição) realizou uma iniciativa de criar um domínio da internet ao qual denominou BNDigital que tem como missão disponibilizar documentos em público ou com autorização de publicação do titular do direito autoral.

e Silva, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Cinematográfica do Rio de Janeiro, o jornalista Sergio Caldieri, Secretário do Conselho Deliberativo da ABI, o ex-deputado e militar Eduardo Chuay, amigo de Nélson Werneck Sodré, e o jornalista Mário Augusto Jakobskind, membro da Comissão da Defesa da Liberdade de Imprensa e Direitos Humanos da ABI.[15] Nessa ocasião, foram distribuídos, de forma gratuita, cerca de 50 exemplares do livro *Desenvolvimento brasileiro e luta pela cultura nacional* (2000), uma seleção de textos do autor feita por Olga Sodré, palestrante no evento.[16]

O número 453 da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*[17] dedicou uma "Sessão comemorativa ao centenário de nascimento de Nelson Werneck Sodré" com textos de Olga Sodré, "A originalidade da metodologia de pesquisa histórica de Nelson Werneck Sodré"; Candido Mendes escreveu um depoimento sobre a atuação de Sodré no ISEB, "Werneck Sodré"; Esther Caldas Bertoletti assinou um artigo intitulado "Nelson Werneck Sodré – O historiador da imprensa brasileira" e Norma Côrtes fechou a sessão com o texto "História e Política em Nelson Werneck Sodré ou quem é o Povo no Brasil?".[18]

O XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom 2011, sediado pela Universidade Católica de Pernambuco, no período de 2 a 6 de setembro, contou com uma jornada dedicada ao centenário de Sodré.[19] A mesa-redonda foi mediada pela professora Ana Paula Goulart Ribeiro, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e teve a presença do presidente de honra da Intercom, o jornalista José Marques

---

[15] O evento foi uma parceria do Sindicato dos Jornalistas do Município do Rio de Janeiro; do Sindicato dos Artistas e Técnicos em Diversões Públicas; do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Cinematográfica; do Sindicato dos Músicos Profissionais do Estado do Rio de Janeiro; e do Clube de Comunicação.

[16] "O pioneirismo de Nelson Werneck Sodré". Associação Brasileira de Imprensa.

[17] Ver *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, a. 172, n. 453, p. 53-105, 2011.

[18] Por ocasião do centenário, o noticiário de número 261 do site do IHGB trouxe algumas informações sobre as relações entre a instituição e NWS. Segundo uma matéria publicada em 13 de agosto de 1997, ele foi eleito sócio honorário do Instituto, na chamada "eleição dos grandes nomes", quando 15 indivíduos ligados à produção cultural ou científica foram, sem necessidade de consulta prévia, indicados a integrarem um quadro extranumerário. Todavia, Sodré declarou em carta de 25 de agosto do mesmo ano, que chegara a pensar em recusar o convite. Isso porque tivera grandes divergências com o Instituto por volta dos anos 1964, ocasião em que lançou a *Coleção História Nova* e aquela instituição, a pedido do Diretório Central da Liga da Defesa Nacional, elaborou um parecer contrário à publicação, além de vários artigos veiculados em sua revista atacando a obra organizada por Sodré e seus colaboradores (SODRÉ, 1994, p. 109-110, 136). Apesar das relações estremecidas no passado, o autor acabou por "aceitar o honroso convite", destacando ser a instituição "de todos os brasileiros". Sendo assim, no dia 23 de março de 1998 ele finalmente entrou para os quadros do IHGB, meses depois veio a falecer. Ver: "Um Centenário e Duas Cartas". Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Disponível em: https://www.ihgb.org.br/noticiario/232-n%C3%BAmero-261.html#tab-abertura. Acesso em: 12 de nov. de 2019.

[19] Ver: "Programação". INTERCOM 2011.

de Melo; da professora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e filha do homenageado da mesa, Olga Sodré; da antropóloga da UERJ, Luitgarde Cavalcanti Barros e da pesquisadora da Fundação Armando Alvares Penteado, Gisely Hime. Foi ainda durante o evento que Olga Sodré relançou o clássico "História da Imprensa no Brasil", de autoria de Sodré, dessa vez, publicado pela Intercom em parceria com a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.[20]

Ainda no clima de centenário, Carlos Heitor Cony assinou um breve texto na *Folha de S. Paulo* em que relembrou que nem conhecia Nelson Werneck Sodré pessoalmente, no entanto, já lia com enorme prazer seus livros. Destacou ainda que, dentre os centenários de 2011, o de Sodré figurou entre os principais. Chamou a atenção também para suas qualidades morais e intelectuais como cultura, integridade intelectual e pessoal, de alguém que valorizava a dignidade humana. Cony apontou que a prisão de Sodré, em 1964, foi por discordar de seus companheiros de farda. Para ele, Sodré seria possuidor de visão abrangente, conhecia o geral e chegava ao particular, "sabia ler a árvore e a floresta".[21]

Joel Rufino dos Santos[22] escreveu um longo artigo no jornal *O Globo,* em que destacou a longa carreira jornalística de Sodré como colaborador em vários periódicos de São Paulo e Rio de Janeiro: *Correio Paulistano, Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, Diário de Notícias;* em revistas como *Leitura, Hoje, Temas de ciências humanas,* entre outros. Relembrou, ainda, os principais títulos da obra de Sodré como *História da Literatura Brasileira* (1938); a aproximação do marxismo e dos estudos históricos, que acabou culminando em *Introdução à Revolução Brasileira* (1959). Rufino recordou também a maneira como Sodré tratava de forma conjunta economia, sociedade, política e a cultura como episódio da revolução brasileira.[23]

Ele apontou para a intensa participação de Sodré no ISEB e a fecunda contribuição para o nacionalismo econômico. Denunciou o abandono da obra do antigo mestre nos meios acadêmicos a partir de 1964 e assinalou as possíveis causas: a ditadura em si; o

---

[20] Ainda como parte das comemorações do centenário, houve a reedição das *Memórias de um escritor,* com a apresentação assinada por Olga Sobré. Ver SODRÉ, Nélson Werneck. *Memórias de um escritor*. [apresentação de Olga Regina Frugoli Sodré]. Itú: Ottoni, 2011.

[21] CONY, Carlos Heitor. "Nelson Werneck Sodré". *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 19 maio 2011, Opinião, p. A-2.

[22] Joel Rufino dos Santos foi colaborador de Sodré na elaboração da *Coleção História Nova*, tendo, inclusive por essa razão, sido preso várias vezes durante a Ditadura Civil-Militar de 1964.

[23] SANTOS, Joel Rufino dos. "Crônica de um sequestro". *O Globo*, Rio de Janeiro, 16 jul. 2011, Prosa & Verso, p. 5.

estigma militar; a competição entre USP e ISEB; o declínio do ensaísmo em ciências sociais; a divergência com Caio Prado Junior; a voga da "teoria da dependência".

O artigo encaminhou-se ao final com a constatação de que em direção contrária às expectativas alimentadas pelos adversários, Sodré teria voltado a ser debatido nos anos 2000 e suas obras passaram por releituras e reedições. Até mesmo antigos opositores teriam lhe direcionado novos olhares, dispostos a lhe fazer justiça e reconhecer que seus equívocos fizeram parte de seus acertos. Na mesma linha de Cony, Joel Rufino concluiu chamando a atenção para algo além da obra de Sodré e realçou sua conduta ética: o intelectual exemplar com responsabilidade social.

Como extensão das comemorações do centenário, no ano de 2019 a filha de Sodré, Olga Sodré, publicou um livro de caráter testemunhal sobre a trajetória intelectual de seu pai. A obra possui um título longo e explicativo: *Odisseia de um general do povo brasileiro e de sua geração intelectual: testemunho de Olga Sodré sobre o combate intelectual de Nelson Werneck Sodré*. Lançado no final de 2019, pela Paco Editorial, o livro reúne em seus 13 capítulos as impressões, análises, reflexões e, claro, a visão testemunhal da autora acerca da trajetória de Sodré.[24]

O trabalho de Olga Sodré possui um total de 269 páginas, com grande número de imagens do acervo pessoal do pai, outras de acervos privados, além de figuras ilustrativas da época ou da trajetória do personagem central no testemunho. Os temas dos capítulos acompanham desde os primeiros passos de Sodré no campo da produção intelectual e letrada, com um panorama de sua obra, seus combates ideológicos e teórico-metodológicos, sua luta pela cultura e pela democracia nacional, seus embates na imprensa em função de um projeto de nação; a narrativa chega, então, nas disputas no interior do ISEB, o seu processo de crise e fechamento com o Golpe de 1964; o fecho é uma reflexão sobre como ocorreram as relações histórico-sociais entre a tomada de poder pelos militares e a produção de Sodré.

O empenho de Olga Sodré ao fomentar, desde o falecimento de seu pai, debates, reedições, discussões sobre a sua produção intelectual, inclusive, com a doação de mais arquivos para o acervo de Sodré na Biblioteca Nacional em 2011, além de ter escrito

[24] Um dado curioso acerca desse livro: o texto da orelha é assinado por Silvia Bolivar, jornalista, escritora e filha de Ênio Silveira, amigo e editor de várias obras de NWS, inclusive de quatro das suas seis obras de cunho memorialístico. No referido texto, Bolivar afirma que a obra de autoria de Olga Sodré é um relato de quem "viu, ouviu e viveu tempos em que a ditadura tentou sufocar vozes que buscavam se expressar intelectualmente" (BOLIVAR, 2019).

vários artigos, capítulos de livros, prefácios e outros paratextos em reedições das obras desse autor, e mais recentemente, com a publicação de um livro testemunhal, faz pensar na questão da "memória subterrânea", conceito de Michael Pollak (1989; 1992).

Em "Memória, esquecimento, silêncio" (1989), Pollak atenta para as disputas no campo da memória e para as variantes entre as versões, por vezes distintas e até mesmo antagônicas, da memória oficial, dominante, e das "memórias subterrâneas", marcadas pelo silêncio, pelo não dito. Esta separação pode ocorrer não apenas entre um poder em nível de Estado em relação a uma determinada sociedade, mas também, entre uma sociedade e um grupo minoritário, ou, como no caso em questão, com relação a um indivíduo. O que deve ser esquecido, segundo o império da vontade da memória oficial, geralmente é algo vergonhoso, sórdido, embaraçoso, proibido.

Pollak (1989) ressalta que, as memórias subterrâneas se contrapõem à memória oficial muitas vezes em momentos de crise. Abrindo aqui um parêntesis, é possível apontar de passagem as próprias memórias escritas por Sodré como sendo subterrâneas. Como uma tentativa do autor de legar uma versão sobre si e sobre sua trajetória que pudesse disputar com o que a memória oficial dele viesse constituir.

Retomando a atenção para a atuação de Olga Sodré em seu esforço para elaborar um espaço de reflexão sobre a obra de Sodré e sobre a sua contribuição à cultura e à intelectualidade brasileira. Tal empenho pode ser pensado a partir da noção de memórias subterrâneas, que seriam o resultado desse comprometimento, uma vez que há uma memória oficial sobre Sodré: um autor marxista, irredutível em suas teses, crente da revolução brasileira, defensor de um etapismo histórico, alguém que contribuiu para o conhecimento do Brasil, mas que ficou estagnado, não evoluiu teórico-metodologicamente.

Olga Sodré rema na contramão dessa memória oficial. Todo o conjunto de ações dela com o objetivo de oxigenar as análises sobre as contribuições de seu pai, tais como os eventos que organizou ou participou, as obras de Sodré que reeditou com prefácios de sua autoria, os capítulos de livros, os artigos, as entrevistas, as doações de arquivos para complementar acervos e por último, o livro com o seu depoimento sobre a trajetória intelectual desse autor, formam um todo que pode ser lido à luz do conceito de memórias subterrâneas.

O empenho de Olga Sodré na defesa de uma memória de seu pai que fosse diversa da memória oficial entra numa arena de disputas por memória. Ela própria reconhece que

em muitos aspectos pensava de maneira diversa da de seu pai, principalmente no tocante a questões religiosas, no entanto, reforça o compromisso de Sodré em respeitar as posições alheias, discutir ideias e não pessoas.

As memórias subterrâneas, no geral, formam-se como reação à memória dita oficial. Elas ganham força, conforme salientado acima, em tempos de crise. Foi justamente durante a Ditadura Civil-Militar que Sodré decidiu escrever sobre si, sobre sua trajetória. Motivado, talvez, por uma sensação de estar sendo ou de vir a ser injustiçado pela memória oficial. De fato, a partir dos anos 1960, mas, principalmente dos anos 1970, o autor passou a ser alvo de ataques duríssimos vindos da academia, sobretudo da USP. Sendo assim, como reação, Sodré contrapôs sua versão sobre si à versão corrente na memória oficial.

De um lado, a memória oficial procurou distorcer ou envolver em um manto de esquecimento e silêncio a obra e as contribuições de Sodré. Vários fatores são apontados como causadores: a crise do ensaísmo, a reforma universitária dos anos 1960, o protagonismo uspiano, a crise do marxismo, a Ditadura Civil-Militar. De outro, Olga Sodré que se empenhou desde a morte do pai, em 1999, mas com energia redobrada, a partir do centenário de seu nascimento em 2011, a contrastar o que a memória oficial construiu sobre esse intelectual com uma série de ações que podem ser lidas sob a chave das memórias subterrâneas e que estão em um campo de disputas por memória que constantemente ressignificam o passado.

1.2 Panorama das memórias de Sodré: cronologias, temas e sistematização da narrativa

As obras memorialísticas de Sodré são analisadas ao longo desta tese. Todavia, é oportuno apresentar, brevemente, cada um dos escritos de si com o objetivo de situar desde já o leitor no tocante aos principais aspectos de cada uma dessas narrativas. As obras serão abordadas de maneira esquemática seguindo a ordem cronológica em que foram publicadas.

Era o ano de 1967 quando *Memórias de um soldado* foi lançada pela Editora Civilização Brasileira.[25] Essa casa editorial, liderada por Ênio Silveira, teve suma

[25] *Memórias de um soldado*, foi reeditada e desdobrada em dois volumes lançados em sequência pela Editora Vozes: *Do Tenentismo ao Estado Novo: memórias de um soldado* (1986); e *Do Estado Novo à ditadura militar: memórias de um soldado* (1988).

importância para a cultura nacional como centro irradiador de conhecimento durante os anos que vigorou no país a Ditadura Civil-militar (1964-1985). Não somente como difusão de cultura e conhecimento ficou conhecida a Civilização Brasileira, mas também pelo seu perfil nitidamente político e ideológico de oposição ao governo ditatorial.

Memórias de um soldado acompanha a trajetória militar de Sodré no Exército Brasileiro.[26] Vale notar que o lançamento da obra se deu em plena Ditadura Civil-Militar. Todavia, o autor cercou-se de cuidados ao longo da narrativa, como exemplo, não citava nomes de amigos, conhecidos ou colaboradores que o ajudaram no período em que ficou foragido e era cassado pelos militares no poder ou mesmo depois, quando, em liberdade continuou tecendo redes de apoiadores resistentes ao regime. Sodré foi preso no interior de São Paulo em 26 maio de 1964, encaminhado ao Forte de Copacabana e mantido encarcerado de 30 de maio a 17 de junho do mesmo ano. (SODRÉ, 1967, p. 586-592).

Em 1964, ano do Golpe, Sodré encontrava-se na reserva e dedicava-se às aulas de história no ISEB, do qual foi um dos fundadores, à pesquisa e produção de livros na área de história e ainda, ao trabalho jornalístico e de crítica literária. Quando as prisões arbitrárias começaram a ser noticiadas nos jornais, ele pareceu não ter tido dúvidas: entendeu que o melhor seria refugiar-se. De fato, levou o plano adiante, mas acabou preso pouco depois.

Trata-se de um ato de coragem lançar um livro de memórias com narração de fatos relacionados à Ditadura Civil-Militar enquanto o regime ainda vigorava. O que tornou possível esse lançamento seria a combinação de dois aspectos: primeiro, o editor da obra e a editora; segundo, o período em que foi publicada. Com apontado acima, o editor foi Ênio Silveira, conhecido e reconhecido por seu esforço em aglutinar na órbita da

[26] Em resumo, a carreira militar de Sodré, após o período de formação básica, compreendeu quatro anos de serviço com a patente de tenente na tropa na área de Itu-Jundiaí; cerca de um ano e meio em Mato Grosso, como ajudante-de-ordens do general José Pessoa; um período semelhante a esse outra vez em Itu; mais um ano em São Paulo, em que participou da organização da Escola Preparatória de Cadetes. Como capitão, foram dois anos em Salvador, ainda na tropa; três no Rio de Janeiro como aluno na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército; retorna para São Paulo e serve por mais um ano no estágio de oficial do Estado-Maior, ocasião em que dedicou-se a um minucioso estudo sobre o transporte ferroviário. Enfim oficial superior (sucessivamente, major, tenente-coronel, coronel), serviu por três anos no Rio de Janeiro como professor na Escola de Estado-Maior; cinco na tropa, naquilo que ele próprio chamou de exílio em Cruz Alta, no Rio Grande do Sul; e os últimos seis anos, de volta ao Rio de Janeiro, em que ficou relegado ao ostracismo de uma maçante função burocrática, na 1ª Circunscrição de Recrutamento (SODRÉ, 1967, p. 376). Foi durante esse período, ao longo dos anos 1950, que ele conduziu um dos períodos mais ricos de sua trajetória como professor de história nas aulas do Instituto Superior de Estudos Brasileiros.

Civilização Brasileira grupos de intelectuais como frente opositora ao regime de exceção instalado.[27]

Quanto ao período em que a obra veio a público, 1967, tratou-se dos primeiros anos do regime em que houve relativo espaço para contestação intelectual, como exemplo, a existência entre 1964-1968 da *Revista Civilização Brasileira*, com conteúdo voltado ao entendimento da realidade nacional no tocante a política, cultura e sociedade dos anos em que foi editada por Ênio Silveira e um grupo de colaboradores, entre eles o próprio Nelson Werneck Sodré, responsável pela seção de literatura (SODRÉ, 1994, p. 73-75).[28]

Memórias de um soldado é uma obra de fôlego com total de 655 páginas subdividida em nove capítulos temáticos que contam com subdivisões internas que organizam os temas narrados pelo autor. Os títulos dos capítulos são sugestivos e indicativos dos assuntos ali narrados: "Colégio Militar"; "Escola Militar"; "Iniciação"; "Guerra e Paz"; "Guerra Fria"; "Clube Militar"; "Ciclo de Vargas"; "Luta pela liberdade"; por fim, "Fora de forma".

O narrador inicia o texto contando sobre os antecedentes familiares de Sodré, sem histórico de parentes que teriam servidos às Forças Armadas Nacionais. Nelson Werneck Sodré nasceu no Rio de Janeiro no dia 27 de abril de 2011. Ele equilibrou a carreira no Exército, no qual serviu por 28 anos como oficial (soma-se mais dez anos de formação no Colégio Militar do Rio de Janeiro e mais três anos na escola Militar do Realengo) e chegou à patente de general, com as funções acumuladas em jornais, revistas, na edição de livros, na produção de uma vasta obra historiográfica de orientação marxista, na

[27] A editora Civilização Brasileira "[...] foi das mais conceituadas e representativas editoras brasileiras, principalmente enquanto esteve sob a direção de Ênio Silveira, militante do PCB e um dos mais importantes editores do país em todos os tempos. Publicou grandes nomes da literatura internacional – muitas vezes em sua primeira edição no país – e uma ampla gama de livros de ciências humanas e de intervenção política, em geral alinhados com o pensamento progressista. Sofreu perseguições por parte do governo civil-militar nos anos 1960 e 1970, que levaram à quebra da editora e à sua venda" (MAUÉS, 2014, p. 96). Segundo Vieira (1996, p. 4) Ênio Silveira: "[...] lia, traduzia, fazia as vezes de copidesque e em alguns casos chegava mesmo a interferir no conteúdo da obra, opinando e dialogando com o autor", além disso, teria escrito inúmeras orelhas de livros para lançamentos da Civilização Brasileira, inclusive, as *de Memórias de um soldado*, em que o editor exaltou as qualidades profissionais de Nelson Werneck Sodré: homem de bem, corajoso, intelectual de ideias e trabalhos dotados de profundidade analítica, leal à Pátria, etc. Ao final do texto de orelha do livro, Ênio Silveira ressaltou não se surpreender "[...] que um oficial, um cidadão com as qualidades de Nelson Werneck Sodré seja hoje marginalizado e perseguido por alguns de seus antigos companheiros de farda. É natural que isso ocorra, nos amargos e sombrios tempos em que vivemos." (SILVEIRA, 1967). Sobre o papel das editoras e editores como resistência política durante à Ditadura Civil-Militar ver, entre outros, Maués (2014) e Reimão (2014).

[28] Sobre a *Revista Civilização Brasileira*, ver: Vieira (1996) e De Paula (2003).

ministração de aulas na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, ECEME, e no Instituto Superior de Estudos Brasileiros, ISEB.

Nelson Werneck Sodré realizou os seus estudos iniciais no Rio de Janeiro, frequentando o Colégio Brasileiro, em Copacabana. Foi na condição de aluno interno que presenciou o episódio de 5 de julho de 1922, em que o levante tenentista tomaria os horizontes da política do país, à qual o menino de 11 anos estava alheio, situação que se altera quando sua atenção foi despertada pela revolta do Forte de Copacabana (SODRÉ, 1967, p. 3). Em 1924, aos 13 anos de idade, ele entrou para o Colégio Militar do Rio de Janeiro e seis anos mais tarde para a escola Militar do Realengo.

Memórias de um soldado é a narrativa da formação e do trajeto profissional no Exército relacionados a processos históricos gerais como sugerem os títulos dos capítulos supracitados: a Revolução de 1930, a Era Vargas, a Segunda Guerra Mundial, a Guerra Fria, o nacionalismo entre os militares (Campanha o Petróleo é Nosso, a crise no Clube Militar) e o Golpe de 64. Nessa obra, o narrador conta as conquistas e derrotas, os altos e baixos, os momentos de alegria e os de profunda tristeza e desamparo, como quando ficou preso logo após a tomada do poder pelos seus companheiros de farda em 1964.

A vida particular, o privado não encontra guarida nessa obra. Vez ou outra um fato familiar surge, sem entrar em detalhes, somente para servir de ponte para o narrador tratar de algo da vida pública do autor.

A vida escolar é retratada tendo como espinha dorsal a rígida disciplina do Colégio Militar: o dia a dia regrado, vigiado e as constantes tentativas de burlar esse sistema, bem como as punições que os infratores recebiam quando pegos. É com respeito e carinho que o narrador faz menção ao professor Isnard Dantas Barreto, responsável pela disciplina de História. Sendo esse professor o responsável por apresentar uma análise da História sem os entraves da cronologia e que despertou o interesse do jovem Sodré pelos estudos históricos.

Em 1938, Sodré iniciou a vida na carreira militar servindo em Mato Grosso. Dessa experiência resulta *Oeste* (1941), obra em que ele procurou analisar a questão fundiária no país a partir do conceito, polêmico, de relações feudais em solo brasileiro. A carreira de Sodré iniciava junto com o endurecimento do Governo de Vargas. Sobre essa temática, o narrador estabeleceu um claro comparativo entre o Estado Novo com o fascismo e o nazismo (SODRÉ, 1967, p. 141-176); o mesmo ocorrendo com a Ditadura Civil-militar de 64 (SODRÉ, 1967, p. 297).

O ano de 1939 encontrou o protagonista residindo em Itu. O começo da carreira militar do autor era promissor: o narrador empenhou-se em relacionar os variados, sinceros e eloquentes elogios com respeito ao desempenho profissional recebidos por Sodré de seus superiores hierárquicos (SODRÉ, 1967, p. 178-181). Todavia, segundo o narrador, o objetivo ao relatar os laureis direcionados ao jovem militar não seria resultado de vaidade, mas para contrastar com o que ocorreria mais tarde: as perseguições sofridas pelo personagem após os conflitos políticos advindos das disputas eleitorais dentro do Clube Militar nos anos 1950, e, também, com o Golpe de 1964.

Os rumos da Segunda Guerra Mundial foram usados pelo narrador para associar com o desfecho do Estado Novo de Vargas. A crise econômica e política que assolou o Brasil esteve magistralmente relacionada com as crises pelas quais passavam os países centrais envolvidos com a Guerra e o narrador transitou com desenvoltura do particular para o geral e deste de volta ao ponto de partida. Aliás, essa é uma marca da narrativa memorialística de Sodré: a fluidez entre o local, o regional, o nacional e o universal.

A ida à Salvador para servir ocorreu justamente nesse período de incertezas de Segunda Guerra. O narrador contou a maneira pela qual o autor encantou-se com as belezas naturais da Bahia em contraste com o desamparo e miséria de grande parcela da população. Foi durante essa estadia que Sodré aproximou-se de lideranças políticas da esquerda, algumas ligadas ao PCB, dentre essas figuras, Jorge Amado.

Em fevereiro de 1944, ele saiu de Salvador para ingressar na Escola de Comando do Estado-Maior do Exército – ECEME, no Rio de Janeiro. O estágio após o final do curso foi realizado em São Paulo, capital, no qual dedicou-se a estudar de maneira profunda e sistemática o transporte ferroviário do estado. Em 1948, Sodré retornou ao Rio de Janeiro para assumir o cargo de professor de História Militar na ECEME, ficando nesse posto por dois anos.

As eleições para compor a diretoria do Clube Militar marcariam sobremaneira o futuro da carreira de Sodré no Exército. A decisão de participar do pleito foi avaliada pelo narrador como sendo responsável por "inutilizar a minha carreira" (SODRÉ, 1967, p. 297). Trata-se de uma visão teleobjetivada de um narrador que conta *a posteriori* os fatos e, portanto, dando sentido a uma série de eventos que desgastaram as relações políticas de Sodré dentro do Exército a ponto de todas as suas promoções terem sido feitas tão somente pelo critério de antiguidade e não mais por competência, que aliás, nunca lhe faltou.

O narrador dedicou considerável espaço para contar os desdobramentos dos fatos relacionados a essa eleição. Sodré entrou na chapa encabeçada pelo general Estillac Leal, que sairia eleita, assumindo depois o posto de Diretor Cultural no Clube. A importância dada a esse episódio foi explicada pelo narrador ao articular os acontecimentos de então com o advento do Golpe de 1964. O processo que envolveu as eleições banhadas pelas disputas entre correntes políticas opostas, de um lado os nacionalistas, de outro os chamados "entreguistas", "continha em germe a situação que defrontamos em nossos dias" (SODRÉ, 1967, p. 297), isto é, a atualidade do Regime Militar em que o autor se encontrava.

Os ataques à gestão de Estillac Leal no Clube Militar seriam em virtude do posicionamento nacionalista da Diretoria dentro da política nacional, além das eleições de 1950 e o derradeiro Governo de Vargas. Era um momento político conturbado, repleto de alianças variadas, desiguais: "as forças de base popular, proletariado, campesinato, pequena burguesia; a burguesia" propriamente dita "e mesmo setores do latifúndio" (SODRÉ, 1967, p. 334).

Não tardaram a aparecer os efeitos da participação de Sodré nos episódios que envolveram o Clube Militar: foi afastado do posto de professor na ECEME e transferido para aquilo que o narrador identificou como "exílio em Cruz alta" (SODRÉ, 1967, p. 376), extremo sul do Rio Grande do Sul. Durante esse período esteve distante de arquivos, bibliotecas e locais de consulta para a realização de pesquisas. O narrador revelou, então, a rede de contatos do protagonista que acabava por abastecê-lo com informações da capital, com o recebimento de originais de artigos a serem publicados em periódicos e com o envio de pagamentos desses artigos publicados em jornais do Rio ou São Paulo.

O retorno ao Rio de Janeiro coincidiu com a crise do suicídio de Vargas e a campanha que iria eleger Juscelino Kubitscheck, inclusive, o narrador compõe todo o quadro das disputas políticas envolvendo as correntes nacionalistas e pró-imperialistas dos militares.

A presença de Sodré como fundador e colaborador do ISEB foi pouco explorada pelo narrador. Isso ocorreu em razão dessa participação ser mais discutida nas memórias subsequentes, especialmente em *A luta pela cultura* (1990) e em *A ofensiva reacionária (1992)*.

O último capítulo do livro abordou justamente o golpe militar de 1964, contexto de ditadura em que escrevia suas memórias. Durante esse período, o personagem sofreu

as maiores adversidades: pouco antes havia entrado para a reserva, mas foi durante o processo de instauração do golpe que ele foi encarcerado por quase dois meses, mais precisamente, por 57 dias, enfrentou vários Inquéritos Policiais Militares, os famigerados IPMs, isolamento intelectual, proibição de lecionar, o ISEB fora extinto, de escrever artigos para jornais e revistas, restando-lhe tão somente a possibilidade de dedicar-se a produção de livros. Ao final do livro, o memorialista mostrou-se consciente dos males causados pela ditadura, males esses que começavam a inquietar até mesmo uma parte dos militares golpistas.

Memórias de um escritor tornou-se conhecida do grande público em 1970, ano de seu lançamento pela editora Civilização Brasileira.[29] Na orelha do volume, provavelmente assinada por Ênio Silveira, o livro foi identificado como irmão paisano de *Memórias de um Soldado*, três anos mais velho. Aproveitando a analogia cuja autoria provavelmente foi de Ênio Silveira, pode-se afirmar que *Memórias de um escritor* foi o primeiro dos trigêmeos que viriam a tornar-se o desdobramento do projeto memorialístico werneckano após dar à luz a esse volume em 1970. Vale ressaltar que os outros dois tomos que perfazem a trilogia de *Memórias de um escritor* seriam publicados décadas depois, nos anos 1990. Esse projeto memorialístico será tratado mais adiante no texto, para o momento, é importante atentar-se à *Memórias de um escritor* - volume I.

Trata-se de uma obra com um total de 377 páginas e cinco capítulos que dividem o percurso intelectual do protagonista conforme uma linha cronológica crescente que compreende os anos de nascimento até o momento em que o autor escrevia em 1969. Os títulos dos capítulos são: “Iniciação”; “Crítica literária”; “Defesa da Cultura”; “Guerra” e “Balanço”. Quanto aos títulos dos capítulos e subcapítulos cabe aqui uma observação: a predileção que o autor tinha por identificações das sessões compostas por termos isolados ou no máximo frases curtas, com duas palavras, no máximo.

[29] O livro *Memórias de um escritor* foi reeditado em 1988 com o título *Em defesa da cultura,* publicado pela editora Bertrand Brasil. Ambas as edições são idênticas em questão de conteúdo e número de páginas. Há uma pequena mudança nos elementos paratextuais, como por exemplo, na orelha do livro, que tem o seu último parágrafo excluído da edição de 1988. O parágrafo extinto e que aparece na edição de 1970, expunha ao leitor o plano do autor de publicar uma sequência das *Memórias de um escritor*. Talvez a supressão tenha decorrido em função dessa sequência estar sendo estudada ou até em fase preparatória à época em que a edição de 1988 foi lançada. Esta hipótese ganha reforço ao observar que aquele que seria o volume 2, *A luta pela cultura*, viria a público em 1990, com um título bem semelhante, trocando a expressão “em defesa” (*Em defesa da cultura*, de 1988, reedição do volume 1), por “a luta” (*A luta pela cultura*), o inédito segundo volume das *Memórias de um escritor*.

Apesar da natureza lacônica dos títulos, os cumpriram um papel: orientar o leitor sobre o que seria tratado naquele espaço ao mesmo tempo em que ofereceu o mínimo de informações preliminares. Provavelmente o hábito de compor títulos breves nos capítulos de suas memórias, uma vez que isso foi comum em todos os volumes, venha dos anos em que o personagem central serviu no exército e aprendeu a compor relatórios enxutos com títulos econômicos.

O narrador iniciou o livro com uma reflexão sobre o que lavaria alguém a tornar-se escritor: influência genética, cultural ou ambas? Se em *Memórias e um soldado* o autor fez questão de mostrar que entre os parentes próximos não havia tradição militar, aqui, as evidências apontam para algo bem diferente: entre os familiares "o pendor para as letras era acentuado" (SODRÉ, 1970, p. 2). As razões apresentadas seriam de ordem econômica, isto é, em fins do século XIX os ascendentes familiares de ambos os lados, pai e mãe, entraram em decadência financeira e o caminho das letras serviu como resguardo do "orgulho de classe" (SODRÉ, 1970, p. 2).

Memórias de um escritor é uma obra envolvente, cujo narrador esgueirou-se por entre os labirintos da intelectualidade brasileira, abrindo as portas das redes de sociabilidade, adentrando nos recônditos do mundo editorial, artístico, jornalístico, da crítica literária, das crises políticas. Ao mesmo tempo em que oferta-se ao leitor uma visão panorâmica da época em que viveu o protagonista, é também permitido palmilhar os caminhos que foram percorridos pelo personagem central: suas agruras, a trajetória longa e penosa, os desafios da carreira literária, a visão do autor sobre si mesmo como alguém modesto, nunca suficientemente sábio, mas sempre humilde (SODRÉ, 1970, p. 45).

O narrador acompanha o jovem Sodré desde sua entrada na vida escolar em instituições de ensino do Exército, passando pela vida do jovem adulto recém formado, do escritor, que ainda adolescente viu com enorme prazer a revista *O Cruzeiro* publicar um conto de sua autoria, intitulado "Satânia" e inspirado em um soneto de Olavo Bilac, do jornalista que contribuiu escreveu milhares de artigos, pelo historiador que assinou dezenas de obras.

A base dessa produção, segundo o próprio autor, seria a fome pelos livros. Sodré foi desde jovem um devorador de livros, antes mesmo de iniciar os estudos. Quando ainda garoto, lia no bonde a caminho do Colégio Militar, na escola lia o que era possível, já que a vigilância era constante sobre os alunos, a leitura era mal vista e até perseguida

(SODRÉ, 1970, p. 14). Começou com as revistas infantis, como *Tico-Tico*, depois as obras de Andersan, dos irmãos Grimm, Júlio Verne, volumes como *Histórias da vovozinha*, as lendas medievais de Carlos Magno entre outros (SODRÉ, 1970, p. 10-11).

No Colégio Militar as leituras tomaram rumos mais densos, ganhando complexidade: lia os internacionais como Walter Scott, Balzac, Dickens, Oscar Wilde, Górki, Dostoivievski, Tolstoi; e os nacionais, tais como Machado de Assis, José de Alencar, Coelho Neto, Euclides da Cunha, Graça Aranha, Paulo Barreto, Monteiro Lobato. Não podemos deixar de citar nomes de outros autores, como Pierre Monbeig, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Sérgio Milliet, Roberto Simonsen, Caio Prado Jr, que em diferentes momentos e ao longo da carreira, acompanharam o memorialista (SODRÉ, 1970, p. 16-20).

À medida que o leitor avança pelas páginas, acompanha movimentos artísticos e políticos, como o Modernismo, as revoltas tenentistas de 1922 e 1924, além do golpe de 1930. Há uma enorme preocupação do narrador em situar o tempo em que viveu o protagonista, uma vez que sem a caraterização histórica "o depoimento perde consistência, pois todos os fenômenos, episódios, processos, fatos, só adquirem significação quando apresentados em seus condicionamentos" (SODRÉ, 1970, p. 14).

Entrelaçando os acontecimentos históricos e os da vida do protagonista, essa foi a metodologia do narrador. Assim, soube-se das andanças do personagem principal pela crítica literária, como o primeiro artigo publicado pela *Revista da Escola Militar,* em 1934, que funcionou como porta de entrada para a crítica profissional no *Correio Paulistano*, cuja parceria estendeu-se por décadas.

Poucos anos depois, o público conheceu o primeiro livro de Sodré, tratava-se de *História da Literatura Brasileira* (1938), obra que teve em Galeão Coutinho o seu grande incentivador. *Memórias de um escritor*, juntamente com os volumes subsequentes, funcionam como uma síntese das motivações e razões que inspiraram o autor em sua trajetória literária e intelectual. Nessas memórias, é possível encontrar a historicidade dos seus escritos, os desafios, os altos e baixos, as derrotas, pelas quais passou o protagonista ao longo da vida até o presente em que escreve as memórias. Na medida em que acompanhou as publicações das obras de Sodré, o narrador costurou o universo editorial que possibilitou essas obras virem à público. Assim, figuras como Monteiro Lobato, José Olympio, Octales Marcondes Ferreira, Ênio Silveira, foram enquadrados nas esferas da história do livro, da cultura, da política e da economia nacionais.

O Governo de Vargas foi abordado pelo narrador e nele surge o controverso episódio da vida de Sodré quando contribuiu com a revista *Cultura Política*, editada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) (SODRÉ, 1970, p. 124). Este assunto será tratado adiante no texto, mas cabe ressaltar que o jovem escritor, nos anos 1930. Cabe ressalta esta colaboração ocorreu no âmbito intelectual e não ideológico (não custa chamar a atenção que Graciliano Ramos, perseguido durante a ditadura varguista, foi editor de *Cultura Política*).

O derradeiro capítulo da obra, "Balanço", no qual conta como, nos estertores do regime de Vargas, se viu impossibilitado, por ser militar, de comparecer ao Congresso de Escritores realizado na cidade de São Paulo no ano de 1945 e presidido pelo seu amigo Graciliano Ramos. Em breve trecho de autoavaliação, o narrador expressou que: "o mais importante era o que se passava em meu espírito, um certo amadurecimento, que começara a se denunciar por sinais esparsos e alterações outras que resultavam da experiência e que também começavam a tomar forma" (SODRÉ, 1970, p. 331).

O título do último capítulo justificou-se quando o autor assim expressou-se, mesclando, como hábito de seu narrador, as experiências pessoais do protagonista com os eventos históricos mais amplos, no Brasil e no mundo:

> Eu estava completando, em 1945, doze anos de atividade literária intensa, pois iniciara a minha colaboração sistemática no Correio Paulistano em 1934; e a crítica literária, em 1936. Escrevia nos maiores jornais do país, no Rio e em São Paulo, e nas revistas de mais prestígio e circulação. Estreando em livro, em 1938, lançara um por ano, desde então; tinha títulos meus incluídos nas duas consagradas coleções de estudos brasileiros, a "Brasiliana" da Companhia Editora Nacional, dirigida por Fernando de Azevedo, e a "Documentos Brasileiros", da livraria José Olímpio Editora, dirigida por Gilberto Freyre e, depois, por Octávio Tarquínio de Souza. (SODRÉ, 1970, p. 355).

O ano de 1990 conheceu, após duas décadas, o segundo volume de *Memórias de um escritor*, que veio a público com o título de *A luta pela cultura*. Mais adiante no texto é levantado hipóteses que podem ajudar a pensar esse hiato, mas, por hora, basta chamar a atenção para o fato de que inicialmente, à época do lançamento do volume I, subintitulado "Formação", a sequência anunciada para ser publicada após esse primeiro volume, seria: *Memórias de um escritor: maturidade* (v. II) e *Memórias de um escritor: experiência* (v. III).

O fato de *A luta pela cultura* ser publicado pela editora Bertand Brasil, em 1990, e não pela Civilização Brasileira, como ocorrera com o volume inicial, talvez seja explicado em razão de que em 1985, enfrentando problemas financeiros, Ênio Silveira associou-se a Manuel Boullosa, banqueiro português e proprietário das editoras Bertrand Brasil e Difel.[30] Todavia, a marca do trabalho editorial de Silveira transparece na assinatura da orelha da obra, uma preocupação que nem mesmo quando o volume I fora lançado pela Civilização Brasileira, ocorrera.

O livro contém 228 páginas, incluindo o índice onomástico, e somente dois capítulos: o primeiro denominado "Pausa" e o último "Luta". O período de cobertura desse relato vai da queda de Vargas em 1945 até o ano de 1958. O narrador teceu o pano de fundo histórico junto com os acontecimentos relacionados à vida do protagonista e da intelectualidade brasileira.

Assim, o Governo Dutra foi retratado como uma ditadura revestida de democracia, vigilante das atividades culturais e de pensamento no país (SODRÉ, 1990a, p. 141). O segundo Governo de Vargas, com os seus acontecimentos políticos, como a campanha do petróleo, foi entrelaçado com a atuação do protagonista em intensa atividade na crítica literária e na participação em conferências (SODRÉ, 1990a, p. 140).

A crise que antecedeu a posse de Juscelino Kubitscheck e o Governo deste, aparecem como quadro histórico-político-social do encerramento, temporário, do autor na vida literária, que vai concentrar os seus esforços aos estudos econômicos e sociais, ao magistério, na transição do Instituto Brasileiro de Economia, Sociologia e Política – IBESP, para o Instituto Superior de Estudos Brasileiros – ISEB. O autor confessou, por meio do narrador, que "esse distanciamento da literatura, e particularmente da crítica" não agradava ao protagonista. Isso porque, na visão do dele, tal distanciamento decorreu do clima político tenso e instável, que favorecia as dissensões entre os membros da classe intelectual.

Os 13 anos que a narrativa cobre foram extremamente fecundas na vida do autor. Ele dedicou-se a várias atividades profissionais e intelectuais concomitantemente. Enquanto aperfeiçoava a carreira militar na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército - ECEME, Sodré exerceu ativamente a crítica literária em vários jornais e revistas do Rio e de São Paulo, valendo-se desses espaços para refletir, cobrar e pensar

[30] Sobre essa questão, ver: Galucio, 2009, p. 171.

temas como ensino no exército, a vida literária, a valorização da cultura nacional, a luta contra os resquícios do fascismo na política brasileira.

Paralelo ao curso na ECEME e à atividade na crítica literária, Sodré ainda ajudou a estruturar o ISEB, instituição na qual seria professor da disciplina de História do Brasil. Na ECEME, após a formação, ele retornou na condição de professor de História Militar do Brasil. Incansável, ocupava-se ainda com palestras e cursos por várias cidades do país, como exemplo podemos citar a ocasião em que o Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo convidou-o para realizar uma conferência, cujo título o narrador fez questão de evocar: "A pequena imprensa na Regência e no Império" (SODRÉ, 1990a, p. 96), material de pesquisa que o autor acumulava e que anos mais tarde resultaria no prestigioso *História da imprensa no Brasil* (1966).

O espaço dedicado ao ISEB na narrativa é realmente considerável, prova disso é que a segunda metade do livro é praticamente toda voltada à gênese, primeiras ações, estabilização e organização desse Instituto (SODRÉ, 1990a, p. 163-192). O narrador chama a atenção para o leitor notar que a primeira fase do ISEB foi marcada pela heterogeneidade de pensamento entre os intelectuais ali reunidos. O matiz diversificado do pensamento intelectual "refletia o desejo do chamado Grupo de Itatiaia de realizar a mobilização da intelligentsia brasileira (...) para, sob sua direção, formular um pensamento político, a que, na falta de melhor nome, se batizou então de 'ideologia do desenvolvimento'" (SODRÉ, 1990a, p. 167).

O narrador empenhou-se na elaboração do quadro compositor do ISEB, começando por discriminar cada um dos departamentos e os seus respectivos membros. O órgão mais alto do Instituto era o Conselho Consultivo que, segundo o narrador, "jamais funcionou" (SODRÉ, 1990a, p. 167)[31]. Na sequência, vinha o Conselho Curador[32], depois os Departamentos, cujos chefes eram: Álvaro Borges Vieira Pinto,

[31] O Conselho Consultivo era composto da seguinte maneira: Abgar Renault, Afrânio Coutinho, Guerreiro Ramos, Álvaro Lins, Álvaro Vieira Pinto, Ari Torres, Atílio Vivaqua, Cassiano Ricardo, Augusto Frederico Schimidt, padre Augusto Magne, Cândido Mota Filho, Carlos Chagas Filho, Celso Kelly, Djacir Menezes, Fernando de Azevedo, Flaminio Fávero, San Tiago Dantas, Gilberto Freyre, Heitor Vila Lobos, Herbert Moses, Hermes Lima, Horácio Lafer, João de Scantimburgo, José Carlos Pereira de Sousa, José Flecha Ribeiro, José Honório Rodrigues, José Leite Lopes, Leopoldo Aires, Levi Carneiro, Lucas Lopes, Luís Simões Lopes, Luiz Viana Filho, Marcos Almir Madeira, Mário Travassos, Miguel Reale, Nelson Omegna, Nestor Duarte, Orlando Magalhães Carvalho, Otávio Monteiro de Camargo, Paulo Barreto Carneiro, Paulo Duarte, Pedro Calmon, padre Pedro Veloso, Plínio Sussekind Rocha, Sérgio Buarque de Holanda e Sérgio Milliet (SODRÉ, 1990a, p. 166-167).

[32] O Conselho Curador era composto, inicialmente, da seguinte maneira: Adroaldo Junqueira Aires, Anísio Teixeira, Ernesto Luís de Oliveira Júnior, Helio de Burgos Cabal, Helio Jaguaribe, Roberto de Oliveira Campos, Roland Cavalcanti de Albuquerque Corbisier e Temistocles Brandão Cavalcanti.

Filosofia; Cândido Antônio Mendes de Almeida, História; Helio Jaguaribe, Ciência Política; Guerreiro Ramos, Sociologia; e Ewaldo Correia Lima, Economia (SODRÉ, 1990a, p. 167).

Desde 1954, quando ainda era o IBESP, Sodré já contribuía ainda que à distância, do Sul do país, com o envio de textos lidos em conferências realizadas pela instituição. Terminado o período em que serviu em Cruz Alta, Rio Grande do Sul, Sodré retornou ao Rio e começou a participar ativamente das reuniões do, então, ISEB. Após essa apresentação do organismo do Instituto, o narrador passou a contar sobre as reuniões caóticas que aconteciam quando os elementos estavam reunidos, os atrasos, o desrespeito pelas pautas e ordens de fala; em resumo, pouco ou nada podia ser aproveitado dessas ocasiões.

Nesse momento, o autor, por meio do narrador, revelou um pouco do seu temperamento:

> Eu era, por formação e por temperamento, o oposto daquilo tudo: gostava que uma reunião fosse encarada como trabalho, de que começasse na hora, de que começasse com todos presentes, de cada um falasse por sua vez e fosse ouvido com atenção, de que se discutisse sempre o que tinha importância e de que concluísse sempre por uma decisão, findo o trabalho e marcada a reunião seguinte, com local, hora, dia e temário. (SODRÉ, 1990a, p. 168).

É raro o autor falar de si mesmo dessa maneira. Mas nesse caso, a exceção justamente reforça a maneira como as reuniões improdutivas dos membros do ISEB provocavam exasperação em Sodré. A partir desse ponto, o narrador passou a deslindar os meandros do Instituto, revelando a liderança quase natural de Helio Jaguaribe, já que a direção, de fato, coube a Roland Corbisier, descrito como alguém apaixonado pelo que fazia no ISEB (SODRÉ, 1990a, p. 171). A posição de Sodré era de segundo plano, conforme o narrador, uma vez que o Departamento de História fora entregue a Cândido Mendes de Almeida, ao protagonista coube a parte de História do Brasil.

Após cuidar de montar o quadro geral dos membros do ISEB, o narrador ocupou-se com o quadro político agitado da época com o suicídio de Vargas, a transição com Café Filho, a candidatura, eleição e posse de Juscelino Kubitschek. Há destaque para o golpe efetuado pelo general Teixeira Lott, do qual Sodré foi testemunha ocular, e que garantiu a posse de JK. Valendo-se de notícias veiculadas nos jornais, o narrador introduziu com maestria o tema do Plano de Metas e do Desenvolvimentismo nas discussões políticas, nos debates e na produção intelectual do ISEB.

O terço final da obra destinou-se a evidenciar a multiplicidade e paralelismo de tarefas que o autor se ocupara em dar conta: crítica literária, ministração de aulas e cursos no ISEB, a atividade militar, a elaboração de livros. Sobre estes, lançara dois por meio do ISEB, a saber, *As classes sociais no Brasil* (1957), resultado de conferências feitas ainda na época do IBESP e *O Tratado de Methuen* (1957), uma reunião de uma série de artigos publicados no *Digesto Econômico*.

O narrador concluiu a obra dando grande destaque para a enorme campanha crítica que foi orquestrada contra o protagonista a partir do lançamento de seu livro *Introdução a Revolução Brasileira* (1958). Houve, sim, críticas favoráveis à obra, todavia, no entendimento do próprio autor, foram os ataques que teriam contribuído, sobremaneira, para a vendagem em grande quantidade dos exemplares (SODRÉ, 1990a, p. 208).

O período que vai de 1958 às vésperas do Golpe de 1964 é coberto por *A ofensiva reacionária* (1992). Como sugeriu o título, a obra basicamente dedicou-se a contar sobre os ataques sofridos pelo autor no período, fosse em relação à sua atuação no ISEB, na crítica literária, na recepção às reedições de obras de sua autoria ou na sua carreira militar. O volume ainda apresentou as intrigas e divisões dentro do ISEB, que resultaria numa crise intensa, ainda mais aguda com os ataques vindos da imprensa.

Os acontecimentos políticos foram, a todo momento, relacionados com a vida e atuação do protagonista. Assim, a reta final do Governo JK, o tumultuado período de campanha eleitoral para sucedê-lo, a vitória e o breve, mas extremamente tenso governo de Jânio Quadros e os preparativos para o Golpe Civil-militar de 1964 são os temas políticos que o narrador incorporou na medida em que conta sobre a vida do protagonista.

Esse quarto livro das memórias de Sodré contém 315 páginas e fechou a tríade dos três volumes do projeto editorial de compor as *Memórias de um escritor*. Levando em consideração o número de páginas e o período de oito anos balizados pela narrativa, percebe-se como esse período foi não somente intenso na vida do autor, como também digno de uma dedicação narrativa densa, detalhada. Ao comparar esse volume com os anteriores, é perceptível que *A ofensiva reacionária* recebeu especial atenção por parte de Sodré, ao dedicar um contingente de três centenas de páginas para menos de uma década de narrativa.

A fim de cotejar, *Memórias de um soldado* (655 páginas) cobre uma temporalidade de cerca de 60 anos; *Memórias de um escritor* (376 páginas), algo em torno

de quatro décadas; *A luta pela cultura* (238 páginas), cerca de 15 anos; e *A ofensiva reacionária* (315 páginas), com o referido recorte temporal de 8 anos. Seria deveras reducionista relacionar recorte temporal e a proporcionalidade de páginas dedicadas a cada volume, mas isso oferece uma amostra da percepção do próprio autor ao projetar e executar as suas narrativas memorialísticas e o espaço que cada período da história recebera dentro delas.

Ao contrário dos volumes anteriores, *A ofensiva reacionária* não fora contemplada com subcapítulos. Por conseguinte, os capítulos foram organizados como núcleos temáticos intensamente narrados, quase que de um só fôlego.[33] Talvez seja essa a intenção do autor, provocar no leitor a sensação de estar *in loco*, acompanhando a sucessão de acontecimentos em velocidade vertiginosa, um ritmo tão intenso que contagiava até mesmo a narrativa.

Na orelha desse quarto livro de memórias, lançado também pela Bertrand Brasil, Ênio Silveira escreveu que "É nas horas de angústia e desalento, como as que hoje vivemos, que uma Nação tem que se valer da resistência moral de todos os seus filhos e da capacidade de liderança de alguns deles" (SILVEIRA, 1992). Mais adiante, afirmara que uma dessas lideranças seria justamente Sodré, em razão de toda uma vida dedicada a emancipação social e moral da população brasileira, sendo uma figura de proa da intelectualidade no país. Percebe-se, pelo tom adotado no texto, que Silveira escrevia nos idos dos anos 1960, quando editava o livro, não em 1992, ano de publicação da obra.

Um recurso presente nesse volume e que acaba sendo valorizado pelo autor é o massivo uso de textos de jornais e revistas entretecidos pelo narrador como forma de oferecer ao leitor a percepção do que é possível chamar de o ritmo da época. Além disso, o uso constante do material veiculado pela mídia nacional foi uma estratégia de Sodré a fim de conferir legitimidade à sua narrativa. Ao referir-se ao ritmo da narrativa é preciso reforçar que ela é deveras intensa, com um constante deslocamento do narrador por diferentes frentes temáticas e até mesmo de temporalidades.

São dois os fios condutores da narrativa: o desenvolvimentismo e o nacionalismo, tendo como pano de fundo o processo político, ideológico e intelectual que desencadeou os mais severos ataques à pessoa e a carreira de Nelson Werneck Sodré. As duas correntes citadas estarão no olho do furacão das disputas pela garantia de guiar as análises sociais,

[33] A fim de constar, os sete capítulos desse volume recebem, em ordem, os seguintes títulos: "A crise no ISEB"; "Na trincheira"; "Provocações"; "Fora de Forma"; "Renovação"; "Tempestade"; e "Crepúsculo".

políticas e econômicas, nos meios intelectuais também a matriz ideológica do Governo Federal.

Apesar de não haver uma divisão formal de duas partes no livro, é possível perceber dois blocos narrativos com um divisor de águas entre eles: a entrada do protagonista para a reserva após 38 anos de serviços prestados às Forças Armadas. O primeiro bloco é composto pelos quatro capítulos iniciais, nos quais o narrador evidenciou as forças que estavam constituindo-se no cenário político do país. Já os três últimos capítulos formam o segundo bloco e narram as maneiras como as disputas saíram do campo da formulação e materializaram-se nos cerceamentos à liberdade de expressão, à autonomia intelectual, até mesmo à dignidade moral e física.

O fundo histórico internacional da obra é a Guerra Fria e as disputas ideológicas entre Estados Unidos e a União Soviética. Ao mesmo tempo, o narrador relacionou essa dimensão externa ao contexto nacional. É assim que a crise no ISEB foi retratada (SODRÉ, 1992, p. 9-52). Internamente, o ISEB sempre foi marcado pela heterogeneidade das posições políticas e ideológicas de seus membros. Todavia, essas diferenças acabaram culminando em intensas disputas cujos polos variavam entre Guerreiro Ramos e Helio Jaguaribe. A polêmica interna era sobre o desenvolvimento e o nacionalismo, manifesta na campanha em defesa do monopólio estatal do petróleo brasileiro. Como consequência do agravamento dessas disputas, ocorreu uma crise que cindiria as correntes de esquerda e da direita no cerne do Instituto, renovando seu quadro de colaboradores.

A atividade literária do protagonista por meio da atividade jornalística foi uma oportunidade para o narrador contar as ações do protagonista, inclusive, no campo da oposição. Exemplo disso é o espaço que fora destinado a atuação de Sodré no Conselho Técnico da Confederação Nacional do Comércio. O convite para participar de tal entidade provocou enorme surpresa no autor, que até o momento em que escrevia suas memórias ainda refletia sobre as razões que teriam levado à sua realização. O espanto do autor evidencia-se quando afirma, por meio do narrador, que:

> era homem esquerda, marcado de público, desde as lutas do Clube Militar, entre 1950 e 1952. Naqueles dias de 1958, a marcação fora reiterada com escândalo, a propósito da crise do ISEB. A publicidade que se concentrara em colocar-me a tabuleta de comunista gerara campanhas paralelas de difamação, como a impostura em torno do exército nacional e a mentira a respeito da tradução e importação de livros estrangeiros. (SODRÉ, 1992, p. 61).

O nome de Nelson Werneck Sodré, na concepção do próprio autor, não deveria gerar simpatias por parte de organizações como aquela que o convidava a integrar o seu Conselho. Após refletir sobre a questão, o narrador concluiu que as vezes levantam hipóteses complexas sobre temas que poderiam, como nesse caso, terem as suas motivações resumidas a um simples "por que não?" (SODRÉ, 1992, p. 62). Apesar de inicialmente estar dividido entre aceitar ou não o convite, Sodré respondeu de maneira positiva. Segundo o narrador, em nenhum momento o protagonista teria se arrependido de ter integrado o referido Conselho. Pelo contrário, o convívio foi frutífero e uma excelente oportunidade de aprendizado, uma maneira de apreender a visão, as ações, o raciocínio de uma "tribo exótica" que defendia, principalmente, os interesses dos países centrais, leia-se estadunidenses, no Brasil.

A questão do imperialismo norte-americano retornou com intensidade quando o narrador entrou pelo universo das eleições que acirraram as disputas entre os grupos nacionalistas que se reuniram no entorno da candidatura do marechal Teixeira Lott, e a oposição ligada ao capital internacional que se organizava junto à candidatura de Jânio Quadros.

A narrativa entrelaçou a vida particular do protagonista com o processo histórico nacional. Sodré via seus esforços de pesquisa sendo recompensados com a reedição de dois de seus livros: *História da literatura brasileira* e *O que se deve ler para conhecer o Brasil*. Nesse ponto, a tática de usar artigos de jornais e revistas foi mais uma vez utilizada pelo narrador, que relacionou as críticas positivas, poucas, e os ataques, muitos e virulentos, no tocante à essas duas publicações. Junto à essa narrativa da vida particular, também fora retratada a crise política que culminou na renúncia de Jânio Quadros e a abertura de nova crise, a sucessão do seu vice, João Goulart.

Na mesma data em que Jânio Quadros deixava o Governo Federal, Sodré era promovido por antiguidade a coronel. Após ter sido preso e interrogado por defender a legitimidade da posse de Goulart e o cumprimento da Constituição, Sodré decidiu passar para a reserva, uma vez que se sentira punido com a transferência para Belém, PA. Após entrar para a reserva, pela primeira vez em sua trajetória o autor teve tempo para dedicar-se exclusivamente às atividades intelectuais como escritor, pesquisador, conferencista, publicação de artigos e livros. No entender dele próprio, esse período serviu como preparação para a sua fase posterior, que ele considerou como sendo a da maturidade.

Em “Tempestade”, penúltimo capítulo, o autor contou a fúria dos ataques sofridos pelo ISEB, pelos nacionalistas e pelos críticos da intervenção do capital internacional no país. Apesar da turbulência na vida política nacional, a trajetória particular do protagonista via motivos de celebração: a oportunidade de ministrar aulas no curso especial sobre a civilização brasileira na Universidade de Brasília, UnB, para mestrandos. Oportunidade também para o autor, via narrador, analisar os prós e os contra da nova capital nacional. Na medida em que as campanhas difamatórias cresciam contra o protagonista, uma coisa era certa: isso contribuía para que aumentassem também os convites para cursos e palestras, como as proferidas no Centro de Estudos Sociais (CES), a ponto de Sodré precisar recusar convites, por falta de espaço na agenda.

O último capítulo, com o sugestivo título de “Crepúsculo”, o narrador comentou sobre a intensa pesquisa e trabalho de edição para aprontar, em estilo de livro-reportagem, o volume sobre o assassinato do presidente dos Estados Unidos John F. Kennedy, em que, segundo o autor, a figura central e motivadora teria sido o capitalismo monopolista estadunidense.

Conforme a crise na política internacional avançava, seus efeitos nefastos eram sentidos no Brasil. Houve intensificação das campanhas difamatórias, como as que sofreria a coleção *História Nova do Brasil*, organizada pelo personagem central em parceria com alunos do ISEB. Apesar do clima tenso na política internacional e nacional, o autor finalizou a obra com um posicionamento poético e otimista ao afirmar que “Ao crepúsculo, depois da noite, longa ou curta, sucede sempre a alvorada” (SODRÉ, 1992, p. 308).

O último livro da série de memórias publicadas por Nelson Werneck Sodré trata-se de *A fúria de Calibã: memórias do Golpe de 64*. O título chama a atenção pois remete à uma peça de Shakespeare, *A tempestade* (*The Tempest* no original). Na peça, cuja trama envolveu temas como vingança, romance e magia, a história começou a ser contada a partir de uma tempestade que atingiu um navio que transportava Alonso, rei de Nápoles; Sebastião, seu irmão; Ferdinando, o filho do rei; Antônio, o duque de Milão; Gonzalo, o conselheiro do rei; além dos marinheiros do navio. A outra frente narrativa se volta para Próspero, provocador da tempestade e ex-duque de Milão exilado numa ilha com sua filha Miranda, além de ter a companhia de dois nativos, Caliban ou Calibã e Ariel.

Mas qual a relação entre o título do livro de Nelson Werneck Sodré e o personagem Calibã da peça de Shakespeare? Acontece que a ideia de usurpação fora recorrente nessa narrativa shakespereana.[34] Por exemplo, Próspero contou a Miranda como foram banidos do ducado de Milão por seu irmão Antônio e como depois ocorreu o exílio na ilha. Todavia, há uma versão parecida e paralela, mas com outros personagens: Próspero é o usurpador e o nativo Calibã, dono da ilha por herança, a sua vítima, que mais tarde iria revoltar-se contra o primeiro.

Ao traçar um paralelo hermenêutico entre a peça e a narrativa de Sodré, Próspero seria a Ditadura Civil-Militar aliada aos interesses do capitalismo internacional, usurpadora dos direitos civis e constitucionais, da democracia, e Calibã seria o próprio autor (ou todos aqueles que, de alguma forma, voltaram-se contra o regime vigente), que usou sua obra memorialística, além de outros livros, palestras, entrevistas, artigos e crítica literária, como forma de enfretamento à tirania Governo Militar entre 1964 e 1985.

Essa interpretação encontra eco nas palavras do texto da orelha do livro, assinado por Ênio Silveira, no qual ele destacou a atuação do protagonista da obra no campo da produção intelectual voltada ao entendimento do processo histórico nacional, um "intelectual indigesto", por sua contribuição no ISEB, por sua postura nacionalista, tido como inimigo da nação. O editor contextualizou o Golpe de 1964 para afirmar que Sodré

> não apenas nos oferece o relato vivo e dramático do que foram aqueles dias de traição e vilania que, pelas duas décadas seguintes, mergulhariam a Nação na indignidade, no abuso e na violência, como analisa também a resistência democrática que, com raríssimas e notórias exceções, a *intelligentsia* brasileira – armada apenas de suas ideias – opôs aos títeres locais do Alto Comando Capitalista. (SILVEIRA, 1994, grifos do autor).

A obra foi lançada em 1994 pela editora Bertrand Brasil, conta com 327 páginas e três capítulos: "A derrota"; "A infâmia"; e "O silêncio". O livro cobre um período de cerca de oito anos, vai do Golpe de 1964 até o início de 1972. Sodré escreveu esse livro no verão de 1972, como deixou claro o narrador em duas passagens. Na primeira: "Escrevo estas páginas oito anos depois dos acontecimentos do início do segundo trimestre de 1964" (SODRÉ, 1994, p. 9); na segunda: "Costumo, todos os anos, salvo

[34] Ver Ricupero (2014), texto no qual o autor abordou possibilidades interpretativas sobre a peça de Shakespeare, *A Tempestade,* e a questão do nativo no Continente Americano.

impedimento, passar o verão, pelo menos em parte, na minha casa de Cambuquira, a mesma em que, agora, estou escrevendo estas memórias" (SODRÉ, 1994, p. 172).

Um dos fios condutores narrativos foi a preocupação em abordar as várias situações em que a infâmia – expressão largamente utilizada pelo narrador – manifestou-se. A infâmia por meio do terrorismo intelectual, da intimidação e da vigilância, dos ataques ao universo editorial, da repressão e da censura tanto de suas obras quanto o cerceamento da produção teórica de esquerda de uma maneira geral. Nas palavras do autor:

> O mais difícil não é perdoar à ditadura algumas de suas manifestações mais ostensivas e até mais típicas. O mais difícil será perdoar-lhe – se é que isso será possível, isto é, se é que as coisas se colocarão assim, em termos de ajustes de contas -, perdoar-lhe a infâmia. O mais triste, o mais amargo, o mais clamoroso foi, sem dívida alguma, essa infâmia que, inserida em nossa vida, passou a acompanhar-nos, a cercar-nos, a sufocar-nos. Claro está que a ditadura não inventou a infâmia. Ela existiu sempre. Fazia parte da vida. Era inseparável da condição humana. Mas como acidente, como circunstância, como elemento acessório, de que conhecia vigência esporadicamente, aqui e ali. Era a exceção que confirma a regra, o elemento isolado, que aparecia de quando em quando, e ficava marcado, como ferrete, gravado a fogo, manchando figuras ou episódios. A ditadura institucionalizou-a, sistematizou-a, oficializou-a. Era exceção; tornou-se regra. Era desonrosa; tornou-se gloriosa. (SODRÉ, 1994, p. 101)

Logo no primeiro capítulo, "A derrota", o narrador realizou uma intervenção historiográfica a fim de comparar os golpes anteriores e o que derrubou João Goulart em 1964. Essa seção da obra procurou analisar como a "reação" desenvolveu e implementou o Golpe de 1964. Tratava-se de uma análise historiográfica e expositiva dos acontecimentos. Os golpes pretéritos teriam sido intervenções rápidas e superficiais, modificando a composição do poder:

> Mas permitindo, desde logo, e principalmente depois, recomposições, recuos, refluxos em suma, enquanto o de 1964, idêntico aos anteriores na forma, seguiria um processo de aprofundamento, perceptível desde o início, e principalmente depois, buscando rompes as possibilidades de recomposição, recuo, refluxo em suma. O Golpe de 1964 vinha para ser o último, para ficar, para barrar a recuperação democrática, para impedir a todo custo o retorno ao *status quo ante.* Claro que todos os golpes têm esse propósito, mas não as possibilidades. Claro que o Golpe de 1964 e o que decorreu de seu processo de aprofundamento terá também fim, mas esse fim não corresponderá a uma recomposição, a um recuo, a um refluxo. A volta da democracia, no Brasil, não será a

> volta ao quadro anterior a abril de 1964. Essa volta se fará em nível político muito diferente do daquela época. Porque mais alto, mais avançado. A experiência de 1964 e do processo então iniciado não será perdida. Está inserida no processo histórico brasileiro. Condicionará esse processo. (SODRÉ, 1994, p. 10).

A visão teleobjetivada do autor foi que o fez apostar na limitação do fôlego da ditadura no país. Afinal, para ele, os acontecimentos históricos estariam relacionados com a expectativa do devir progressivo do socialismo. Sodré acreditava que o governo dos militares era fadado ao fracasso, uma vez que encontraria o socialismo em progresso no mundo e o imperialismo recuando em todas as frentes (SODRÉ, 1994, p. 11).

Se, em *A ofensiva reacionária* (1992), o narrador fez amplo uso de conteúdos de jornais da época, em *A fúria de Calibã* (1994) esse uso foi ainda mais intenso. O objetivo, em grande medida, foi denunciar as ações do governo golpista, como os ataques ao ISEB, à União Nacional dos Estudantes - UNE, as cassações de direitos políticos, as prisões arbitrárias, como a que ele próprio sofreu.

Uma diferença substancial entre *A fúria de Calibã* e *Memórias de um soldado*, por exemplo, é que enquanto na primeira os episódios que dizem respeito à tomada do poder pelos militares e as ações destes são contadas com detalhes tais como a citação de notícias, dos nomes dos envolvidos, tanto das vítimas quanto de seus algozes, o uso de algumas cartas (a censura dificultava); na segunda não, o narrador evitou entrar nos detalhes de nomes, o uso de notícias de jornais e o uso de cartas é muito raro.

A constatação é um tanto óbvia: *Memórias de um soldado* foi publicada em 1967, com o regime militar em voga, já *A fúria de Calibã* em 1994, anos após o seu término. Ou seja, em *A fúria de Calibã*, obra lançada após o fim da Ditadura, o narrador teve autonomia para detalhar os meandros do regime, denunciar e responsabilizar de maneira clara toda a sua estrutura de poder. Já em *Memórias de um soldado*, publicada quando o golpe completava três anos, o autor fez uso de mecanismos narrativos, discutidos adiante de maneira mais detida, como metáforas, analogias, descrição densa de eventos anteriores a 1964, como a ditadura varguista, e a correlação com o presente.

Se, afirmando preteritamente, a infâmia é um dos fios condutores da narrativa, um conjunto de valores éticos também são presentes guiando o fluxo do que é contado: honestidade pessoal, indignação e rebeldia ante as injustiças sociais, a valorização da dignidade humana. Essas memórias, em particular, mais do que narrar fatos relacionados ao autor ou à época em que viveu, tecem profundas análises sociais do regime militar, os

seus discursos ideológicos, a cultura do medo implantada pela perseguição, pela afronta, pela tortura, pela delação. Houve uma grande atenção do narrador para os episódios que contam as maneiras como a intelectualidade foi acossada, encurralada, sufocada em enormes angústias pessoais e coletivas.

Um ótimo exemplo disso são os Inquéritos Policias Militares, os temíveis IPMs. Há vários cabíveis de citação, mas alguns são emblemáticos, como os do ISEB, o da imprensa comunista e o da História Nova. Esse último teve como atribuição investigar a coleção de livros didáticos organizada sob a direção de Sodré e em colaboração com seus alunos: Pedro de Alcântara Figueira, Maurício Martins de Melo e Joel Rufino dos Santos, que foram presos e torturados; já Rubem César Fernandes e Pedro Celso Uchoa Cavalcanti Neto refugiaram-se no exílio.

Se por um lado havia a perseguição, a tortura, o desespero, entre tantas outras vicissitudes, por outro havia a resistência. Sendo essa, conforme o título da obra sugestiona, o pano de fundo da narrativa. Por conseguinte, o narrador contou, não somente os ataques que a intelectualidade e a democracia sofreram no período, mas também as maneiras encontradas de resistir. Uma delas foi a criação da *Revista Civilização Brasileira*. Uma publicação com duração de quatro anos, de meados de 1964 até a decretação do AI-5 em dezembro de 1968. Ênio Silveira, à frente da editora homônima dessa revista, foi o criador e articulador do periódico. Com uma atuação impressionante, ele serviu como um dos polos aglutinadores da resistência dos intelectuais.

A narrativa dedicou enorme espaço às ações criminosas dos militares no poder contra tudo o que fosse ligado à produção intelectual, ao pensamento, à criação artística. O narrador desnudou como, de uma maneira geral, havia verdadeiro ódio dos que estavam no poder à cultura nacional, um ódio que, na verdade escondia um medo enorme: a emancipação da sociedade por meio do conhecimento e da desalienação.

Com o intuito de ilustrar, pode-se recorrer, outra vez, ao IPM da História Nova. O narrador recorreu às dezenas de páginas para contar em detalhes os métodos da ofensiva publicitária: artigos em jornais martelavam duramente a coleção; programas televisivos e revistas também desfechavam ataques. Como citado anteriormente, o IHGB produziu um parecer contrário à *História Nova*; somado a esse, teria o que foi produzido pelo Estado-Maior do Exército e ainda o da Comissão Nacional do Livro.

Se de um lado havia a perseguição à coleção antes mesmo do fatídico 31 de março de 1964, o narrador, inclusive afirma que a campanha contra a História Nova foi peça

ideológica da publicidade preparatória do Golpe, por outro, o autor encontrou apoio entre editores, periódicos progressistas ou de oposição, nos círculos intelectuais. Alguns jornais denunciaram a campanha difamatória, Sodré concedeu entrevistas para esclarecer a campanha orquestrada contra ele e seus companheiros coautores, a própria Justiça emitiu parecer favorável à coleção. Fosse pela campanha difamatória, fosse pela defesa da *História Nova*, um fato não mudou: houve grande exposição midiática e isso contribuiu para o sucesso de vendas da coleção.

Na reta final do livro o autor fez um balanço da sua produção. Em 1970 foi lançada a 6ª edição de *Formação Histórica do Brasil*, no mesmo ano, foram publicados dois novos livros: *Síntese de História da Cultura Brasileira* e *Memórias de um escritor*. Além desses livros, dois ensaios foram escritos, o primeiro, enviado para a *Revista de Economia*, de Buenos Aires, intitulado como "O imperialismo no Brasil"; o segundo, "As Forças Armadas e o Golpe de 1964", encomendado pelo brasilianista Henry Keith. No geral, em razão da censura e das perseguições, a crítica manteve-se silenciosa sobre a produção de Sodré no período, com exceção de *Memórias e um soldado*, que recebeu um pouco mais de atenção, as outras publicações no máximo foram elencadas pelos periódicos nas colunas que listavam os lançamentos.

O narrador valeu-se do espaço final da obra para relacionar as trocas de cartas entre Sodré e seus colaboradores da coleção *História Nova* que estavam exilados. O clima pesado de tristeza, imperava. Mas havia também a camaradagem, a empatia, o zelo dos e pelos amigos. Apesar de toda censura, Sodré obteve sucesso na vendagem de livros nesse período. Sucesso esse, relativizado pelo narrador, já que a maior parte da renda extra do autor vinha da contribuição com revistas e jornais, algo que no Brasil estava praticamente impossível de ocorrer em razão da censura. Assim, Sodré seguiu com as palestras, lançamento de obras ou reedições, com a publicação de trabalhos sob pseudônimos, como os que faziam a uma revista nacional de economia que ele não citou qual seria.

O fecho do livro foi uma análise teleológica e otimista da história nacional:

> Estou certo de que o Brasil voltará a conhecer a liberdade, sempre relativa, naturalmente. Já passamos por fases semelhantes e delas conseguimos emergir, e dando um passo à frente, quando menos. As fases de atraso político não são mais que pausas, no infinito processo de avanço que, no conjunto, a História assinala. (SODRÉ, 1994, p. 314)

1.3 Um projeto memorialístico

Conforme fora antecipado, Sodré tinha um projeto memorialístico em andamento e isso fica evidente quando afirmou ao final de *Memórias de um soldado* que:

> Meu esforço foi exercido, desde logo, no magistério, como professor do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB). A história desse centro de estudos e pesquisas será contada em outra parte de minhas reminiscências – as *Memórias de um Escritor* – mas é preciso, referir, aqui, o que ficou ainda ligado ao meu passado militar. (SODRÉ, 1967, p. 561).

Nessa passagem, Sodré menciona *Memórias de um escritor* que seria lançada três anos depois. Isso aponta para um projeto de escrita de memórias. Esse sinal é confirmado quando o narrador, mais uma vez tocando no assunto do ISEB, afirmou não ser do seu interesse aprofundar-se sobre tal aspecto da sua vida naquela narrativa que contava sua carreira militar, uma vez que retornaria ao tema em *Memórias de um escritor* e em outras memórias, "cujos títulos prefiro omitir agora" (SODRÉ, 1967, p. 624).

Um olhar externo talvez conduzisse a uma leitura hipotética na qual destaca-se os pontos a seguir. Primeiro, as ações de lançamento ou não seriam parte de uma estratégia do autor para criar no público uma expectativa quanto aos volumes inéditos. Se fosse esse o caso, por que mencionar *Memórias de um escritor*, título que realmente foi lançado pouco depois e não confirmar os títulos dos demais volumes? Provisoriamente, poder-se-ia argumentar que o memorialista desejava criar o mínimo de atrito possível com os militares na medida em que denunciava os desmandos do governo. Assim como não mencionou nominalmente os colaboradores que estiveram ao seu lado durante as perseguições sofridas durante o regime militar, o autor seguiu a mesma linha cautelosa quanto a não deixar público quais seriam os volumes subsequentes da sua trama memorialística. Afinal, títulos como *A ofensiva reacionária* e *A fúria de Calibã: memórias do golpe de 64*, com certeza atrairiam a atenção e provocariam mais represálias por parte dos militares.

A primeira hipótese, portanto, é de certa forma a mais óbvia: se Sodré foi perseguido durante a Ditadura Civil-Militar, lançar livros de memórias em que narrava os desmandos desse regime era uma temeridade a ser realizada de forma calculada, como o foi com *Memórias de um soldado* e *Memórias de um escritor.* A segunda hipótese sobre

a escolha de quando lançar os livros de memórias é complementar à primeira. Ou seja, pensa-se que Sodré vislumbrou no pós-ditadura um mercado e um público leitor muitíssimo interessado em compreender os acontecimentos do regime de exceção.

Por essa via, as memórias de Sodré poderiam encontrar fértil recepção. Estratégia de vendas? Estratégia de alcance? Quem sabe? Mais provável que ele queria mesmo era dar testemunho público do que vivenciara com o maior alcance possível, independentemente de ganhos financeiros. O que possibilita pensar essa tática sob o viés da performance[35]: a encenação na escrita de si para uma plateia, o público leitor e, com isso, dado conta de maximizar os efeitos advindos daquilo que identificamos como sendo um dever de memória.

O próprio autor encarregou-se de lançar luz sobre os impasses que envolviam o lançamento ou não de seus livros de memórias em *A fúria de Calibã*: "O ano de 1971 estava se aproximando do fim. Há meses eu fizera a entrega à Civilização Brasileira dos originais do segundo volumes dessas memórias." (SODRÉ, 1994, p. 312). O narrador passou, então, a explicar como as dificuldades financeiras da editora, somadas ao cenário político da ditadura foram preponderantes para o adiamento dos lançamentos dos demais volumes de suas memórias.

Ora, se publicar suas memórias com o regime em andamento estava fora de cogitação, o que teria motivado Sodré a continuar escrevendo sobre a sua trajetória, o que, fatalmente, o levaria a tecer críticas aos militares no decorrer da narrativa? Eis a resposta do autor com um misto de justificativa e profecia: "Porque era preciso. Porque era de meu dever. Claro que algum dia viveremos em outro clima. Este livro será publicado, na íntegra." (SODRÉ, 1994, p. 312).

Insiste-se, aqui, na ideia de um projeto de escrever memórias e isso fica evidente com o subtítulo de *Memórias de um escritor: Volume I – Formação*, como já sinalizado, após a folha de rosto há uma listagem de obras de autoria de Nelson Werneck Sodré e, ao fim, uma seção dedicada a "A aparecer", em que figura os premeditados títulos: *Memórias de um escritor: maturidade*, que seria o volume II, e, *Memórias de um escritor: experiência*, o terceiro volume da tríade.[36] Como já visto, nesse tomo inicial,

[35] No capítulo 3, a questão da performance será abordada de maneira mais detida.

[36] José Paulo Netto, na apresentação à segunda edição de *O naturalismo no Brasil*, de Sodré, lançado pela editora Oficina de Livros em 1992, afirmou em nota de rodapé que Nelson Werneck Sodré teria publicado somente o volume I das *Memórias de um escritor* (NETTO, 1992, p. 8). É evidente que Netto confunde-se em virtude de que os dois volumes seguintes e complementares da trinca de *Memórias de um escritor* não foram formalmente designados com o indicativo "volume II" e "volume III". Apesar de que uma

a narrativa circunscreve-se à vida do personagem desde as primeiras leituras até o fim do Estado Novo de Vargas em 1945. Nesse sentido, pode-se aventar a hipótese de planejamento de Sodré de que os dois volumes restantes seriam construídos em um plano narrativo em que a vida do memorialista seria subdividida em mais dois estratos temporais: volume II, de 1945 a 1964 e volume III, de 1964 em diante.

O referido planejamento concretizou-se, no entanto, com temporalidades distintas da que se poderia, eventualmente, pensar alguém vendo de fora. Afinal, *A luta pela cultura* (1990), cobre o período de 1945 até 1958; *A ofensiva reacionária* (1992) continua de onde parou a anterior e vai até os preparativos da tomada do poder pelos militares e, por último, *A fúria de Calibã* (1994), que não é uma continuação das *Memórias de um escritor*, mas, segue a linha temporal e aborda de 1964 até o momento em que Sodré finaliza suas memórias no início de 1972.

2. A construção do indivíduo por meio da narrativa, a noção de dever de memória e os seus usos políticos na escrita de Nelson Werneck Sodré

Todas as pessoas possuem uma história de vida para contar. Afinal, como afirmou Ana Miranda, romancista brasileira, "A vida de qualquer pessoa dá uma biografia" (MIRANDA *apud* MORAIS, 1995, p. 113). Desde o seu surgimento na Grécia Antiga, esse gênero de escrita nunca deixou de ter um público leitor, todavia, no Brasil, desde os anos 1990 cresceu de maneira impressionante a oferta de escritas de si e do outro como biografias, autobiografias, autoficção, memórias, diários, seleção de cartas, fotobiografias, entre outros.

A questão é: o que pode ser tão atraente em uma narrativa sobre a trajetória de um indivíduo? (Auto)conhecimento? Pesquisa acadêmica? Busca de si mesmo no outro? Ou um voyerismo incansável de perscrutar aspectos da vivência íntima, da carreira, da família, de possíveis segredos guardados a sete chaves?

Pode-se afirmar que existiria uma espécie de anseio comparativo em um leitor que mergulha nas páginas sobre uma vida alheia à procura de elos e, também, de afastamentos entre o personagem retratado e sua própria existência. Haveria uma pulsante busca de si mesmo no outro e, para isso, se elaboraria toda uma teia de elementos confrontativos na

leitura mais cuidadosa mostraria que nos textos de orelha, tanto de *A luta pela cultura*, quanto no de *A ofensiva reacionária*, Ênio Silveira, editor, declara serem, respectivamente, os volumes II e III de as *Memórias de um escritor*.

qual ao menos dois lados seriam formados e se entrelaçariam: o das semelhanças e o das diferenças. Por vezes, cria-se uma dimensão, opaca, diáfana, em que as certezas ficam enevoadas pelo fluxo constante do ir e vir entre a vivência própria e a do protagonista cuja vida o leitor adentra por entre as linhas escritas, entre o dito e o não dito, entre o lembrado e o esquecido.

O leitor acredita tornar-se íntimo da personagem cuja vida é narrada. Assim, ao comparar os erros e acertos, pontos positivos e negativos, altos e baixos, conquistas e derrotas do personagem com sua própria vida, o leitor acredita ser cúmplice de uma jornada e pode considerar a relatividade das distâncias e aproximações entre si mesmo e o outro.

O término da leitura, que muitas vezes é também o fecho de uma existência, provoca em quem absorveu a narrativa, algo como uma nostalgia sobre a própria caminhada na vida. As buscas de si no outro conduzem o olhar para dentro e ao redor, para as escolhas, o que fora considerado acertado ou errôneo, os projetos, realizados ou não, o tempo passado e o tempo que ainda resta. Em uma versão poética Fernando Pessoa alerta: "O perene é um desejo e a eterna ilusão; Tudo quanto vive, vive porque muda; Muda porque passa, e porque passa morre. Tudo quanto vive perpetuamente se torna outra coisa, constantemente se nega, se furta à vida" (PESSOA, 2006, p. 33).

Os relatos em primeira pessoa são o resultado de memórias e esquecimentos de âmbito coletivo, individual e social. O narrador-personagem que habita tais narrativas é percebido como um agente histórico e socialmente localizado, com ligações e atuações ao longo de sua trajetória que são objetivadas ao serem transpostas para a trama escrita.[37]

A escrita do passado sob o viés de uma autobiografia é uma busca de reconstrução do que se foi a partir de demandas do presente do autobiógrafo. Sendo assim, nas situações em que narrador, personagem e o autor identificado na capa do livro são a mesma pessoa, caracterizam a expressão literária da autobiografia, gênero que se inscreve como escrita de si, com discursos construídos na primeira pessoa do singular e uma linha narrativa teleobjetivada.

[37] A palavra "biografia" só foi utilizada pela primeira vez no século V d. C. e "autobiografia" apenas no final do século XVIII. Assim, é possível traçar um panorama que acompanha o nascimento e o desenvolvimento de uma tradição (auto)biográfica desde a Antiguidade com os escritos de Sêneca até as Confissões de Rousseau, passando pelo estoicismo de Marco Aurélio e as Confissões de Santo Agostinho, sendo que esses escritos possuem em comum as características de discurso construído na primeira pessoa. Não consta nos objetivos apresentar um estudo da trajetória do gênero (auto)biográfico, para tanto, pode-se conferir, entre outros, Gusdor (1980) e Starobinski (1991).

Nessa segunda etapa do capítulo, busca-se atingir dois objetivos principais: em um primeiro momento, pensar a questão da formação do sujeito a partir da noção de identidade narrativa; em seguida, dedica-se às relações entre o exercício político que o narrador faz da escrita de si de Werneck Sodré com um dever de memória e as demandas do presente em que o autobiógrafo compõe as suas narrativas.

2.1 A questão da identidade narrativa

Não faltam interpretações para aquilo que é considerado um "retorno" das (auto)biografias: a crise do marxismo, a libertação de uma história quantitativa e serial que havia subjugado a história factual, ou seja, a evolução da historiografia francesa, o desenvolvimento do diário e da autobiografia, o crescimento de um público leitor erudito, ou não, sedento por narrativas (auto)biográficas, ou ainda, o apelo ao *voyeurismo*.

Todavia, a confluência da reflexão historiográfica e o gosto do público pela (auto)biografia operou-se em virtude de um fator mais determinante: a renovação do individualismo (LEVILLAIN, 2003). Ao longo da história, as narrativas autobiográficas traçaram um caminho próprio. Elas mostraram-se quase alheias quanto à forma como foram vistas e concebidas por diferentes grupos de pensadores; fossem filósofos, teóricos da linguagem e da literatura, escritores, historiadores. Se por um lado, é impossível negar a importância da autobiografia na escrita ocidental, por outro, ela é alvo constante de discussões, como exemplo, quanto a ser considerada um gênero literário. Sendo assim, é comum as escritas de si não alcançarem o mesmo *status* de outros gêneros dentro da Literatura em função de um estigma: sua constituição híbrida, misto de história e de ficção.

Propõe-se compreender o gênero autobiográfico como um tipo de composição em sua dimensão de narrativa, em sua abertura para que um determinado indivíduo questione a sua existência e sobre ela teça avaliações por meio da escrita. Neste sentido, importa, como o quer Ricoeur (1991), distinguir a identidade narrativa elaborada como autobiografia, para, então, problematizar e interpretar a elaboração de um *eu* e um *si mesmo* que Nelson Werneck Sodré fez em sua obra memorialística.

Quando Lejeune (2008) realizou o seu trabalho, tinha como objetivo marcar as teorizações sobre o estudo das *narrativas do eu* a começar por uma definição do que é autobiografia: "Narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria

existência, quando focaliza especialmente sua história individual, em particular a história de sua personalidade" (LEJEUNE, 2008, p. 14). Esse autor provocou debates entre aqueles que se dedicam ao estudo das escritas de si. A ponto de, concordando ou discordando, em parte ou no todo com as suas proposições no tocante à escrita autobiográfica, tratar-se de uma referência obrigatória quando para quem discute o tema.

A ênfase da definição de Lejeune (2008) repousa na autorreferencialidade, ou seja, é preciso que fale de si de maneira intencional. O uso do critério *falar de si* indica a posição de Lejeune (2008) ao lado da concepção teórica que entende ser esse *eu* algo íntegro no sentido de unidade. Portanto, a ideia de autor é vista sob a ótica da noção tradicional de uma entidade responsável pelo texto e proprietária do que se escreve sob a insígnia do nome próprio.

É justamente esse nome próprio o elo responsável pelo *pacto autobiográfico*: mesmo que o autor conte sobre fatos recuados no tempo, ainda que indique a formação da sua identidade como uma série de transformações, é o nome próprio que possibilita firmar a unidade do autor-narrador-personagem:

> Uma identidade existe ou não existe. Não há gradação possível e toda e qualquer dúvida leva a uma conclusão negativa. [...] Para que haja autobiografia (e, numa perspectiva mais geral, literatura íntima) é preciso que haja relação de identidade entre o autor, o narrador e o personagem (LEJEUNE, 2014, p. 18, grifos do autor).

Essa identidade entre autor-narrador-personagem vista como uma integração é a chave teórica para Lejeune (2008) diferenciar a autobiografia dos demais gêneros, ficcionais ou não. Portanto, não seria possível, sob esse viés, dissociar a trindade narrativa autor-narrador-personagem na caracterização de uma escrita autobiográfica.

O conceito de identidade narrativa remete à uma antiga discussão entre os gregos, como Parmênides, retomado por Heidegger (1996, p. 173) em *Identidade e diferença*, em que o filósofo afirmou: "O princípio da identidade soa, conforme uma fórmula corrente: A = A. O princípio vale como a suprema lei do pensamento". Heidegger não se sente à vontade com a rigidez do princípio de igualdade. Abre-se, portanto, brechas para indagar: seria essa igualdade uma fidelidade a um si mesmo engessado em uma forma e inalterado ao longo do tempo? Heidegger responde:

> Que diz a fórmula A = A, em que ordinariamente se apresenta o princípio da identidade? A fórmula designa a igualdade de A e A. De uma equação fazem parte ao menos dois elementos. Um A se assemelha a um outro. Quer o princípio da identidade expressar tal coisa? Manifestamente não. (HEIDEGGER, 1996, p. 173).

O que seria, então, essa igualdade? Uma vez que é nela que se baseia o princípio de identidade, é mister que algum elemento venha a ser reconhecível no ser. Nesse sentido, apesar de reconhecer a importância da ideia de igualdade, Heidegger relativizava o conceito apontando que

> A fórmula mais adequada para o princípio da identidade A é A não diz apenas: A é ele mesmo o mesmo; ela diz antes: consigo mesmo é cada A ele mesmo o mesmo. Em cada identidade reside a relação "com", portanto, uma mediação, uma ligação, uma síntese: a união numa unidade. Por isso a identidade aparece, através da história do pensamento ocidental, com o caráter de unidade. Mas nesta unidade não há absolutamente o insípido vazio daquilo que, em si mesmo desprovido de relações, persiste na monótona uniformidade. (HEIDEGGER, 1996, p. 174).

Lejeune (2008) não só não cita Heidegger, como também parece estar muito mais interessado na concepção de identidade estabelecida pelo pensamento cartesiano. Lejeune entendeu que há uma unidade contínua que se estende entre o eu narrado e que se manifesta na forma de autor. Sob o signo da autoria repousaria a autoridade da voz que fala de si e afirma ser ela, para si, a mesma, embora a autobiografia seja a narrativa de uma personagem que conta ao leitor as mudanças sofridas ao longo do tempo.[38]

Arfuch (2010) problematiza as concepções de Lejeune (2008) da seguinte maneira:

> Quão "real" será a pessoa do autobiógrafo em seu texto? Até que ponto pode-se falar de "identidade" entre autor, narrador e personagem? [...] como delimitar, em um relato "retrospectivo", centrado na "própria história", essa disjunção constitutiva que uma vida supõe? Qual seria o momento de captura da "identidade"? (ARFUCH, 2010, p. 53, grifos da autora).

A autora considera que a autobiografia permite ir além da captura do leitor em sua rede de veridicidade, ela permitiria ao autobiógrafo confrontar de maneira rememorativa

[38] Sobre a discussão sobre a questão da autoria, ver: Chartier (2012); Foucault (2000).

o que ele foi e o que "chegou a ser" (ARFUCH, 2010, p. 54-55). Esse posicionamento encontra eco em Ricoeur (1991) quando este autor reflete sobre a identidade narrativa e a construção imaginária do "si mesmo como outro".

A fim de dar conta desse questionamento, Arfuch baseou-se no conceito de espaço biográfico, que pode ser entendido como:

> confluência de várias formas, gêneros e horizontes de expectativa [...] Permite a consideração das respectivas especificidades sem perder de vista a sua dimensão relacional, sua interatividade temática e pragmática, seus usos em vários campos da comunicação e ação. (ARFUCH, 2010, p. 49)

Pensar a configuração do *eu* no interior de um espaço (auto)biográfico acarreta assumir que a subjetividade é uma entidade firmada em um primado dialógico constituída no/pelo olhar do *outro* (RICOEUR, 1991; ARFUCH, 2010).

Em contraposição às teses defendidas por Lejeune (2008) a respeito da autobiografia, Arfuch (2010) valorizou em suas discussões as teorizações de Mikhail Bakhtin, segundo o qual, não existe identidade possível entre autor e personagem, mesmo na autobiografia. Porque não existe coincidência entre a experiência vivencial e a "totalidade artística". Além disso, haveria um estranhamento entre o enunciador e a própria história, semelhante ao que ocorre entre o biógrafo e o personagem biografado.

O autor de uma escrita de si entra por um caminho que o leva a extralocalizar-se (BAKHTIN, 1992). Ou seja, opera-se um distanciamento do seu *eu* atual a partir da imersão no espaço da memória com o intuito de levar à superfície as vivências de outrora. O processo autoimposto de escrever sobre si mesmo expõe o autor a uma dimensão nova em que o fluxo temporal parte do presente para o passado e de volta para o presente. Esse ir e vir constante, cheio de espirais ascendentes e descendentes converge em uma trama narrativa em que o *eu* e o vivido são constantemente ressignificados. Nesse sentido, as experiências contadas sofrem mutações advindas da formatação distinta entre o *eu* que escreve e o *eu* que as vivenciou.

Por esse caminho, o autor que reconstitui sua vida numa trama escrita sob o imperativo da memória, é a primeira entidade a ser acionada. No momento em que as memórias passam para o plano escrito, aciona-se a segunda instância: o narrador. O texto e o leitor são guiados pelo narrador na medida em que este dita o ritmo da enunciação. O personagem é a terceira forma de consciência e a responsável por dar corpo à narrativa.

Essa última entidade fornece a matéria prima com a qual o texto se alimenta. O elo entre as três instâncias é um fio dialógico propiciado pela extralocalização do *eu* que confere um aparato de organicidade na construção da identidade narrativa.

É possível perceber o referido estranhamento entre o *eu* que escreve o relato e o *eu* narrado no memorialismo de Sodré em passagens nas quais o narrador conta episódios da vida do personagem e toma o cuidado de afirmar que, com a passagem dos anos, se a mesma situação se apresentasse o *eu* cujas ações ali são narradas tomaria, certamente, outras decisões. Trata-se de um indício de como é problemática e complexa a ideia de coincidência entre o *eu* narrado e o *eu* do presente em que se escreve.

Arfuch (2010) sustenta, como apontamos, que uma possível saída para o dilema da unicidade e coincidência entre autor e narrador, seria a ideia de "valor biográfico" desenvolvida por Bakhtin. O valor biográfico ocupa uma dupla dimensão: heroico ou cotidiano, baseado no desejo de transcendência ou no amor aos próximos; além disso, o valor biográfico impõe ordem à vida, à fragmentação do vivido e da identidade: "Não se tratará então de adequação, da 'reprodução' de um passado, da captação 'fiel' de acontecimentos ou vivências nem as transformações 'na vida' sofridas pelo personagem em questão, mesmo quando ambos – autor e personagem – compartilharem o mesmo contexto" (ARFUCH, 2010, p. 55, grifos da autora).

A ideia de valor biográfico seria um aliado valioso nas estratégias de autorrepresentação, ou seja, não tanto a "verdade" do ocorrido, mas a sua construção narrativa, o vaivém da lembrança, os pontos de vista, os esquecimentos, propositais ou não, esse caminho da narração, que confere significância à literatura autobiográfica.

Ao debruçar-se sobre a questão da narrativa é imprescindível entendê-la como uma construção, como uma elaboração de intriga (RICOEUR, 1995). A existência narrada deve, por sua vez, conferir um sentido às idas e vindas, fluxos e refluxos característicos de uma vida. Espera-se que o narrador aponte ao leitor uma direção que se configura à medida em que o autor trama sua vida como relato, fazendo-a compreensível ao outro.[39] A autobiografia surge, assim, como essa intenção de, ao narrar uma vida, provocar reflexões sobre ela.

[39] A noção de intriga é trazida por Ricoeur (1995) desde o *muthos* trágico para designar o que o autor denomina de configuração da narrativa: "O tecer da intriga foi definido, no plano mais formal, como um dinamismo integrador, que tira uma história una e completa de um diverso de incidentes, ou seja, transforma esse diverso em uma história una e completa. Essa definição formal abre o campo para transformações organizadas que merecem serem chamadas intrigas desde que nelas possam ser

O conceito de *si*, o sujeito como resultado de uma ação em via de mão dupla do *si-mesmo* sobre o outro, de Paul Ricoeur (1991) permite pensar a questão da autobiografia como tentativa de exprimir por meio de um discurso narrativo as mudanças e permanências do sujeito biografado ao longo de seu tempo de vida. A ideia de identidade narrativa proposta pelo autor teria como intuito apreender o sujeito em meio à mudança, desnaturalizando a ideia de imutabilidade da vida. Dessa forma,

> O sujeito, mostra-se então, constituído ao mesmo tempo como leitor e escritor de sua própria vida. Como a análise literária sobre a autobiografia verifica, a história de uma vida não cessa de ser refigurada por todas as histórias verídicas ou fictícias que um sujeito conta sobre si mesmo. Essa refiguração faz da própria vida um tecido de histórias narradas. […] A identidade narrativa não é uma identidade estável e sem falhas; assim como é possível compor várias intrigas acerca dos mesmos incidentes (os quais, com isso, já não merecem ser chamados de os mesmos acontecimentos), assim também sempre é possível tramar sobre sua própria vida intrigas diferentes ou até opostas. (RICOEUR, 1997, p. 425, 428)

Em *O si-mesmo como um outro*, Ricoeur (1991) aprofundou a questão da identidade narrativa. O conceito de identidade é pensado como uma categoria da prática, e, portanto, ética. Ricoeur, inspirado nas proposições de Hannah Arendt, substitui a questão do *o quê* pela questão do *quem*: *quem fez isto ou aquilo?* Isto leva a outra pergunta: como considerar um *sujeito de ação* como o *um em si* ao longo do tempo? Uma resposta possível seria por meio do uso da narrativa: "A identidade do *quem* é apenas, portanto, uma identidade narrativa" (RICOEUR, 1997, p. 425, grifo do autor).

O indivíduo moderno, que surge "Quando os modelos de ordem política ou religiosa deixaram de se afirmar com exclusividade" (LIMA, 1986, p. 300), assume posição discursiva em que o *eu* é figura contrastante quanto ao seu meio, atravessado pelo autoestranhamento exemplificado na famosa expressão de Rimbaud: "Je est um autre". Quem é esse eu e quem é(são) esse(s) outro(s)?

O conceito de identidade narrativa pode ser um caminho para buscar entender quem é(são) esse(s) outro(s). Para tanto, faz-se necessário levar em consideração a problematização das noções de *mesmidade* e *ipseidade*. A identidade como *mesmidade* possui, para Ricoeur, quatro sentidos basilares: a forma quantitativa, a ideia de similitude,

---

discernidas totalidades temporais a operar uma síntese do heterogêneo entre circunstâncias, objetivos, meios, interações, resultados desejados ou não" (RICOEUR, 1995, p. 16).

a ideia de continuidade e, por fim, a permanência no tempo. A questão da identidade precisa considerar a "articulação da dimensão temporal da existência humana" (RICOEUR, 1991, p. 146.), ou seja, levar em conta o contexto histórico no qual está inserido o sujeito ético da ação, da linguagem e da narração.

Por esse viés, a escrita de si é uma arquitetura textual em que a ideia de um *eu* está intimamente ligada à historicidade do indivíduo. Segundo Bakhtin (1992), essa forma de escrita situa-se na fronteira entre a expressão do *eu* (o autor) e a do personagem (o herói). O exercício de narrar a própria vida confere a quem o faz uma forma de construir uma identidade, uma consciência de estar no mundo.

Ricoeur (1991) apropriou-se do conceito de "enredo" – trama, tessitura na qual a história de uma vida está marcada por eventos diferentes e constantes – formulado por Aristóteles e lhe acrescentou sua concepção, ou seja, articular uma conexão entre duas situações paradoxais, conciliar em um mesmo ritmo, balizada por um começo, um meio e um fim os episódios que são elementos do caos e da imprevisibilidade da vida.

Como resultado da dialética entre discordância e concordância, é revelada a lógica, necessariamente, ética, pois se subentende uma ação, da narração, concebendo os indivíduos como agentes históricos:

> Partilha do regime da identidade dinâmica própria da história narrada. A narrativa constrói a identidade da personagem, que se pode chamar de sua identidade narrativa, construindo a da história narrada. É a identidade da história que constitui a unidade da personagem. (RICOEUR, 1991, p. 176).

A *narrativa* dos acontecimentos, e, portanto, do(s) indivíduo(s), estabelece uma relação dialética das identidades *idem* e *ipse*: de um lado está o caráter, representado pela *mesmidade* (*idem*), a estabilidade, constância, a imutabilidade; de outro, a *ipseidade* (*ipse*) como liberdade para a continuidade do *si*, ou aquilo que Ricoeur (1991) chamou de *(con)fiança* ou *fidelidade a si*, inovação, imprevisibilidade, decisão ética.

O ponto central da identidade narrativa é a articulação entre o caráter (*mesmidade*) e a livre manutenção de si (*ipseidade*). A identidade é formada a partir da narrativa de sua própria história, assim é que constitui-se a identidade do *eu*. Existe uma articulação entre história, narrativa e o *si-mesmo como um outro*, ou seja, o indivíduo compreende-se como pessoa por meio de uma narrativa de sua história. Portanto, o *si* é formado como agente e paciente por meio da narrativa.

No centro do pensamento sobre a identidade está a noção de *atestação*: a impossibilidade de encontrar a própria identidade, ou a de outro indivíduo, em outro ou em si-mesmo. A atestação é justamente o momento de crença, a *(con)fiança* que o *ser-si* percorre para descobrir sua origem comprovatória, mas sempre como horizonte de expectativa (DOSSE, 2009).

A distinção entre *mesmidade* e *ipseidade* proposta por Ricoeur pode ser uma porta de escape às incertezas que permeiam o gênero autobiográfico e ainda, a fim de problematizar os chamados obstáculos inerentes à prática do biografismo: uma narrativa teleobjetivada, linear, rigidamente cronológica, ou ainda, a *ilusão biográfica* apontada por Bourdieu (1996), as relações entre indivíduo e sociedade, o hibridismo (que nada mais é que uma narrativa tocada pelos recursos historiográficos e pela ficção) etc.

A ideia de um sujeito que se constrói como tal por meio da narrativa, seja ela da ordem que for, é uma possibilidade de refletir sobre as escritas de si como uma forma que determinado indivíduo encontrou para dar sentido à vida. Uma maneira de atribuir significado, conceber uma lógica ao entrecruzamento constante da própria trajetória com percursos alheios ou não ao seu próprio, ao imponderável do cotidiano, aos fluxos e refluxos da memória.

Conforme narra a própria vida, o indivíduo se constituiria nesse jogo constante da *mesmidade* e da *ipseidade* discorridas por Ricoeur (1991). Em linhas gerais, a tônica presente em um escrito autobiográfico seria algo do tipo: o que sou hoje que não era ontem e o que eu era ontem que não sou hoje; quais são as permanências e em quais níveis elas se fazem presentes? Pode ser que tais questionamentos não se materializem de forma transparente ou explícita no texto, mas formam a base da identidade narrativa nos moldes pensados por Ricouer (1991).

Nelson Werneck Sodré compôs uma narrativa memorialística que buscou abranger variados aspectos da sua profícua carreira: militar, historiador, escritor, jornalista, professor, crítico literário, editor. A tarefa desta pesquisa é refletir sobre aspectos do trabalho do autor na elaboração do texto, em outras palavras, o *como* é narrado. Daí a importância da discussão de noções, como as de Ricoeur (1991), sobre o sujeito que se constitui a partir de uma identidade narrativa.

A autobiografia apoia-se na trindade narrativa autor, narrador e personagem. Assim sendo, haverá sempre a possibilidade de renegociação e reinvenção identitária. O acontecido, os fatos, as experiências, são articulados por meio de uma voz que seria a

transcrição de uma grafia, ou seja, a escrita de uma narrativa memorialística, por exemplo. O ato em si de escrever, de narrar, é uma representação, seja da ordem que for, escrita, áudio, audiovisual, imagético, de um passado mimetizado em um presente em que se transcreve.

Assim, pois, é que essa etapa do texto percorre aspectos do universo narrativo werneckano a fim de compreender mudanças na constituição de sua identidade, nas relações que o próprio Sodré teceu entre uma identidade, que pode ser pensada como *ipse*, mas também como *idem* (RICOEUR, 1991, p. 140). Por um lado, *ipse*, uma vez que essa identidade é forjada a partir de rememorações e avaliações do passado, em um meio que se transforma.

Expressa, portanto, uma busca de reatualização ética do passado em meio às lembranças das redes de relações e de como estas interagem com o mundo e com as instâncias sociais. Por outro, expressa uma identidade *idem*, desejosa de uma manutenção de determinados traços do passado, à medida que o autor procurou reforçar, por meio das memórias, suas escolhas políticas, teórico-metodológicas, éticas ao longo de uma vida.

A análise da obra memorialística de Nelson Werneck Sodré abre as portas para uma discussão sobre um determinado conhecimento produzido acerca do passado e sobre qual a memória histórica que se pretende *salvar do esquecimento* e transmiti-la às gerações futuras.[40] Vimos que o autor nasceu no Rio de Janeiro, no começo do século XX, e atravessou um período efervescente, tanto da história mundial como da vida nacional. Em *Memórias de um Escritor*, ele elenca os principais eventos históricos que vivenciou, começando pelo cenário internacional:

> Nasci em 1911; tinha três anos, ao irromper a Primeira Guerra Mundial; seis quando surgiu a Revolução de Outubro; sete, quando terminou a guerra; onze quando o Brasil completou um século de vida independente (sendo, entretanto, tão dependente ainda). Vivi o tempestuoso período entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, com todas as manifestações de renovação econômica, política, social, artística, e também as de desespero, a busca angustiada de originalidade, em arte, e a luta violenta pelo poder; vivi o mundo em que viveram o kaiser Guilherme II, da Alemanha, o imperador Francisco José da Áustria-Hungria, Clemenceau, Poincaré, Chamberlain, Lloyd George, o czar Alexandre III, o presidente Wilson, Sun Yat Sem, Lênin, para chegar à fase em que viveram Hitler, Mussolini, Roosevelt, Stalin. (SODRÉ, 1970, p. 15).

[40] Sobre a questão do esquecimento, ver: POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

Sobre suas experiências no desenrolar da história nacional comenta:

> No Brasil atravessei justamente o tempestuoso período do tenentismo, na agonia da República oligárquica; do Modernismo, em literatura e nas artes; da Revolução de 1930, do movimento de 1932, do levante de 1935, da ditadura do Estado Novo, do putsch de 1938, da Segunda Guerra Mundial e de nossa participação nela; da reconstitucionalização e das lutas políticas subsequentes, com os golpes e tentativas de golpe de 1945, de 1954, de 1955, de 1961, de 1964, da ditadura militar então instaurada. [...] Assisti a grandes transformações por que o Brasil passou neste século; as mudanças têm sido profundas, mal nos damos conta de quão profundas têm sido. E o mundo, então, nem se fala: somos, ao mesmo tempo, em épocas assim, contemporâneos do passado e do futuro. Como assisti a tudo com muita atenção e, no que diz respeito ao Brasil, com muita participação, suponho ter o que contar. (SODRÉ, 1970, p. 15).

Esta participação intensa em um período importante da história brasileira e o desejo de quem tem "o que contar" é um chamariz a fim de debruçar sobre os cinco volumes. A obra memorialística de Sodré justifica o interesse por tratar-se da escrita autobiográfica de um historiador, o que dentro da tradição brasileira caracteriza-se como manifestação rara; o autor, quer pelos méritos quer pelos limites de sua obra, é referência fundamental no pensamento historiográfico brasileiro; os títulos projetam uma distinção de múltiplas identidades, a do intelectual, a do militar, a do militante, a do escritor, a do historiador, a do crítico literário, a do jornalista e cada uma destas facetas aglutinam-se em torno do nome próprio de um indivíduo biológico (BOURDIEU, 1996, p. 186), que, em termos cronológicos, vivenciou e moveu-se durante vários períodos importantes da história do Brasil Republicano, o Modernismo, a Era Vargas, a reconstitucionalização após o fim do Estado Novo, o tenso clima político do período entre 1945 e o golpe civil-militar de 1964 e da Ditadura Civil-militar instaurada, durante a qual inclusive o autor sofre perseguição política.[41]

Como salienta Silva:

> Cada um daqueles escritos memorialísticos é dedicado a trajetos do autor, com ênfase, respectivamente, em formação e carreira como militar e escritor, entrelaçando-as. Os estudos, por sua vez, têm por base

[41] Lejeune (2008, p. 23) afirmou que é "[...] em relação ao nome próprio que devem ser situados os problemas da autobiografia. [...] É nesse nome que se resume toda a existência do que chamamos autor: única marca no texto de uma realidade extratextual indubitável, remetendo a uma pessoa real, que solicita, dessa forma, que lhe seja em última instância, atribuída a responsabilidade da enunciação de todo o texto escrito".

> a presença de intelectuais (jornalistas, ficcionistas, ensaístas, poetas) e militares, principalmente do Exército, na cena pública brasileira, vendo os últimos, também, como intelectuais. [...] Essa mescla explícita entre pensamento histórico e memória pessoal chega a surpreender num autor sempre cioso de racionalidade e com pretensões científicas. Ela evidencia um teor literário em sua escrita, estilo que se desdobrou em projetos interpretativos, também concebidos como ação política. (SILVA, 2012a, p. 1-2).

Nelson Werneck Sodré desenvolveu uma narrativa complexa de subtextos que se somam, se multiplicam, se dividem em um constante movimento. Na medida em que o leitor acompanha o narrador que conta as andanças do protagonista em uma variada topografia de instituições, locais de sociabilidade, de trabalho, de luta política e cultural como o Exército, o Clube Militar do Rio de Janeiro, o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), as rodas literárias como a que havia nos fundos da editora José Olímpio, as redações de jornais e revistas.

Essa constante relação entre o memorialista e o seu meio confirma a máxima de que não há indivíduos sem sociedade e sociedade sem indivíduos. Seguindo essa linha, o indivíduo toma consciência de si ao defrontar-se com o *outro*, ou seja, "Quanto mais te diferencias de mim, mais eu me sinto existir: este seria hoje o aforismo do indivíduo curioso pelos outros" (LEVILLAIN, 2003, p. 173).

Por conseguinte, a relação entre indivíduo e sociedade existe, mas não se trata de uma relação marcada de dualismo. O perigo de pensar indivíduo e sociedade em termos antagônicos seria o risco de assumir uma postura analítica na qual, inevitavelmente, a balança vai pesar ou na direção do indivíduo ou na direção da sociedade.

A abordagem frutífera seria pensar não o falso antagonismo entre indivíduo e sociedade, mas, sim, em *como* ocorre a relação entre o singular e o geral, isto é, a partir da compreensão de que uma sociedade é um conjunto de indivíduos, a análise deveria ter como ponto de partida a indagação *do que* estrutura esse conjunto: o indivíduo não pode ser tomado isoladamente, nem a sociedade pode ser analisada de forma substantiva.

Ao mesmo tempo em que a vida de um indivíduo é o ponto de confluência de eventos e forças sociais, assim também, suas ideias, representações e imaginário convergem para o contexto social ao qual ele pertence. Estabelece-se, então, não o jogo de cabo de guerra que tem em uma extremidade o indivíduo e na outra a sociedade, mas uma lógica de barganhas, de trocas entre o geral e o individual.

Lemos (1997) assevera que a valorização da individualidade não significa necessariamente um olhar que procura explicar o geral a partir do singular. Segundo ele, o estudo de trajetórias individuais pode oferecer um campo de análise de determinadas questões históricas sempre relacionadas com o social.

Como resolver então a difícil questão das relações entre indivíduo e sociedade? Em primeiro lugar, pensar as condicionantes sociais que enlaçam o indivíduo e, também, as características que o singularizam; depois, deve-se pensar em evitar o particularismo e igualmente evitar analisar o próprio sujeito a partir de suas particularidades; uma vez que "não há indivíduo fora de seu tempo, assim como não há sujeito totalmente enjaulado por seu contexto (SCHWARCZ, 2013, p. 71).

As lembranças individuais são parte das pessoas, que por sua vez, estão inseridas em um determinado contexto histórico, social, cultural, sendo que é nesse contexto que elas constroem suas lembranças. A memória individual é elaborada em um regime de alteridade, em meio àquilo que é denominado como memória coletiva, espaço basilar para que o indivíduo construa a sua própria identidade, como pertencente a um determinado grupo social.

Observa-se, portanto, que as relações entre indivíduo e sociedade, fundamental para entender a ideia de identidade narrativa, não são dicotômicas, antagônicas. Pelo contrário, é nas interações sociais que se constitui esse indivíduo. Formando assim, por meio da noção de identidade narrativa, uma interessante compreensão das relações entre indivíduo, sociedade e o contexto histórico: "Nesse caso, a fronteira com que normalmente se distinguem esses campos poderia ser entendida menos como indicador de oposição e diferença e mais como área de negociação e trânsito entre esferas, que no plano do vivido se constituem mutuamente e nunca se dicotomizam" (CARVALHO, 2003, p. 292).

2.1.1. Quadro temático relacional das memórias de Nelson Werneck Sodré

Pensamos que a elaboração de um quadro temático poderá oferecer uma visão orgânica e sistêmica de alguns temas que fazem parte da topografia memorialística werneckana. Anteriormente afirmamos que havia da parte desse autor indicações de que suas memórias comporiam um painel. O seu projeto memorialístico divide a vida em temas: carreira militar em *Memórias de um soldado*, vida literária em *Memórias de um*

escritor, luta política pela cultura e resistência à Ditadura Civil-Militar nos demais volumes, *A Luta pela Cultura*, *A ofensiva reacionária* e *A fúria de Calibã: memórias do golpe de 64*; e ainda, *O fascismo cotidiano*.

A organização temática realizada por Sodré ao escrever suas memórias pode ser pensada à luz da noção do já comentado "valor biográfico", como proposto por Bakhtin e analisado por Arfuch (2010). O valor biográfico manifestou-se na maneira como Sodré circunscreveu em *Memórias de um soldado*, a sua carreira militar; em *Memórias de um escritor*, *A luta pela cultura* e *A ofensiva reacionária*, a sua produção intelectual e por fim, em *A fúria de Calibã* e *O fascismo cotidiano*, o foco em suas vivências durante o Regime Militar e a luta pela cultura nesse período.

Por esse viés, o narrador fragmentou as atuações do memorialista como intelectual, militar, historiador, jornalista, professor, crítico literário, editor, apesar da concomitância no espaço-tempo entre muitas dessas várias ocupações. Essa fragmentação foi orientada por um valor biográfico que assume o papel de organizador das vivências do personagem cuja trajetória é contada.

A seguir, tem-se por meio de tópicos um panorama cujo objetivo é cruzar os temas presentes nas memórias escritas por Nelson Werneck Sodré.[42] Se somar o número de páginas dos livros de cunho memorialístico desse autor tem-se um total de aproximadamente 2.060 páginas (se considerarmos *O fascismo cotidiano*). Assim, adota-se um critério mediante o qual os temas serão pautados na medida em for possível detectar aflorações do *eu* do autor, por meio do seu narrador, ao contar sobre a sua trajetória de vida.

É evidente que um livro de memórias é, por definição, uma manifestação possível de um determinado *eu*. Mas, se na autobiografia esse fenômeno é muito mais abundante, visível e detectável, na escritura memorialística tal já não ocorre. Lejeune (2008) alertou que o teor de *eu* dentro das memórias é muito inferior quando comparadas às autobiografias. Isso porque as memórias versam mais sobre a época do que sobre o protagonista, já nas autobiografias, o núcleo narrativo é uma constante tentativa de entender o *eu* via narrativa, por conseguinte, nem tanto o período em que se viveu.[43] Posto

[42] Não iremos abordar nesse capítulo o livro *O fascismo cotidiano*. Isso porque a obra possui a especificidade de ser uma escrita de si, mas não se trata de uma narrativa memorialística, mas aproxima-se de algo que seria uma espécie de diário escrito por NWS ao longo do ano de 1976. Por essa razão, decidimos nos debruçar sobre essa obra no último capítulo do nosso estudo.

[43] Sobre a questão do eu, da formação do indivíduo narrativo, será tratado a seguir, na segunda parte deste capítulo. Outra questão que consideramos importante destacar seria que em razão das especificidades dos

isso, o passo seguinte será relacionar os temas que aparecem nas memórias de Sodré conforme prospectamos a presença do *eu* do autor via narrador.

Formação

Há duas linhas quanto à formação do personagem cuja vida foi contada nas memórias. Essas duas veredas narrativas não são estanques e nem desvinculadas, pelo menos não naturalmente. Tem-se então que, *Memórias de um soldado* conta a formação militar e *Memórias de um escritor* a da trajetória intelectual. Na primeira, percebe-se todo o processo de entrada, desenvolvimento e estruturação técnica do soldado Sodré, que viria a aposentar-se com a patente de general. Na segunda, acompanha-se o garoto em suas primeiras leituras, desde a formação nos colégios militares, passando pelas primeiras publicações na imprensa, depois os primeiros livros, os demais trabalhos que viriam ao longo dos anos 1930 até meados de 1945, quando o ciclo temporal da narrativa se fecha, para ser reaberto nos volumes subsequentes.

A diferença quanto ao tratamento que o narrador deu no quesito formação nas duas obras citadas diz respeito à ótica com que cada esfera é trabalhada. Se em *Memórias de um soldado* acompanhamos os primeiros passos do personagem em sua carreira militar, em *Memórias de um escritor* o enfoque é nas bases letradas do futuro intelectual. Chama atenção os momentos em que o narrador afirmou que um determinado aspecto da formação será tratado nessa ou naquela obra, conforme a linha narrativa principal adotada em cada uma.

Uma característica importante encontrada nas memórias desse autor, é a elaboração e a costura dos panos de fundo históricos das passagens que contam da sua vida e as relações com o seu meio. Sendo assim, na questão da formação como militar, os eventos que ganharam importância foram aqueles ligados a esse tema: Revolta dos 18 do Forte de Copacabana, a Revolta de 1924 em São Paulo. Já no tocante à formação como escritor, o narrador procurou inserir na trama a Semana de Arte Moderna de 1922, que

conceitos de autobiografia e memória, respectivamente, utilizaremos expressões como escrita de cunho autobiográfico, escrita do universo autobiográfico, literatura autobiográfica para substituir, quando necessário for, o termo autobiografia, em virtude de essa noção contar com uma historicidade, significado, abrangência próprias. O objetivo, é evitar a equivalência entre os conceitos de autobiografia e memória, que apesar de compartilharem algumas características entre si, são expressões, como dito, com suas especificidades próprias.

ocorre no mesmo ano da Revolta do Forte, mas que no caso das *Memórias de um escritor*, por exemplo, tal fato não merece mais do que uma leve menção.

Carreira militar

Memórias de um soldado é o livro que mais procurou relacionar o contexto histórico vivido pelo personagem com a sua trajetória individual. Resultado disso foram as várias passagens em que há manifestações do *eu* do autor. A vida intelectual fora do exército ou em paralelo a ele merece apenas breves comentários e quando tal ocorre, é somente como gatilho para a narrativa debruçar-se novamente na carreira militar. Ao contrário das outras memórias que dividiram a vida do protagonista em blocos temporais em volumes distintos, *Memórias de um soldado* abrange um arco temporal de cerca de 60 anos em único volume.

Um ótimo exemplo de exposição do eu do protagonista foi quando relatou os episódios que envolvem o Clube Militar, assunto minuciosamente trabalhado em *Memórias de um soldado*, com um capítulo todo dedicado a ele (SODRÉ, 1967, p. 295-343). O narrador relatou as eleições para composição da mesa diretora, o papel desempenhado por Sodré nessa conjuntura e posteriormente à frente da diretoria de cultura. A crise provocada pelo antagonismo dos aliados ao capital internacional e os nacionalistas entrincheirados na diretoria do Clube, também foram inseridas nesse contexto.

Não tratou tão somente de contar sobre as cisões entre as fileiras do Exército quanto ao petróleo vir ou não a ser controlado pelo Estado. O narrador usou os fatos para revelar ou permitir que fosse possível observar as ações de Sodré e, com isso, chegar a conclusões sobre suas decisões, motivações e princípios éticos.

A principal consequência foi que, a partir desse momento, Sodré seria tachado de comunista e sua carreira militar entraria na mira de setores conservadores no Exército. Resultado: os elogios, antes numerosos em sua folha de serviços, passaram de um tom caloroso para o mínimo necessário, as promoções de cargo não mais levaram em consideração o desempenho ou critérios técnicos, mas seguiriam, a partir daí, tão somente, o critério de antiguidade.

Sem sombra de dúvidas houve a intenção de chamar a atenção para os problemas nacionais e os atores que de uma forma ou de outra deles participaram e desempenharam

os seus papeis, mas também, e principalmente, as consequências advindas da participação do protagonista nas disputas políticas do período. Percebe-se uma busca em fazer-se justiça, em colocar-se perante o público leitor como quem diz: eis as minhas ações, digam se há em mim mácula que justifique o tratamento que recebi a partir de então.

Redes de sociabilidade

Os volumes que retratam a vida intelectual de Sodré concentram as narrativas que contam sobre as ligações do protagonista com os grupos intelectuais. Essas redes são múltiplas e variadas. Mais do que citar nomes, é válido pensar as funções desse sistema e as maneiras pelas quais aspectos da personalidade do memorialista vêm à tona.

Uma das redes mais importantes era composta por indivíduos e instituições nas mais variadas posições e usabilidades. Por exemplo, algo que no tempo presente é facilmente resolvido com um *e-mail*, uma consulta a um banco de dados na *internet*, uma transferência bancária *on-line*, na época em que o memorialista produziu sua obra estava fora de cogitação.

Era valioso, portanto, ter uma rede na qual os colaboradores estivessem dispostos a trocas de favores tais como postagens nos Correios ou equivalente, de artigos, cartas, bilhetes, pagamentos, livros, materiais para pesquisa, ou ainda, a atualização acerca dos acontecimentos políticos e culturais (SODRÉ, 1970, p. 246; 264-265; 280-281).

Havia também redes de sociabilidade que podemos chamar de presencial, como a do grupo que se reunia nos fundos da editora José Olímpio. A roda literária que ali aglutinava-se contava com nomes ligados à política, à administração, às finanças, ao mundo intelectual e artístico. Não se tratava apenas de um local para trocas de amabilidades, mas de um espaço de fraternidade mesmo, apoio mútuo em momentos de tensão e instabilidade política, como na época do Estado Novo, e as vulnerabilidades a que estavam expostos os indivíduos ligados a produção intelectual, principalmente aqueles que se posicionavam contrariamente à Ditadura de Vargas.

As trocas de cartas foi outra forma de interação social que apareceu com riqueza de detalhes e abundância de exemplos nas narrativas memorialísticas. *Memórias de um escritor*, *A luta pela cultura* e *A ofensiva reacionária* (*A fúria de Calibã* relaciona poucas cartas, provavelmente em função da censura que dificultava as trocas entre os intelectuais)

concentraram maciçamente as passagens em que o protagonista troca missivas com seus companheiros.

Nessas cartas, os temas eram variados: pedidos de favor, interações sobre a política, a cultura, discussões e debates quanto a posicionamentos frente aos problemas nacionais, entre outros assuntos. De maneira geral, o narrador relacionou no corpo do texto trechos das cartas ou até mesmo de maneira integral. Esse recurso enriqueceu a narrativa, conferindo uma ideia de legitimidade ao que se conta e serve de suporte ao exercício rememorativo.

As redes de sociabilidades acima esboçadas ajudam a apreender aspectos do eu do autor conforme traços de sua personalidade ficaram expostos. Os momentos de vulnerabilidade ou isolamento eram abrandados pelo contato com os companheiros de trabalho e de luta. Como quando Sodré foi "exilado" em Cruz Alta, RS, e contou com o apoio da sua rede de auxílio para assuntos práticos, como envio de pagamentos e materiais de pesquisa, mas também como calor humano, provas de amizade e fraternidade, ainda que à distância.

ISEB

Em *Memórias de um escritor*, a criação do ISEB foi mencionada, mas apenas para situar a questão enquanto o narrador contou sobre o período turbulento na vida política nacional e na do protagonista conforme o contexto formado pelo suicídio de Vargas, pelo Governo transitório de Café Filho e o Golpe político do general Teixeira Lott que garantiu a posse de JK.

Por conseguinte, *Memórias de um escritor*, com o seu recorte temporal, não tratou de maneira mais detida do tema do ISEB, que vai aparecer em *A luta pela cultura*. Neste livro encontra-se a gênese, desenvolvimento, atuação e produção intelectual, política, estratégica do ISEB como organismo pensado para contribuir com o desenvolvimento nacional.

Apesar de haver a elaboração do pano de fundo histórico e político relacionado a essa instituição, o peso da narrativa recaiu muito mais sobre as questões relacionadas ao funcionamento do ISEB, as personalidades que o compunham, suas lutas, a campanha difamatória levantada contra o Instituto na mídia e que iria acentuar ainda mais a alcunha de comunista de NWS.

A ofensiva reacionária inicia com a campanha na mídia contra o ISEB. Mas a narrativa aprofunda-se explorando as disputas internas no Instituto. Além das disputas intelectuais e ideológicas havia ainda as de ordem pessoal: de um lado, Guerreiro Ramos, nacionalista, de outro, Helio Jaguaribe, que era próximo de Roberto Campos, aglutinador da ala reacionária tanto do Governo JK quanto do próprio ISEB. Tais enfrentamentos acirravam ainda mais os ânimos e esgarçavam qualquer tentativa de manter a integridade do grupo. Segundo o narrador, não fossem os embates individuais, nunca teria ocorrido a crise do ISEB, não naquele momento, não da maneira como ocorreu (SODRÉ, 1992, p. 34).

O protagonista haveria de tomar partido nessas disputas, do ponto de vista ideológico, ficaria ao lado de Guerreiro Ramos, mas em função de orientação ética, acabou por cerrar as fileiras junto de Helio Jaguaribe (SODRÉ, 1992, p. 26). Explica-se: toda a crise fomentada por Guerreiro Ramos contra Helio Jaguaribe foi motivada por capricho pessoal, sede de poder e controle dentro do ISEB. Assim, apesar de ideologicamente discordar de Jaguaribe, Sodré ficou ao seu lado em razão de uma determinada visão ética que o impedia de alinhar-se com quem seus princípios morais não encontravam compatibilidade.

É evidente que nem só de crise vivia o ISEB, o autor procurou focar também na produção intelectual do Instituto, suas contribuições com a política, com o conhecimento, com a cultura e com os estudos sobre o Brasil; além da sua própria produção e atuação enquanto esteve ligado à essa instituição: as aulas que ali ministrou, os livros editados, os artigos escritos, as conferências proferidas.

A fúria de Calibã contou sobre o fechamento do ISEB, como os ataques evoluíram da campanha midiática para a depredação do prédio do Instituto com o advento do Golpe de 1964. Em seguida, veio o famoso IPM do ISEB e as artimanhas dos golpistas com a criação de provas falsas como a inclusão de nomes russos na relação de pessoas intimadas, nomes esses, que não existiam, isso era feito para dar a impressão de que a organização era um antro de comunistas (SODRÉ, 1994, p. 67).

Vida particular/relações familiares

É preciso mencionar, desde logo, um trecho das memórias que clarificam a resistência de Sodré em falar sobre a vida privada:

> Sempre me desagradou confundir a vida comum e privada com a vida pública; sempre me pareceu que o escritor se comunica com os demais pela sua obra, que é a sua atividade pública; o que lhe pertence, como vida particular, não deve ser desvendado e, em regra, carece mesmo de interesse para outros. (SODRÉ, 1967, p. 245-246).

Um comentário parecido surgiu em *A luta pela cultura* quando o narrador falou sobre a colaboração de Carlos Drummond de Andrade no Ministério de Educação e Cultura à época da administração Capanema durante o Estado Novo de Vargas. Afirmou o narrador que o poeta era merecedor de reconhecimento pelo alto nível de sua poesia, mas quanto ao caráter e conduta "Não é preciso dizer mais, a esse respeito. Do homem, não posso dizer o mesmo. Do homem público, é claro, pois não falo da vida privada de ninguém. À história, interessa o lado público da existência dos homens" (SODRÉ, 1990a, p. 162).

A primeira linha das *Memórias de um soldado* apresentou as origens familiares do protagonista, mas para contar que entre parentes próximos não havia nenhum com carreira no Exército (SODRÉ, 1967, p. 1-2). Não há entrada em detalhes sobre o teor das relações e muito menos sobre a vida íntima.

Por sua vez, *Memórias de um escritor* resgatou as origens familiares a fim de garimpar os antecedentes ligados ao universo da produção escrita. Constatou-se que havia entre os familiares do protagonista aqueles que lhe precederam no ofício de escritor. Ao contrário das memórias dedicadas à carreira militar, nas que contaram sobre a sua trajetória intelectual, o autor permitiu-se falar sobre parentes próximos, suas vivências, suas relações com a produção literária e até mesmo, aspectos da vida privada.[44]

Pouco se fala nas memórias sobre a esposa de Sodré, Yolanda Sodré. Rapidamente em *Memórias de um soldado* ele mencionou que ela estava grávida e que havia obras de reforma na casa que residiam. Mais adiante alude sobre o nascimento da filha, também rapidamente contado em *Memórias de um escritor* (SODRÉ, 1967, p. 180, 195; SODRÉ, 1970, p. 246). Aliás, a filha, Olga Sodré, teve seu nome tocado de passagem em *A ofensiva reacionária* quando o narrador, ao debruçar-se sobre a produção de poesias nacionais,

[44] É possível pensar essa rara concessão de Nelson Werneck Sodré à luz do conceito de campo de Bourdieu (2004). Não é fortuita a incursão do narrador nas *Memórias de um escritor* pelos meandros dos antecedentes familiares do personagem principal. É uma estratégia narrativa que visa demarcar um campo de forças, de lutas, de regras, de trocas, dentro de um grupo, nesse caso, familiar, de forma relacional e em constante movimento (BOURDIEU, 2004, p. 22-23).

menciona uma série de entrevistas que ela realizara com alguns poetas brasileiros na época (SODRÉ, 1992, p. 230).

Em *A fúria de Calibã* (1994, p. 181), Olga Sodré foi uma vez mais mencionada pelo narrador quando este comentou a sua ida para à França, complementar os estudos, mas sem entrar em detalhes, sem permitir explicar as motivações da viagem da filha, que provavelmente decorreu em função das perseguições e pressões que Sodré vinha sofrendo com a Ditadura Civil-Militar em curso.

Tempos depois, NWS viaja à URSS acompanhado de Ênio Silveira e Amilcar de Alencastre. A meio caminho de Baku, capital do Azerbaijão, destino e palco do Congresso a que tinham sido convidados, os viajantes fizeram escala em Paris. Nessa oportunidade, Sodré almoçou com a sua filha, Olga Sodré, e alguns dos seus antigos colaboradores na coleção *História Nova* que se encontravam exilados na Europa: Pedro Celso Uchoa, Cavalcanti Neto e Raul Ryff.

Evidentemente que anos haviam se passado desde esse encontro e o presente em que o autor escrevia as suas memórias, mas tão somente um "Conversamos demoradamente" (SODRÉ, 1994, p. 209) é digno de menção por parte do narrador que não entrou em detalhes sobre o teor da conversa na capital francesa. Isso reforça a própria concepção de Sodré: o que lhe interessava contar era sobre o seu eu público, não o privado.

Essas menções são breves, servem tão somente como gatilho: as reformas na casa e a gravidez avançada da esposa, fornecem pontos para relatar fatos concernentes a vida militar, como os problemas que acompanhavam as promoções de cargo no Exército; o dia do nascimento da filha, para se debruçar sobre acontecimentos históricos, como os ataques do Japão a Pearl Harbour e, assim, entrar na questão da Segunda Guerra Mundial; a viagem à URSS e a passagem por Paris, para poder falar sobre a vida cultural no país e as relações entre intelectuais, editoras, leitores, jornais e o governo ditatorial de Vargas.

O autor afirma que dois acontecimentos marcaram a sua vida em 1948. O primeiro foi o falecimento do pai, contado de maneira breve. O segundo foi a promoção a major, que é merecedora de longa explicação, ao contrário do que ocorre quando menciona a morte de seu genitor, tratada de forma passageira (SODRÉ, 1967, p. 280). Nas memórias sobre sua trajetória intelectual, teve também referência ao endividamento e falecimento do pai, mas de maneira lacunar, logo o narrador entra no assunto das relações entre editores e escritores e a questão da exploração do trabalho intelectual.

Ao contrário da maneira rápida como é feito o registro do falecimento do pai do protagonista, em *A fúria de Calibã* houve uma passagem breve, mas tocante em que o narrador relatou os últimos dias de vida de dona Amélia, mãe de NWS. A doença a acometera havia alguns anos, mas agravara-se no começo de 1967. Assim, Nelson Werneck Sodré abandonou seus compromissos no Rio e foi ficar junto da mãe.

O momento foi tão pungente de emoção que o próprio autor quebrou sua regra de ouro de não envolver a vida privada em sua narrativa e justificou a ressalva: "este não é um livro de problemas pessoais, mas não posso deixar de registrar, aqui, o que dela [Amélia] escreveu alguém que a conheceu desde a infância" (SODRÉ, 1994, p. 193).

Em seguida, o narrador inseriu o trecho de uma carta em que a mãe de Sodré é descrita como uma pessoa de caráter íntegro, serena e bem humorada. É visível a dor do protagonista quando se expressa por meio do narrador: "Acompanhei seus últimos dias e assisti-a em sua última noite. Nós começamos, na verdade, a morrer quando perdemos aqueles a quem amamos" (SODRÉ, 1994, p. 193).

No trecho em que relatou o falecimento de sua mãe, o autor expôs-se de uma maneira poucas vezes notada ao longo do seu memorialismo. Outro momento de grande emoção foi quando contou sobre a morte de Graciliano Ramos, em 1953. Sobre o amigo falecido ele escreveu vários artigos em homenagem, em um deles colocava no mesmo patamar o autor de *Vidas Secas* e Machado de Assis.

Um dos aspectos que mais chamam a atenção em tais artigos é a valorização que NWS fez das qualidades morais e intelectuais que enxergava no homenageado, tais como a hombridade, a busca constante pela perfeição literária, a humildade, o inconformismo intelectual: "Porque ninguém soube integrar-se tão completamente na arte escolhida, que lhe dava tão pouco e a que ele deu tudo" (SODRÉ, 1990a, p. 122).

Uma série de quatro artigos de autoria de Sodré sobre *Memórias do Cárcere*, seria, mais tarde, a pedido da viúva de Graciliano Ramos, inserida como introdução a essa obra póstuma. Sobre esse pedido e o que a concretização dele significou para o memorialista, ele se expressou: "Estar com Graciliano Ramos, numa obra de tão alta qualidade literária e humana, dos maiores livros da nossa literatura, é das poucas coisas de que me posso verdadeiramente honrar." (SODRÉ, 1990a, p. 123).

Aspectos de sua personalidade que surgiram nessas oportunidades revelam um indivíduo preocupado com a família, com os amigos e companheiros de trabalho, de luta

política, de resistência em tempos de perseguição e crises nacionais como durante o Estado Novo, o pós suicídio de Vargas, a Ditadura Civil-Militar.

A valorização de determinadas qualidades de Graciliano Ramos e a sensação expressa de sentir-se honrado na companhia do amigo e escritor em sua obra, foram manifestações do *eu* do memorialista que se esgueiram por entre as frestas da narrativa e, furtivamente, permitiram-se a rápidos vislumbres. Em passagens assim, percebe-se um personagem central que tomou para si como qualidades positivas a retidão no caráter, a honestidade literária e intelectual, a capacidade de resistir e entregar o melhor de si em nome da cultura.

Falar de si mesmo/autoavaliação

Outra raridade nas memórias de NWS é falar sobre si mesmo no sentido de aventurar-se por suas subjetividades. Observou-se, há pouco, que o autor não pensava ser importante ou válido tratar da vida privada. Isso aplica-se ao falar sobre si. Entretanto, há algumas passagens em que o autor, via narrador, permitiu incursões sobre o seu *eu*. Em *Memórias de um escritor* afirmou o seguinte: "Não sou de riso fácil, de trato aberto e cordial com estranhos, de muita conversa, de papo gratuito, de exterioridades expansivas. Não sou bom contador de anedotas, não aprecio a curiosidade vazia" (SODRÉ, 1967, p. 70). Esse rompante sobre si procurou evidenciar que suas virtudes seriam a do militar sério, cumpridor dos deveres, atento às ordens recebidas e desprovido de vaidades consideradas supérfluas, como o elogio gratuito.

Há um registro que merece atenção. Ocorreu que colegas colaboradores de Sodré na *Revista da Escola Militar* decidiram pregaram-lhe uma peça: no terceiro número do periódico estamparam uma foto sua na primeira página com um elogio de Umberto Peregrino. O narrador expressou os sentimentos do autor, tocado pela atenção recebida, mas com a ressalva: "Os que me conhecem sabem que detesto essa forma de promoção" (SODRÉ, 1967, p. 89).

O próprio memorialista se encarrega de deixar claro como reage em situações que lhe desagradam. Em uma passagem saborosa conta o seguinte: em certa ocasião foi convidado, com muita gentileza, a entrar em uma casa de colega de trabalho, de quem não gostava, e participar de uma festa. Ele se recusou,

> De início com mansidão e polidez, depois com firmeza; meu desprezo era inequívoco, não disfarçado, aquela gentileza toda não tinha cabimento. Como não sei disfarçar – quando não gosto de uma pessoa não suporto nem o cachorro do vizinho dessa pessoa – passei até por grosseiro. (SODRÉ, 1967, p. 115).

Em outros trechos, o narrador contou sobre a sofreguidão do personagem central, movido por uma ética que o instigava a solucionar os problemas que, a seu ver, acometiam e prejudicavam a plenitude do funcionamento do Exército: mau uso de recursos, displicência, a confusão entre os bens públicos e os privados, como a ocasião em que iria fazer uso de um veículo da tropa, mas foi impedido por oficial superior que desejava usar o meio de transporte do Exército em benefício próprio (SODRÉ, 1967, p. 105-106). Essas ocasiões narradas abrem uma fresta que permite um vislumbre do caráter, dos princípios éticos que norteavam as ações do protagonista.

À época do imbróglio que envolveu o Clube Militar na cizânia da luta nacionalista sobre o petróleo brasileiro, Sodré era oficial do Estado Maior e instrutor da Escola. Sendo assim, os grupos ligados aos interesses do capital internacional tentaram recrutá-lo, não conseguindo, passaram a pressioná-lo e, em seguida, ameaçá-lo, mas "Os que agiam assim mostravam apenas que não me conheciam; suscetível de ser vencido por argumentos, sou refratário às intimidações, às ameaças, às tentativas de convencer-me pela força." (SODRÉ, 1967, p. 320).

Percebe-se, portanto, que mesmo quando trata de assuntos íntimos ou familiares os historiadores autobiógrafos ligam esses eventos com acontecimentos históricos. No caso de Sodré, apesar de ser utilizado constantemente o enquadramento de um autobiógrafo, na realidade, tal autor encaixava-se no perfil memorialista, uma vez que raramente deteve-se em si ou assumiu uma postura reflexiva, raramente as passagens revelavam o eu do autor.

Ao encaminhar a narrativa de *Memórias de um escritor* para o seu final, o autor apontou que já em 1944 ele sentia em seu "espírito, um certo amadurecimento, que começara a se denunciar por sinais esparsos e alterações outras que resultavam de experiência e que também começavam a tomar forma" (SODRÉ, 1970, p. 331). Mais adiante, o narrador refletiu sobre a insatisfação do autor perante a sua produção intelectual entre 1938 e 1950: "verifiquei que nenhum dos meus livros me satisfazia" (SODRÉ, 1970, p. 358). Esse desconforto foi entendido pelo protagonista como sendo fruto de uma constante vontade de evoluir, crescer na qualidade de escritor e pesquisador.

Ao tratar de seus posicionamentos críticos nos jornais que escrevia, o autor valia-se de uma analogia para explicar tal comportamento. Segundo ele, quando uma criança quebra uma vidraça com uma pedra, essa atitude é tolerada, até mesmo natural. Mas quando um adulto se comporta da mesma maneira, rapidamente sofrerá os danos da repreensão ou desprezo social. Todavia, segundo ele, a verdade seria que, com mais frequência do se poderia admitir, os adultos também possuem vontade de cometer travessuras, mas na maior parte dos casos, os mecanismos de autocontrole os impedem. Seguindo esse raciocínio, o narrador afirmou: "Por temperamento, por amadurecimento precoce, por educação, comportei-me quase sempre como pessoa contida, serena, equilibrada" (SODRÉ, 1990a, p. 144).

O autor ao realizar essas reflexões, ao relatar tais episódios e se expor, fosse qual fosse o nível de premeditação, indica quais aspectos de si mesmo quer que sejam traduzidos para a linguagem narrativa e, portanto, para o leitor: alguém que era de temperamento equilibrado, racional, de conduta metódica, com elevada ética profissional e intelectual, mas que reagia, sempre, contra o que fosse torpe segundo seu código ético, que fosse considerado infame, desonesto, degradante, que atentasse contra a dignidade humana.

O fazer autobiográfico

Em *Memórias de um soldado*, a certa altura, o autor contou sobre sua vida de aspirante quando serviu a tropa em Itu, SP. Cerca de dez páginas ocupam uma narrativa detalhada do dia a dia da vida no Exército. A princípio, poder-se-ia argumentar que esse exercício narrativo nada mais tinha como objetivo que o de informar o leitor, única e exclusivamente do que acontecera na vida do memorialista e quem sabe, conhecer alguns aspectos do funcionamento das Forças Armadas naquele momento. Isso não fosse a intervenção do narrador:

> Não sei se esses pequenos incidentes de vida cotidiana, em guarnição de província, interessam de alguma forma. Apresento-os como forma ao meu alcance de caracterizar o temperamento militar e, assim, a instituição, no que ela tem de vivo e essencial, e para caracterizar-me, a fim de que o depoimento pessoal possa ter a marca de quem o presta, com as suas insuficiências inclusive. Não as escondo, para que possam ser consideradas como fator de correção, ao longo da narrativa. (SODRÉ, 1967, p. 107-108).

Dificilmente o autor poderia se fazer mais claro do que o exposto acima. Para ele, contar sobre a rotina, os fatos e episódios que envolviam o Exército, era falar também sobre si. Narrar sua rotina, suas ações e até mesmo os seus defeitos, faziam parte de uma estratégia. Aliás, contar sobre fatos vergonhosos ou não tão louváveis sobre si é uma artimanha narrativa inaugurada por Rousseau em suas *Confissões*. Nessa obra, o autor francês, ao não se furtar de falar sobre episódios e sua vida que iriam chocar a opinião pública da época, reivindicava um estatuto de autoridade sobre o que quer que viesse a ser narrado em seu discurso sobre si mesmo.

Sendo assim, mais do que narrar seus erros e defeitos para provar, ao longo da narrativa, que os teria sanado, a estratégia do narrador de Sodré é a de convencer o leitor de que se o autor estava expondo-se a ponto de mostrar suas falhas, o restante da narrativa, sem sombra de dúvidas, seria merecedor de crédito. Revelar-se tem um preço, mas também uma recompensa: a possibilidade de angariar a confiança do leitor. Ainda que feito de maneira indireta, esse pode ser considerado um pacto autobiográfico, nos moldes pensados por Lejeune (2008).

Esse pacto fica ainda mais evidente quando o autor, por meio do narrador, assim expressou-se em *A luta pela cultura*: “Estou, aqui, recordando, e buscando permanecer fiel à verdade nessa recordação. Se os fatos atingem determinadas figuras, prestigiosas ou não, que mudaram ou não, é pouco importante” (SODRÉ, 1990a, p. 161). A centralidade do pacto autobiográfico, segundo Lejeune (2008), é justamente o compromisso assumido pelo autor, por meio do narrador, de se manter fiel aos fatos e com isso alcançar a confiança do leitor.

Ao relatar o pedido de uma determinada revista para que ele compusesse um “autorretrato”, o autor afirmou ter escrito; no entanto, apesar do “inegável interesse jornalístico”, não entregara para publicação. Em seguida, fez a citação, já inserida anteriormente, sobre nunca ter lhe agradado falar ou misturar a vida pública e a vida privada.

Nelson Werneck Sodré considerava que as memórias revelavam a época a partir da visão de um indivíduo, por isso mesmo, merecedoras de sua atenção, afinal, as memórias seriam uma narrativa mais próxima, no tocante à abordagem, da disciplina histórica a qual ele dedicava-se: “Enquanto escrevo estas memórias, consulto os documentos que me permitem reconstituir acontecimentos, procurando apresentá-los sem a deformação que a distância no tempo lhes confere” (SODRÉ, 1967, p. 245). Já o

autorretrato ou a autobiografia, são renegados pelo autor, pois estariam muito centrados no *eu* do protagonista, reveladores muito mais de um si mesmo, do que da época que se vivia.

Sobre o seu processo de escrita, confessa que

> Não estou escrevendo estas memórias por prazer, nem para distrair-me. De há muito, escrevo apenas para servir, meu prazer predileto é ler, não é escrever. Escrever é sacrifício, devoção, desejo de transmitir experiência, de ser útil, de ensinar, de facilitar a outros, a caminhada, particularmente a do esclarecimento. (SODRÉ, 1967, p. 370).

Além do aspecto ligado a uma noção de dever de memória, conceito que ocupa a atenção da segunda metade desse capítulo, salta aos olhos o caráter pedagógico que o autor delegava às suas memórias, a função de servir como guia para os seus leitores, para as gerações futuras.

Em mais de uma oportunidade é discutido a importância que o memorialista conferiu ao contexto histórico na narrativa sobre si mesmo. Isso apresenta-se quando o narrador afirmou que "Antes de relatar a minha experiência literária individual, é indispensável situá-la historicamente, isto é, dar os traços da época, caracterizar a fase, a situação, a gigantesca moldura do quadro mundial e a moldura menor do quadro brasileiro" (SODRÉ, 1970, p. 14).

A crítica do autor era de que sem esse trabalho de ancorar a narrativa pessoal no contexto histórico-social do tempo do protagonista, as ações desse ficariam carentes de significado, sendo justamente isso "o que falta, em geral, nas autobiografias e nas biografias, como nos depoimentos e memórias; é o que desejo que não falte aqui" (SODRÉ, 1970, p. 14).

Um exemplo evidente dessa metodologia do autor é quando conta sobre a instauração do Estado Novo. Sodré mescla as suas memórias na reconstituição do panorama histórico e utiliza das lembranças para retratar o "clima político" da época rememorada. O efeito que isso causa lembra o que Sabina Loriga (1998) chamou de paradoxo do sanduíche: uma fatia de contexto, outra de trajetória, e mais uma de contexto. Essa estratégia narrativa evitava um "excesso de coerência do discurso histórico, ou seja, para se interrogar não apenas o que foi, sobre o que aconteceu, mas também as incertezas do passado e as possibilidades perdidas" (LORIGA, 1998, p. 247).

Os temas em comum presentes nos livros de memórias publicados por NWS, mostram que tais obras dialogam entre si. Nessas memórias, determinados aspectos da vida intelectual e profissional do autor são mais abordados do que outros. Todavia, como foi possível perceber, alguns temas permeiam todos os livros autobiográficos assinados por ele. Exemplos de temas que são abordados em todos os volumes de memórias: vida cultural e a luta pela cultura nacional, as dificuldades e perseguições que intelectuais, escritores, jornalistas e demais envolvidos com a prática cultural no Brasil sofreram com os regimes políticos de ditatoriais como os de Vargas e o dos Militares, as redes de sociabilidade e de apoio mútuo que foram construídas.

Como arremate desse painel, atenta-se para um aspecto importante no universo temático do memorialismo werneckano: sua obra alcançou um período que foi desde o começo do século XX com o seu nascimento, passando pela infância, adolescência, vida adulta até chegar às décadas de 1960 e 1970 quando o autor contava já com mais de sessenta anos de idade. Entretanto somente dois volumes direcionaram-se, parcialmente, na primeira fase de vida do protagonista e revelaram aspectos da adolescência e entrada na vida adulta, que são os casos de *Memórias de um soldado* e *Memórias de um escritor*. Ainda assim, foram apenas as páginas iniciais que o fizeram, sendo que o restante das duas obras é destinado à fase adulta, de maturidade profissional, intelectual e de envolvimento com o tempo em que viveu em um período que vai de meados dos anos 1930 ao início da década de 1970.

No universo de escrita de si de NWS, *Memórias de um soldado* dedica mais de 100 páginas, em um total de 640, para tratar do Golpe de 64. Em *A ofensiva reacionária*, o último capítulo, poeticamente denominado "Crepúsculo", abre o tema do Golpe Civil-Militar que tomará conta de toda a narrativa de *A fúria de Calibã*. Se considerarmos *O fascismo cotidiano*, teremos mais um livro em que o autor usa a primeira pessoa para falar sobre o período em que viveu. Ou seja, a questão do regime militar permeia grande parte do memorialismo werneckano.

Com isso, intenciona-se afirmar o seguinte: as memórias de Nelson Werneck Sodré possuem um uso político imbuído de um dever de memória. Trata-se da triangulação entre exercício político da memória, dever de memória e relação com o tempo presente.

Como já demonstrado, não é coincidência Nelson Werneck Sodré ter começado a escrever suas memórias com o advento do Golpe de 1964. O autor sentia-se compelido

por um dever, por uma missão (SODRÉ, 1994, p. 312). A próxima etapa deste primeiro capítulo da Tese refletirá justamente sobre aquilo que se consideramos, ser um uso político e um dever de memória presentes nas escritas de si desse autor.

2.2 Os caminhos do dever de memória: conceituação, os seus usos políticos e sua prática

Nelson Werneck Sodré colocou para si a tarefa de contar em uma narrativa de cunho memorialístico as relações que manteve ao longo da vida com indivíduos, grupos, instituições e os trânsitos entre essas redes de sociabilidade e o contexto histórico em que viveu. Surgiu, portanto, nessa narrativa, os pontos de toque entre a memória pessoal e a coletiva.

Maurice Halbwachs estabeleceu as diferenças entre a memória coletiva e a memória histórica, bem como as divergências entre memória autobiográfica e memória histórica. Segundo o autor, as lembranças subdividem-se em dois tipos de memórias, das quais o indivíduo participa adotando atitudes diferentes diante de cada uma. A memória autobiográfica refere-se às lembranças ligadas à sua personalidade, à sua vida pessoal. A memória histórica estaria relacionada à sua participação como membro de um grupo que contribui para "evocar e manter as lembranças impessoais, na medida em que estas interessam ao grupo" (HALBWACHS, 2006, p. 57).

A memória individual é infiltrada pela memória coletiva, uma vez que em muitas ocasiões o indivíduo pode lançar mão da memória coletiva a fim de certificar-se de algumas de suas lembranças pessoais, com o intuito de assegurar sua legitimidade, ou ainda, com o objetivo de preencher lacunas daquilo que rememora. Todavia, apesar de que em alguns momentos a memória individual possa confundir-se com a memória coletiva, o oposto nunca ocorre, ou seja, a memória coletiva abrange as memórias individuais, mas não se mistura com elas.

Halbwachs estabeleceu a distinção entre memória autobiográfica e memória histórica:

> Uma interior ou interna, a outra exterior; ou então a uma memória pessoal, a outra memória social. Diríamos mais exatamente ainda: memória autobiográfica e memória histórica. A primeira se apoiaria na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte da história em geral. Mas a segunda seria, naturalmente, bem mais ampla do que a primeira. Por outra parte, ela não nos representaria o passado senão sob uma

> forma resumida e esquemática, enquanto a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro bem mais contínuo e mais denso. (HALBWACHS, 2006, p. 92).

A memória, portanto, é plural, produzida por grupos diversos, cujos discursos sustentam seus propósitos e representações expostos na sociedade com as mais diversas afluências. Todavia, é possível posicionar-se de maneira crítica em relação a Halbwachs. Com base nas análises de Seixas (2001b), pode-se afirmar que Nelson Werneck Sodré partilhou de memórias que são, também, de uma coletividade, mas colocando-se como mediador dessas memórias por meio de um exercício individual marcado por uma busca de retratar um tempo a partir das lembranças. Seixas (2001b) defendeu que a permanente expressividade da memória no meio social possui um viés político que mostra as diferentes formas com que os sujeitos se posicionam em relação à realidade, interpretando-a e agindo sobre ela.

Nesse diapasão, a memória assume "uma função política ao ser entendida como defesa de si e dos outros nos quais o sujeito se reconhece." (SEIXAS, 2002a, p. 61-62). Essa função política e de defesa de si e dos outros pode ser lida sob a chave da noção de dever de memória.[45] Nessa linha, o passado recuperado assume uma voz do presente sobre esse passado, sendo que este último é mediado pela narrativa de quem se lembra.

A memória é atravessada por inúmeras imbricações factuais e temporais. Constitui-se, portanto, em uma zona de intersecções do tempo e da sociedade. Sendo assim, a memória possui elos indissociáveis com os fenômenos culturais e dos tempos das sociedades e contribui para a (re)produção e para dinâmica interpretativa de tais fenômenos (TEDESCO, 2011, p. 13). Nesse sentido, a lembrança é uma ação cingida de intencionalidade que transcende a perspectiva de "conhecer o passado". Mais do que uma visita ao que aconteceu, em casos como o de Werneck Sodré a ideia é reavivar o passado e fazê-lo atuar em relação ao presente.

A noção de dever de memória relaciona-se com a ideia de lugar de memória (NORA, 1993). Isso porque para dar conta desse dever faz-se necessário outorgar-lhe um

[45] A ideia de dever de memória surgiu na França após a Segunda Guerra Mundial como uma resposta dos grupos de resistência à ocupação nazista. Ao longo das décadas seguintes foram incorporados aos atos de memória da resistência francesa os testemunhos dos judeus sobreviventes ao holocausto nazista. Nas décadas de 1970 e 1980 a noção de dever de memória passou a ser aplicada em relatos de indivíduos e grupos que lutaram contra as ditaduras militares instaladas na América do Sul, sobretudo na Argentina, no Chile e no Brasil. Sobre o conceito de dever de memória ver os estudos de Guazzelli (2010), Heymann (2007) e Lalieu (2001).

lugar. Nora (1993, p. 13), defendeu que para constituir-se em lugar de memória é imperativo dar conta de três funções: material, funcional e simbólica. Para o autor,

> os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, [...] se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los (NORA, 1993, p. 13).

A ameaça de esquecimento produz a necessidade de criação de lugares cuja função primordial é preservá-la de tal esquecimento. O não viver na memória impõe a criação de lugares a ela consagrados: "Desde que haja rastro, distância, mediação, não estamos mais dentro da verdadeira memória, mas dentro da história" (NORA, 1993, p. 8-9).

É nesse ponto que se encaixa a definição de memória coletiva de Halbwachs (1990), para quem as memórias individuais seriam percepções pessoais da memória coletiva, tendo em vista que cada indivíduo ao registrar sua memória recorrerá às lembranças dos outros. Quanto a esse aspecto, Nora (1993, p. 9) apontou que "a memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem, que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada".

Pode-se pensar, então, que o lugar de memória ao ser criado remete a uma ideia de um espaço coletivo, tanto em sua elaboração quanto em seus usos. Portanto, de nada serviria um lugar de memória que fizesse sentido a um único indivíduo, até porque para fazer sentido a este, anteriormente o fez à memória coletiva. É em um processo de alteridade que se constrói a memória individual e a memória coletiva ocupa papel de corroborar a particular. Sob esse viés, tem-se o seguinte: na medida em que a memória de cada indivíduo forma o painel da memória coletiva, esta, por sua vez, contribui para a formação da memória particular.

O dever de memória, como uma ação de falar sobre um passado a que se quer justiça, reparação, encontra suporte na exposição de um testemunho, em geral, com usos da oralidade e da escrita. Sendo assim, pensando no caso específico, as escritas de si de NWS seriam a materialização de um dever de memória que ao manifestar-se constrói um lugar de memória via escrita de si. Pensar essa escrita como um lugar de memória consiste "em concebê-la como um suporte no qual os múltiplos aspectos e imagens relativas às

modulações variadas da memória podem ser selecionados e reelaborados através da palavra literária" (PEREIRA, 2014, p. 349).

A visão da escrita de si sob essa ótica desnuda o século XX como o século da memória cujo conjunto de eventos traumáticos que o marcaram, como as Guerras Mundiais, os genocídios, as ditaduras, os movimentos separatistas violentos, pode ser resumido no mote da Comissão Nacional da Verdade em 2013 ao preconizar "Para que nunca se esqueça, para que nunca mais aconteça".[46]

É contraditório, no entanto, que o chamado à memória é envolvido numa perspectiva de esquecimento. Pelo menos no caso brasileiro, que, ao contrário dos demais países latino-americanos que sofreram as agruras de suas Ditaduras Militares, realizaram um acerto de contas com seu passado e cobraram judicialmente dos seus algozes pelos crimes cometidos. Aqui, no Brasil, o oposto se deu a partir da à Lei n° 6.683, conhecida como Lei da Anistia, promulgada pelo presidente militar João Batista Figueiredo em 28 de agosto de 1979. É como se houvesse sido constituído um pacto de inaugurar um marco zero a partir do qual as dores infligidas e sofridas fossem superadas por um compromisso mútuo de esquecimento. Afinal,

> A proximidade mais que fonética, e até mesmo semântica, entre anistia e amnésia aponta para a existência de um pacto secreto com a denegação de memória que […] na verdade a afasta do perdão após ter proposto sua simulação (RICOEUR, 2007, p. 460).

Nesse sentido, "a instituição da anistia só pode responder a um desígnio de terapia social emergencial, sob o signo da utilidade e não da verdade" (RICOEUR, 2007, p. 462). A anistia resulta em abjeto esquecimento, já que opta por olvidar, o que, no caso desse passado traumático, silenciar é sufocar a necessidade à verdade, à reparação e à justiça.

O processo, muitas vezes doloroso, de lembrar, envolve três traços de forma paradoxal: a presença, a ausência, a anterioridade (RICOEUR, 2007). Assim, quem rememora o faz de algo que se fez presente em sua vida, mas que não o é mais e isso, em um momento anterior ao que no tempo presente se dispõe a lembrar. A ideia de um dever de memória liga-se fortemente a um dever de não se esquecer. O não esquecer está

[46] Sobre as relações entre história e memória, ver, entre outros LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990; NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. Projeto História. São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

atrelado à ideia de rastro: arquivos, rastros cerebrais e psíquicos. O processo de rememoração é um esforço constante contra o esquecimento. A ação de rememorar é uma opção ética, pois implica em uma conduta, que disputa o espaço e os usos destinados à memória (RICOUER, 2007).

O aspecto ético vinculado ao esforço de lembrar pode ser visto a partir da posição de que "recordar é configurar para o presente um acontecimento do passado e criar uma estratégia para o futuro" (CANDAU, 2006, p. 31). Um lugar de memória é, portanto, um abrigo, no presente, dos fatos, dos vestígios, dos rastros, dos registros do passado e serve como espaço que possibilitaria àqueles que no futuro, ao olharem para o passado, entrem em contato com o legado daqueles que os antecederam no tempo, no espaço e na sociedade; para os que vierem depois possam traçar seus próprios caminhos e escolhas.

Fernandes (2012) comentou que nos anos posteriores à reabertura política no Brasil, nos anos 1980-90, foram recorrentes as publicações de histórias de vida. Sodré, inclusive, publicou a maior parte de suas memórias nesse período, apesar de as ter escrito nos anos 1970. Ainda segundo Fernandes (2012, p. 142), os escritos memorialísticos de períodos tensos, de situações limite, como o foi a Ditadura Civil-Militar, operaram catarses na medida em que o indivíduo que escrevia sobre a sua trajetória fazia uso dessa narrativa como possibilidade de sobreviver à dor e ao espanto, além de poder denunciar o que se considera eticamente inaceitável.

Seria em meio a essa confluência entre lugar de memória e dever de memória que os escritos de si de Nelson Werneck Sodré podem ser inseridos. O autor não apresentou de forma clara as suas narrativas como tendo uma função de dever de memória. Todavia, quando o narrador, em *O fascismo cotidiano,* afirma "Permitam que eu, finalmente, preste o meu depoimento" (SODRÉ, 1990b, p. 6) percebe-se o tom testemunhal típico dos relatos em que o indivíduo se dispõe a relatar seu passado com vistas a alcançar o direito de não ser esquecido (SARLO, 2007).

O memorialista ultrapassa, por conseguinte, a ideia de ser um mantenedor de memória, como pensado por Halbwachs (2006). As lutas que marcaram a trajetória de NWS e dos grupos com os quais interagia são reativadas pela memória e lançadas na forma escrita não só como uma maneira de manter viva a lembrança, como um lugar de memória, mas também, e, principalmente, como forma de resistência política, como ponto de apoio aos momentos do seu presente e a luta pela democracia no Brasil da Ditadura Civil-Militar. Por esse viés,

> São, em larga medida, esses grupos sociais, tão heterogêneos quanto nos é possível pensar, os sujeitos do boom de memória que hoje presenciamos, os sujeitos dos direitos e deveres de memória contemporâneos. Fenômeno desconhecido de Halbwachs e, entretanto, admiravelmente intuído por ele quando nos fala da tendência à pluralidade das memórias coletivas, da diversidade das memórias sociais (SEIXAS, 2001b, p. 96).

Consoante a isso, Nelson Werneck Sodré quis não só descrever, como também, e, principalmente, refletir sobre esse passado, não apenas como informação, mas como testemunho de uma fase da história brasileira que chegava ao fim e fora a construtora de sua cultura: questão essa que pode pensada na perspectiva de interpretação da identidade narrativa, elaborada por quem escreve sobre o seu *eu* e sobre o mundo no qual está (RICOEUR, 1991).

Nelson Werneck Sodré em *Memórias de um escritor* (p. 129-130) recuperou um artigo de crítica literária que escrevera sobre um livro de Azevedo Amaral em 1938 e em alguns trechos o narrador afirmou que à época abordara o livro em questão apesar do critério autoimposto de não escrever sobre obras que versassem sobre a política nacional nos dez últimos anos a contar do seu presente.

Cabe salientar que essa restrição colocada sobre si mesmo não impediu o crítico de escrever sobre a obra aparecida naquele ano de 1938 e que fazia apologia ao regime ditatorial de Vargas. No artigo mencionado, a razão dada pelo autor para não se debruçar sobre fatos recentes não seria por temor em relação às personagens que viessem a ser avaliadas e nem por "obediência à convenção que exige a 'perspectiva do tempo' para ver melhor as coisas", mas sim, porque nem sempre lhe era dado espaço para criticar o que considerava errado ou falso (SODRÉ, 1970, p. 285).

Todavia, o próprio autor reconheceu que por ocasião do regime ditatorial de Getúlio Vargas seu comportamento foi omisso em razão de sua alienação, mas que não pretendia com essa afirmação "justificar *a posteriori*" a ingenuidade do seu comportamento neutro perante tal governo.

Nesse ponto, a obra memorialística parece transformar-se, para o autor, em uma possibilidade de redenção, em um lugar de memória para um determinado dever de memória. O narrador apresenta um escritor que mudou sua visão de mundo: o jovem da década de 1930 havia evoluído para o homem maduro dos anos 1970, ou seja, muita coisa

havia mudado; o personagem mergulhara na militância política em defesa da cultura, dos princípios democráticos, da liberdade de pensamento e de expressão.

Esse jogo entre passado e presente, entre o "o que eu fui e não sou mais" e "o que de mim mesmo permaneceu", ou seja, as intercambialidades entre *idem* e *ipse*, podem ser observadas quando o narrador de *Memórias de um escritor* afirma que "As pessoas são como são e têm história, não são as mesmas a vida toda, mudam, evoluem." (SODRÉ, 1970, p. 124). Nessa passagem o autor, por meio do narrador, falou sobre as suas contribuições para a revista *Cultura Política*, editada pela máquina de propaganda do Governo de Vargas (1930-1945). A evolução que o narrador creditava ao autor seria no sentido de que, arrependido da omissão durante o Estado Novo, a mesma postura não seria praticada no presente em que escrevia: o da Ditadura Civil-Militar de 1964.

O dever de memória do qual o autor está imbuído arregimentou a construção de si como uma identidade narrativa em que o *eu* do passado confronta-se com o *eu* do presente seguindo uma linha em que as mudanças e permanências, *idem* e *ipse*, são tensionadas a fim de apresentarem um indivíduo que se moldou ao longo do tempo e, numa espécie de busca por redenção, faz um uso político de suas memórias ao denunciar os desmandos do regime de exceção imposto em 1964 a partir de críticas mais ou menos veladas realizadas a pretexto de retratar outro período em que a democracia foi massacrada: o Estado Novo de Vargas.

Em *Memórias de um soldado*, na passagem em que o narrador conta as experiências do autor no início da carreira militar quando serviu em Itú, interior do estado de São Paulo, serve como mais um exemplo das estratégias do autor de falar de si por meio da narrativa de acontecimentos.

Ao contrário das demais obras de cunho memorialístico werneckanas cujas narrativas são guiadas por uma visão mais ensaística dos fatos históricos, no livro citado o narrador encarrega-se de contar minúcias do cotidiano do personagem e justifica tal cuidado afirmando é uma forma de descrever o ambiente em que o escritor trabalhava e, também, para "caracterizar-me, a fim de que o depoimento pessoal possa ter a marca de quem o presta, com as suas insuficiências inclusive. Não as escondo, para que possam ser consideradas como fator de correção, ao longo da narrativa" (SODRÉ, 1967, p. 107-108).

Observa-se que o narrador se propôs a apresentar ao leitor os equívocos cometidos pelo personagem, os altos e baixos presentes em sua trajetória. Todavia, essa escolha é feita tão somente a fim de comprovar que tais erros, momentos de inflexão, foram sanados

ao longo da trajetória cujo ritmo é marcado pelo metrônomo da narrativa. Tem-se um autor cioso de evidenciar as evoluções que marcaram a sua trajetória. Reconhecedor, portanto, de não ser unívoco ao longo do tempo, perfilha-se em um si mesmo, apesar de esse si mesmo ser, no presente em que escreve, um outro (RICOEUR, 1991).

Em uma rara passagem em que coloca em perspectiva, de certa forma até filosófica, a sua existência, no tocante à carreira de escritor, o memorialista refletiu que

> A mocidade é tão audaciosa quanto a velhice é timorata; o estreante deseja publicar, sem nenhuma preocupação com as possibilidades, sem nenhum cuidado ou temor quanto aos seus próprios conhecimentos; a maturidade começa a despertar receios, não nos afoitamos, temos consciência de que não sabemos o suficiente. Nossas preocupações são as lacunas, quando sabemos; quando não sabemos, nem sequer essas preocupações nos assaltam. Sé quem sabe pode avaliar ou ter consciência de quanto não sabe. É próprio do jovem a pressa em estrear, a ânsia em aparecer; ao contrário, é próprio do autor experimentado, e por isso culto, o vagar, o temor de não estar ainda com o assunto dominado, o receio das falhas que sabe existir em seu trabalho. (SODRÉ, 1970, p. 90).

O autor iniciou o trecho de forma a deixar entender que expressava algo generalizante, mas em seguida, os pronomes utilizados conferem autorreferencialidade à narrativa. Percebe-se que fala de si, claramente, comparando o jovem *eu* com o si mesmo maduro, experiente no caminho das letras. Percebe-se, então, um jovem Nelson Werneck Sodré ansioso por ter seu nome gravado no panteão literário, audacioso, corajoso, com aquele tipo de coragem típica de quem ainda não sabe os perigos que o cerca. Em contraposição, tem-se o velho memorialista que olha com carinho para o *eu* jovem e parece balançar negativamente a cabeça ao mesmo tempo em que um sorriso se forma nos cantos dos lábios ao se recordar do seu *eu* afoito, aventureiro, inocente e até mesmo incauto, que se lançava nas veredas do campo cultural disposto a galgar cada degrau da ladeira rumo ao topo.

Sem dúvidas, há entre as linhas do memorialismo werneckano a afetividade em relação ao passado rememorado e isso evidencia-se nas passagens em que o narrador contou as experiências do personagem no período em que serviu o Exército em lugares como o pantanal mato-grossense; em Itú, interior de São Paulo, local em que conheceu a sua futura esposa e mãe de sua filha; em Cruz Alta, no Rio Grande do Sul e o sentimento de ter sido exilado dentro do próprio país; o calor da cidade e das pessoas de Salvador, Bahia. Em comum, as passagens do protagonista por tais localidades possuem o fato de

terem deixado suas marcas na sua memória sobre os espaços e as pessoas com as quais trabalhou, confrontou, criou laços de amizade, família e lembranças; construiu projetos os mais diversos, tanto na carreira militar quanto na trajetória intelectual.

Como já salientado, o ato de narrar tem a capacidade de permitir ao indivíduo a elaboração de uma identidade de si. A ideia de identidade narrativa envolve um processo mediante o qual compreende a si mesmo e, também, um fazer-se compreender pelo outro por meio do ato narrativo. Por esse caminho, o passado apresenta-se conforme as demandas do presente. É daí que transparece a intencionalidade que ultrapassa a perspectiva de tão somente "conhecer o passado", reconstruí-lo, e chega-se ao ponto de revivê-lo, permitindo que as memórias flutuem com sua carga afetiva influenciada pelas as tomadas de posição nas lutas sociais e políticas do presente em que se escreve.

2.2.1 Exercício político da escrita de si e dever de memória

Entende-se não ser coincidência que Nelson Werneck Sodré tenha dado início ao seu projeto de escrever as suas memórias com o Regime Civil-Militar em andamento. Foi um dos momentos mais difíceis na vida do escritor e na história do Brasil, pois se operou um ponto de ruptura na ordem democrática e no ritmo da vida até então.

Nesse diapasão, como as memórias tratam, basicamente, das vivências do personagem durante a Ditadura de 1964, quando o autor afirmou que o conjunto dessas obras já havia cumprido o seu papel, é compreensível que esse seria seu dever de memória. Ou seja, narrar com clareza de detalhes o seu envolvimento na luta política pela cultura e pela democracia nacional no período do Regime Militar.

Aurell apoia-se no conceito de autobiografia "intervencionista" para entender as maneiras pelas quais os historiadores usariam as suas biografias com uma intenção autoral, mais ou menos deliberada de participar, mediar e intervir em debates teóricos usando a história de suas próprias trajetórias intelectuais. Esta pesquisa apoia-se neste conceito para pensar o papel "intervencionista" de Sodré no debate acerca da memória dos tempos que viveu, sua postura testemunhal e de denúncia acerca dos desmandos da Ditadura Civil-Militar.

Um historiador que escreve sobre si é um partícipe da elaboração de lugares de memória. Escrever a vida, assume então não apenas a intenção de contar histórias pessoais

ou acadêmicas, mas também para "fazer" história, revelando as suas epistemologias, crenças e compromissos (AURELL, 2015, p. 246).

Por meio de suas memórias, Sodré intervém politicamente na história nacional. Isso nos faz pensar que há um propósito moral e ético implícito que projeta essa vivência para o futuro, uma vez que tais memórias fornecem estímulos significativos para reflexão sobre compromissos políticos. Compromissos nunca tão atualizados quanto no presente momento, em que setores sociais, não cabe aqui aprofundar sobre, pedem a volta da Ditadura Civil-Militar de 1964.

A visão tomada aqui do político assenta-se em uma base ampla, no sentido de renovação desse campo como espaço de discussão sobre as disputas de memória como disputas de poder, nas quais não só um sujeito, mas também os grupos aos quais integra participam.[47,48] A justificativa para interpretar, a partir de uma perspectiva política, a escrita autobiográfica de Werneck Sodré seria que os escritos de si do autor são analisados com base no exercício intelectual em um momento de mudanças no cenário histórico brasileiro.

Por esse viés, persegue-se o raciocínio de Ricoeur quando este diz que

> é possível definir a política como o conjunto das práticas organizadas relativas à distribuição de poder político, melhor chamado dominação. Essas práticas referem-se tanto à relação vertical entre governantes e governados quanto à relação horizontal entre grupos rivais na distribuição de poder político. (RICOEUR, 1991, p. 301)

No caso da escrita de si werneckana, tais grupos não se constituem apenas em termos institucionais, profissionais ou sociais pelo fato de estarem numa relação dicotômica de dominados versus dominantes. Mas, sim, conforme sua participação em uma determinada memória que é, por sua vez, social e política. É nesse ponto que o sujeito político Nelson Werneck Sodré é passível de análise sob a ótica de narrador de seu grupo. As suas narrativas constituem-se em um espaço de denúncia e luta contra a opressão, as

[47] O retorno do político se constituiu como uma ação de revisitar e não de repetir as metodologias anteriormente praticadas. Nesse sentido, a volta da história política é um retorno eivado da herança revolucionária da historiografia do século XX (D'ALESSIO, 2008). Seguindo essa linha, a renovação da história política trouxe consigo outra retomada: a do indivíduo na história. Assim sendo, temáticas como biografia, autobiografia, memória, estudos de trajetórias, arquivos pessoais, narrativa, são objetos que foram renovados em seu tratamento teórico-metodológico e passaram a ocupar lugar de destaque nos estudos do campo histórico.

[48] Sobre a renovação do campo do político e suas implicações historiográficas, ver o trabalho de René Remond (1999).

perseguições, a marginalização intelectual vivenciada por si mesmo e por seus pares. O universo formado por essas narrativas carregadas de denúncia contra as ações levadas a cabo pelo Regime Civil-Militar instaurado em 1964 apresenta-se como dever de memória.

O engajamento político que Sodré defendeu em toda a extensão de seus escritos relaciona-se, como dito, com um dever de memória que se colocam explicitamente. Tem-se, portanto, um dever de memória que se articula ao exercício político da escrita de si, que, por conseguinte, constituía-se em um determinado presente.[49] Por conseguinte, observa-se uma triangulação: dever de memória – uso político da memória – relações com o presente.

Esse dever de memória configura as bases da narrativa memorialística de NWS. Isso se deve não só por serem as temáticas werneckanas, em grande medida, ambientadas na luta cultural e política como resistência ao Regime Civil-Militar, mas também a forma escolhida pelo narrador em comunicar suas produções confirma a validade dessa ideia. Os assuntos, a linguagem permeada pelo traço da narrativa jornalística envolvente, os recursos oriundos do método histórico respondem a esse dever, que explica, de certa forma, a sua autodefinição como historiador, crítico literário, jornalista e escritor.

Nelson Werneck Sodré buscava não apenas um reencontro com o passado, mas uma compreensão do seu presente, principalmente as políticas impetradas pelos militares no poder que ansiavam sufocar qualquer forma de resistência ao modelo de governo em vigor. A construção da oposição do personagem à situação política do seu presente é permeada por uma autocrítica constante. Ele assume ser parte do presente a sua função de escritor e coloca-se como um observador crítico do seu próprio momento. É válido a essa altura desta análise distinguir a figura de Nelson Werneck Sodré como a de um narrador que retoma o passado tendo o presente como ponto de partida.

[49] Para Samuel Tomei (2007, p. 2), "o dever de memória é indispensável à manutenção da unidade de um grupo, conferindo-lhe coerência de valores, normas, comuns. Sua invocação baseia-se na moral; a memória comum é nosso código [...] O dever de memória, ou culto da memória que nos deve ser comum, é, do ponto de vista de qualquer poder, o princípio de coesão por excelência. A memória coletiva deve, para constituir-se ser inteligível e libertar-se de qualquer trabalho crítico, sob pena de perder sua função: 'ela escolhe o que lhe interessa na matéria histórica – escreve Mona Ozouf – dando-se o direito de isolar tal episódio revelador, de fixar-se em núcleos temporais, e ao mesmo tempo ignorar sequências'. Logo, ela também se estabelece através de silêncios obrigatórios". Nesse caso, pode-se notar na crítica feita pelo autor como, ao empreender sua memória como dever, o sujeito também participa não só da parcialidade da memória, como também da sua relação indissociável com o esquecimento. Nesse aspecto, o autor retoma o pensamento de Ricoeur (2007), quando este último chama a atenção para a necessidade de se atentar para a ideia de que, muitas vezes, o olhar direcionado à memória é perpassado por uma dívida para com o passado, que se impõe no processo de apelo à lembrança.

Para tanto, pode-se recorrer à discussão contida em Bauman (1986) no tocante à necessidade de levar em conta não só o *evento narrado*, no sentido de fato, memória bruta, como também o *evento narrativo*, ou seja, a ativação da memória por meio da mediação da imaginação poética. O evento narrativo contém em seu bojo o exercício de uma performance cujo intuito é reencenar, reviver as experiências de vida, atualizadas nesse evento narrativo.[50, 51]

Observa-se uma via de mão dupla com sentidos que se cruzam: por um lado, o desejo de se debruçar sobre um passado, não com o intuito mantê-lo fixo, mas com a intenção de denunciar determinados aspectos como as perseguições sofridas durante o Regime Civil-Militar; assim, é também e, *pari passu*, um agir sobre esse passado em função de seu presente. É nesse sentido que Janaína Amado sustenta ser a memória que

> torna as experiências inteligíveis, conferindo-lhes significados. Ao trazer o passado até o presente, recria o passado, ao mesmo tempo em que o projeta no futuro; graças a essa capacidade da memória de transitar livremente entre os diversos tempos, é que o passado se torna verdadeiramente passado, e o futuro, futuro. (AMADO, 1995, p. 132).

A noção de uma narrativa integradora concebe o narrador como uma entidade que recorre, nas histórias que conta, ao acervo de experiências de vida pessoal e dos grupos que integra (BENJAMIN, 1985). Ao narrar, NWS faz a mediação entre algo que está no plano da memória e apresenta um produto passível de ser apreendido pelo público leitor. Este, por sua vez, absorve as experiências narradas de forma a construir, à sua maneira, novas experiências com base no relato. É importante ter em mente a conexão constante entre lembrar e narrar ligada à teia formada pelos fios entrelaçados da memória, da narrativa e da ação política. Esse agir político constrói uma narrativa de si, forma um sujeito que na medida em que se compõe como agente social o faz tomado por um dever de memória.

---

[50] No caso da autobiografia, a performance está atrelada ao exercício narrativo de um *eu* que parte do presente em que escreve e usa um narrador para acessar o passado sobre esse mesmo *eu*. Todavia, a passagem do tempo faz com que haja a impossibilidade de concomitância entre esse *eu* do presente com o *si mesmo* do passado. A impossibilidade de acesso a si mesmo no passado da maneira como foi exige do autobiógrafo a capacidade de performatizar, ou seja, utilizar algumas máscaras a fim de construir um amálgama entre a *mesmidade* (*idem*) e a *ipseidade* (*ipse*) da identidade narrativa (RICOEUR, 1991).

[51] Será tratar da questão da noção de performance relacionada ao trabalho memorialístico de Sodré no capítulo 3 da presente pesquisa. Para adiantar, sobre performance ver: Klinger (2006); Bauman (1986).

O resultado disso é uma construção narrativa de si pelo viés de um exercício político que combina o lembrar, o narrar e o uso de inscrições (uma escrita). Sobre a questão do lembrar, em várias passagens o narrador revela fazer uso de documentos preservados em arquivos a fim de completar e atualizar a memória. A pulsão de arquivar para não perder está presente em Nelson Werneck Sodré.[52]

Em *Memórias de um escritor*, composta ao longo de 1969, o narrador, ao contar sobre os impactos da crise de 1929 no Brasil e como reagiu a ela na condição de escritor, recorre aos arquivos de 1930 e, ao não encontrar nada relevante armazenado atribui uma dupla razão para tanto: "a dificuldade de publicar, de um lado; e a atenção voltada para o problema político, de outro lado" (SODRÉ, 1970, p. 49).

Na qualidade de crítico literário, Werneck Sodré constantemente recebia livros para que emitisse suas análises. Era ele também escritor, portanto, valia-se do mesmo recurso e encaminhava para os críticos da época os seus textos para que fossem avaliados. Ao descrever esse cenário, o narrador afirmou: "Guardo comigo, na velha norma de não rasgar papeis, a relação dessas pessoas" (SODRÉ, 1970, p. 205). A relação a que se refere o autor seria a lista com nomes de críticos que recebiam suas obras: Múcio Leão, Brito Broca, Alceu Amoroso Lima, Azevedo Amaral, Tasso da Silveira, Otávio Tarquínio de Sousa, entre outros. No trecho supracitado, o narrador revelou o hábito de manter um arquivo pessoal, que, no caso da escrita das memórias é acionado constantemente, algo de que trataremos nos capítulos subsequentes do nosso estudo.

As idas e vindas do narrador pelos labirintos das lembranças e dos documentos contidos no acervo do autor tinha o intuito de compor o quadro da vida de Werneck Sodré em um presente, o da Ditadura Civil-Militar, que suscitou no autobiógrafo certo dever de memória e um exercício político para aquele momento.

O autor, então, articulou sua narrativa para mostrar que essas andanças em terras de memória permitiram sua opção pela defesa dos direitos democráticos, da cultura e soberania nacional frente às influências e aos interesses estrangeiros, leiam-se estadunidenses; como denúncia contra as mazelas do Regime Civil-Militar cometidas contra os seus pares, amigos, colegas de trabalho e a si próprio. A abordagem de sua obra autobiográfica se efetiva, portanto, como um exercício político de suas escritas de si.

[52] Como afirmado anteriormente, Sodré doou o seu acervo pessoal para a BN em 1995. No segundo capítulo da Tese será abordado esse acervo de maneira mais detida. Por hora, é discutido as maneiras pelas quais o autor, por meio do seu narrador, se refere aos seus arquivos.

> Uma das formas mais constantes de atuação intelectual e, também, política de Werneck Sodré desenvolveu-se por meio de sua atividade como jornalista, fosse como crítico literário ou na assinatura de artigos que abordavam as questões políticas de sua época. A título de exemplo, ele contribuiu por mais de 25 anos com o jornal *Correio Paulistano*, com o envio semanal de críticas literárias. Em razão de não possuir vínculos com o mundo acadêmico, essa conexão com a crítica literária serviria para manter-se disciplinado e atento ao que se produzia no universo editorial. (ALVES FILHO, 2008, p. 417).

Com o Governo Militar apertando o cerco da censura, Sodré viu-se alijado de sua principal forma de fazer uso político dos seus escritos: a atividade na imprensa. Pode-se dizer que a saída encontrada por ele teria sido canalizar essa atividade combativa para a narrativa memorialística. Assim, dava ele prosseguimento à luta política, agora no espaço autobiográfico (ARFUCH, 2010).

Nelson Werneck Sodré fez uso consciente do exercício político de sua narrativa de si. O autor, em *Memórias de um escritor*, compara a situação envolvendo escritores e a censura imperante durante o Estado Novo de Vargas com o presente em que escrevia:

> Os escritores soltos, na maioria, alardeavam e com ênfase, posição "imparcial". Alguns ousavam a tolice de se afirmar criaturas "do centro". Reinava a covardia reles, quando a não a prudência. Comecei a compreender o verdadeiro valor e o verdadeiro sentido da liberdade naquela época. Foi então que conheci de perto o escritor "apolítico", sem posição, sem opinião, amorfo, aceitando tudo, compactuando com tudo. Essa posição era rendosa, como ainda hoje acontece; dava condições de acesso à cátedra universitária, ingresso nas funções públicas, recebimento de prêmios. (SODRÉ, 1970, p. 107, grifos do autor).

O texto critica a ausência de posicionamento de determinados intelectuais durante a Ditadura de Vargas e, também, os indivíduos que, neutros ou a favor do Governo, de alguma forma, se beneficiaram. O uso irônico de expressões como imparcial, do centro, apolítico, indicam uma postura de NWS em considerar que tudo é política.[53] O autor desdenhou da ideia de se conceber a possibilidade de manter-se neutro em se tratando de política, a neutralidade seria por si só, certo posicionamento. De maneira velada, o

[53] Foi lançada, postumamente em 1998, uma obra intitulada "Tudo é política", organizada por Ivan Alves Filho, que reuniu diversos artigos publicados por Nelson Werneck ao longo da carreira que versavam sobre a temática política. O livro seria, segundo o próprio organizador, uma forma de render homenagem a "um dos maiores estudiosos da realidade brasileira" (ALVES FILHO, 2008, p. 416).

narrador computou a mesma crítica feita aos intelectuais pretensamente neutros durante o Estado Novo aos que, com o Regime Militar em andamento, adotavam a mesma estratégia.

Entretanto, o próprio memorialista contribuiu intelectualmente com a ditadura varguista. Ele assinou alguns ensaios publicados na revista *Cultura Política*, dirigida por Almir Andrade e cujo objetivo era propagandear, em termos culturais, o regime em vigor na época. Ora, como o narrador explicou tal contradição? De um lado foi ácido não só com a postura neutra de certos intelectuais frente aos desmandos de Vargas, como também ataca aqueles que de alguma forma contribuíram com o seu governo; de outro, ele próprio escreve análises sobre a cultura nacional para uma revista mantida com fins de propaganda do Estado Novo.

O narrador de *Memórias de um escritor* confere voz ao autor e afirma não pretender, "de forma alguma, justificar *a posteriori* – quando isso é fácil – ter prestigiado com a minha pena um regime de força, cujas mazelas eram indiscutíveis e ostensivas." e complementa: "As pessoas são como são e têm história, não são as mesmas a vida toda, mudam, evoluem." (SODRÉ, 1970, p. 124). O texto continua tecendo críticas, de maneira geral, aos métodos repressivos utilizados durante os anos 1937 a 1945. O que então teria levado alguém com postura tão claramente oposta ao regime que então vigorava a contribuir com o mesmo?

O narrador explica que o autor, naquele momento, não se interessava por questões políticas que não o afetavam e que "Não tinha conhecimentos suficientes para constatar que a minha omissão importava em ajuda ao regime estabelecido, então praticamente incontestado." (SODRÉ, 1970, p. 124). No trecho supracitado, observa-se que Sodré, por meio do narrador, falou do geral "as pessoas não são as mesmas a vida toda...", mas claramente o autor falou de si mesmo. A ideia presente em "as pessoas não são as mesmas a vida toda" estaria de acordo com os postulados de Ricoeur (1991) no tocante às das noções de *idem* e *ipse* na construção da identidade narrativa.

A "evolução", aludida pelo narrador, seria que passadas cerca de três décadas, o mesmo autor que, de certa forma, havia contribuído com o Estado Novo, escrevia, agora, memórias que denunciavam um novo regime de exceção, o dos militares. Esse seria o dever de memória embutido no uso político da escrita de si: a mudança na postura do autor que nos anos 1930 se omitiu, mas que no presente em que escrevia, adotava estratégia diametralmente oposta.

O exercício político realizado pelo autor em suas memórias teria, portanto, uma espécie de missão redentora: não mais ser omisso perante os desmandos dos governantes, mas posicionar-se, empenhar-se na luta política. A tarefa jornalística, combativamente realizada ao longo de décadas estava suspensa pelas perseguições sofridas nos anos 1960 e 1970. Restava, assim, uma saída que era levar as lutas políticas antes praticadas nas arenas do jornalismo para o território das narrativas de si, transformando-as em campos de batalha.

Exemplifica esta tese quando em *Memórias de um escritor*, o narrador teceu críticas indiretas ao seu presente valendo-se de um trecho de carta que Nelson Werneck recebera de seu amigo Edgard Cavalheiro em julho de 1943. Na missiva, o então representante da Editora Globo em São Paulo fazia um balanço da vida literária no país e, otimista, afirmava que quando os tempos fossem outros, a vida literária também seria tocada de forma positiva. O próprio narrador analisou as palavras de Cavalheiro e afirmou o seguinte: "A chave daquela análise severa, mas justa, estava naquela expressão: 'quando os tempos forem outros'. A ditadura paralisara o nosso desenvolvimento cultural, como paralisara o nosso desenvolvimento político." (SODRÉ, 1970, p. 319, grifos do autor).

O dever de memória, ou seja, a busca por denunciar, por se opor, por se constituir como uma voz testemunhal do seu presente foi um exercício político do memorialismo por Nelson Werneck Sodré. Foram as relações com o presente e as suas demandas que impulsionaram o autor a compor uma estratégia de narrativa do seu passado em íntima ligação com o seu presente. O tripé que se forma é retroalimentado: dever de memória que se materializa em um exercício político da escrita de si a partir das exigências do seu presente.

CAPÍTULO 2 – AS VIRTUDES EPISTEMÊMICAS COMO PARÂMETRO GARANTIDOR DE LEGITIMIDADE

CAPÍTULO 2 – As virtudes epistêmicas como parâmetro garantidor de legitimidade

A trajetória de Nelson Werneck chama a atenção pela variedade topográfica dos caminhos que trilhou. Oriundo do exército, ele atuou como jornalista, como crítico literário, como editor, como professor, foi um historiador autodidata que desenvolveu uma vasta obra de matriz marxista.[54] Nesse capítulo, o que ambicionamos é partir de seus relatos de vida para identificarmos escolhas narrativas que reflitam sobre as virtudes epistêmicas de modo tal que esta escrita autobiográfica descreva não só o percurso individual, como também alguns meandros da vivência e da disciplina acadêmica. O biografismo de NWS permite observar o trânsito narrativo desse historiador por estruturas objetivas e por experiências pessoais, no campo da subjetividade, a apreensão e percepção de temporalidades, a aproximação entre a observação, reflexão e atuação no seio da sociedade em que viveu.[55]

Em relação à análise da obra memorialística desse autor, consideramos importante ter em mente que os modos disciplinadores de ser historiador no Brasil em determinados períodos e meios de atuação se refletem em sua escrita autobiográfica. Portanto, o conceito de virtudes epistêmicas, assim como o de performance e o de operação autobiográfica, funcionariam como chave de leitura e análise da escrita de si de NWS.[56]

---

[54] NWS se inseriu de forma ativa nos debates dos anos 1930-1970 sobre o "pensamento marxista" em relação aos problemas nacionais, principalmente a ideia de uma "revolução brasileira". Entre os intelectuais que atuaram no ISEB, Werneck Sodré contribuiu com obras tais como: *Introdução à Revolução Brasileira* (1978), *Formação histórica do Brasil* (1982), *História da burguesia brasileira* (1964), *História militar do Brasil* (1965), *História da imprensa no Brasil* (1966) e *Capitalismo e revolução burguesa no Brasil* (1997). No campo do debate teórico sobre os fundamentos da concepção e do método criado por Marx e Engels, NWS publicou *Fundamentos da estética marxista* (1968), *Fundamentos da economia marxista* (1968), *Fundamentos do materialismo dialético* (1968) e *Fundamentos do materialismo histórico* (1968). Além de grande leitor de Marx, Sodré era também atento aos autores do pensamento marxista como Gramsci, György Lukács e José Carlos Mariátegui. Sobre a contribuição de NWS no tocante à sua produção de análise da história nacional a partir e sobre os aportes do método de Marx e Engels, bem como as leituras que realizou dos autores do pensamento marxista ver, entre outros, Moraes (1995-1998), Cunha (2002), Silva (2001; 2008).

[55] Silva (2014, p. 340) entende como "biografismo as manifestações narrativas que envolvem a seleção, descrição e análise de uma trajetória individual a partir de diversos enfoques e metodologias que permitem sua incorporação por meio do romance histórico, das narrativas pessoais (autobiografias, memórias e testemunhos), da literatura escolar e das biografias propriamente ditas".

[56] Neste capítulo recorreremos às análises que empreendemos no anterior a fim de entrecruzarmos as virtudes epistêmicas do autor com a noção de operação autobiográfica. No próximo capítulo os resultados aqui obtidos serão relacionados com a ideia de performance, a fim de evidenciar a natureza combinatória, superposta e interposta do memorialismo werneckano. Todavia, em alguns momentos já recorreremos a alguns vislumbres da questão da performance, justamente porque virtudes epistêmicas e comportamento performático comungam dentro do universo memorialístico de Nelson Werneck Sodré.

Ernest Sosa introduziu no debate da filosofia contemporânea o conceito de virtude epistêmica com o intuito de pensar a noção aristotélica de virtude intelectual como uma performance humana, envolvendo habilidades como percepção acurada, memória confiável e raciocínio válido. Doraci Engel (2011, p. 1) afirma que

> Análoga à teoria da virtude em ética, essa abordagem tem se traduzido num conjunto diverso de propostas sobre questões tradicionais da epistemologia, como crença justificada e conhecimento, que compartilham a pretensão comum de normatividade do empreendimento epistemológico não apenas no estabelecimento de normas e regras, mas também de obrigações e valores.

Sosa (1980) e Linda Zagzebski (1996) escreveram textos fundantes sobre os problemas epistemológicos a partir do conceito de virtude epistêmica. Existem ao menos duas possibilidades de demarcação dos estudos sobre tal conceito: os confiabilistas, como Sosa, pensam a virtude epistêmica como faculdade cognitiva confiável, de maneira que seu exercício conduza à verdade; já os responsabilistas, como Zagzebski, entendem a virtude epistêmica como elemento de caráter ou disposição que um indivíduo epistemicamente responsável possuiria ou demonstraria ao produzir conhecimento.

Segundo Ohara (2017, p. 172), embora haja maneiras diferentes de conceber as virtudes epistêmicas, é possível pontuar traços comuns a ambas as concepções acima mencionadas:

> (1) o papel normativo da epistemologia, discutindo os problemas do ceticismo e da justificação do conhecimento, por exemplo; (2) a responsabilidade do agente na produção de conhecimento, argumentando que conhecimento é crença verdadeira produzida por virtude epistêmica, e não por sorte ou acidente; (3) o problema do valor do conhecimento.

Enquanto a filosofia coloca a questão da virtude epistêmica no nível da abstração, "o que é virtude epistêmica?", o historiador se pergunta: "o que é virtude epistêmica para tal ou qual grupo?". Não significa que o historiador não realiza, consciente ou inconscientemente, análises eivadas de uma ou mais teorias, mas que para esse o problema é concebido de maneira menos generalizante e mais historicizante (OHARA, 2017, p. 173).

João Ohara (2017), com base nos trabalhos de Herman Paul, trabalha a noção de virtudes epistêmicas a partir de uma problemática que leva em consideração o que

caracterizaria e definiria a *persona* acadêmica (*scholarly persona*) dos praticantes do ofício. Não há dúvidas quanto à importância da concepção de virtude epistêmica como pensada por Ernest Sosa, mas aqui acompanharemos Ohara (2017), sobre o *uso histórico* desse conceito.

Ao longo do texto buscaremos refletir sobre como as virtudes epistêmicas, apesar de norteadoras da vida profissional do memorialista NWS, foram flexibilizadas pela postura performática necessária para se escrever sobre si mesmo. Dois conceitos trabalhados por Ohara coadunam com essa reflexão: *scholarly self* e *self-fashioning* (2017, p. 30).

O conceito de *scholarly self* se refere à dissonância entre dois pontos, o primeiro se refere "aos repertórios abstratos de características e valores considerados necessários para que alguém seja considerado historiador" e o segundo às "performances individuais daqueles que se reconhecem enquanto historiadores" (OHARA, 2017, p. 25). Trata-se, portanto, de uma combinação daquilo que se espera que o indivíduo realize segundo moldes pré-determinados e as suas experiências pessoais aliadas às suas próprias adaptações a esses modelos, o que configura uma subjetivação desse indivíduo.

A dissonância a que se refere Ohara (2017) ocorre em Nelson Werneck Sodré, uma vez que ele procura desenvolver as habilidades inspiradas nas virtudes epistêmicas que o identificavam como historiador e também apresenta performances individuais na medida em que se lança à empreitada de narrar sua vida.

Esse desvio do padrão de um grupo pode ser analisado à luz da noção de *self-fashioning*, que possibilita entender "as tensões entre aquilo que se faz de nós e aquilo que fazemos de nós mesmos" (OHARA, 2017, p. 30). Por um lado, havia um conjunto de virtudes epistêmicas ("aquilo que se faz de nós") disciplinarizadoras da ação historiográfica de Nelson Werneck Sodré. Por outro, esse autor fez escolhas próprias ("aquilo que fazemos de nós mesmos"), portanto, um comportamento com determinados valores éticos que guiaram sua trajetória.

Com isso em mente, propomos uma análise que associe as relações entre ética e engajamento político, particularmente por se tratar de um momento de crise social, levando em consideração que NWS escreveu suas memórias durante o período compreendido pela Ditadura Civil-Militar de 1964. A noção de ética aqui se enquadra como uma

> categoria menos substantiva do que processual, ou seja, não como algo que se possui (segundo a expressão comumente usada de "ter ética") e sim como o exercício constante de "constituição de si" realizado pelo historiador enquanto historiador. (NICOLAZZI, 2018, p. 20, grifos do autor).

Nesse sentido, a todo o momento podemos detectar a tensão entre *scholarly self* e *self-fashioning* na escrita autobiográfica de NWS na medida em que as virtudes epistêmicas (*scholarly self*) regram essas narrativas mesmo que a opção de contar a própria trajetória em primeira pessoa (*self-fashioning*) esteja eivada de performance.

1. Virtudes epistêmicas e operação autobiográfica em Nelson Werneck Sodré: as técnicas e os seus usos

Anteriormente em nosso texto tivemos a oportunidade de discutir sobre a ideia de operação autobiográfica. Quando empreendemos essa discussão em relação ao memorialismo de Nelson Werneck Sodré, adiantamos a nossa análise de maneira que refletimos sobre o *lugar social* desse autor. O aspecto da operação autobiográfica abordado nesse capítulo será o das *práticas* ou os *procedimentos* de análise (uso da metodologia historiográfica e dos recursos do campo literário)[57].

As reflexões de Certeau (1982) contribuem a fim de se identificar as exigências apresentadas para se ser considerado historiador ao propor o conceito de operação historiográfica baseado no tripé: *lugar social*, *práticas* "científicas" e *escrita*. As análises desse autor consagraram a relação entre as práticas historiográficas e o lugar social. Por esse viés, as técnicas de produção da história, que são o segundo elemento da tríade, estão inseridas em um lugar e em um tempo específicos, que variam na medida em que se desloca o foco da observação.

Certeau (1982) permite-nos pensar que a escrita da História é o resultado não apenas de desejos individuais, mas, principalmente, das necessidades e pressões do lugar social de quem se encarrega da construção de uma narrativa baseada sempre numa pesquisa regrada por práticas historiográficas. O fruto do trabalho de pesquisa

[57] No último capítulo desse trabalho nós iremos encabeçar a nossa análise a partir das discussões apresentadas nesse segundo capítulo a fim de refletirmos sobre como o uso das técnicas sob a égide das virtudes epistêmicas influenciam na construção de uma *escrita* ou de um *texto* (em nosso caso, uma narrativa memorialística, marcada pelo hibridismo, proveniente da junção da técnica do historiador e do emprego de recursos literários combinados com uma performance).

do historiador, o texto, é carente de uma relevância social e como objeto de interesse dos seus pares, ou seja, a escrita da história estaria intimamente ligada a uma demanda social e profissional.

O estabelecimento de fontes ou a redistribuição do espaço é uma operação técnica na qual o historiador transforma um objeto em documento por meio da seleção e da reunião. Sendo assim, as "maneiras de se fazer" história e as técnicas por ela empregadas vão variar devido aos distintos contextos culturais, que cada sociedade poderia vir a possuir (CERTEAU, 1982, p. 78).

Quando nos referimos às virtudes epistêmicas estamos diante do problema sobre a definição do que é ser historiador. Essa definição depende de um conjunto bastante complexo e variado de fatores que podem se referir tanto à fabricação de algo, seguindo aquela linha de raciocínio apresentada por Michel de Certeau (1982) ao se perguntar o que fabrica o historiador quando faz história, quanto aos processos de legitimação que frequentemente são assumidos pela comunidade acadêmica. Pode-se somar a esses dois fatores a ideia de que tal definição é igualmente dependente de um processo de construção subjetiva que implica na prática de algumas virtudes epistêmicas, morais e sociais (OHARA, 2017, p. 30).

O conceito de operação historiográfica pressupõe a relação entre um lugar, que poderia ser um recrutamento, um meio, uma profissão; procedimentos de análise, ou seja, uma disciplina; e a construção de um texto, leia-se uma literatura, um discurso. Ohara (2017) complementa essa reflexão sobre o processo de se disciplinar o trabalho historiográfico ao afirmar que há um

> conjunto de regras procedimentais dedicadas a delinear, dar forma, bem como regular e configurar uma determinada modalidade discursiva cujo funcionamento estabelece que apenas um grupo de iniciados pode falar do passado – ou que, ao menos, os 'estrangeiros' devam se curvar aos critérios pretensamente universais, atemporais, ou racionais de validação do discurso. (OHARA, 2017, p. 23).

O conceito de virtudes epistêmicas favorece um olhar que, de forma mais abrangente, contemple a produção historiográfica dentro e fora dos muros universitários, pois "permite mapear os valores considerados desejáveis por certo grupo para que um indivíduo possa falar sobre o passado de maneira legítima." (OHARA, 2017, p. 23).

Esse olhar mais panorâmico encontra guarida no elemento das técnicas e procedimentos da operação autobiográfica. Assim, pode-se identificar em Nelson Werneck Sodré, um historiador autodidata, que nunca frequentou o ambiente acadêmico e produziu cerca de sessenta livros com uma temática variada, mas sempre preocupado com a questão da formação histórica brasileira e suas expressões culturais. Além de historiador, foi jornalista, professor, escritor, crítico literário e editor.[58] Apesar de não ter feito parte da comunidade de "historiadores profissionais", ele foi considerado como um dos tais em função da sua produção historiográfica e por apresentar as virtudes epistêmicas ou as técnicas que o qualificavam como um historiador.

O nosso mote aqui é refletir sobre como o conjunto dessas virtudes epistêmicas pensadas como técnica de elaboração de uma *persona* acadêmica (e social), influencia a maneira como NWS procura trabalhar com as técnicas do ofício de historiador no interior do seu memorialismo conjugando as técnicas de historiador no âmbito de uma operação autobiográfica.

Em se tratando de escritas de si de autoria de historiadores, pode-se identificar entre aquilo que é narrado, não apenas as histórias de vida pessoais ou acadêmicas, mas também os percursos do fazer "histórico" da profissão, as epistemologias, crenças e compromissos (AURELL, 2015, p. 246). A título de exemplo, no memorialismo werneckano é possível rastrear o uso da dialética marxista, os jogos de escalas entre o universal, o nacional e o local, o uso de uma cronologia quase inflexível no ordenamento não só dos volumes que compõem o corpus desse memorialismo como também os próprios capítulos dos livros.

Assim, as virtudes cultivadas por esse historiador em sua obra de referência histórica, transparecem em sua escrita memorialística, seja comentando sobre a época do lançamento de determinados escritos historiográficos, a feitura dos mesmos, os percalços, desafios; sobre opções teóricas, metodológicas, editoriais. Uma verdadeira abertura para os bastidores da pesquisa, os caminhos percorridos antes do pano cair.

---

[58] Já tivemos a oportunidade de tratar desse aspecto no capítulo anterior, mas não custa lembrar que NWS foi oficial do Exército chegando à patente de General, cursou a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (1944-1946) e foi chefe do Curso de História Militar nessa escola (1946-1950). Entre 1955 e 1964 foi membro do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), que ajudou a fundar, mas que com o Golpe Civil-Militar de 1964 foi extinto pelo governo que se instaurou. No ISEB ministrou palestras e aulas; além de ter chefiado o Departamento de História, produziu em coautoria com alunos e orientandos a *Coleção História Nova do Brasil*, lançada com recursos do MEC (Ministério da Educação e Cultura), com o objetivo de oferecer aos estudantes do ensino público outra abordagem da história nacional, menos factual e mais crítica.

Nelson Werneck Sodré se encontrava sob determinado regime de virtudes epistêmicas que disciplinavam o trabalho historiográfico, mas, no processo de construção de seu modelo de *persona* acadêmica e na escrita de sua autobiografia executou um jogo de tensão e flexibilização dos limites de tais virtudes epistêmicas. É justamente esse jogo de tensão e flexibilização entre virtudes epistêmicas e performance no interior de uma operação autobiográfica, que nos interessa.

Esse jogo de tensão e flexibilização ocorre em razão de uma dupla demanda inerente à escrita autobiográfica que, devido à sua constituição como um gênero híbrido, misto de história e de literatura, faz com que NWS adote na narrativa de sua vida, ao mesmo tempo, um comportamento virtuoso, exigido pela disciplina histórica, e uma postura performática, característica comum nas escritas de si.

Conforme postula Herman Paul (2016, p. 30), historiadores diferentes, em situações distintas, atribuem variados graus de importância para virtudes variadas na realização de seus trabalhos. Isso não significa que os conjuntos de virtudes cultivadas por tais historiadores seriam não-idênticos. Na verdade, as diferenças entre eles se dariam não em relação ao tipo de virtude valorizada, mas no que diz respeito ao grau e à ênfase com que cada historiador faz do uso de determinadas virtudes ou conjuntos de virtudes.

Com isso em mente, o que justificaria a adoção de determinados graus de ênfase ou uso(s) de determinada(s) virtude(s) em relação a outra(s)? Herman Paul sugere que "hierarquias de virtudes intelectuais dependem de situações historiográficas, isto é, da interação entre (1) o gênero da escrita, (2) o problema de pesquisa do historiador, e (3) o estado da literatura especializada" (PAUL, 2016, p. 30).

Por esse viés, NWS faz uso de determinadas virtudes em suas memórias ("o gênero da escrita") para tratar de um "problema de pesquisa" (relato de sua vida sob um viés de dever de memória e usos políticos da mesma) e se enquadra em um determinado "estado da literatura especializada" (o que se esperaria de um historiador caso escrevesse as suas memórias naquele período).

2. Virtudes epistêmicas e onde habitam no memorialismo de Nelson Werneck Sodré

Qual seria o sentido da valorização e manifestação das virtudes epistêmicas cultivadas por Nelson Werneck Sodré em seus livros de memória? Mero hábito de quem

dedicara toda uma vida ao exercício da pesquisa e da produção historiográfica? Ou ação pensada como forma garantidora de legitimidade em seus escritos sobre si?

Talvez NWS se sentisse mais confortável em se aventurar pelo mundo da subjetividade sendo guiado por determinados valores epistêmicos que o consagraram como historiador das origens do Brasil.[59] Todavia, mais que isso, é preciso reconhecer que em seu memorialismo as virtudes epistêmicas colaboram para reforçar o seu compromisso de historiador mesmo que estivesse lançando mão do recurso de falar de si para falar do seu tempo.

No âmago desse projeto de usar as memórias para contar sobre o que viveu e vivenciou e a ação em si de narrar se interpõe uma questão central: como conferir credibilidade ao narrado? No caso de NWS, esse questionamento nos faz pensar em dois aspectos: (1) a maneira de alcançar o selo de narrativa confiável foi conjurar as virtudes epistêmicas e, (2) essa preocupação com um determinado regime de verdade e a sua garantia no interior da narrativa esconde sob um diáfano véu um comportamento performático, uma vez que a escrita de si é para um público. Quem escreve não apenas será lido, mas avaliado, analisado, conferido.

Os aspectos citados acima não guardam uma relação hierárquica ou genealógica. Como em um fenômeno *ouroboros*, tanto faz partir da ideia de que a necessidade de se comunicar com um público fez NWS assumir um comportamento performático e para garantir que seria "lido" como um historiador memorialista construiu uma narrativa eivada de virtudes epistêmicas, como tomar como ponto de partida que o comportamento virtuoso se relaciona com o performático.

---

[59] Na tradição historiográfica brasileira são escassos os textos autobiográficos, com exceção de algumas entrevistas, publicadas em revistas científicas ou volumes destinados a reunir depoimentos (MORAES e REGO, 2002, servem de exemplo), além dos memoriais acadêmicos, como exigência de alguns concursos públicos. Obras de cunho autobiográfico, portanto, textos de maior extensão e que venham a cobrir esferas da vida pública e/ou da vida privada de historiadores, temos somente dois destaques, o próprio Nelson Werneck Sodré e Bóris Fausto, este último, autor de volumes como *Negócios e ócios* (1997), *Memórias de um historiador de domingo* (2010) e *O Brilho do Bronze* (2014). Em razão da escassez de escritas de si entre historiadores brasileiros, há uma possibilidade de investigação das subjetividades desses profissionais por meio dos memoriais acadêmicos como salienta Silva (2015, p. 132): "Desse modo, é possível mapear tanto as situações compartilhadas em termos institucionais, como processos formativos, formas de ascensão, dedicação às atividades de ensino, gestão, pesquisa e extensão, fluxos temáticos, quantitativos e qualitativos de produção, rede de relações, entre outros, como, dentro de distintos modelos narrativos, aspectos específicos nas relações familiares e de vinculação, nos pertencimentos ideológicos e intelectuais, nas escolhas e conquistas". Vale destacar que a tradição brasileira dos memoriais acadêmicos deriva da tradição francesa na produção desse gênero textual. Sobre esse aspecto, ver a coleção "Itinéraires", dirigida por Patrick Boucheron nas "Publications de la Sorbonne" (CARVALHO, 2015, p. 244).

O atributo performático das escritas de si de NWS aponta para uma postura reflexiva na condução de sua exposição e se submete à avaliação pública, principalmente de seus pares. Como já apontamos, tal comportamento performático é então alinhado com as virtudes epistêmicas na escrita memorialística desse autor como estratégia legitimadora daquilo que é narrado.

Esse zelo com um texto de conteúdo verdadeiro se alinha com o pensamento de Certeau (1982) no tocante ao discurso do historiador. Esse autor enfatiza que o discurso histórico busca possuir um conteúdo verdadeiro, verificável, assumindo a forma de uma narração, para se ter validade (CERTEAU, 1982, p. 101). A citação, assim como o uso dos arquivos, seria uma das maneiras de outorgar legitimação a uma ideia proposta por um historiador. Esses recursos conferem ao citado a categoria de referencial, para dar credibilidade às ideias defendidas. Haveria um comprometimento nos estudos históricos com aquilo que pode ser verificado e atestado cientificamente.

Nas suas memórias, NWS não faz uso amplo do recurso da citação, pelo menos não no sentido comum de citar outros autores. Todavia, o memorialista devota, como veremos mais adiante, uma preocupação de sustentar seus escritos sobre si na citação constante de sua base documental, composta pelo seu acervo pessoal. O apelo ao arquivo, uma das suas virtudes epistêmicas, àquilo que poderia ser verificado e atestado, como o quer Certeau (1982), faz parte da metodologia e da estratégia de NWS na elaboração do seu texto memorialístico.

A preocupação com a referencialidade, entre os historiadores que se embrenham nas escritas de si, ocorre em virtude de haver um receio de que o projeto autobiográfico mine a autoridade conquistada com dificuldade como reconstrutores do passado. (POPKIN, 1999, p. 727). Isso porque o tempo da autobiografia é o tempo individual enquanto que a narrativa histórica ocorre no tempo coletivo. Jaume Aurell defende esse mesmo ponto de vista ao afirmar que

> Um problema real que surge quando lemos autobiografias de historiadores como fontes reside na proverbial relutância dos autores em revelar detalhes do percurso de seus projetos devido a uma hesitação que reflete a preocupação em manter o rigor e a objetividade. (AURELL, 2014, p. 345)

O historiador, ao intercambiar na escrita de si aspectos da literatura e da escrita da história, "amplia a dimensão subjetiva de seu texto quando narra sua própria

vida e, inevitavelmente, aumenta de forma considerável os resíduos historiográficos em seu texto" (AURELL, 2014, p. 348). Ao escrever a sua própria trajetória, o historiador acaba se colocando diante dos paradoxos do seu *métier*, rompendo ou flexibilizando nesse tipo de escrita as regras ou virtudes epistêmicas de sua profissão de ofício.

Nelson Werneck Sodré enfrentou esses receios, mas com a ressalva de não se deter ou focar no falar de si mesmo especificamente. Segundo Popkin (1999, p. 729) há vantagens na escrita de si de historiadores: seus autores são profissionais treinados para fazerem as perguntas certas. Justamente por esse motivo, o desafio do historiador autobiógrafo é demonstrar as interconexões entre as suas experiências micro-históricas e os temas de significado mais amplo, conforme o próprio NWS na apresentação de *O fascismo cotidiano*: "suponho que em minha experiência individual existe muita coisa peculiar ao meu tempo e ao meu país" (SODRÉ, 1990, p. 6).

Por esse viés,

> As autobiografias dos historiadores demonstram o valor desta tentativa de ir além da experiência pessoal nas formas como eles incorporam o "quadro geral" histórico na reconstrução de suas autobiografias e, assim, dar a esses autorretratos uma riqueza de contexto, muitas vezes ausente no gênero autobiográfico. Ocupando uma posição fronteiriça entre autobiografia, com suas conexões com a literatura, e história, com suas aspirações à uma certeza, as autobiografias dos historiadores são especialmente adequadas, não para mostrar que esses gêneros são realmente um e o mesmo, mas que cada um deles pode ser enriquecido por uma consciência do que o outro tem a oferecer. (POPKIN, 1999, p. 747-748, grifos do autor).[60]

Nas últimas quatro ou cinco décadas é possível identificar um número crescente de autobiógrafos historiadores que têm se aventurado na escrita de suas trajetórias de vida, principalmente se considerarmos as tradições historiográficas europeias, como a francesa, por exemplo, ou ainda, no caso das Américas, a estadunidense. Consequentemente, "a consciência da função do historiador como 'narrador', em vez de simplesmente 'cientista', tem crescido significativamente, o que faz aumentar as analogias entre textos históricos e literários". (AURELL, 2014, p. 344, grifos do autor). Por conseguinte, nas escritas de si dos historiadores podemos encontrar não apenas testemunhos de suas vidas, mas também dados que explicam seus projetos históricos.

[60] As traduções, pelo autor dessa tese, são livres.

Analisar as memórias de Nelson Werneck Sodré abre portas de acesso ao exame de como os seus textos históricos foram articulados, mas também, numa via de mão dupla, sobre como as convicções ideológicas, intelectuais, de atuação política, as redes de sociabilidade poderiam ter influenciado a natureza metodológica e epistemológica de seus textos e ainda, a maneira como a sua obra historiográfica incidiu na escrita de suas memórias.

2.1. As virtudes epistêmicas de Nelson Werneck Sodré: arquivo e memória

Data dos anos 1970 o encontro dos historiadores com os arquivos pessoais.[61] Pelo menos no que diz respeito à Europa de uma maneira em geral e à França, em particular, como assinala Prochasson (1998, p. 106). Angela de Castro Gomes (1998, p. 124) por sua vez, chama a atenção que no Brasil, o *boom* dos estudos sobre arquivos pessoais não ficou muito atrás em comparação com o que ocorreu na Europa. Iniciativas de guarda de arquivos privados no Brasil também se constituíram justamente nos anos 1970, com destaque para o CPDOC, na FGV, e o Arquivo Edgard Leuenroth, na Unicamp, o primeiro destinado a guardar a documentação privada de figuras públicas da política

[61] Sobre a expressão *arquivos pessoais*, vale observar que tal conceituação "está embutida na própria definição geral de arquivos privados, quando se afirma tratar-se de papéis produzidos/recebidos por entidades ou pessoas físicas de direito privado. O que se pode aqui especificar é que, sendo papeis ligados à vida, à obra e às atividades de uma pessoa, não são documentos funcionais e administrativos no sentido que possuem os de gestão de uma casa comercial ou de um sindicato laboral. São papeis ligados à vida familiar, civil, profissional e à produção política e/ou intelectual, científica, artística de estadistas, políticos, artistas, literatos, cientistas etc. Enfim, os papeis de qualquer cidadão que apresente interesse para a pesquisa histórica, trazendo dados sobre a vida cotidiana, social, religiosa, econômica, cultural do tempo em que viveu ou sobre sua própria personalidade e comportamento" (BELLOTTO, 2006, p. 256). Todavia, Camargo (2009), ao se debruçar sobre sentido da expressão *arquivos pessoais*, ressalta que conquanto "se admita seu uso na comunidade arquivística brasileira, o mais correto seria dizer *arquivos de pessoas* (desta ou daquela pessoa, tratada individualmente) ou de categorias ocupacionais (de estadistas, de literatos, de cientistas etc.), ao menos para não conflitar com três situações distintas, igualmente questionáveis, em que o epíteto é aplicado. Refiro-me aos documentos sobre pessoas, presentes nos arquivos institucionais, e, no âmbito dos documentos efetivamente acumulados por indivíduos, a parcelas específicas do arquivo: àquelas que não resultam do exercício de funções públicas e àquelas representadas por documentos identitários. A observação é válida também para expressões que convertem uma das facetas do titular em atributo geral de todos os documentos de seu arquivo, estendendo-o para os de outras pessoas com perfil semelhante: 'arquivos literários', 'arquivos científicos', 'arquivos políticos', 'arquivos militares', 'arquivos religiosos' etc." (CAMARGO, 2009, p. 28, grifos da autora). Apesar da ressalva, optamos por utilizar aqui a expressão já sedimentada para nos referirmos aos documentos pessoais de NWS.

brasileira do pós-1930, e o segundo os arquivos de lideranças do movimento sindicalista nacional.[62]

No âmbito das escritas de si, o uso dos arquivos pessoais como fonte para compor o texto é recorrente como suporte à memória. Analisar os usos que NWS faz do seu arquivo pessoal, ainda mais em se tratando de um historiador que decide escrever sobre si mesmo, é de fundamental importância na nossa reflexão sobre o seu memorialismo. Diante da ameaça de esquecimento se produz a necessidade de criação de lugares cuja função primordial é a preservação da memória, ou os lugares de memória, sendo os arquivos uma das manifestações de tais lugares (NORA, 1993).

De uma maneira geral, os arquivos pessoais estão relacionados aos processos de integração e exclusão social. Portanto, a importância e a necessidade do arquivamento do eu pode ser assim formulada:

> Mas essa exigência do arquivamento de si não tem somente uma função ocasional. O indivíduo deve manter seus arquivos pessoais para ver sua identidade reconhecida. Devemos controlar as nossas vidas. Nada pode ser deixado ao acaso, devemos manter arquivos para recordar e tirar lições do passado, para preparar o futuro, mas sobretudo para existir no cotidiano. (ARTIÈRES, 1998, p. 14).

Arquivar a própria vida de forma alguma é uma prática neutra, há que se considerar sempre as relações que se estabelecem com vias de se monumentalizar, por meio do arquivo, *o que* se quer constituir como identidade a ser lembrada. Por conseguinte, arquivar a própria vida é uma prática dinâmica e plural que tem por objetivo um futuro leitor. No caso de NWS parece que há uma perspectiva que contemplaria uma dupla possibilidade de leitura de si: suas memórias e o seu arquivo pessoal. Afinal, "Arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência" (ARTIÈRES, 1998, p. 11).

Segundo a arquivística, o conceito de arquivos pessoais seria entendido como o

> conjunto de papéis e materiais audiovisual ou iconográfico resultante da vida e da obra/atividade de estadistas, políticos,

[62] Sobre os usos dos arquivos pessoais nas análises realizadas por historiadores, ver, entre outros, Bellotto, 2007; 1998; Camargo, 2007; 1988; Cook, 1998; Costa, 1998; Gomes, 1998; Heymann, 2005; Meneses,1998; Prochasson, 1998.

> administradores, líderes de categorias profissionais, cientistas, escritores, artistas, etc. Enfim, pessoas cuja maneira de pensar, agir, atuar e viver possa ter algum interesse para as pesquisas nas respectivas áreas onde desenvolveram suas atividades; ou ainda, pessoas detentoras de informações inéditas em seus documentos que, se divulgadas na comunidade científica e na sociedade civil, trarão fatos novos para as ciências, a arte e a sociedade (BELLOTO, 2004, p. 266.).

Nessa concepção consagrada pela tradição, os arquivos de homens comuns não interessam, já que são consideradas somente as figuras de proa da sociedade. Entretanto, apenas a título de exemplificação, poderíamos citar que a tanto a História Oral quanto a micro-história valorizam os chamados "esquecidos da história" (FIOCUCCI, 2010).

Críticas à parte quanto a conceituação deveras reducionista de arquivos pessoais, nota-se que o arquivo pessoal de pessoas públicas é cercado por expectativas e propostas diversas no tocante às razões para se guardar os documentos sobre o seu titular, inclusive, com uma intencionalidade de, no futuro, servir de fonte para a escrita de uma biografia ou memórias, como o fez NWS.

Priscila Fraiz, no artigo "A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo de Gustavo Capanema", afirma que este teria organizado de forma sistemática os documentos concernentes à sua atuação na política nacional, tendo produzido cerca de sete mil fragmentos autobiográficos, com vistas a escrever uma futura autobiografia, empreitada, por sinal, nunca levada a cabo. Segundo a autora,

> o arquivo privado de Gustavo Capanema é seu projeto autobiográfico porque construindo seu arquivo, ele constrói sua expressão individual, sua imagem, seu eu, efetuando o pacto com o leitor (no caso, o usuário do arquivo). É como se Capanema estivesse dizendo: "você está lendo a minha vida, construída e escrita por mim" (FRAIZ, 1998, p. 75, grifos da autora).

Sobre a questão da organização do arquivo pessoal e a ideia de unidade acrítica atribuída a esse tipo de fonte, vale as ressalvas de Heymann:

> No caso dos arquivos pessoais, a ideia de unidade poderia ser atribuída à ilusão de um acúmulo documental pautado sempre pelos mesmos critérios, concomitante e homogêneo com relação aos "fatos" relevantes da vida do titular, além de orientado para constituir uma fonte para a pesquisa histórica. Nesse caso, o encadeamento narrativo poderia ser comparado à sequência descritiva dos inventários, nos quais as unidades documentais são geralmente apresentadas seguindo a cronologia da trajetória do titular. Não há menção às lacunas

> documentais, à história da constituição daquele acervo – na qual podem ter atuado outros agentes além do titular-, nem às opções que orientaram o trabalho arquivístico e definem um particular arranjo dos documentos entre os vários possíveis (HEYMANN, 1997, p. 45)

A propósito do alerta de Heymann de que indivíduos manipulam, segundo interesses diversos, os bens do acervo, principalmente os familiares, após a morte do titular, tal situação nos faz pensar na atuação da filha de NWS, Olga Sodré, que após o falecimento do pai, conforme apontamos anteriormente, se esmera em organizar eventos, livros, sites, novas doações para o acervo do titular que se encontra na Biblioteca Nacional. As ações de Olga Sodré se encaixam nessa ideia de complementar constantemente o arquivo, tapar as suas frestas, aparar as suas arestas.

Todavia, apesar do empenho de NWS em vida para manter a organização e o conteúdo de seu acervo, bem como o de sua filha atualmente, devemos nos recordar de que o próprio autor confessa em suas memórias ter realizado a destruição de partes de seu arquivo a fim de liberar espaço para novos itens serem guardados. Essa atuação se alia a outras de organização, seleção, portanto esquecimento, do que se guardar, do que se preservar como memória.

Não podemos olvidar que, não somente a interferência do titular, de pessoas próximas ou de agentes arquivísticos incidem sobre um acervo, a posteridade, na leitura, mapeamento, organização e interpretação do arquivo produzem novos olhares, concepções e releituras do que se guardou, ressignificando, novamente, num ciclo perpétuo, os rastros do passado.

A atualização da noção clássica de memória como antagonista do esquecimento coloca em suspeição a concepção dualista que dispõe em lados opostos tais noções. Quais as tensões e contradições envolvem a ideia de arquivar para não esquecer? Jacques Derrida em *Mal de arquivo: uma impressão freudiana* propõe nuances de interpretação quanto aos arquivos que nos interessam como chave de leitura para entendermos as relações estabelecidas por NWS entre o seu arquivo pessoal e o seu memorialismo.

Derrida (2001, p. 12-13) inter-relaciona *história*, *poder* e *verdade* com a noção de arquivo. A tradição se constitui com e sobre o arquivo numa relação de poder. Afinal, o duplo sentido da palavra arquivo, *arkhê*, implica começo e comando, ou seja, a figura do *arconte*, o que comanda. É descortinada então as consequências políticas da verdade social e histórica e suas interfaces com o poder e o arquivo.

Busca-se, no geral, não somente definir *onde* e *quando* começa o arquivo, mas também *quem* o comanda. As esferas de grau físico e histórico correspondem a ontologia do arquivo e o comando, isto é, o poder de controle, está sob os auspícios da lei, que o regulamenta. O aspecto *nomológico* é parte integrante do arquivo, isso porque as relações de poder e controle, seja no âmbito metafísico, institucional, individual ou social, estabelecem as regras que incidem sobre o arquivo efetivamente (DERRIDA, 2001, p. 11).

A constituição do arquivo é um amálgama de três registros: o cognitivo (princípio ontológico), o ético (princípio da prática) e o político (princípio nomológico). Vale dizer que o arquivo seria um *corpus* documental que remeteria a diversos acontecimentos que ocorreram num certo espaço social. Entretanto, estes documentos imbricariam em ações diretas ou não de mascaramento, manipulação, realizadas a partir de relações de poder e agenciamento do arquivo. Tal poder definiria o *lugar* do arquivo (DERRIDA, 2001, p. 12-13).

Por esse viés, o conjunto de documentos seria objeto de uma consignação, ou seja, a ordenação e classificação dos signos sob a guarda do arquivo (DERRIDA, 2001, p. 14). Essa constatação aponta para a existência de um agente, o arconte, que é, a um só tempo, guardião e intérprete do arquivo (DERRIDA, 2001, p. 12-13).

Na visão clássica do arquivo, há um esforço em determinar não somente sua gênese absoluta para se firmar sua existência, mas o próprio arquivo é constituído como centrado no tempo passado. Por conseguinte, o arquivo teria sempre uma origem e se constituiria como um culto ao passado, como um lugar de rememoração. Contudo, para Derrida, o arquivo não seria algo que se circunscreva ao registro da memória, isto é, não seria apenas *mneme* que implicaria somente na anamnese, mas seria também da ordem da *hypomnese* (DERRIDA, 2001, p. 25-27).

Uma das propostas do autor é colocar em xeque a concepção consolidada de arquivo como sendo algo estático e fixo na sua consistência ontológica (DERRIDA, 2001, p. 11-12). O que está em questão é a noção clássica de arquivo como um conjunto de documentos estabelecidos como algo dado, na sua materialidade, o reflexo do que ocorreu *de fato* na experiência histórica.

Entra em cena a discussão que propõe o arquivo como *corpus* mutável, sujeito a variações, não fixo, constantemente (re)atualizado a partir de demandas do presente e do futuro, que se ensejam, de maneira ativa, no processo de arquivamento. Voltemos ao

dualismo questionado há pouco: é ingenuidade considerar o arquivo como uma instância sem rasuras e sem lacunas, ou seja, sem que se sopese qualquer esquecimento (DERRIDA, 2001, p. 24-26; p. 49-54).

Essa constituição lacunar, descontínua, transpassada pelo esquecimento é própria da virtualidade do arquivo. Somado a isso, o arquivo é atravessado constantemente pelo mal de arquivo. A pulsão de morte, expressão consagrada por Freud, ou seja, uma potência de produção de silêncio, uma pulsão de destruição, que apagaria as marcas e os traços arquivados é ressignificada por Derrida como mal de arquivo. Assim, o mal de arquivo seria o fenômeno responsável por possibilitar tanto o esquecimento quanto a renovação do arquivo pelas novas consignações, aquisições de novos signos (Derrida, 2001, p. 23-29).

A pulsão de morte seria denominada por Derrida como *arquiviolítica*, uma dimensão de apagamento de traços inscritos e a abertura de espaços e subscrições de novos signos. Engendra-se uma engrenagem cujo denteamento se dispõe em apagar o arquivo em sua dimensão positiva, mas ao mesmo tempo é condição *sine qua non* para a continuidade do processo de arquivamento, justamente por oferecer as oportunidades para que este se (re)faça continuamente.

Paradoxal, portanto, que para existir consecutivamente o arquivo seja corroído pelo mal de arquivo. Sendo assim, a própria existência do arquivo e a sua sobrevida implicam em seu apagamento e em seus traços para que por meio de seus rastros ocorra a sua renovação (DERRIDA, 2001, p. 23-31). À semelhança da fênix que para se renovar se entrega ao autossacrifício e renasce das cinzas, o arquivo apaga seus traços para (re)surgir sucessivamente.

Com isso em mente, isto é, a contínua renovação do arquivo, temos que o tempo do arquivo é o tempo do presente. É a partir das demandas do agora que se opera em relação ao arquivo as relações de poder. Esse presente se ordena numa temporalidade tripartite e concomitante: o presente passado, o presente atual e o presente futuro. A finitude, no sentido de circunscrição, marca continuamente o arquivo. Entretanto, é precisamente essa marcação finita que exige, como condição de possibilidade, a infinitude do processo de repetição do ato de arquivar. Uma vez que o arquivo corresponde a um horizonte de expectativas do futuro e a uma contínua brecha para o "vir-a-ser" (DERRIDA, 2001, p. 83-102).

Aspectos como a consignação, a pulsão de morte que o perpassa, o seu caráter "instituidor" e "conservador" bem como suas formas de representação (DERRIDA, 2001, p. 17), podem ser relacionados com uma dupla dimensão: o memorialismo e o arquivo de NWS. A escrita memorialística desse autor é concebida, aqui, como uma forma arquivo, como uma maneira de garantir o arquivamento de uma memória segundo a versão de seu guardião, conforme pensa Derrida (2001) no tocante às relações de poder, de controle, de posse e de interpretação sob a figura do arconte.

Nelson Werneck Sodré doou o seu acervo pessoal para a Biblioteca Nacional em 1995.[63] Chama a atenção que o último livro de cunho memorialístico do autor havia sido publicado em 1994, pouco antes, portanto, da doação de seu arquivo pessoal. Nos anos 1970 o próprio NWS já havia reconhecido que a sua obra memorialística estava consumada, pelo menos o projeto que ele havia delineado para realizar tal empreendimento literário.

Isso pode ser constatado em *Fascismo cotidiano*, obra que comunga ensaísmo e diário, escrita em 1976 na qual o autor afirma que: "As memórias foram completadas há cinco anos, embora inéditas, em sua maior parte. Não voltarei a escrever memórias. O essencial foi dito dentro das minhas limitações". (SODRÉ, 1976, p. 5).

Nota-se que, apesar de publicar o seu derradeiro livro de memórias em 1994, NWS já havia concluído seu projeto de escrever sobre suas vivências cerca de duas décadas antes. Chama a atenção, portanto, a ação de doar o seu arquivo pessoal após o lançamento dessa última peça do seu cabedal memorialístico. Interpretamos essa ação ao lume das propostas de Derrida (2001) concernentes à guarda do arquivo. Ou seja, NWS assume um duplo papel: proteger os documentos e agir sobre eles. Trata-se de uma função de consignação em relação ao seu arquivo.

---

[63] Uma relação sumária do acervo do autor, doado pelo mesmo em 1995 e disponível na BN, seria: obra bibliográfica do titular, fotografias de familiares e pessoas públicas; correspondência ativa e passiva do titular com políticos e intelectuais contemporâneos; artigos publicados, programas de cursos, recortes de jornais e revistas; documentos pessoais. Trabalhos sobre o titular. Fitas videomagnéticas e audiomagnéticas. Um conjunto de 188 livros. No total, são 807 documentos, sendo 175 fotografias. Além dessa documentação, que faz parte do arquivo pessoal de Nelson Werneck Sodré, pode ser consultado mais de 3 mil textos para a imprensa e mais de 60 livros de sua autoria. O acervo está disponível para consulta na BN: Fundo/Coleção: Nelson Werneck Sodré; Datas-limite: 1924-1994; Localização: 32; 67,003; ARQ 1,2; MAP II. Para consulta do inventário da Coleção NWS na BN, ver: http://bndigital.bn.gov.br/wp-content/uploads/2014/03/Invent%C3%A1rio-da-Cole%C3%A7%C3%A3o.pdf. Para consulta *online* do acervo e do inventário analítico, ver: SARMENTO, Filipe Martins. "Coleção Nelson Werneck Sodré Inventário Analítico". Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: https://bndigital.bn.gov.br/artigos/colecao-nelson-werneck-sodre-inventario-analitico/. Acesso em: 12 de nov. 2019.

Por esse viés, é sintomático e simbólico que o memorialista doe seu arquivo pessoal após a publicação do último volume de suas escritas de si. Interpretamos essa ação no sentido de que o autor entrega a guarda de seus documentos a terceiros somente após garantir que a sua versão de interpretação desse arquivo esteja consumada por meio da escrita de suas memórias.

Sendo assim, as memórias de NWS funcionariam dentro do sistema de consignação do arquivo, como o quer Derrida (2001). A relação de poder se dá uma vez que o memorialista procura garantir uma dupla sobrevida ao seu arquivo: ao doá-lo, mas também por meio de uma determinada leitura e interpretação, a sua, sobre esse acervo.

Seguindo o raciocínio acima exposto, ao doar o seu arquivo pessoal somente após considerar que o seu projeto memorialístico estava consumado e publicado, NWS estaria sob os efeitos do mal de arquivo, que atua como fenômeno motivador que anteriormente impulsionara a ação de transformar a escrita de si desse autor em uma nova forma de arquivo.

A expressão consumada aqui é utilizada mais no sentido de "O essencial foi dito dentro das minhas limitações" (SODRÉ, 1976, p. 5), ou seja, aquilo que o autor se propôs a contar e ainda, o fato de que tais obras já haviam chegado aos leitores. Há que se reconhecer, ao mesmo tempo, o caráter inconcluso e aberto das memórias, uma vez que instâncias nela contidas estão à mercê de sofrerem atualizações, modificações e acréscimos realizados pelo próprio leitor, parte integrante da elaboração dos enunciados do texto.

Por esse viés, um arquivo pessoal, bem como os mais diversos componentes que por ventura acabem por aglutinar-se no processo de interpretação de um texto literário, engendra-se num ciclo perpétuo de renovação, uma vez que para Derrida "novos arquivos podem sempre ser ainda discutidos, sair do segredo e da esfera privada e ser submetidos a novas interpretações" (DERRIDA, 2001, p. 69).

A relação possível que propomos estabelecer aqui é a que existiria entre o arquivo pessoal de NWS e a sua escrita memorialística. Por esse viés, a escrita de si é uma literatura que figura como uma das formas de arquivo. Assim como o processo de arquivamento, em se tratando da escrita de memórias é complexa a tarefa de definir os conteúdos, temas abordados, o que se lembra e, por conseguinte, o que se esquece. Da mesma maneira que são feitas escolhas sobre o que fica e o que sai do arquivo, na escrita das vivências, as lembranças e os rastros dos acervos que serão ou não consignados

também sofrem escolhas, cortes, ressalvas, destaques; algumas lacunas são preenchidas e outras são dilatadas.

Esse processo de (in)definição é cooptado pela pulsão de morte, que a todo momento se insinua nas configurações que regem o arquivo, aberto sempre à recepção de novas adições. Vale reforçar: o mal de arquivo é um positivo que Derrida propõe à noção freudiana de pulsão de morte. Ou seja, este mal na verdade é uma febre, um desejo ardente de arquivar, uma nostalgia de retorno ao começo absoluto (DERRIDA, 2001).

O mal de arquivo é orquestrado por um duplo movimento contínuo, circular: o primeiro deles é eivado de uma volúpia por totalização e retenção; o outro é descarnado, não só do desejo de totalização como também da vontade de retorno à origem como lugar imutável. No que diz respeito a NWS, o autor manifesta o desejo de retenção ao escrever uma obra memorialística amparada no seu arquivo pessoal, com vistas a dar conta das virtudes epistêmicas típicas do campo do historiador, como a fidelidade aos fatos, a veracidade das informações. Mas ao mesmo tempo, o autor se desfaz de seu arquivo num gesto dramático, um *gran finale* de quem entendia ter já escrito o que pretendia sobre si mesmo.

Abaixo, citamos trecho em que NWS menciona o hábito arquivístico:

> Por longos anos, escrevendo à máquina, obedeci ao hábito salutar de guardar cópia de minhas cartas, da correspondência expedida, como guardava a correspondência recebida. Contingências da vida, porém, assim como me forçaram a destruir, por mais de uma vez, numerosos livros da minha biblioteca, obrigaram-me a destruir os pacotes em que, cuidadosamente em ordem, estavam arquivadas aquelas cópias. É por isso que estou escrevendo essas memórias à base da correspondência recebida e de documentos outros, como recortes de jornal. Assim, os episódios vistos, de um lado, na perspectiva da época em que ocorreram, e, de outro lado, na perspectiva dos dias atuais. (SODRÉ, 1970, p. 285)

O excerto nos permite refletir sobre três pontos que merecem destaque. Em primeiro lugar, confirma o hábito "salutar" de arquivamento desenvolvido pelo memorialista ao longo da vida. Em segundo, a confissão de ter destruído parte de seu acervo pessoal, principalmente as cópias das cartas remetidas. Por fim, o uso do arquivo como forma de completar e atualizar a narrativa construída em um duplo temporal: de um lado baseada nos documentos do arquivo, de outro lado lastreada na memória do autor, no presente em que escreve.

É possível ler a sanha de Nelson Werneck Sodré de guardar materiais em arquivos como um fator que atua na destruição da "memória como *mneme* ou *anamnesis*" (DERRIDA, 2001, p. 22, grifos do autor), opondo-se a esta por ser artificial. A busca por espaço para arquivar mais dados leva o memorialista ao longo da vida a um ímpeto destruidor. Revela-se no desejo de arquivar uma outra face: a aniquilação.

Em se tratando da escrita memorialística de NWS, na medida em que escreve sobre si e sobre o seu passado, a partir de referenciais do presente, como ele próprio alerta, fazendo uso de um arquivo lacunar e corroído pela pulsão, o narrador é responsável por articular os rastros de memória em dueto com os rastros do arquivo. Sendo o próprio arquivo um destruidor da memória, pois na medida em que se arquiva, a responsabilidade de lembrar é transferida do plano psíquico para o suporte arquivístico, fazendo com que o ciclo da pulsão entre em nova etapa.

O mal de arquivo é remediado na constituição de um arquivo em forma de literatura. Entretanto, tal remédio apresenta-se como um *pharmakón*, ou seja, remédio e veneno (DERRIDA, 2005). A imagem do *pharmakón* nos ajuda a pensar que, se por um lado a escrita memorialística atenua a pulsão de arquivar, uma vez que oferece suporte para o registro das lembranças, confissões, por outro, a escrita funciona de maneira a dar novos sentidos para o que se arquiva, desfiando as fibras do texto. Todavia, ao esgarçar as tramas do narrado, rompendo suas fibras em novas ramificações, nota-se o impulso aventurar-se por novas sendas narrativas, aprimorar o que já se escreveu, aprofundar temas já abordados, numa febre rediviva: recrutar novos fios para tecer essas narrativas.

Quanto a esse impulso, nota-se a recorrência de temas no memorialismo de NWS que indica a pulsão de revisitá-los. Eles se aglutinam a uma subjetividade em permanente processo de abordagens por novos ângulos. Para ilustrar tal recorrência, podemos citar o cuidado do autor em fazer questão de reforçar a importância de sua rede de sociabilidade e de colaboradores. Ao longo dos seus textos memorialísticos esse tema é realçado pela citação e transcrição de cartas trocadas com amigos, colegas de trabalho, intelectuais, jornalistas, escritores, historiadores, artistas, poetas. Fica a sensação de que a angustiante decisão de pôr fim a documentos de seu arquivo pessoal seria remediada pela ação de transportar para o plano escrito o que se encontrava nas lembranças e nos arquivos que ora restavam.

Voltando à questão brevemente abordada por nós há pouco sobre a relação entre uma memória artificial, como arquivo, e a *mneme*, Derrida (2001) aponta que

> esta potência arquiviolítica não deixa atrás de si nada que lhe seja próximo. Como a pulsão de morte é também, segundo as palavras mais marcantes do próprio Freud, uma pulsão de agressão e de destruição (*Destruktion*), ela leva não somente ao esquecimento, à amnésia, à aniquilação da memória como *mneme* ou *anamnesis*, mas comanda também o apagamento radical, na verdade a erradicação daquilo que não se reduz jamais à *mneme* ou à *anamnesis*; a saber, o arquivo, a consignação, dispositivo documental ou monumental como *hupomnema*, suplemento ou representante mnemotécnico, auxiliar ou memento. Pois o arquivo, se esta palavra ou esta figura se estabiliza em alguma significação, não será jamais a memória nem a anamnese em sua experiência espontânea, viva e interior. Bem ao contrário: o arquivo tem lugar em lugar da falta originária e estrutural da chamada memória. (DERRIDA, 2001, p. 22, grifos do autor)

Na perspectiva de Derrida, a manutenção de um acervo arquivado em suporte externo provoca um processo de apagamento da lembrança, que, de outra forma, permaneceria viva por meio da memória na condição de *mneme*. Isso ocorre na medida em que, sob a proteção do arquivo, os rastros do passado ficam à mercê do aniquilamento impetrado pelo esfriamento das relações entre o guardado e o lembrado. Isso ocorre pois se retira a responsabilidade do aparelho psíquico de guardar os dados e transfere essa função ao arquivo.

É a partir dessa teorização de Derrida (2001) que seria válido considerar a escrita de si de NWS como uma memória monumento, no sentido pensado por Le Goff (1990). Ou seja, uma escrita que assume o suporte de um arquivo ao concretizar em papel e letras os rastros do passado. Ao mesmo tempo, todavia, segundo essa acepção, a ação de transferir as lembranças para o plano escrito pode ser considerada um *hupomnema*, que, por registrar memórias em um texto literário, as aniquila, ao contrário de preservá-las.

Por esse viés, se um indivíduo arquiva objetos ou documentos cujas lembranças até então eram acionadas para evitar o esquecimento, ao submeter à guarda do arquivo, tais lembranças ficam à margem do campo de onde eram acionadas, isto é, a memória como *mneme*. Para refletir sobre a noção de *hupomnema* e *mneme*, evoca-se, novamente, a sanha arquivística de NWS:

> Por velho hábito, que permaneceu ao longo do tempo, não rasgo papeis, cartas documentos; conservo-os, cuidadosamente guardados e separados, conforme a procedência do assunto. Assim, enquanto escrevo estas memórias, consulto os documentos que me permitem reconstituir os acontecimentos, procurando apresentá-los sem a

> deformação que a distância no tempo lhes confere. (SODRÉ, 1967, p. 245)

Em *A luta pela cultura*, o autor confirma possuir um "arquivo organizado e de zelar para que assim permaneça e não lhe falte tudo aquilo que esteve ligado à minha atividade literária" (SODRÉ, 1990, p. 29). Em *Memórias de um soldado*, o narrador confirma o hábito arquivístico do personagem: "Como não rasgo documentos, particularmente correspondência, conservo os rádios, telegramas, cartões, cartas de cumprimentos pela promoção; [...] conservo todos porque aprecio confrontá-los com outros, que vieram depois, quando os tempos mudaram" (SODRÉ, 1967, p. 281). Ou ainda, quando o autor, via narrador, diz: "Releio *cópia* de carta que escrevi a Fernando Azevedo" (SODRÉ, 1967, p. 449, grifo nosso). Em *Memórias de um escritor*, o narrador, ao contar sobre as pessoas a quem NWS enviava cópias de seus livros, confirma o hábito apontado acima: "Guardo comigo, na velha norma de não rasgar papeis, a relação dessas pessoas." (SODRÉ 1970, p. 205).

Quando narra a sua prisão e o processo de IPM que sofreu logo após o Golpe Civil-Militar, o autor afirma: "Não me recordo se meu depoimento durou um dia ou se prolongou mais" e completa: "Guardo – como guardo tudo, ofícios de intimação, permissões de visitas da minha mulher, etc. – algumas notas do interrogatório, a que compareci sozinho." (SODRÉ, 1967, p. 619).

Concernente aos acontecimentos relacionados à sua carreira de escritor, o autor afirma que "Em meu arquivo relativo a 1930, nada consta". Em seguida, por não conseguir se recordar das causas relacionadas a não ter publicado nada no ano referido, levanta duas hipóteses: "a dificuldade de publicar, de um lado; e a atenção voltada para o problema político, outro lado." (SODRÉ, 1970, p. 49).

Ainda sobre o hábito de arquivar, em certa altura quando narra os primórdios daquilo que mais tarde seria o ISEB, Sodré rememora os primeiros encontros que teve com Guerreiro Ramos e conta que recebeu encomenda de dois trabalhos dos quais "Não me lembro dos assuntos; sei que existiram porque guardo o bilhete da secretária do professor Guerreiro Ramos" (SODRÉ, 1990, p. 127).

Em *A ofensiva reacionária,* quando o narrador conta sobre determinada reunião do ISEB a fim de tratar de assuntos ligados às publicações de seus membros, descreve o seguinte:

> Dessa longa e tempestuosa reunião, que entrou pela madrugada, guardo recordação um pouco vaga. Depois de tantos anos, embora com alguns documentos à minha frente – inclusive o noticiário da imprensa – a reconstituição que procurarei fazer talvez esqueça detalhes, mas conserva fidelidade à essência das coisas. (SODRÉ, 1992, p. 36).

Além dos trechos citados, é comum o narrador fazer menções mais breves aos "guardados" do protagonista ou ao seu arquivo pessoal como forma de dar sustentação aos episódios reconstituídos (SODRÉ, 1990; 1992). Expressões como: "Tenho entre os meus guardados"; "Entre os meus guardados"; "encontrei em meu arquivo"; "Em meu arquivo, encontro ofício", aparecem em vários momentos da narrativa contada em *A ofensiva reacionária*, sendo seguidas de passagens em que o autor deseja reforçar a sua capacidade de reconstituir o passado da maneira mais fidedigna possível (SODRÉ, 1992, p. 166; 184; 241; 262).

Os trechos supracitados evidenciam que o autor, ao escrever suas memórias, recorre aos arquivos a fim de que a reconstituição dos acontecimentos seja feita de forma a não sofrer com "a deformação que a distância no tempo lhes confere".[64] Tal constatação encontra respaldo na teoria de Derrida (2001) de que o arquivo promove a perda. Isso ocorre uma vez que a alternativa encontrada por NWS para que a passagem do tempo não implicasse no esmaecimento do que se lembrava, consubstanciou-se na própria perda, pois o processo de arquivamento realiza a passagem da consignação das lembranças do plano psíquico para o suporte arquivístico "cuidadosamente guardados e separados".

Derrida (2001) faz uso da figura das "atas" para refletir sobre como um material pode ser o "arquivo" e o "arquivado" ao mesmo tempo. Por esse viés, se as lembranças de um indivíduo podem ser consideradas passíveis de arquivamento, e, por conseguinte, abertas ao processo de criação de um texto, este também funciona como arquivo das lembranças guardadas pelo aparelho psíquico do indivíduo e contribuem na constituição de sua identidade, inclusive, podem contribuir na formação de novas lembranças.

O memorialismo de NWS, do mesmo modo, é uma forma de arquivo das suas vivências. Portanto, segundo Derrida, "A palavra 'atas' pode aqui designar, ao mesmo tempo, o conteúdo do que há de ser arquivado e o arquivo propriamente, o arquivável e o

[64] A manutenção de um arquivo organizado, segundo critérios próprios, aponta não somente para um plano de escrita de si, mas indica, segundo Artières (1998, p.11), que "a escolha e a classificação dos acontecimentos determinam o sentido que desejamos dar as nossas vidas". Ou seja, NWS organiza seu arquivo pessoal com uma dupla intenção: fornecer subsídios para si mesmo seja para uma escrita de si ou como forma de evitar o esquecimento; e ainda, como pontos de acesso à sua vida, à sua trajetória para aqueles que no futuro viessem a se interessar.

arquivante do arquivo: o impresso e o imprimente da impressão" (DERRIDA, 2002, p. 27, 28, grifos do autor).

Vale constatar que além de ser arquivável, tal formato de escrita, ao se tornar pública abre-se para a interpretação de cada leitor, esvai-se, assim, a consignação que o autor mantinha sobre o seu arquivo. Justamente por isso, é provável que NWS tenha realizado a doação do seu acervo pessoal à guarda da Biblioteca Nacional somente após o seu último livro de memórias ter sido publicado. Os leitores que porventura desejassem acarear a versão literária com os arquivos teriam essa oportunidade.

As memórias escritas por NWS são uma versão narrativa do seu testemunho ocular dos acontecimentos da história nacional ao longo do século XX e também da sua participação em muitos desses episódios. Em uma paráfrase do título de uma de suas obras[65], poderíamos afirmar que seu memorialismo funcionaria como um "O que se deve ler para conhecer Nelson Werneck Sodré", ou seja, as memórias atuariam como um guia que não somente relaciona a produção intelectual do seu autor, mas a insere no contexto de sua produção.

Trata-se de um jogo duplo: as memórias funcionam como a versão do autor da própria vida e do seu arquivo e o arquivo funciona como lastro garantidor da versão do autor presente nas memórias. É evidente que tais garantias são discutíveis, conforme já refletimos à luz das propostas de Derrida (2001) no que diz respeito às manipulações, lacunas, esquecimentos, presentes nos acervos.

Anteriormente estabelecemos as conexões entre o arquivo pessoal de NWS e sua escrita memorialística. Consoante a isso, se consideramos que o seu memorialismo é um convite para conhecer a sua obra, o acervo doado também atuaria como um apelo do seu titular a quem desejasse estudar, analisar a trajetória e a produção intelectual do autor.

Isso se confirma em entrevista concedida por NWS a Maria de Annunciação Madureira em dezembro de 1996 na cidade de Itu, São Paulo, e publicada em 1999 no número 9 da *Revista Margem* (PUC-SP). Ao ser questionado sobre como se sentia por ter realizado a doação do seu acervo para a Biblioteca Nacional, Nelson Werneck Sodré responde: "Bom, às vezes é melancólico, mas eu acho que cumpri o meu dever. Eu quis conservar isso assim, compacto, para que se algum dia, se alguém tivesse preocupação

[65] Referimo-nos a *O que se deve ler para conhecer o Brasil*, obra publicada pelo autor em 1945.

com o que eu fiz, mal ou bem, pudesse encontrar tudo ali." (MADUREIRA, 1999, p. 279).

Nota-se nessa colocação do autor a preocupação em manter um arquivo organizado com "tudo ali", esse tudo envolve o ideal totalizante ou ainda, tudo aquilo que o titular julgasse necessário para que aqueles que porventura se interessassem por sua produção viessem a obter as informações concernentes a essa temática. Percebe-se aí a incidência das relações de poder, guarda e interpretação, anunciadas por Derrida (2001). Isso porque ao selecionar, agrupar, organizar e doar o seu acervo, NWS continuaria, mesmo a distância, se não condicionando o que seria utilizado ou a interpretação advinda de estudos sobre o seu arquivo pessoal, ao menos estaria ditando *o que* seria guardado. Assim, de alguma maneira, o poder de guarda se preservaria. A atuação de arconte de seu acervo não estaria mais sob a tutela integral do titular, mas na medida em que escolhe o que doar ou não, resquícios desse sistema ainda permanecem com NWS, ainda que este anuncie não mais desejar atuar sobre os seus guardados.

Sodré afirma que deliberou com calma a decisão de entregar o seu acervo para a doação, levou em consideração, principalmente a sua idade: à época da doação contava com 83 anos e no momento da entrevista com 85 anos. Assim, o receio de vir a falecer sem garantir o destino de seu arquivo pessoal pesou muito na decisão:

> Mas o fato é que cheguei à conclusão de que não era justo eu ter aquilo nas minhas mãos. Porque eu poderia falecer a qualquer momento e era preciso dar um destino. Então eu conversei. Eu queria que aquilo ficasse englobado. Isso que eu chamo de acervo pessoal, obras de minha autoria, documentos, cartas, retratos, etc., eu queria que ficasse numa instituição que conservasse tudo num bloco, porque nas bibliotecas, como na Biblioteca Nacional, há seção de manuscritos, há seção de obras raras e desmembram tudo. Eu consegui na Biblioteca Nacional que conservassem o núcleo todo. (MADUREIRA, 1999, p. 279)

E completa: "O acervo inteiro. O acervo Nelson Werneck Sodré está lá. Está num determinado local e integral ali" e quando questionado se em algum momento após a doação teria visitado o seu arquivo pessoal, o autor é taxativo: "Não, nunca mais. Nunca mais. Depois que eu o entreguei houve uma solenidade, assinei o documento de doação do acervo. Não voltei lá". (MADUREIRA, 1999, p. 279).

A ação de doar implica em uma relação de poder: escolher a quem doar, em vida, e ainda, a maneira como o arquivo seria organizado. A condicionalidade imposta de

manter o arquivo pessoal organizado como um todo e não em partes, aponta para a relação de poder do arconte sobre o que é guardado (DERRIDA, 2001). No caso de NWS, ainda que o seu arquivo pessoal após doação, em tese, não estaria mais sob a sua influência, na verdade há um elo de poder mantido com as exigências para a doação.

Esse elo pode ser notado quando em janeiro de 1996, em carta a Affonso Romano, Nelson Werneck Sodré comunica o envio de um artigo anexo a ser publicado na *Revista do Livro* e solicita "como favor especial" que o artigo original, manuscrito de próprio punho, fosse depositado "no meu acervo aí na BN. E, depois, um exemplar da *Revista do Livro* em que aparecer".[66] Essa preocupação do memorialista em alimentar o seu acervo doado cerca de dois anos antes da escrita da carta, evidencia, como comentamos há pouco, a relação de poder do arconte sobre o que é guardado nos seus arquivos pessoais.

Na entrevista à Madureira (1999), ao ser questionado sobre os usos do materialismo histórico que realizara em seus estudos, Sodré comenta que possuíra uma biblioteca com mais de 30 mil exemplares, que naqueles últimos anos havia reduzido para cerca de 7 ou 8 mil, mas que acabara vendendo, após uma infestação de cupins em sua residência na cidade do Rio de Janeiro.

Em um tom melancólico Nelson Werneck Sodré comenta: "Eu hoje sou um autor sem livros, sem Biblioteca" (MADUREIRA, 1999, p. 278). Sobre o livro recém lançado à época da entrevista, *A farsa do neoliberalismo*, volume que reúne artigos escritos pelo autor, NWS afirma que para realizar o trabalho o editor precisou recorrer ao acervo doado à BN. Sobre o fato de não possuir mais o seu acervo e o editor da obra citada precisar se dirigir à BN para realizar as consultas, o próprio Sodré, em um lamento resignado, como se estivesse falando mais para si mesmo, reflete:

> Porque eu já não tenho condições para estar... eu já não tenho condições para mais nada. Eu achei mais justo que fosse assim. Isso foi tomado há uns dois anos. Tudo. De vez em quando... [...] De vez em quando eu sinto necessidade de ver um livro, de fazer uma consulta num livro meu, ver o que é que eu disse a respeito de qualquer coisa, e não tenho condição. (MADUREIRA, 1999, p. 279)

[66] SODRÉ, Nelson Werneck. Carta a Affonso Romano enviando artigo para a Revista do Livro. Rio de Janeiro, 22 jan. 1996. 2 doc. (45 p.). Orig. Ms. Anexo, artigo intitulado "Liberdade e literatura". Ver: Fundo/Coleção: Nelson Werneck Sodré; Datas-limite: 1924-1994; Localização: 32,02,011, nº 020.

Após essa reflexão sobre as relações entre NWS, o seu arquivo pessoal e a sua escrita memorialística, iremos abordar, dentre os documentos presentes em seu acervo, aqueles que de alguma forma contribuam para analisarmos as virtudes epistêmicas presentes em seu memorialismo.

Para tanto, iremos estabelecer as conjunções entre tais documentos e a escrita de si de NWS. A nossa intenção aqui é analisar tais documentos a partir dos usos que o memorialista faz de tais guardados no interior de suas memórias e como são reveladores das virtudes epistêmicas do autor.

3. O fantasma do arquivo que assombra o memorialismo werneckano.

A atividade de pesquisa implica em realizar escolhas. Em se tratando da análise das relações entre os itens guardados no arquivo pessoal de NWS e o seu memorialismo, optamos por trazer para nossa discussão os documentos que, à luz da noção de virtudes epistêmicas, de alguma forma nos ajudassem a elucidar tais relações. Para isso, acolhemos no nosso texto cartas, memorandos, notas, convites, ou quaisquer outros elementos do arquivo que tivessem relação com a nossa proposta para essa etapa do capítulo da tese.

A abordagem da nossa análise será temática. Assim, valorizamos tópicos que evidenciem, na trama narrativa, as virtudes epistêmicas do autor e as maneiras pelas quais ele entretece, em seu texto, os fios do seu arquivo em conjunto com suas lembranças. Sendo assim, não seguiremos uma cronologia temporal rígida, a nossa preocupação será aglutinar as análises dos documentos a partir das temáticas internas do material cotejado.

Seguindo essa linha, temos o seguinte: artigos com críticas de obras publicadas por NWS, além de uma correspondência composta por cartas, telegramas, bilhetes, contendo os mais diversos assuntos (agradecimentos pelo envio de livros; convites para participação em palestras, cursos, seminários, projetos editoriais; elogios, considerações, críticas e impressões acerca de textos publicados pelo autor).[67]

[67] O acervo de correspondências de NWS constante na Biblioteca Nacional merece um estudo à parte, pois há enorme potencial de pesquisa e análises possíveis. Aqui, nosso crivo para seleção de material foi procurar evidenciar as relações que detectamos na escrita de si desse autor e o seu arquivo ao lume da noção de virtudes epistêmicas. Nelson Werneck Sodré manteve uma intensa vida de comunicação utilizando cartas. Dentre as que constam de seu acervo na Biblioteca Nacional, poderíamos citar alguns de seus correspondentes mais frequentes: Monteiro Lobato, Luís Carlos Prestes, Carlos Drummond de Andrade, Oswaldo Lima Filho, João Guimarães Rosa, Astrogildo Pereira, José Olympio, Hermes Lima, Barbosa Lima Sobrinho, Bertholdo Klinger, Afonso Taunay, Samuel Wainer, José Cândido de Carvalho, Gilberto Amado, Alceu Amoroso Lima, Evaristo de Morais Filho.

Portanto, tratemos um pouco dos dois principais tipos de documentos que iremos utilizar. Primeiro, uma breve abordagem sobre as cartas e seus usos na pesquisa histórica, em seguida, alguns apontamentos acerca da crítica literária e textos jornalísticos que apreciam, noticiam ou divulgam livros e autores.

Rebeca Gontijo (2004, p. 2), ao parafrasear Roger Chartier, aponta que as pesquisas cujo mote são os usos do escrito, são propícias a fim de se compreender os modos como uma sociedade ou os indivíduos constroem suas representações sobre o mundo, conferindo-lhe os mais diversos sentidos. Nesse âmbito, a correspondência é um espaço privilegiado que permite relacionar práticas sociais e subjetividade.[68]

[68] Sobre os usos das cartas como fontes e/ou objetos nas análises históricas, ver, entre outros: DAUPHIN, Cécile; POUBLAN, Daniele. Maneiras de escrever, maneiras de ler: cartas familiares no século XIX. In BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (Orgs.). *Destinos das Letras:* história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: UPF, 2002, p. 76-83; CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. "Cartas adolescentes. Uma leitura e modos de ser..." In MIGNOT, Ana Crystina Venancio, BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos (Orgs.). *Refúgio do eu*. Educação, História, escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 203-228; VENÂNCIO. Giselle Martins. Cartas de Lobato a Vianna. In: GOMES. Ângela de Castro (Org.) *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 111-138; PENNA, Rejane Silva; GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. Arquivo Particular Júlio de Castilhos: cartas, bilhetes e anotações pessoais como fontes históricas. In *Patrimônio e Memória*, Assis, v. 4, n. 2, p. 55-73, 2009; GONTIJO, Rebeca. A reta e o círculo: amizade, projeto intelectual e construção identitária nas cartas de Capistrano de Abreu a João Lúcio de Azevedo (1916-1927). In *Revista Trajetos*, Fortaleza, v. 3, n. 5, p. 1-25, 2004; COTTA, André Guerra. Correspondência pessoal como fonte histórica e musicológica. In *Cadernos do Colóquio*, v. 8, n. 1, p. 1-18, 2006; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (Orgs.). *Destinos das Letras:* história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: UPF, 2002; LEMOS, Renato. *Bem traçadas linhas*. A história do Brasil em cartas pessoais. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2004; CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. *Cartas e Escrita.* 2000. 147f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2000a; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos (Orgs.). *Refúgios do eu:* educação, história e escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 203-228; DANTAS, Beatriz Góis; NUNES, Verônica M. M. (Orgs.) *Destinatário:* Felte Bezerra – Cartas a um antropólogo sergipano (1947-59) e (1973-85). São Cristóvão: Editora UFS, 2009; DAUPHIN, Cécile; POUBLAN, Daniele. "Maneiras de escrever, maneiras de viver: Cartas familiares no século XIX". In: BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (Orgs.). *Destinos das Letras:* história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 75-87; MALATIAN, Teresa. "Cartas: Narrador, registro e arquivo". In PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (Orgs.). *O Historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. Entre cartas e cartões postais: uma inspiradora travessia. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; GONDRA, José Gonçalves (Orgs.). *Viagens Pedagógicas*. São Paulo: Cortez, 2007. p. 246-276; GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs.). *Prezado senhor, prezada senhora*. Estudos sobre cartas. São Paulo: Cia das Letras, 2000; LIMA, Kleverson T. "Up to date: práticas de um missivista no início do século XX". In Borges, Maria Elisa Linhares (Org.). *Campo e cidade na modernidade brasileira*: literatura, vilas operárias, cultura alimentar, futebol, correspondência privada e cultura visual. Belo Horizonte: Argumentum, 2008. p.157-190; LYONS, Martym. Práticas de leitura, práticas de escritura: cartas de amor e escritas íntimas – França e Austrália, século XIX. In *Locus: Revista de História*, Juiz de Fora, v.4, n.2, p.55-67, 1998; MARIN, Louis. Ler um quadro – uma carta de Poussin em 1639. In: CHARTIER, Roger (Org.) *Práticas da leitura.* - 4ª edição. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. p.117-140; SALOMON, Marlon. *As correspondências:* uma história das cartas e das práticas de escrita no Vale do Itajaí. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002; SÜSSEKIND, Flora. Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001; VENÂNCIO, Giselle Martins.

Apesar de as cartas há muito estarem no radar dos historiadores, são recentes os estudos que as tomam como objeto central de análise, que consideram esse tipo de fonte como sendo dotado de especificidades, que não seriam tão somente complementares aos outros materiais cotejados como principais: "As correspondências ordinárias, muito tempo abandonadas sobre a nave lateral da história, também adquiriram estatuto de documento" (BASTOS; CUNHA; MIGNOT, 2002, p. 75-76).

Se partirmos da noção de que as cartas são representações da realidade, utilizá-las em um trabalho historiográfico abre as portas para as possibilidades de entender como em determinados locais e tempos certas sociedades ou indivíduos se pensaram, se constituíram, se organizaram e conferiram sentidos ao mundo (CHARTIER, 1990, p.16-17).

Isso está de acordo com o que Camargo (2000, p. 205), postula no tocante às análises de correspondências permitirem "rastrear, identificar, analisar o modo como, através das cartas enquanto prática escrita [...], uma realidade social é construída, pensada, dada a ler e materializada".

Assim, as cartas, na condição de documentos históricos, possibilitam mapear, avaliar e analisar situações, redes de sociabilidade, intensidade, trocas e relações entre

---

Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Viana. In *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 28, p. 23-47, 2001; GOMES, Ângela de Castro. Introdução. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre.* Campinas: Cecult/Mercado de Letras, 2005, p.7-43; PEREIRA, Daniel Mesquita; FELIPPE, Eduardo Ferraz. Missivas que constroem limites: projeto intelectual e projeto político nas cartas de Capistrano de Abreu ao Barão do Rio Branco (1886-1903). In *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 28, n. 56, p. 487-506, 2008; ANHEZINI, Karina. Correspondência e escrita da história na trajetória intelectual de Afonso Taunay. In *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 32, p.51-88, 2003; CHARTIER, Roger. (Org.). *La Correspondance*. Les usages de la lettre au XIX siècle. Paris: Fayard, 1991; MALATIAN, Teresa Maria. Itinerários na correspondência entre Oliveira Lima e Fidelino de Figueiredo (1912-1928). In *História da Historiografia*, Ouro Preto, v. 8, n. 19, p. 10-28, 2016; VELLOSO, Mônica Pimenta. Entre o sonho e vigília: o tema da amizade na escrita modernista. *Tempo*, Niterói, v. 13, n. 26, p. 205-224, 2009; VENANCIO, Giselle M. Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna. In *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 28, p. 23-47, 2001; MORAES, Marcos A. Epistolografia e crítica genética. In *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 59, n. 1, p.30-32, 2007; MORAES, Marcos A. *Orgulho de jamais aconselhar:* a epistolografia de Mário de Andrade e seu projeto pedagógico. São Paulo: Edusp, 2002; GUIMARÃES, Lúcia M. P.; ARAÚJO, Valdei L. de. "O sistema intelectual brasileiro na correspondência passiva de John Casper Branner". In GOMES, Ângela de Castro (Org.) Escrita de si, escrita da história. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004, p. 93-110; GONTIJO, Rebeca. "'Paulo amigo': amizade, mecenato e ofício do historiador nas cartas de Capistrano de Abreu". In GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004, p. 163-196; GOMES, Ângela de Castro. *Em família*: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre. Rio de Janeiro: CECULT (Centro de Pesquisa em História Social da Cultura), 2005; MIRANDA, Tiago C. P. dos Reis. "A arte de escrever cartas: para a história da epistolografia portuguesa no século XVIII". In GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella. *Prezado, senhor, prezada senhora:* estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 41-55.

indivíduos. Por esse viés, “Debruçados sobre maços de cartas de temporalidades diversas [...], pesquisadores de diferentes países e tradições disciplinares trazem importantes contribuições para a compreensão da cultura escrita” (BASTOS; CUNHA; MIGNOT, 2002, p. 6-7).

As cartas fazem parte do universo das práticas de escrita de si e funcionam como indicativo sobre o remetente, o destinatário e as circunstâncias: as idas e vindas, os altos e baixos, as conquistas, as derrotas, os erros, os acertos e as nuances entre esses elementos constitutivos de uma trajetória individual ao longo do tempo (LEMOS, 2004, p. 18). Também podem mostrar como o mesmo período da vida de uma pessoa pode ser “decomposto” em tempos com ritmos diversos: um tempo da casa, um tempo do trabalho, etc. (GOMES, 2004, p. 13).

Ainda sobre essa questão da correspondência como uma “escrita autorreferencial” ou “escrita de si”, Gomes (2004, p. 11, 20), chama a atenção que tal prática se dissemina na cultura ocidental a partir do século XVIII, como parte do individualismo moderno, quando também o cidadão comum, não mais somente a nobreza e o clero, passa a constituir uma memória socialmente reconhecida.

Uma das armadilhas que requerem a atenção do pesquisador que se debruça sobre as cartas a fim de estudar o que se passou em determinado espaço e tempo é a tentação de querer surpreender o missivista em sua “intimidade”, de buscar um “segredo”, uma chave de desvendamento da verdade hegemônica (PROCHASSON, 1998, p. 9). Porém, como observa esse autor,

> A impressão de pegar desprevenido o autor de uma carta que se destinava unicamente ao seu correspondente, o sentimento de violar uma intimidade, garantia de autenticidade, quando não de verdade, são às vezes bastante enganadores. Existem correspondências que traem uma autoconsciência que não engana ninguém. Existem cartas ou documentos privados cujo autor mal disfarça o desejo, talvez inconsciente, de torná-los, o quanto antes, documentos públicos. A conservação sistemática da correspondência recebida por um intelectual e às vezes mesmo as cópias de algumas de suas próprias cartas [...] sempre me intrigaram. As razões que levam a um tal comportamento me parecem indicar uma consciência da história que vem pôr um limite inegável à autenticidade. Nada corre o risco de ser mais falso do que a ‘bela carta’ ou o arquivo privado ‘que se basta a si mesmo’, que é ‘tão revelador’. Há aí algumas armadilhas preparadas. (PROCHASSON, 1998, p. 10, grifos do autor)

Esse alerta sobre as armadilhas de se tomar o conteúdo, parte dele, a existência e até mesmo a própria preservação por meio do arquivamento de uma correspondência como sendo verdade, vale também para as autobiografias, memórias, diários. Por se tratarem de manifestações de escritas de si, são eivadas de representatividade e performance. O próprio Nelson Werneck Sodré, via narrador, confessa: "Por longos anos, escrevendo à máquina, obedeci ao hábito salutar de guardar cópia de minhas cartas, da correspondência expedida, como guardava a correspondência recebida." (SODRÉ, 1970, p. 285). Essa informação, trazida por nós em discussão anterior, está de acordo com essa questão levantada por Prochasson (1998) no tocante às intencionalidades na construção, manutenção e usos dos arquivos pessoais.

Gomes (2004) observa que toda escrita de "produção do eu" é marcada por um "efeito de verdade", ligado a uma narrativa introspectiva, cuja autoridade e legitimidade se assentam na subjetividade e em uma noção de verdade como sinceridade, o que exige uma crítica das fontes que se volte para questões relativas ao "erro" e à "mentira" expressas no texto. Assim,

> O que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de "dizer o que houve", mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento. Um tipo de discurso que produz uma espécie de "excesso de sentido do real pelo vivido", pelos detalhes que pode registrar, pelos assuntos que pode revelar e pela linguagem intimista que mobiliza. Algo que pode enfeitiçar o leitor/pesquisador pelo sentimento de veracidade que lhe é constitutivo, e em face do qual certas reflexões se impõem. Nesse sentido, o trabalho de crítica exigido por essa documentação não é maior ou menor do que o necessário com qualquer outra, mas precisa levar em conta suas propriedades, para que o exercício de análise seja efetivamente produtivo (GOMES, 2004, p. 15).

O texto é uma "representação" de seu autor, desejoso por colocar em ordem sua trajetória e fundar uma identidade narrativa (RICOEUR, 1991). Esse ordenamento é representativo justamente em função da sua natureza artificial, oposta à experiência fragmentária, não-linear, de uma trajetória de vida (GOMES, 2004, p. 15-16).

Concernente a uma possível classificação das cartas como fontes históricas, Tiago Miranda, por exemplo, citando Heinecke, procura organizar uma classificação nos seguintes termos:

> No tocante aos vários tipos de cartas, Heinecke procura mostrar que elas formam dois grupos principais: de um lado, as de caráter erudito, subdivididas em filosóficas, matemáticas, filológicas, críticas, teológicas, jurídicas e históricas; de outro, os familiares e as de 'cerimônia' (*elaborationes*). Nesse caso, as primeiras destinam-se a conversas de indivíduos momentaneamente separados (*inter absentes colloquium*); já as segundas tem sua origem num propósito mais específico: de acordo com ele, podem ser, por exemplo, congratulatórias, petitórias, comendatícias, de pêsames ou de agradecimento. (MIRANDA, 2000, p. 53)

A correspondência de Nelson Werneck Sodré, que consta de seu arquivo pessoal sob a guarda da Biblioteca Nacional, possui itens que se enquadram nos dois grupos citados acima. Isso porque há tanto missivas cujos temas e abordagens de conteúdo são do âmbito profissional, erudito, com discussões sobre história, literatura, política, quanto cartas que versam sobre assuntos familiares, solicitações de e a amigos, convites e agradecimentos.

Cabe salientar, como já nos referimos anteriormente, que o nosso critério de seleção dos itens de correspondência ou demais documentos seria, basicamente, o de que seus conteúdos nos oferecessem pistas ou informações sobre virtudes epistêmicas cultivadas e/ou atribuídas por e a Nelson Werneck Sodré. Opção de triagem concebida, nos propusemos, então, a criar uma organização temática dos documentos a fim de que as análises fossem realizadas.

Os temas elencados foram pensados após a leitura das fontes e ainda, com relação aos temas que são inerentes à escrita de si desse autor. Sendo assim, quais e o que seriam esses temas? Ora, nada mais que aqueles que apontam para as virtudes constitutivas da escrita memorialística de NWS e que ecoam na documentação do seu arquivo pessoal: precisão, compromisso com a verdade, com os fatos, conduta ética, estética do texto (conciso, narrativo, agradável, veios jornalísticos, fluidez), uso dos métodos históricos, usos político da escrita.

Além das cartas, já nessa etapa da tese iremos explorar alguns textos de crítica literária, cujos escopos foram apreciações de obras específicas ou até mesmo da trajetória de Nelson Werneck Sodré, tendo sido arquivados por este. A nossa análise não terá os

textos veiculados em jornais como foco primário, aliás, o mesmo pode-se dizer a respeito das cartas.[69]

O nosso foco em relação a esses matérias será secundário, uma vez que o seu uso aqui serve como rastreio das virtudes epistêmicas constantes de seus enunciados. Os documentos como as cartas, os textos de crítica literária, nos interessam, em primeiro lugar, por terem sido citados por NWS em suas memórias e ainda, por constarem de seu arquivo pessoal. Apesar de tratarmos com mais atenção da questão da crítica literária e das suas intersecções com a produção memorialística de NWS no próximo capítulo da nossa tese, de maneira panorâmica, iremos antecipar aqui alguns de seus aspectos.

A crítica literária praticada no Brasil ao longo do século XX, em especial entre os anos 1930-40 até as décadas finais do período, possui duas grandes fases. Nos anos 30 e 40 ainda está vinculada ao periodismo de jornais e revistas, com uma concepção deveras combativa, a chamada crítica de rodapé (BOLLE, 1979; ABREU, 1996).[70] Já a partir dos anos 1950, a crítica literária ganha novos contornos com a formação de profissionais graduados nos cursos de nível superior dedicado às Letras e ao Jornalismo; nasce a dicotomia: crítica acadêmica *versus* crítica de rodapé (ROCHA, 2011).

Haveria, segundo Süssekind (2003, p. 17), pelo menos três características bem delineadas na crítica dos anos 1940-1950: primeira, "a oscilação entre a crônica e o noticiário puro e simples, o cultivo da eloquência, já que se tratava de convencer rápido leitores e antagonistas, e a adaptação às exigências [...] e ao ritmo industrial da imprensa; segunda, "uma *publicidade*, uma difusão bastante grande"; e por último, "um diálogo estreito com o mercado, com o movimento editorial seu contemporâneo".

---

[69] A quem se interessar sobre os usos dos periódicos como fonte e/ou objetos de estudos, ver, entre outros: CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em Papel e Tinta:* Periodismo e vida urbana (1890-1915). São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2013; LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio de periódicos. In: PINKSY, Carla Bassanesi. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008; LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza (Orgs). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008; RIOUX, Jean Pierre. Entre história e jornalismo. In: CHAUVEAU, Agnès; TÈTARD, Philippe. *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999; BARBOSA, Marinalva. *História cultural da imprensa:* Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad, 2007; CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. In *Projeto História*, São Paulo, PUC, n. 35, p. 253-270, 2007.

[70] A denominação *crítica de rodapé* é cunhada em função do espaço que ocupava em alguns jornais e revistas. Isto é, nos rodapés dos periódicos, sendo assim, o espaço que antes era dedicado aos romances-folhetins, passa a ser destinado a abrigar os textos da crítica literária. Segundo Bolle (1979, p. 23), nos anos 40 a crítica praticada em solo brasileiro era "amadorística, humanista no sentido pequeno, politizante, impressionista, superficialmente jornalística, aderente a certas necessidades da notícia".

A partir dos anos 1950, a crítica jornalística passa a ser veiculada também nos suplementos literários ou ainda, nos chamados "segundo caderno" dos periódicos jornalísticos (SANTIAGO, 1993, p. 15). Constituía-se um espaço em que "se encontravam grupos de amigos, muitos originários de uma mesma região ou cidade; aí se exerciam influências, se manifestavam antagonismos, rivalidades e ocorriam cisões" (ABREU, 1996, p. 23).

A produção intelectual de Nelson Werneck Sodré se insere e passa a ser apreciada pela crítica justamente nesse período de transição entre uma crítica de rodapé e o advento da crítica acadêmica, a formação de uma dicotomia e a posterior acomodação de uma crítica profissional, principalmente nas seções de suplementos literários, lugar social para debate, reflexão, disputas, comensalismos.

Dito isso, adiantamos um questionamento que irá mais adiante ser proposto para reflexão: o que teria levado NWS a manter em seu arquivo pessoal e citar explicitamente em seus escritos de si determinados documentos como cartas e textos de jornais? A partir daí, à luz da noção de virtudes epistêmicas, importa-nos refletir sobre a imagem que o próprio autor construiu de si, não somente em suas memórias, mas também por meio de seu arquivo pessoal.

Como já tivemos oportunidade de salientar, o nosso interesse em investigar os usos que Nelson Werneck Sodré faz de seu arquivo pessoal é em virtude da presença constante de menções a este suporte à sua escrita memorialística. Uma estratégia, vista por nós, como reveladora de uma virtude epistêmica: o cuidado com as fontes, a preocupação com uma ideia de verdade e fidelidade aos fatos.

Por se tratar de uma obra de cunho memorialístico, os eventos e as vivências do autor ganham enorme proeminência na narrativa. Uma característica fundamental da narrativa dos eventos cujo personagem central ou foi testemunha ocular ou partícipe, é o uso de conceitos e metodologias advindos da experiência de NWS como historiador, dentre eles, o acionamento de seu arquivo pessoal.

Sendo assim, há, no geral, uma abordagem do quadro da época, algo que é caro para o autor, preocupado em situar sempre a sua narrativa dentro do contexto histórico, político, econômico e social do tempo rememorado, a partir de elementos de seu arquivo pessoal, que serve como base, como alicerce empírico para o exercício de rememoração.

Aurell (2006, p. 433), argumenta que historiadores que podem ser considerados "construcionistas", como Fernand Braudel, Annie Kriegel, George Duby, e Eric

Hobsbawm, elaboram as escritas de si da mesma maneira que compõem os seus textos históricos, ou seja, enfatizam a objetividade e estabelecem uma distância entre o sujeito, historiador que narra a sua trajetória, e o objeto, isto é, a própria vida. Esses historiadores autobiógrafos veem, quase sempre, uma necessidade de justificar suas escritas de si, o receio de revelar muito sobre vida pessoal, o uso da linguagem analítica e busca de objetividade.[71]

Nelson Werneck Sodré de certa maneira se encaixa nesse perfil, uma vez que valoriza, sobremaneira, o contexto histórico-social de sua inserção mais do que construir uma narrativa que reflita sobre aspectos subjetivos de sua trajetória. Há na escrita desse autor uma constante preocupação em manter a objetividade, com o estabelecimento de uma distância crítica de sua própria vida. Isso não significa que não haja espaço para preenchimento de lacunas por meio do uso criativo da memória, visto que em maior ou menor grau, a escrita de si é um texto em suma, referencial.

Em função de realizarmos uma análise que procura identificar no memorialismo werneckano traços de suas virtudes epistêmicas, é necessário entendermos que a opção do autor de contar as suas vivências ocorre sob o enquadramento histórico delas à luz do uso do materialismo histórico como método de elaboração desse quadro.

O objetivo não é relacionar de maneira sequencial as citações ou referências pinçadas do texto, mas apontar exemplos que nos ajudam a evidenciar as estratégias narrativas do autor que nos possibilitem identificar e analisar aspectos das virtudes que identificamos no seu memorialismo, tais como a insistência do autor em situar o leitor no tempo em que os eventos narrados se passaram; a busca por uma objetividade, usos de metodologias e abordagens historiográficas, os estilos de escrita adotados, entre outros.

Realizamos aqui uma organização das análises de forma a contemplar, sempre que possível, uma tecitura entre as análises das virtudes epistêmicas pinçadas dentre os documentos do arquivo pessoal de NWS e as relações que próprio autor faz desses materiais em suas memórias.

---

[71] Em seu estudo sobre a construção autobiográfica, Aurell (2006, p. 441) distingue dois grupos de intelectuais autobiógrafos: os chamados "construcionistas" e os "experimentalistas". Para esse autor, enquanto os "construcionistas", (como Fernand Braudel, Annie Kriegel, George Duby, e Eric Hobsbawm) são inclinados a adotarem uma metodologia de escrita que visa a objetividade, os "experimentalistas" (como Robert Rosenstone, Clifford Geertz e Dominick LaCapra), são mais propensos a uma narrativa mais permeada de subjetividade, "reveladora da natureza epistemológica da escrita da vida" (AURELL, 2006, p. 435, tradução livre do autor).

Apesar de considerarmos importantes as respostas de NWS às cartas recebidas, bem como a sua correspondência ativa; o rastreio, localização e acesso a tais documentos em arquivos diversos, afinal, ele se correspondeu com centenas de indivíduos, necessitaria de um trabalho à parte, de fôlego, inclusive. Todavia, o nosso foco aqui, é a visão que contemporâneos, pares e instituições manifestaram acerca de Sodré e da sua obra e que nos chegam às mãos na pesquisa em seu arquivo.

Ao entrarmos em contato com o arquivo pessoal do memorialista, a primeira questão que nos colocamos foi sobre quem escreveu para e sobre NWS e sua obra. Em seguida, percebemos que, tendo em vista os objetivos da nossa pesquisa, que o questionamento poderia ser feito sob um outro ângulo: em que medida a análise de determinados aspectos da composição dos arquivos pessoais de NWS poderia nos servir de estudo sobre as formas pelas quais o próprio autor gostaria que a posteridade concebesse a sua atuação e produção intelectual.

A lente da objetiva será direcionada então ao indivíduo Nelson Werneck Sodré e a partir dele, procurar entender como a sua construção de si e a narrativa que se resulta desse esforço nos permitem entender como o próprio autor se relacionava com as formas pelas quais era visto, compreendido, valorizado, identificado e estudado.

Sendo assim, pensamos a figura de NWS a partir do conceito de *scholarly self*, pois este permite entender como as virtudes epistêmicas se relacionam entre si. Pois, conforme Ohara (2017)

> A *persona* acadêmica é um repertório de características em relação às quais um indivíduo se situa para ser reconhecido enquanto um acadêmico – no caso específico desta pesquisa, enquanto um historiador. Mas como sistema de valores, tais repertórios só existem na medida em que são mobilizados em performances concretas. Aqui, o conceito de *scholarly self* faz referência às performances individuais que tencionam as experiências particulares dos indivíduos com as constelações regulatórias abstratas. (OHARA, 2017, p. 24, grifos do autor)

É válido ressaltar, portanto, que nosso esforço analítico será entender como NWS constituiu um campo de construção de si em suas narrativas memorialísticas e ainda, na medida em que ele cita e relaciona constantemente os seus arquivos pessoais, as relações entre estes e o conjunto de seus escritos de si.

Ora, se o próprio autor faz questão de relacionar as peças de seus arquivos e entretecê-las em suas memórias, é porque valorizava tais documentos não somente como fontes, garantidoras de legitimidade e veracidade ao que era contado, mas ainda, no sentido de que o próprio arquivo funcionaria como uma espécie de escrita de si.

As análises sobre tais arquivos poderiam ser direcionadas a partir de várias abordagens. Optamos por estudar esse aspecto da produção e vida de NWS a partir dos conceitos de virtudes epistêmicas e o de *scholarly self* (OHARA, 2027). Tal escolha se justifica na medida em que a nossa proposta nesse estudo é pensar Sodré a partir de suas memórias. Assim, uma vez que o narrador dos textos valoriza enormemente os arquivos do autor, pensamos ser válido trazer para a discussão tais documentos.

Após mapearmos a composição do arquivo, estabelecemos uma triagem das cartas e demais itens a partir de um critério mediante o qual fosse-nos permitido identificar possíveis virtudes epistêmicas presentes em tais escritos.[72]

Por esse viés, iremos nos deter sobre quais visões de si mesmo, no tocante à sua produção intelectual, NWS valorizava, uma vez que armazenou em seus arquivos e relacionou em sua escrita memorialística, as impressões que seus pares e contemporâneos constituíram sobre a sua obra e trajetória.

É por meio da leitura, análise e reflexão sobre a correspondência passiva do autor, bem como dos demais documentos, como recortes de textos de periódicos, localizados em seu arquivo pessoal, que iremos mapear as relações entre virtudes epistêmicas constantes desses materiais, que configuram a visão que o memorialista despertava em seus críticos, correspondentes, interlocutores de uma maneira geral, com a sua escrita memorialística.

Essa relação se estabelece por nós na medida em que, após a elaboração de uma topografia do arquivo, refinamos os resultados de maneira a manter os elementos arquivados que contivessem menções a determinadas virtudes. Assim, pudemos nos voltar para os escritos memorialísticos do autor a fim de entendermos como e se tais documentos são usados na composição da narrativa. Essa postura dialética adotada aqui permitiu que construíssemos algumas análises que serão expostas a seguir.

---

[72] Reforçamos que consideramos valioso um estudo da correspondência passiva e ativa de NWS com o intuito de constituir uma cartografia de suas redes de sociabilidades, o inventário e a análise das temáticas abordadas em tais missivas. Inclusive, fica aqui o convite àqueles que porventura se sentirem atraídos por tal perspectiva. Todavia, não constava dos objetivos do nosso trabalho essa seara, apesar de rica, muito específica. Nos contentamos, para os fins propostos, com a abordagem que nos valemos aqui.

Antes de tudo, podemos destacar que os usos efetuados por NWS de seu arquivo pessoal, sobretudo, da correspondência ali reunida, funcionam como uma dupla estratégia de legitimação. Em primeiro lugar, os documentos são utilizados como suporte à memória. Ou seja, o seu arquivo pessoal é usado como recurso que visa transmitir uma ideia de fidelidade ao que se passou. Isso por si só já se enquadra em um regime de virtudes epistêmicas pela valorização de uma ideia de verdade dos fatos, de recuperação de um determinado passado.

Por conseguinte, os arquivos são engrenagens importantes numa economia de rememoração na qual o ato de se lembrar precisa de legitimidade que não somente a da memória humana. As cartas, memorandos, cartões postais, bilhetes, anotações, recortes de jornais, entre outros materiais, são utilizados não somente *para* se lembrar, mas também como *provas* do que se é lembrado. Funcionam, então, como parâmetros legitimadores das lembranças evocadas e transferidas para o plano da narrativa escrita, como já abordamos anteriormente.

A segunda estratégia de legitimação é complementar à primeira. Apontamos que o autor se preocupa em passar a noção de que a narrativa não segue um rumo traçado ao sabor das ondas da rememoração, mas ancora-se na documentação dos arquivos. A referida estratégia complementar seria a nossa concepção de que ao relacionar as cartas e demais documentos de seu arquivo pessoal, nas quais são enaltecidas as suas virtudes epistêmicas, o autor procura indicar que tais virtudes são também valorizadas por ele. A ponto de, ao serem colocadas em evidência, desempenharem uma função de convite ao leitor para que este, ciente de tais qualidades, pudesse comprovar, por meio da leitura, que as virtudes se faziam presentes não só na obra historiográfica do memorialista, mas também em sua escrita de si.

A seguir, iremos relacionar os materiais cotejados no arquivo pessoal de NWS que nos tragam as impressões de seus interlocutores, críticos, leitores, amigos, colegas de farda, de jornalismo ou até mesmo de representantes de instituições no tocante às virtudes cultivadas pelo autor.

Nossa análise vai procurar estabelecer uma ponte entre tais documentos e as escritas de si de NWS. Todavia, nem sempre isso será possível, pois o autor encerrou a escrita de suas narrativas memorialísticas na década de 1970 e há alguns documentos dos anos 1980 e 1990. Assim, o uso, aqui, de materiais com data posterior ao limite imposto pelo próprio autor quanto ao recorte temporal de suas memórias, se justifica pela premissa

de que NWS, independentemente de tudo, pode ser enquadrado na figura do *arconte*, para usar a expressão consagrada por Derrida (2001).

Além do mais, a manutenção de tais documentos por Nelson Werneck Sodré, mesmo após ele ter dado por encerrado o seu projeto memorialístico, e ainda, a alimentação de seu arquivo posteriormente à sua doação à Biblioteca Nacional pelo próprio autor, apontam para uma intencionalidade de usar o seu arquivo pessoal de uma maneira meta(auto)biográfica de escrita de si.

Luciana Quillet Heymann alerta que "Se, por um lado, é sugestivo pensar o arquivamento como uma forma de "narrativa de si", por outro, nem todo gesto de arquivamento pode ser associado a uma motivação memorial." Por conseguinte, buscar essa "motivação em todos os documentos guardados pelo indivíduo equivaleria a dotar de um significado único (e muitas vezes conferido *ex post*) o resultado de diferentes gestos operados em diferentes momentos e com diferentes motivações" (HEYMANN, 2009, p. 52).

Em outro texto, a mesma autora chama a atenção que seria um equívoco

> Um segundo equívoco seria imaginar o arquivo como "a memória", em estado bruto, de seu titular, como resultado de uma seleção estabelecida definitivamente por ele quanto ao que preservar e de que maneira. Esta perspectiva é alterada quando percebemos que estes conjuntos documentais estão sujeitos a múltiplos processos de seleção e reordenamento interno, decorrentes do caráter mutável e polispérmico da memória, (re)atualizável a cada momento. (HEYMANN, 1997, p. 44)

Esse alerta ecoa, como tivemos a oportunidade de citar anteriormente, na confissão de NWS de ter destruído partes de sua correspondência (SODRÉ, 1970, p. 285). Ora, se o memorialista admite ter destruído partes de seu arquivo e ainda assim preservou determinados itens, significa dizer que ele se orientou por determinados critérios a fim escolher quais documentos preservar. Essa escolha revela a intencionalidade do autor de legar determinadas concepções de si com as quais ele próprio comungava.

Esse raciocínio encontra respaldo com a afirmação de Heymann (1997, p. 45) de que o "trabalho com arquivos pessoais tem que levar em conta o caráter arbitrário da configuração de cada um desses conjuntos, dada a independência e variedade das situações em que são gerados e acumulados os diversos documentos que os compõem, além das múltiplas interferências a que estão sujeitos" .

Cientes desses alertas, todavia, é possível identificar não somente na acumulação de documentos realizada por Nelson Werneck Sodré ao longo de sua trajetória, mas também no uso dessa documentação na escrita de suas memórias e por último na concretização do desejo de doar o seu arquivo pessoal, ainda em vida, para a Biblioteca Nacional, uma certa intencionalidade de constituição de uma narrativa e certo *controle,* no sentido de arconte, sobre a elaboração de uma memória de si.

Com isso em mente, optamos por organizar a nossa análise a partir de um critério temático no agrupamento dos materiais. Embora o uso de uma cronologia não deva ser descartado, ainda assim, será de maneira flexível. Os conjuntos de materiais organizados em nosso texto muitas vezes se aglutinam em torno de determinado aspecto, como as respostas ao lançamento de um certo livro por NWS; em outros casos, é o fato de vários escritos mencionarem as mesmas virtudes epistêmicas que nos levaram a estabelecer uma costura entre eles

Por conseguinte, apenas de maneira hipotética e à título de exemplo, vamos dizer que haja cartas escritas nos 1940 que podem ser relacionadas à outras escritas nos anos 1980. Qual a relação? Ora, digamos que, apesar da distância no tempo, tanto umas como outras possuem em comum o fato de os autores das missivas exaltarem a capacidade de síntese de NWS, considerada uma virtude epistêmica que seria, então, valorizada tanto na década 40 quanto na de 1980.

Nessa etapa do capítulo, analisaremos como as formulações condizentes às virtudes se relacionam entre si e formam um conjunto no qual: “historiador” a partir do quê/quem? “Visão crítica” ou “visão de conjunto” sobre o quê? “Erudição” com qual objetivo? “Engajamento” em qual sentido?

Visto assim, mais do que montar um quadro com as virtudes cultivadas por ou vistas em NWS, nossa intenção é delinear as complexas relações sobre aquilo que se fala/pensa (ordem do discurso) sobre o memorialista como forma de refletir sobre a imagem, ou melhor, as imagens, que ele constrói de si mesmo na trama narrativa de sua escrita memorialística.

É válido notar que as virtudes trazidas aqui em nossas análises não existem por si só, mas fazem parte de um sistema de valores cultivados por NWS e que funcionariam como elementos legitimadores de sua atuação no campo intelectual. Chama a atenção, que em um dos volumes em que Sodré mais conjura documentos (cartas, recortes de jornais) em que se destaca a sua atuação como historiador seja intitulado de *Memórias de*

um escritor. Porque o autor entende que o início de sua vida no campo das letras foi como escritor, jornalista, crítico literário. O "ser historiador" foi fruto de uma obra construída. Ou seja, foi a partir da sua obra, reconhecida por seus pares e por outros historiadores do seu tempo, que ele foi identificado como historiador e que passou a ver a si mesmo como tal.

Memórias de um escritor, não à toa, originalmente tem como subtítulo "Formação". É como se o esforço de NWS em relacionar, não somente nesse volume, mas também nos subsequentes, documentos de seu arquivo nos quais ele é identificado como historiador, funcionasse como um processo legitimador em que seu autorretrato em papel e letras fosse composto de um mosaico de referencialidades advindas de terceiros, a partir da leitura de sua obra historiográfica, que o qualificariam como um historiador.

"Historiador", "professor"

A maior parte das cartas, bilhetes, telegramas e recortes de jornais que estão nos arquivos pessoais de Nelson Werneck Sodré o identificam como historiador, professor de história, escritor de obras de história, alguém que se dedicava à "sociologia histórica". Optamos por nomear essa seção com apenas duas dessas concepções, uma vez que as virtudes que iremos explorar nas subseções a seguir funcionam como orbes que gravitam em torno do ser historiador e do ser professor do memorialista.

Longe de formar uma hierarquia entre tais termos, a maneira como os organizamos foi mais em função de procurar, da melhor maneira possível, encaixar uma concatenação de virtudes que se complementam, se somam e se relacionam entre si.

Embora seja comum que em um mesmo documento mais de uma virtude seja mencionada, inclusive, conceitos que estão em campos distintos do nosso enquadramento temático, não realizamos a ruptura do texto somente em virtude de ocasiões como essa. Assim, pode ser comum encontrar virtudes alocadas em subseções distintas das suas de origem em nossa classificação. Até porque nossa intenção aqui não é elaborar um quadro temático rígido desses conceitos, justamente em razão de ser na combinação, sobreposição e relação entre as virtudes que se encontra a riqueza da análise.

O historiador-autor

Nelson Werneck Sodré cultivava o hábito de enviar a amigos, críticos, aliados políticos, historiadores, escritores, entre outros, os seus livros recém lançados. Há que se dizer que essa era uma prática, de certa forma, corriqueira e compartilhada à época. Funcionava como chamariz para que fossem escritas resenhas, comentários, críticas e indicações nos órgãos de imprensa, mas servia também como maneira de alimentar as redes de sociabilidade. Assim, junto com os livros, era comum NWS enviar uma carta ou bilhete.

Em finais do primeiro semestre de 1940, Livio Xavier[73] escreve na coluna Livros Novos, do jornal *Diário de S. Paulo*, um texto em apreciação ao livro recém lançado *Panorama do segundo Império* em que, segundo o crítico, NWS daria mais uma "amostra do seu pendor e, já agora, da sua preparação para os estudos históricos".[74]

Apesar de considerar que o livro poderia ser mais panorâmico, como o próprio título sugere, o colunista considera que a importância da obra se justifica pelo "cuidado evidente de ser imparcial nos seus juízos, e sobretudo uma concepção histórica geral mais justa". Tal cuidado, tornaria o livro um estudo "simpático a quantos detestam a substituição da história do Brasil pela sistemática apologia do passado e pela incompreensão vesânica dos seus fundamentos econômicos".

Uma outra crítica direcionada ao livro seria no tocante a um certo excesso de mecanização da concepção histórica de NWS, como por exemplo, a ideia de que a escravidão se manteve por longo período em razão do baixo custo da mão de obra e de "qualidades peculiares à raça". Na visão de Livio Xavier, seria de fato em função de não haver outra mão de obra tão abundante e regular no período que perdurara a escravidão. Apesar das ressalvas, ele afirma que o livro "convida à discussão, faz pensar, o que se diga para o seu louvor".

Uma parte dessas críticas e apreciações sobre *Panorama* são reunidas pelo próprio NWS em *Memórias de um escritor*. O autor começa com Peregrino Junior[75], que, em carta, elogia a obra como sendo dotada de: lucidez, ampla documentação, inteligência. O crítico Plínio Barreto[76] ao analisar o livro, no jornal *O Estado de São Paulo,* valoriza o

[73] Lívio Barreto Xavier foi um jornalista e tradutor brasileiro

[74]XAVIER, Lívio. Livros Novos. São Paulo, 12 mai. 1940. 1 p. Imp. Artigo publicado no Diário de S. Paulo falando do livro Panorama do segundo Império, de Nelson Werneck Sodré. Ver: Fundo/Coleção: Nelson Werneck Sodré; Datas-limite: 1924-1994; Localização: 32,02,011 nº 051.

[75] João Peregrino Júnior da Rocha Fagundes (1898-1983) foi um jornalista, médico, contista, ensaísta e membro da Academia Brasileira de Letras.

[76] Plínio Barreto (1882-1958) foi um advogado, jornalista, crítico literário e político brasileiro.

poder de síntese, o vigor da obra, a leitura agradável que a obra promove. Brito Broca[77] em *A Gazeta* destaca também o poder de síntese, além da seriedade, profundidade, aversão ao anedotário, visão de conjunto, coragem, inteligência e imparcialidade. Azevedo de Amaral[78] em *Novas Diretrizes* segue os demais elogiando a seriedade, visão panorâmica, lucidez.[79]

Em junho de 1942, Fernando Azevedo[80] escreve carta a NWS falando sobre o livro *Orientações do pensamento Brasileiro*.[81] O remetente já inicia com a afirmação de que ninguém poderia obter vantagens quando comparado a NWS quanto a unir, numa mesma pessoa, a força da inteligência e a capacidade de compreensão.

Com relação ao livro, Azevedo avalia que seria "profundamente inteligente pelas suas análises, como pela sua maneira original de retratar cada uma das figuras que você elegeu para objetos de seus estudos, são escritos em uma simpatia humana, muito viva e generosa". Elogia, inclusive, a capacidade de NWS escrever com sentimentos, que ao invés de prejudicar, "aguça os olhos da inteligência", conferindo "lucidez e calor às coisas vividas e sentidas".

Os ensaios são vistos como dotados de "espírito crítico, esse sentido das correntes, essa sensibilidade aguda, essa liberdade de juízo e esse gesto de exatidão". A leitura fora prazerosa, quase "de um fôlego", dado "que a finura das análises e a elegância do estilo não me permitiriam fazê-lo com menos sofreguidão".

Após receber de NWS a terceira edição de *História da literatura brasileira*, em 1960, Hermes Lima escreve para agradecer e comentar sobre o livro. Na sua visão, tratava-se de uma "obra consagrada pelo fórum público"; um estudo que possui a "habitual lucidez, manejando magistralmente o instrumento da interpretação econômica".

Fernando Azevedo considera duas virtudes essenciais em NWS: a inteligência das análises e a sensibilidade "humana". A inteligência seria no sentido de realizar um

---

[77] José Brito Broca (1903-1961) foi um crítico literário, jornalista e historiador brasileiro.
[78] Antônio José Azevedo do Amaral (1881-1942) foi um escritor, jornalista e tradutor brasileiro.
[79] SODRÉ, 1970, p. 215-217.
[80] Fernando de Azevedo professor, educador, crítico, ensaísta e sociólogo; membro da Academia Brasileira de Letras. Foi professor de sociologia educacional no Instituto de Educação da Universidade de São Paulo; catedrático do Departamento de Sociologia e Antropologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da na mesma instituição.
[81] AZEVEDO, Fernando. Carta a Nelson Werneck Sodré falando sobre o livro deste, intitulado *Orientações do pensamento brasileiro*. São Paulo, 21 jul. 1942. 2 p. Orig. Ms. Papel com timbre da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Ver: Fundo/Coleção: Nelson Werneck Sodré; Datas-limite: 1924-1994; Localização: 32,02,010 nº 067.

trabalho no qual as análises históricas são feitas de maneira crítica e de maneira a abarcar o conjunto das transformações ao longo do tempo.

Já a sensibilidade ou a "simpatia humana", é considerada importante por balancear nas análises o cientificismo puro e compor um estudo em que a empatia do pesquisador, ao invés de prejudicar, contribui para resultar em uma obra na qual convergem tanto o aspecto da pesquisa quanto a maneira "humana" de escrita.

Assim, as virtudes, com a combinação exposta, servem a um propósito: constituir análises científicas, mas com um toque humano, o que redunda em leitura prazerosa. Por sua vez, Hermes Lima ao valorizar a virtude da "lucidez" e ainda a "interpretação", tem em mente que a conjugação de tais elementos contribuiu para que Sodré alcançasse sucesso de vendas em sua obra, sendo "consagrada pelo fórum público". Isso significa que, tanto para Azevedo quanto para Lima, determinadas virtudes cultivadas por NWS contribuiriam para o sucesso do autor não somente na qualidade de seus estudos, mas também no alcance positivo de seus livros junto ao público leitor.

Chama a atenção que o narrador de NWS relativiza a maior parte dos elogios que recebia, como sendo algo "envolvido no calor da amizade" (SODRÉ, 1970, p. 215). Todavia, em relação à apreciação que Lívio Xavier fazia de *Panorama*, o narrador das memórias comenta ser "Isenta e severa", uma análise com uma "divergência fundamentada que leva à restrição" (SODRÉ, 1970, p. 219).

Sodré, no presente em que escrevia suas *Memórias de um escritor*, passadas duas décadas desde a publicação de *Panorama*, faz uma autocrítica ao dizer ser este um "livro conservador, com evidentes laivos reacionários. Obra bem estruturada, ressentia-se de flagrante superficialidade na análise do processo histórico". Reconhece, no entanto, que fora "escrita com estilo, sendo a forma muito superior ao conteúdo".

As virtudes destacadas pelos críticos, tais como: seriedade, profundidade, aversão ao anedotário, visão de conjunto, coragem, inteligência, imparcialidade, ampla documentação, são entendidas como merecedoras de destaque por parte do narrador por representarem o reconhecimento do autor como um historiador por seus pares. Assim, tais elementos serviriam para qualificar o autor como um historiador compromissado com determinadas virtudes cultivadas. Todavia, com a passagem do tempo, NWS, severo crítico de si mesmo, aponta que apesar de a forma ser realmente digna de elogios, ainda não havia alcançado, naquele momento, a plenitude na análise do processo histórico.

Essa concepção do autor sobre si mesmo, de alguém que nos anos 1940 ainda precisaria evoluir muito, encontra respaldo dentro de sua memorialística quando ao final *de Memórias de um escritor*, faz um balanço e afirma que a tarefa de "refundir, ampliar e aprofundar meus conhecimentos era tarefa muito grande" (SODRÉ, 1970, p. 361). Uma conclusão que o memorialista afirma ter chegado já nos anos 1940.

O narrador conta como o processo de estudos do autor nunca puderam ser realizados de maneira sistemática. Apesar de não ser explícito, o memorialista dá a entender que a carreira militar dificultava a dedicação em tempo integral ou com mais disponibilidade aos estudos, inclusive, a formação acadêmica, aspecto este que logo adiante nos deteremos um pouco.

Tomado em conjunto, nas palavras do autor, o balanço seria que

> eu estava armado para ter uma visão de conjunto das ciências da sociedade, com um conhecimento especial de História e de Literatura. Estava em condições de realizar, no domínio das ciências da sociedade, análises macroscópicas, importantes para me situar face aos problemas que se apresentavam; e estava em condições de realizar, no domínio da História e da Literatura, análises microscópicas. Tudo isso não me isentava, é claro, da incidência no erro, como acontece com as criaturas de dimensões humanas. (SODRÉ, 1970, p. 362)

Essa constatação foi feita já em meados dos anos 1940 e, apesar de a tarefa autoimposta que se desenhava parecer árdua, o memorialista conta que se dispôs a "iniciar esses estudos, preparando, de início, as bibliografias". Logo de início, ficou evidente que os vários campos do conhecimento se interpenetravam, mas que sua atenção se voltou para as "ciências da sociedade" e para as "artes". Assim, conta ele que nas ciências da sociedade, "fixei-me na História; no domínio das artes, fixei-me na Literatura", sendo que em ambos os casos, "procurei estudar a teoria, o geral, e a prática, no caso concreto do Brasil, o particular" (SODRÉ, 1970, p. 361-362).

Como indicamos há pouco, Nelson Werneck Sodré, considerava que a carreira militar teria dificultado uma maior dedicação aos estudos, inclusive os de ordem acadêmica. Por conseguinte, a sua produção intelectual, em especial a histórica, precisava passar pelo crivo de seus pares. Para tanto, ele lançou mão de determinados recursos, aqui chamados de virtudes epistêmicas, que garantiriam um selo de legitimidade, funcionariam como signos a serem lidos e compreendidos pela comunidade de seus pares como sendo obra de historiador.

Nesse diapasão, a virtude epistêmica seria o que um historiador possui ou cultiva e que o faz ser reconhecido como tal. A partir disso, como pensar o lugar de NWS em relação a esse aspecto? No Brasil, somente a partir de meados do século XX se cristaliza o conceito de historiografia e o processo de institucionalização da história no âmbito universitário.[82] E quem está fora do ecossistema acadêmico? Deveria se curvar às regras e aos procedimentos a fim de ser aceito pela comunidade que coordena a criação e validação dos processos (OHARA, 2017, p. 25-30).

Falcon (1996, p. 13) relativiza o desaparecimento dos historiadores autodidatas nos anos 1960 com a institucionalização acadêmica na formação dos profissionais de história. Em sua análise, haveria duas fases na produção historiográfica brasileira mediadas por um período de dialética entre ambas. A primeira, que persistiria até os anos 1950-60, seria a que ele denomina de "tradição", composta, basicamente, por historiadores autodidatas, que contavam unicamente com "o reconhecimento de seus pares" (FALCON, 1996, p. 8). A segunda fase seria a da "inovação", com suas raízes nos anos 1930, época da publicação dos clássicos de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Jr, da criação das primeiras Faculdades de Filosofia, como as da USP e da antiga UDF (sucedida pela FNFi da antiga Universidade do Brasil), além da vinda do grupo de intelectuais franceses para o Brasil (FALCON, 1996, p. 9)

Apesar de a gênese da formação do profissional de história dentro da academia ocorrer desde os anos 1930, "é necessário ter em vista que o impacto de tudo isso, a começar pela irradiação e consolidação das possibilidades reais de inovação presentes nesses fatos" tanto no ensino quanto "na escrita da História, foi na verdade muito lento, e consumiu ainda duas décadas pelo menos." (FALCON, 1996, p. 9).

O período de produção memorialística de Nelson Werneck Sodré se insere justamente nesse tempo intermediário entre a "tradição" e a "inovação". Nessa ocasião, segundo Falcon (1996), a influência da Escola dos Anais se faz sentir conjuntamente com a de Marx e Engels, duas vertentes que vão orientar a produção historiográfica da "inovação".

Se focarmos em NWS, percebemos que este se insere no período de dialética entre "tradição" e "inovação". Em razão de estar produzindo o seu memorialismo nessa fase de

[82] Sobre a institucionalização do campo historiográfico no Brasil, ver Pereira; Santos; Nicodemo (2015).

transição, esse autor mantém pontos de contato com a geração[83] da primeira fase, em virtude de não possuir formação acadêmica na área e a sua produção historiográfica precisar ser reconhecida por seus pares a fim de alcançar legitimidade; ao mesmo tempo é atravessado pela segunda fase, uma vez que produz uma obra historiográfica de matriz marxista.

Em *A ofensiva reacionária*, Nelson Werneck Sodré considera que 1945, quando publicou *O que se deve ler para conhecer o Brasil*, configura o fim da primeira fase em sua carreira de escritor e que 1962, com a publicação de *Formação histórica do Brasil*, iniciava-se a segunda fase. Sendo que entre ambas há um interlúdio de dezessete anos, justamente o período dedicado ao aprofundamento de seus estudos, ao amadurecimento de suas ideias (SODRÉ, 1992, p. 203).

Ao escrever as páginas de *A ofensiva reacionária*, o autor reflete que o início dos anos 1960 trouxera consigo algumas mudanças:

> Não guardara as impaciências literárias, que expurgara. Conhecia, agora, do que se aprende nos livros como do que se aprende na vida, o suficiente para assegurar o equilíbrio, a serenidade, a segurança que, existindo outras qualidades – o saber, em primeiro lugar –, permitem a elaboração de obras homogêneas, capazes de dar a medida de quem as faz. (SODRÉ, 1992, p. 203).

As virtudes valorizadas são o equilíbrio, a serenidade, a segurança, mas o mais importante, o saber, que, combinadas, permitem a elaboração de obras "homogêneas", no sentido, tão valorizado por seus críticos, de composição de um painel da história brasileira, abrangente, combinando análises sociais, econômicas, políticas e culturais.

---

[83] A ideia de geração aqui vai muito além da combatida noção de um grupo de indivíduos que supostamente possuiria homogeneidade interna por ter experimentado um determinado percurso cronológico derivado de um tempo social demarcado. Acompanhamos aqui Angela de Castro Gomes quando propõe que a referência a uma determinada geração leva em consideração um "'tempo', que remete à memória comum de um grupo e à história que lhe é contemporânea. A noção, por conseguinte, situa-se na junção de memória e história, sendo fundamental explicitar que a referência é a uma memória 'comum', entendida enquanto testemunho de como um conjunto de homens experimentou um certo 'tempo'. Falar de geração nessa perspectiva é falar de relações entre 'pessoas' de um mesmo grupo (que podem ou não ter a mesma classe de idade) e é falar também de relações entre gerações, pois há uma nítida dinâmica contrastiva nesse processo. Em qualquer das dimensões, a indicação é dar um tratamento 'social' ao tempo, tratamento esse que os approaches estruturalistas abafaram. Dessa forma, a noção de geração permanece ligada à ação do que se pode chamar de 'eventos fundadores' ou 'acontecimentos marcantes', mas não se esgota neles, na medida em que uma geração não está 'datada' pela coincidência com a ocorrência de fenômenos sociais e históricos específicos, mesmo porque eles podem ser vivenciados de múltiplas maneiras". (GOMES, 1996, p. 41, grifos da autora).

Além disso, a expressão "aprende nos livros como do que se aprende na vida", permite considerar que para NWS a feitura de uma obra constituída a partir dos critérios acima expostos seria capaz de "dar a medida de quem as faz". Ou seja, obras que fossem equilibradas, serenas, seguras e eivadas de saber denotariam, em relação ao seu autor, as mesmas virtudes. Mas isso no âmbito da trajetória pública, intelectual. Afinal, conforme o próprio autor: "À história, interessa o lado público da existência dos homens" (SODRÉ, 1990, p. 162).

O narrador de *Memórias de um escritor* garante que o respeito ao trabalho intelectual sempre acompanhara NWS, mas que isto firmou-se no período de balanço do qual vínhamos falando um pouco acima no texto. Ao se referir a essa esfera, vislumbrada a partir do presente em que escrevia, encerra seu balanço de maneira tão atual quanto se tivesse sido escrito hoje:

> Sempre compreendi o sentido reacionário do menosprezo pelo seu exercício e pelos seus resultados. O anti-intelectualismo, que reponta, às vezes, nas sociedades subdesenvolvidas — para usar o eufemismo consagrado — ou em seus grupos mais atuantes e mais ingênuos, origina-se da crença no sentido de mudança, que o conhecimento traz consigo, como carga intrínseca. Toda cultura — é sabido e repetido — conserva, como dado de raiz, sentido progressista. Não é de surpreender — porque há nisso uma lógica profunda, embora às vezes escondida — a fúria com que os regimes retrógrados voltam-se contra os intelectuais, os artistas, os cientistas, e os aprendizes, os estudantes: a verdade é sempre subversiva. Ela não vive em repouso, não é estática, não se alimenta da pausa. Exige, ao contrário, a inquietação, o movimento, a mudança. E isso porque deriva da realidade, busca traduzir a realidade, retratar a realidade. [...] Essa aproximação com a realidade confere à ciência e à arte, ao conhecimento, o intrínseco sentido de mudança, que desperta tanta fúria nos regimes que, também intrinsecamente, permanecem ancorados no passado. Tais regimes surgem da necessidade de evitar, deter, retardar as mudanças. Daí a necessidade que os leva a punir a inteligência, a marginalizar a ciência e a arte, a vigiar policialmente as suas manifestações. O desrespeito ao trabalho intelectual, e particularmente ao trabalho artístico e científico, representa simples manifestação de atraso, que não pode passar sem protesto, que não pode ser aceita de forma alguma. (SODRÉ, 1970, p. 364)

Essa valorização do trabalho intelectual, em especial o dos estudos históricos, é reforçada com o cuidado com o qual o narrador em *Memórias de um escritor* revela a

troca de correspondências entre o protagonista e Caio Prado Júnior[84], que em dezembro de 1942, escreve uma carta na qual comenta sobre a pesquisa que realizava na época, elogia o trabalho de NWS e fala das dificuldades de se estudar a história do Brasil.[85] Ele inicia o texto com uma demonstração de satisfação em contactar NWS por cartas, uma vez que o contato anterior tinha sido por meio dos livros do destinatário. Ele confessa inclusive, a vontade de travar contato pessoal, uma vez que considerava as cartas um "meio moroso de comunicação", ao qual não era "muito dado".

Prado comenta que a carta de NWS fora de grande proveito, principalmente o ponto concernente ao esforço de ascensão da classe média brasileira, aspecto este, que considerava, à época, um dos elementos centrais dos trabalhos que ele próprio desenvolvia. Caio Prado menciona a sua obra *Formação do Brasil Contemporâneo*, mas ressalva que neste estudo ainda não abordara a questão da ascensão da classe média basicamente porque "o fato pertence basicamente ao século passado".

Ele se mostra interessado em saber para quando NWS publicará os seus estudos, pois considera-os "de considerável auxílio" e enfatiza: "Seu anúncio pôs-me água na boca, porque de antemão já sei da substância que virão".

Na parte final, Caio Prado tece comentários sobre o estado dos trabalhos históricos no Brasil, lamentando que "Infelizmente, quem estuda as coisas brasileiras é quase sempre obrigado a um trabalho de primeira mão", uma vez que os historiadores passados cediam a "tiradas literárias". Apesar de reconhecer que as coisas começavam a melhorar, considerava difícil poder contar com uma "base sólida de trabalhos já realizados" e aponta: "Esta tarefa cabe à nossa geração".

Apesar de reconhecer os desafios, propõe-se a um esforço com vias a "desbastar o terreno, esperando que possa de futuro ser útil aos pesquisadores das coisas brasileiras"; e complementa: "Enfileiro-me nesta 'equipe' de trabalhadores da nossa história que está

---

[84] Caio da Silva Prado Júnior foi um historiador, geógrafo, escritor, filósofo, político e editor brasileiro. Quem se interessar sobre as relações entre o pensamento de Caio Prado Júnior e Nelson Werneck Sodré, ver, entre outros: LEMOS, Alexandre Piana. A Formação História Brasileira: perspectivas marxistas. In *Revista AEDOS*, Rio Grande do Sul. v. 2, n. 3, p. 52-72, 2009; PINHEIRO, Filipe Leite. *As interpretações do Brasil de Caio Prado Jr. e Nelson Werneck Sodré:* um debate sobre a revolução brasileira. Monografia (Bacharelado em Economia). 80f. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014; CURTIS, Regina. A Revolução Brasileira: um diálogo entre Nelson Werneck Sodré, Celso Furtado e Caio Prado Júnior. In *Revista Textura*, Canoas, RS, n.11, p. 65-72, 2005.

[85] PRADO JÚNIOR, Caio. Carta a Nelson Werneck Sodré comentando a pesquisa em andamento, elogiando o trabalho de Nelson e falando das dificuldades de se estudar a história do Brasil. São Paulo, 7 dez. 1942. 2 p. Orig. Dat. Com assinatura manuscrita. Ver: Fundo/Coleção: Nelson Werneck Sodré; Datas-limite: 1924-1994; Localização: 32,02,010 nº 035.

lançando os seus verdadeiros fundamentos". Para finalizar, consideraria um sucesso caso a sua atuação no campo dos estudos históricos contribuísse a fim de fazer da "história brasileira outra coisa que uma simples crônica literária" louvaminheira dos grandes vultos.

Caio Prado Júnior volta a fazer contato com Nelson Werneck Sodré, dessa vez, nos primeiros dias de 1943[86] a fim de agradecer artigo de crítica de NWS a seu livro, *Formação do Brasil Contemporâneo*, lançado em 1942 e convida o destinatário a fazer parte como sócio correspondente da Sociedade de Estudos Históricos, desenvolvida, entre outros, com o amigo comum a ambos, Rubens Borba de Moraes.[87]

Ao agradecer as críticas positivas de NWS, Caio Prado Júnior afirma que os comentários, "partindo de quem partem", não teriam outro efeito que não o de o encherem de satisfação. O missivista se mostra interessado na ideia de circulação social que NWS vinha trabalhando e empenha-se em evidenciar que essa noção poderia ser compartilhada entre ambos e utilizada nos estudos que hora desenvolvia.

Caio Prado Junior escreve em setembro de 1943 para tratar do livro de Sodré: *Síntese do desenvolvimento literário no Brasil*. Após agradecer o envio, elogia o "verdadeiro *coup de force*" de NWS ao desenvolver uma "história literária sem nomes", completando: "o ideal em qualquer história", algo que, aliás, mencionara em carta anterior.[88]

O autor da missiva felicita Nelson Werneck pela iniciativa e pelo sucesso, visto como incontestável. Os elogios são também direcionados à sua obra de uma maneira geral: "Seus livros são um conforto; indicam um esforço, uma vontade de realizar, abrir perspectivas, que não são infelizmente, comuns entre nós".

Caio Prado valoriza a profundidade dos trabalhos do destinatário e a sua preocupação em relacionar a "cultura, no bom sentido da palavra" com a vida concreta.

---

[86] PRADO JÚNIOR, Caio. Carta a Nelson Werneck Sodré agradecendo crítica publicada sobre o livro de Prado Júnior, perguntando quando publicará seu próximo trabalho e convidando-o a participar como sócio correspondente da Sociedade de Estudos Históricos. São Paulo, 3 jan. 1943. 1 p. Orig. Dat. Com assinatura manuscrita. Ver: Fundo/Coleção: Nelson Werneck Sodré; Datas-limite: 1924-1994; Localização: 32,02,010 nº 036.

87 Sobre a Sociedade de Estudos Históricos (SEH), ver, entre outros, ALVES, Fabrício Gomes. *Folheando páginas, descobrindo histórias:* a Revista de História e a difusão da historiografia dos *Annales* no Brasil (1950-1960). Dissertação (Mestrado em História). 440f. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010; MARTINEZ, Paulo Henrique. Fernand Braudel e a primeira geração de historiadores universitários da USP (1935- 1956): notas para estudo. In *Revista de História*, n. 146, p. 11-27, 2002.

[88] PRADO JÚNIOR, Caio. Carta a Nelson Werneck Sodré felicitando-o por ter escrito uma história literária sem nomes e elogiando sua obra. São Paulo, 3 set. 1943. 1 p. Orig. Dat. Ver: Fundo/Coleção: Nelson Werneck Sodré; Datas-limite: 1924-1994; Localização: 32,02,010 nº 037.

Ao concluir, demonstra otimismo ao afirmar: “estamos para assistir à fase mais interessante da história brasileira”; e em tom profético, finaliza: “Será dos nossos dias o aparecimento de uma cultura realmente brasileira, legitimamente a primeira merecedora do nome”.

Nelson Werneck Sodré, por meio do narrador em *Memórias de um escritor*, refere-se aos elogios recebidos de Caio Prado da seguinte maneira:

> O que importa, no pronunciamento de Caio Prado Júnior, não é o louvor pessoal, mas, justamente, a compreensão (que era então raríssima) de que a essência de meu esforço não estava nos possíveis acertos, mas na forma de repensar, rediscutir, reanalisar, na tentativa de ver os acontecimentos, as personalidades, os fenômenos, os processos — o singular, o particular, o universal, em suma, em suas relações dialéticas – sob novos ângulos. (SODRÉ, 1970, p. 290).

Em passagens anteriores de *Memórias de um escritor*, ao mencionar e até mesmo citar trechos de cartas recebidas de Caio Prado Junior, NWS não se detém em análises sobre os significados dos termos contidos em tais documentos ou a importância deles para a sua trajetória. O uso das citações, pelo narrador, é uma forma de preencher a trama narrativa, sustentando-a com as fontes e deixar à cargo do leitor a extração de significados.

Entretanto, no trecho supracitado, Sodré intervém, via narrador, no texto a fim de conferir significados aos enunciados da carta. Esse posicionamento, incisivo, lança luz sobre quais as virtudes que o autor considera como sendo aquelas que apesar da passagem do tempo – afinal Caio Prado escreveu a carta nos anos 1940 e NWS escrevia as memórias em finais dos anos 1960 –, algumas virtudes continuavam valorizadas pelo memorialista: encarar o passado como um processo histórico com base na capacidade de compreender a dialética entre o singular e o geral. O cuidadoso empenho em estabelecer a dialética entre o universal e o particular seria um dos marcos no trabalho historiográfico de Sodré, cuja fase de maior produção foi entre os anos 1961 e 1964, em que o autor publicou nove livros (ROIO, 2016).

Aqui cabe algumas considerações, ainda que breves, sobre a contribuição intelectual de NWS concernente a essa nova fase que Caio Prado menciona em sua carta. Reis (2003) se debruça sobre os intérpretes do Brasil num recorte que começa em Varnhagem e vai até Fernando Henrique Cardoso. A meio caminho, no marco dos anos

1950, o historiador se detém em Nelson Werneck Sodré e na sua contribuição intelectual cuja visão de emancipação e de autonomia nacionais em grande medida ocuparam um esforço de entender as identidades do país.

Para esse autor, NWS seria o teórico marxista mais importante dos anos 1950, apesar de reconhecer que ele não seria "o único historiador marxista importante" nesse período (REIS, 2003, p. 147). O foco das análises de Reis será o papel desempenhado por NWS como teórico do PCB e do seu projeto de revolução brasileira. A partir dessa tomada de enfoque, balizado entre a Semana de Arte Moderna de 1922 e o Golpe de 64, Reis mapeia a consciência marxista no Brasil em suas várias etapas dentro desse recorte e localiza NWS na etapa que identifica como sendo a dos pioneiros na abordagem marxista da história do nacional.

Inclusive, NWS é apontado como sendo o "que há de melhor da primeira fase, de mais elaborado e argumentado, mais lúcido" (REIS, 2003, p. 150) com uma análise ligada à do PCB, que por sua vez, estava relacionado com a III Internacional, ao comunismo soviético e ao marxismo stalinista. Assim sendo, o PCB aplicava à realidade brasileira a noção da necessidade de se desenvolver uma revolução democrático-burguesa.

No terço final do seu texto sobre NWS, José Carlos Reis indaga: teria sido a ideia de revolução democrático-burguesa um delírio das esquerdas entre 1922 e 1964 ou foi uma teoria correta que acabou sendo superada pela história e pelos fatos novos? Sobre essa provocação, os analistas de Sodré se dividiriam: para uns, a tese feudal e a sua consequência política, a revolução democrático-burguesa, seria inadequada à realidade brasileira. Endossam essa crítica, entre outros, Mantega, Fernando Henrique Cardoso e Ciro Cardoso, marxistas pós 1960. Enquanto que quem defende a tese feudal seriam os marxistas do PCB e intelectuais brasileiros de outras tendências (REIS, 2003, p. 167-171).[89]

Francisco Iglésias em *Historiadores do Brasil,* considera a obra de NWS "fecunda e fecundante" (2000, p. 213), apesar de, em sua visão, faltar a esse autor a originalidade ou o talento de composição de Gilberto Freyre, Caio Prado Jr. e Sérgio Buarque de

[89] Sobre a questão das relações entre NWS e o PCB ver o livro de Paulo Ribeiro da Cunha, intitulado *Um olhar à esquerda: a utopia tenentista na construção do pensamento marxista de Nelson Werneck Sodré*, no qual há uma análise das origens do pensamento social de esquerda no Brasil, a inserção de NWS nesse pensamento, as suas relações com o chamado Partidão, a contribuição intelectual desse pensador no âmbito do marxismo e ainda, a sua atuação política, apesar de partidariamente falando ter ficado sempre nas entrelinhas e nos bastidores.

Holanda. Apesar dessa ressalva, Iglésias afirma se tratar de um pesquisador operoso e coerente, com boas passagens em suas obras.

Quando Iglésias compunha o seu livro supracitado, NWS ainda era vivo, inclusive, ambos morrem no mesmo ano de 1999, com diferença de pouco mais de um mês. Não é de se estranhar, portanto, o tempo verbal que Iglésias utiliza para afirmar que: "Sodré foi e *é* eminentemente historiador, dedicando-se também à crítica literária, à estética marxista, ao materialismo histórico" (IGLÉSIAS, 2000, p. 214, grifo nosso).

Na avaliação dele, NWS cometeu equívocos interpretativos, produziu uma obra com alguns livros, de certa forma, repetitivos. Todavia, "Nunca fez promoção pessoal e nem foi promovido por ninguém. Decerto não está ainda devidamente colocado pela crítica, que o ignora ou lhe nega tudo, em atitude incorreta. Respeite-se essa produção, pela sinceridade de sua base." (IGLÉSIAS, 2000, p. 216).

Ao mesmo tempo que sai em defesa de certos aspectos da obra de NWS, Iglésias reconhece como sendo razoável as críticas ao mecanicismo das análises do autor avaliado em suas aplicações das teses marxistas que acabam diminuindo o rigor ou a lucidez das análises e finaliza dizendo que apesar dessas críticas, NWS deve ser respeitado em função da sua obra de fôlego, da "operosidade de uma vida dedicada à historiografia" (IGLÉSIAS, 2000, p. 217).

Como se vê, Reis (2003) e Iglésias (2000), caracterizam e acolhem NWS como um historiador em razão da sua produção historiográfica, aspecto este considerado muito mais relevante do que a questão de ele não ser um historiador formado pela academia, o que coaduna com as reflexões de Falcon (1996) no tocante à produção historiográfica nos anos 1950-60 no Brasil. Mesmo quando são apontadas as fissuras nas formulações conceituais, teóricas e interpretativas, como a problemática dos restos feudais no Brasil, o que se ressalta em Nelson Werneck Sodré é a coerência intelectual, a tenacidade investigativa, a enorme capacidade de trabalho e o compromisso com o estandarte da emancipação nacional.

Intervenção feita, podemos avançar em nossas análises dos documentos utilizados pelo memorialista em que as virtudes epistêmicas são por ele valorizadas. Em carta, datada de 20 de novembro de 1961, Astrogildo Pereira[90], comunica a NWS que retorna da URSS após tratamento de saúde e o convida a colaborar com um livro que estava

[90] Astrojildo Pereira Duarte Silva foi um escritor, jornalista, crítico literário e político brasileiro, um dos fundadores do Partido Comunista Brasileiro, em 1922.

escrevendo para a Academia de Ciências da URSS. Na carta, Astrogildo comenta que o livro versaria sobre o "Brasil de 1945 aos dias atuais" com seções temáticas: "economia, política, história, condições sociais, cultura".[91]

Ao que se pode concluir pela carta, os itens citados seriam escritos por especialistas da Academia de Ciências da URSS, com exceção da última parte, referente à cultura, que seria escrita no Brasil. Dentro desta última seção, haveria um capítulo destinado à discussão sobre literatura, em que o missivista encarregava NWS da tarefa. Sobre esta, aliás, há uma orientação: "o que se quer não é material meramente informativo, mas interpretativo – um panorama vivo, com a colocação de correntes, autores e obras no complexo social brasileiro do período em vista."

Astrogildo Pereira, conhecedor que era da produção intelectual de NWS, esperava do autor algo que era valorizado por este: situar o leitor no contexto dos períodos estudados. Se em suas obras de análise historiográfica isso era considerado com cuidado, o mesmo pode-se afirmar em relação às suas memórias.

Sodré, em *A ofensiva reacionária*, ao comentar sobre esse pedido de Pereira, afirma que a solicitação chegara em um momento de grande importância de sua vida: o encerramento da carreira militar. A partir de então, poderia viver uma nova fase em sua carreira e "vivê-la em sua plenitude" (SODRÉ, 1992, p. 204). A fase anterior fora a "longa preparação", agora, seria possível "prestar alguns serviços", sendo que um deles foi justamente a solicitação de Astrojildo Pereira.

Nelson Werneck Sodré era conhecido e reconhecido por sua preocupação em realizar uma obra na qual a dialética entre o geral o particular ocorresse. Essa visão de conjunto, é reconhecida por Victor V. Volsky[92], que escreve a NWS, em fevereiro de 1969 a fim de convidá-lo para colaborar na criação de uma enciclopédia sobre a América Latina. O missivista fala em nome do Instituto de América Latina da Academia de Ciências da URSS e da iniciativa editorial "Enciclopédia Soviética" que estavam

[91] PEREIRA, Astrojildo. Carta a Nelson Werneck Sodré comunicando ter chegado da União Soviética. Rio de Janeiro, 20 nov. 1961. 3 p. Orig. Ms. Ver: Fundo/Coleção: Nelson Werneck Sodré; Datas-limite: 1924-1994; Localização: 32,02,010 nº 021.

[92] Victor V. Volsky foi um cientista político latino americanista, Diretor Executivo do ILA - Instituto da America Latina, da Academia de Ciências da URSS.

preparando um Guia Enciclopédico sobre a América Latina, o qual abarcaria "diferentes problemas de Geografia, História, População, Economia, Ciências e Cultura".[93]

Na carta, Volsky, faz questão de enfatizar que os mais "renomados latino-americanistas soviéticos têm expressado o desejo de contribuir na preparação" da enciclopédia e pede, além da participação de NWS, a sua indicação de "homens da ciência" no Brasil que poderiam também colaborar com o projeto apresentado.

Em *A fúria de Calibã*, Nelson Werneck Sodré, ao contar sobre essa carta de Volsky, revela grande descontentamento, pois, a fim de atender as solicitações do missivista, desprendera grande parcela de tempo e esforço, principalmente no tocante a entrar em contato com os especialistas em solo brasileiro. Ao final, todo o esforço se mostrou em vão, uma vez que o projeto acabou sendo somente isso: um projeto, não tendo se concretizado e o pior, as demandas de NWS por explicações terem sido ignoradas, daí o desagrado do autor (SODRÉ, 1994, p. 272-273).

Esse episódio, em que determinadas virtudes do memorialista são por nós identificadas, o propósito do narrador não é o de pô-las em evidência, pelo menos não diretamente como ocorre em outras ocasiões. Mas, ao desenvolver a narrativa, trazer outras mostras de virtudes: honrar compromissos, valorizar o trabalho intelectual. Isso se comprova quando, a propósito dessa situação envolvendo o Instituto de América Latina da Academia de Ciências da URSS, o autor, via narrador, afirmar: "Essa forma de tratar assuntos culturais, como essa forma de tratar com as pessoas, não me parece a mais adequada. Com franqueza: ela não me agrada" (SODRÉ, 1994, p. 273).

"Os 50 anos da obra de Nelson Werneck Sodré", esse é o título dado por Oswaldino Marques[94] à entrevista concedida por NWS e veiculada no jornal *Correio Braziliense* em julho de 1984.[95] Marques destaca a aversão do homenageado ao recebimento de laureis, destaques midiáticos e elogios gratuitos. No artigo, Sodré é identificado como historiador e ensaísta, tendo destacada a sua longa lista de publicações, a atuação em instituições de ensino e pesquisa, a luta pela cultura, pelo desenvolvimento

[93] VOLSKY, Victor V. Carta a Nelson Werneck Sodré solicitando colaboração na criação de uma enciclopédia sobre a América Latina. Moscou, 10 fev. 1969. 1 p. Orig. Dat. Em espanhol. Ver: Fundo/Coleção: Nelson Werneck Sodré; Datas-limite: 1924-1994; Localização: 32,02,011 nº 014.

[94] Oswaldino Ribeiro Marques, foi um poeta, ensaísta e tradutor brasileiro.

[95] MARQUES, Oswaldino. "Os 50 anos da obra de Nelson Werneck Sodré". Brasília, 9 jul. ,1984. 1 p. Imp. Artigo publicado no jornal Correio Braziliense falando de Nelson Werneck Sodré e de sua obra. Ver: Fundo/Coleção: Nelson Werneck Sodré; Datas-limite: 1924-1994; Localização: 32,02,011 nº 173.

do país, a militância política nos jornais e revistas, a carreira militar, as perseguições sofridas durante o regime que se instaurou com o Golpe de 64.

Um outro recorte de jornal, datado de maneira manuscrita com as iniciais UH e a data de 22 de agosto de 1986, cujo título do artigo é "Nelson Werneck Sodré abre Projeto Perfil", uma iniciativa do Sindicato dos Escritores do Rio de Janeiro.[96] Tal empreitada registrou em audiovisual as entrevistas de personalidades como Antônio Houaiss, Hélio Silva, Barbosa Lima Sobrinho, Clementina de Jesus, Grande Otelo, Oscar Niemeyer e o próprio Nelson Werneck Sodré.[97]

Segundo o artigo, a escolha de NWS para abrir os trabalhos se deu em razão "da sua vasta obra" e também pelo seu ecletismo, uma vez que foi militar durante muitos anos, crítico literário, e escritor". Sodré tem a sua atuação como historiador valorizada pelos entrevistadores, uma vez que a maior parte das perguntas foram sobre "A influência das Forças Armadas na História do Brasil, a situação da indústria editorial e a importância dos sindicatos na evolução da história".

Apesar estes dois artigos citados não figurarem entre os documentos citados por NWS em suas memórias, por terem sido publicados após os escritos de si do autor terem sido finalizados, ainda assim decidimos expô-los em razão de fazerem parte dos arquivos pessoais do memorialista e comporem uma lógica de manutenção de uma certa visão sobre si mesmo que Sodré procura constituir em seus relatos em primeira pessoa e que mesmo após o seu fechamento, ainda assim, uma espécie de versão de sua trajetória, por meio dos vestígios documentais, ser mantida.

Percebe-se nessas análises que algumas virtudes estão no campo do trabalho técnico do historiador, como o compromisso com as fontes, a preocupação com a metodologia histórica, o empenho interpretativo. Ao mesmo tempo, são valorizadas características morais, éticas, como operosidade, compromisso com a verdade, um determinado senso de dever ou de missão. As virtudes epistêmicas são um ramalhete entrelaçado de virtudes do âmbito da atuação e produção do profissional de história no sentido da técnica e de virtudes comportamentais alimentadas por uma conduta ética e moral.

---

[96] As iniciais UH provavelmente se referem ao jornal *Última Hora*, fundado por Samuel Wainer em 1951 no Rio de Janeiro.

[97] "NELSON Werneck Sodré abre o projeto Perfil". [S.l.], 22 ago. 1986. 1 p. Imp. Matéria falando do depoimento de Nelson Werneck Sodré em vídeocassete para o projeto Perfil. Ver: Fundo/Coleção: Nelson Werneck Sodré; Datas-limite: 1924-1994; Localização: 32,02,011 nº 183.

O historiador-professor

João Batista Vilanova Artigas[98], em dezembro de 1943, convida NWS, por meio de carta, para ministrar curso sob iniciativa do Centro de Estudos Sociais (CES) na cidade de São Paulo, presidido, à época, por Mário Schenberg, físico brasileiro. Pelo teor da carta, Nelson Werneck Sodré estava com dificuldades de honrar o compromisso, o que se confirma em *A ofensiva reacionária*, isto porque Artigas afirma: "Escrevo-lhe a pedido dos companheiros e de muita gente que não se conforma com a mais leve possibilidade de desistirmos de sua presença aqui."

A previsão era que o curso acontecesse no auditório da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de São Paulo. Ao final, Artigas reforça que escrevia a pedido dos companheiros, "cujo entusiasmo pelo curso de História, e pela sua vinda, estou me esforçando para interpretar nesse bilhete".

Em *A ofensiva reacionária*, NWS comenta que o CES funcionava como uma organização cultural fruto das peculiaridades da época e se revelou um verdadeiro modelo com base na seriedade dos trabalhos ali realizados e ainda, pelas possibilidades que abria ante um contexto de intensa curiosidade e de profunda inquietação intelectual. Sobre a experiência desenvolvida nesse período, o autor afirma o seguinte: "Guardei do convívio com a direção do CES algumas das melhores lembranças de minha atividade de professor." (SODRÉ, 1992, p. 266).

Em razão de não ter uma formação como historiador, é evidente o esforço de NWS em narrar situações em que a sua produção e atuação nesse campo foi reconhecida por seus pares. Assim, há um empenho performático em evidenciar determinadas virtudes epistêmicas por parte do narrador. O primeiro é a ênfase dada à participação do protagonista em bancas julgadoras de concursos literários. Isso ocorria em razão do prestígio conquistado com sua longa carreira como crítico em diversos órgãos de imprensa. O segundo é a narração da trajetória do memorialista como professor na Escola de Comando e Estado Maior do Exército e também no Instituto Superior de Estudos Brasileiro – ISEB.

[98] João Batista Vilanova Artigas foi um arquiteto brasileiro, fez parte do grupo de professores que deu origem à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU)

O narrador faz questão de citar os nomes das figuras com as quais se relacionava nos círculos restritos das bancas julgadores de concursos literários: Sérgio Buarque de Holanda, Afonso Arinos de Melo Franco, Rubens Borba de Moraes, todos eles com vivência nos meios jornalísticos e reconhecidos historiadores. Ser aceito em grupos como esse é um indicativo não só do reconhecimento do peso da contribuição de crítico literário de NWS como ainda de sua produção historiográfica, uma vez que em muitos desses concursos eram obras do campo da história e do ensaísmo histórico julgadas por historiadores (SODRÉ, 1970, p. 270).

A fim de reforçar essa aceitação por seus pares, o autor narra uma ocasião em que pede a Sérgio Buarque de Holanda e a Octávio Tarquínio de Souza que lessem os originais de *Formação da sociedade brasileira*[99], sendo que "ambos me atenderam e me honraram com observações muito úteis e me cederam tempo para discutirmos teses que o livro levantava, os pontos controversos". Uma pena NWS não ter compartilhado em suas memórias quais seriam as teses das discussões e as críticas que essas trocas de impressões com Sérgio Buarque de Holanda e com Octávio Tarquínio de Souza suscitaram sobre seu livro. (SODRÉ, 1970, p. 309).

Em a *Luta pela cultura,* NWS ao contar sua experiência como professor da disciplina de História Militar na Escola de Comando e Estado Maior do Exército – ECEME, confessa nunca ter pensado em lecionar. Pouco dado a falar de si, focando quase sempre nos acontecimentos que vivenciou ou testemunhou, o autor foge à regra e por meio do narrador confessa que sempre fora

> Pouco dado a falar e sendo a expressão oral indispensável ao mister, foi com graves apreensões que aceitei e enfrentei a missão. Nela, tive de vencer sérias resistências, que ancoravam no mais fundo de mim mesmo, e que constituíam em obstáculo ao exercício do mister. A naturalidade, o desembaraço, a segurança, vieram com a prática e demandaram tempo. (SODRÉ, 1990, p. 78).

Após breve consideração de nível mais subjetivo, o narrador prossegue com a tarefa de contar como NWS desenvolveu suas atividades nessa instituição de ensino do Exército. O curso de História Militar era chefiado pelo major Antônio de Souza Junior, tinha como adjunto o capitão Amaury Benevenuto de Lima. A ideia de designar NWS

[99] A obra a que nos referimos acima se trata de *Formação da sociedade brasileira,* lançada em 1944 pela Editora José Olympio, de autoria de Nelson Werneck Sodré.

para a ECEME fora do General Araripe, que, juntamente com o então coronel Humberto de Alencar Castelo Branco, então Diretor de Ensino, e o major Sousa Junior, chefe do curso, realizou amplas modificações no sistema de ensino com a introdução da "historicidade no tema tático" (SODRÉ, 1967, p. 274).

Dessa forma, as aulas táticas traziam as informações técnicas no tocante ao serviço militar e as aulas de história contribuíam para oferecer as explicações de como a experiência fornecera o conhecimento estudado, ou seja, "os casos concretos, que a História Militar apresentava, tornavam clara essa relação" (SODRÉ, 1967, p. 275).

Em 1948 o protagonista ministrou dois cursos, um cujo título é "Preliminares do combate ofensivo" em que discute casos concretos, históricos e com a evolução dos processos de combate; outro, de cunho muito mais historiográfico, denominado "O Vice-reinado do Rio da Prata", em que realiza uma "introdução histórica à análise da campanha de 1851 no Uruguai e na Argentina, encerrada com a batalha de Caseros, às portas de Buenos Aires" (SODRÉ, 1990, p. 79).

Para esses cursos o memorialista conta ter se dedicado meses a fio às leituras e à pesquisa. No caso do segundo curso, os autores lidos foram, principalmente, Alberdi, Mitre, Sarmiento, Lassaga, Quesada e Juan Alvarez. As pesquisas efetuadas para as aulas na ECEME foram mais tarde somadas aos artigos que publicou na revista *Digesto Econômico* sobre o Tratado de Methuen resultando no livro *As razões da Independência.*

A experiência de ter dado aulas no curso de História Militar no mais renomado estabelecimento de ensino do Exército foi possível graças ao reconhecimento de NWS como historiador dotado das exigidas virtudes epistêmicas feitas por seus pares dentro e fora da caserna. Se as exigências para ingresso na referida instituição eram dos mais elevados níveis, o mesmo se aplica àqueles que eram designados às funções letivas.

A atuação do autor no ISEB é merecedora de atenção na medida em que, dentre as várias possibilidades de análise, nos oferece uma oportunidade de destacarmos como a sua performance nessa instituição reforçou a importância das virtudes epistêmicas para se ser considerado historiador no período em que atuou o personagem cuja trajetória o narrador apresenta nas memórias

No ISEB, Nelson Werneck Sodré ficou responsável pela disciplina de História do Brasil enquanto que Cândido Mendes de Almeida ficou não só com a Disciplina de História Geral como também com a chefia do Departamento de História. O narrador relata que devido às muitas atividades exercidas pelo protagonista, notadamente o seu trabalho

como oficial da ativa no Exército, não sobrava tempo para participar das reuniões da Congregação do ISEB e nem da elaboração dos programas de aulas, mas que o trabalho como professor foi frutífero, principalmente para a pesquisa e escrita de obras de cunho historiográfico (SODRÉ, 1990, p. 171).

Em oportunidade anterior mencionamos, mas não custa lembrar, que ainda durante o período em que esteve ligado ao ISEB, NWS teve publicados dois de seus trabalhos por meio dessa instituição. Trata-se de dois volumes que integram a coleção "Textos de História do Brasil": *As classes Sociais no Brasil*, cujo conteúdo seria de conferências do autor ainda na fase inicial do ISEB, e *O Tratado de Metheuen,* no qual são reunidos uma série de artigos que o autor publicara no *Digesto Econômico*.

Em março de 1958 a direção do ISEB encarregou NWS de participar de uma série de conferências realizadas em São Paulo sob o patrocínio do Centro e da Federação das Indústrias. A conferência inaugural foi pronunciada por Clóvis Salgado, Ministro da Educação e Cultura, sobre "Cultura e desenvolvimento"; seguiu-se a do professor José Ribeiro Lira, do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico, que tratou das "Condições econômicas do desenvolvimento"; teve ainda a do professor Eduardo Sobral, do Conselho Nacional de Economia, cuja fala se deteve sobre "Inflação e desenvolvimento econômico". Em seguida, na programação entravam os professores do ISEB, Nelson Werneck Sodré apresentou uma palestra sobre "Formação Histórica da sociedade brasileira"; Guerreiro Ramos, sobre "Estrutura atual e perspectivas da sociedade brasileira"; Cândido Antônio Mendes, sobre "A política brasileira na conjuntura internacional"; Álvaro Vieira Pinto, sobre "Condições ideológicas do desenvolvimento"; e Roland Corbisier, sobre "O nacionalismo como ideologia do desenvolvimento", finalizando a série de conferências. (SODRÉ, 1990, p. 197).

Tomadas sob conjunto, as palestras foram um sucesso de crítica e de público. A de NWS obteve especial destaque na mídia. O jornal *Correio Paulistano*, por exemplo, destaca o palestrante como sendo conhecido autor de obras de "interpretação histórica do brasil" e coloca em evidência as atividades letivas do convidado como professor da disciplina de História na Escola de Estado Maior do Exército e também no Instituto Superior de Estudos Brasileiros. Outros jornais como *Diário Popular* e *O Estado de S. Paulo,* bem como *Última Hora* (RJ), acompanham o enredo do *Correio Paulistano* e tecem generosas análises da conferência de Werneck Sodré (SODRÉ, 1990, p. 198).

Apesar de não se alongar sobre as ações do personagem como professor do curso de História no ISEB, entendemos que o fato de NWS ter sido convidado para ocupar essa função comunga com a nossa tese de que era público e notório o reconhecimento de suas virtudes epistêmicas, que o qualificavam e faziam com que fosse identificado como historiador por seus pares.

Somado a isso, as análises dos críticos e jornalistas que acompanharam as palestras de NWS em 1958 na cidade de São Paulo contribuem para reforçar a imagem do autor como sendo autorizado a falar sobre história. Por esse viés, reconheciam-se em Nelson Werneck Sodré as virtudes epistêmicas que permitiam que fosse enquadrado entre aqueles que se dedicavam ao ofício de historiador.

Já mencionamos que *Memórias de um escritor* foi escrita em 1969 e lançada em 1970, um dos momentos mais tensos da Ditadura Civil-Militar (1964-1985) que nesse período impunha dura repressão não só aos grupos da esquerda armada no país, como também à diversas manifestações artístico-políticas que não se enquadravam no projeto de Brasil preconizado por aquele regime.

O autor, de maneira criativa por meio do narrador, a todo o momento estabelece veladas comparações entre o Estado Novo de Vargas e o Governo dos Militares instaurado em 1964 no tocante às perseguições. Nesse diapasão, o memorialista demonstra que no presente ditatorial em que vivia e escrevia suas memórias o comportamento omisso do passado não encontraria guarida e essa obra seria sua maneira de criticar o Regime Militar, os seus desmandos e arbítrios, o sufocamento das liberdades e dos direitos democráticos. Esse exercício crítico seria uma mola propulsora dessa obra assinada por NWS.

A seguir, iremos explorar alguns documentos dos arquivos pessoais de NWS que por uma razão temporal não se enquadraram no recorte feito pelo autor em suas memórias. Podemos começar com um convite que Sodré recebeu em finais de 1978 para colaborar com a criação do *Archivio Storico del Movimento Operario Brasiliano*.[100] A carta, apesar de não apresentar o remetente, permite considerar que se trata de um dos integrantes do projeto editorial *História Nova do Brasil*, encabeçado por NWS na reta final do Governo Goulart e realizado em parceria com jovens estudantes como Joel Rufino dos Santos,

[100] Carta a Nelson Werneck Sodré falando da fundação do Archivio Storico del Movimento Operaio Brasiliano, discorrendo sobre a influência ideológica de Nelson para a instituição e pedindo sua colaboração. Milão, 21 nov. 1978. 3 p. Ver: Fundo/Coleção: Nelson Werneck Sodré; Datas-limite: 1924-1994; Localização: 32,02,011 nº 015.

Mauricio Martins de Mello, Pedro de Alcântara Figueira, Pedro Celso Uchoa Cavalcanti Neto, Rubem César Fernandes, vinculados ao Departamento de História do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), do qual Sodré era o diretor.

O autor da carta comenta sobre a vida no exílio, a iniciativa de os antigos integrantes do projeto *História Nova* de criarem um arquivo do movimento operário brasileiro na cidade de Milão, Itália. A solicitação feita ao antigo mestre era para que esse se valesse de sua rede de contatos, experiência e influência a fim de reunir documentação que por ventura estivesse no Brasil e que pudesse ser enviada para compor o referido arquivo.

É evidente o carinho e admiração do antigo colaborador ao tratar NWS como alguém que no passado depositara confiança em jovens ainda sem diploma para "trabalhar com a história". A carta e o convite era, na visão do remetente, uma forma de gratidão pela confiança de outrora, ainda mais se tratando, no caso de NWS, de um "historiador de velha data".

Na coluna "Livros", do jornal *A Gazeta*, na primeira semana de 1984, consta a informação de que "O historiador e crítico literário Nelson Werneck Sodré vai dar um Curso de Formação Histórica do Brasil, no Alice Vitória Hotel".[101] O mesmo texto informa sobre o lançamento da quarta edição do seu livro *História da burguesia do Brasileira*. A obra é avaliada como tendo a pretensão de "interpretar a História no sentido de ajudar o desenvolvimento da Revolução Brasileira".

O mesmo jornal, no mês seguinte, volta a divulgar o curso que NWS ministraria na capital do Espírito Santo. Dessa vez, com mais detalhes, inclusive com a declaração de um dos organizadores, o estudante de engenharia Wesley Sather, segundo o qual, "O objetivo do curso é fornecer um conhecimento sincero da Formação Histórica do Brasil que nos possibilite ter uma posição política justa" e complementa: "Não ter uma posição política justa, disse alguém, é como não ter alma. Além disso, não ter conhecimento da História de seu país é como não ter amor próprio".

Apesar de o curso custar um valor de 15 mil cruzeiros, NWS não cobraria nada por sua participação, cuja programação cobriria desde o Período Colonial, passando pelas Monarquias, Advento da República, a República Oligárquica, Era Vargas, o período

[101] "NELSON Werneck Sodré dará curso de história em Vitória". Vitória, 3 jan. 1984. 1 p. Imp. Nota publicada no jornal A Gazeta falando de curso que Nelson Werneck Sodré dará em Vitória, no Espírito Santo. Ver: Fundo/Coleção: Nelson Werneck Sodré; Datas-limite: 1924-1994; Localização: 32,02,011 nº 167.

subsequente a ela, indicado como "As metas do Desenvolvimento" até chegar na Ditadura Civil-Militar e as perspectivas quanto ao futuro naquele momento de abertura política.

Nelson Werneck é enaltecido como "Mestre de nossa crítica literária e Mestre das ciências sociais e aplicadas ao Brasil – História, Sociologia e Política". A obra do autor, tanto a que se dedica a entender o processo de formação da sociedade, da cultura ou mesmo histórico do Brasil, é marcada pelo "sinete werneckano: a mais intransigente probidade envolta com uma consciência social e humana paradigmática".

Tanto o convite para colaborar com a criação do *Archivio Storico del Movimento Operario Brasiliano* quanto para ministrar um curso de história na capital do Espírito Santo, estão afinados em suas motivações para contarem com NWS em função de ele ser considerado um historiador e mais, um professor. O missivista que escreve desde a Europa, ao que tudo indica foi um aluno de Sodré em tempos de ISEB, recorre ao antigo mestre e o jovem estudante de Vitória, a alguém cuja trajetória intelectual era conhecida e reconhecida na época.

Caio Navarro de Toledo[102], em dezembro de 1993, escreve a NWS em nome da Comissão Organizadora do Seminário "O Golpe de 1964: 30 anos", realizado no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas em março de 1994.[103] Na carta, Navarro apresenta a estrutura do evento e o tema central: "a conjuntura de 64 em seus aspectos políticos, econômicos e culturais". A participação de NWS se daria na mesa-redonda "O Golpe era inevitável?". O missivista reforça a importância da participação do convidado para "o sucesso deste evento de debates e reflexão sobre a história brasileira contemporânea".[104]

O estudante do curso de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa, João Luiz dos Santos, em nome do Centro Acadêmico da referida universidade, escreve em meados de 1992 para Sodré a fim de convidá-lo para a realização de palestras ou série de estudos.[105] Ao final, após indagar sobre as possibilidades de se concretizar tais

---

[102] Caio Navarro de Toledo atualmente é professor colaborador voluntário do Departamento de Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e pesquisador junto ao Centro de Estudos Marxistas (Cemarx), Unicamp.

[103] O evento citado foi em memória dos 30 anos do Golpe de 64 e resultou, mais tarde, na publicação da obra organizada por Caio Navarro Toledo: *1964: visões críticas do golpe. Democracia e reformas no populismo*, lançada pela Editora da Unicamp em 1997, reeditada em 2014 por ocasião dos 50 anos do Golpe de 64.

[104] TOLEDO, Caio Navarro de. Carta a Nelson Werneck Sodré esclarecendo o dia e hora da exposição deste no seminário sobre o golpe de 64 que ocorrerá na UNICAMP. Campinas (São Paulo), 15 dez. 1993. 1 p. Fundo/Coleção: Nelson Werneck Sodré; Datas-limite: 1924-1994; Localização: 32,02,010 nº 033.

[105] SANTOS, João Luiz dos. Carta a Nelson Werneck Sodré convidando-o a palestrar na Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, 15 jun. 1992. 1 p. Fundo/Coleção: Nelson Werneck Sodré; Datas-limite: 1924-1994; Localização: 32,02,010 nº 090.

possibilidades, João Luiz dos Santos apela: "Creio que na qualidade de historiador, entenderá a nossa solicitação".

A intenção do Centro Acadêmico seria que NWS viesse a contribuir com aqueles que "se coloca[m] entre tantos que tantos que desejam uma nova História, revolucionária por excelência, que seja instrumento invencível da luta dos povos e classes mais oprimidos". Em razão dessa postura, se incluíam entre os que "estudam avidamente e discutem sua obra e seu pensamento. Acima de tudo, nutrimos um grande respeito pelo historiador que é e o significado de seu trabalho para transformação do nosso Brasil".

Após reconhecer que a Universidade da qual fazia parte não estava no centro tradicional da discussão e produção de conhecimento, o autor da carta afirma que as referências sobre NWS e os seus livros haviam chegado até o interior do Paraná, mas "quem é afinal e como fala Nelson Werneck Sodré. Esta é a curiosidade de muitos acadêmicos, professores de escolas e universitários."

O secretário municipal de cultura de Porto Alegre, Luiz Paulo de Pilla Vares[106], em novembro de 1993, escreve carta a NWS como convite para contribuir com a publicação Cadernos Ponto & Vírgula.[107] Ele explica que, "dentro de uma política editorial que objetiva incentivar a reflexão em torno da literatura, das artes, da história e de fatos que marquem a nossa sociedade", criou-se a série Cadernos Ponto & Vírgula.

Os três primeiros números da série haviam sido dedicados, respectivamente, a Graciliano Ramos, ao teatro gaúcho e à Revolução Federalista de 1893. O convite era para que NWS colaborasse com o "Caderno" dedicado ao Golpe de 64 que completaria 30 anos em 1994 e a intenção seria "analisá-lo enquanto processo e memória", sendo que a organização da publicação estaria a cargo de Sandra Jatahy Pesavento. [108]

Aldo José Rodrigues de Lima[109] escreve em agosto de 1993 para informar a NWS que abordará a sua contribuição ao estudo da literatura brasileira na disciplina de Cultura

---

[106] Luiz Paulo de Pilla Vares, foi jornalista e bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais; militante ativo no campo das esquerdas, foi membro do Partido Comunista Brasileiro, depois ingressou no Partido dos Trabalhadores; foi Secretário de Cultura de Porto Alegre em duas gestões.

[107] VARES, Luiz Paulo de Pilla. Carta a Nelson Werneck Sodré enviando detalhes do artigo que Nelson fará para a série Cadernos ponto e vírgula. Porto Alegre, 11 nov. 1993. 2 doc. (3 p.). Orig. Dat. Papel com timbre da Prefeitura de Porto Alegre. Com assinatura manuscrita. Anexa, lista dos participantes do volume. Ver: Fundo/Coleção: Nelson Werneck Sodré; Datas-limite: 1924-1994; Localização: 32,02,010 nº 116.

[108] A carta apresenta um anexo com os autores convidados para contribuir com Caderno Ponto & Vírgula (Revolução de 64): Nelson Werneck Sodré, Leônidas Xausa, Ricardo Maranhão, Paulo Vizentini, Antônio Cândido, Luiz Paulo de Pilla Vares, Flávio Koutzii, Caio Navarro Toledo, Carlos Arturi, Castor Bartolomé Ruiz.

[109] Aldo José Rodrigues de Lima é Professor Associado II da Universidade Federal de Pernambuco.

Brasileira, no curso de Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Afirma ser um "leitor e discípulo seu confesso", submete à apreciação do destinatário o plano de curso que iria ministrar e pede a indicação de professores, no Recife, que pudessem contribuir com palestras ao longo do período de duração da disciplina.

Em março de 1994 chega a NWS uma carta com um convite para que participasse de um evento sobre as relações entre literatura, história e educação na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Aldo Lima, autor do convite, comenta que à época teria, em um Encontro Pedagógico com professores de história, da Secretaria de Educação, Cultura e Esportes de Pernambuco, debatido sobre "aspectos da relação entre Literatura e História, oportunidade em que analisei a sua contribuição aos estudos da Literatura Brasileira. Foi com base nessa discussão que pensara em convidar NWS para uma "Semana de Estudos sobre Relações entre Literatura, História e Educação". Caso aceitasse o convite, Sodré ficaria encarregado de uma "palestra, e consequente debate, sobre literatura e história".

Caio Navarro Toledo, João Luiz dos Santos, Luiz Paulo de Pilla Vares e Aldo José Rodrigues de Lima, cada deles escreve para Nelson Werneck Sodré tendo em vista seus próprios interesses: cursos, projetos, congressos, programas de ensino, indicações de leitura. Todavia, possuem em comum a concepção de NWS como sendo um professor de história, um mestre que poderia contribuir de alguma forma em razão da sua trajetória intelectual e ainda, a sua atuação no campo da política, em defesa da soberania nacional e das liberdades democráticas.

"Capacidade de síntese"

No universo composto por esta virtude, há os termos correlatos ou aproximados: visão ampla, capacidade de reconstrução, perspectiva, visão crítica, objetividade. Podemos começar com Oliveira Viana[110], que, ao se inteirar da viagem de Nelson Werneck Sodré ao Mato Grosso, escreve em agosto de 1938 a fim de desejar boa sorte em suas atividades profissionais a serviço do Exército.

[110] Francisco José de Oliveira Viana (1883-1951) foi um professor, jurista, historiador, sociólogo e membro da Academia Brasileira de Letras.

Na carta, além de informar sobre uma fotografia solicitada pelo destinatário, Vianna comenta sobre a expectativa de ler o trabalho que NWS vinha desenvolvendo sobre a propriedade rural no Oeste do Brasil. Nas palavras do missivista, esperava que a obra fosse "notável e cheia de objetividade e fina compreensão do nosso meio e das nossas coisas".

Vianna volta a escrever a NWS e agora, para falar da obra finalizada: *Oeste, Ensaio sobre a propriedade pastoril* (1941) e confirmar as expectativas depositadas na carta supracitada.[111]Após a leitura, ele considera o livro como sendo um "belo e substancial ensaio de antropogeografia e sociologia regional", escrito "naquelas linhas largas, amplas de arquitetura e estilo que são tão do seu feitio literário e que tão bem exprimem as suas superiores aptidões para as grandes sínteses."

O missivista concebe o livro como "obra de história social e ciência social". Um dos capítulos do livro apreciado, que trata da "vida municipal do Oeste revela uma admirável objetividade, que é, aliás, uma das características do seu espírito". Dos estudos que versam sobre o mesmo tema, nenhum "nos aparece tão completo e tão cientificamente conduzido como o seu".

Em outra carta, dessa vez para a escrever para agradecer o envio de *Panorama do Segundo Império*, Oliveira Viana não economiza nos elogios à obra, considerada "um dos mais belos livros que se tem escrito ultimamente em nosso país".[112] Ele aponta que apesar de as pesquisas históricas terem progredido sobre o tema em questão, "pouca coisa temos tido como visão de conjunto deste grande período histórico. O seu belo volume no veio dar esta visão num verdadeiro panorama", ou seja, uma obra dotada de "largueza, generalidade, compreensão dos traços gerais, intuição da trama obscura, subterrânea, invisível dos acontecimentos e das suas causas explicadoras".

Vianna afirma que o "quadro esboçado tem horizonte, amplitude, beleza de perspectiva". Considera positiva a forma como NWS escreveu a obra com "esta maneira sua, larga no corte dos períodos, cheia de nobre elegância no andamento da frase". Ao concluir, considera o estudo como sendo resultado de um trabalho sério, "que faz pensar

[111] VIANNA, Oliveira. Carta a Nelson Werneck Sodré fazendo comentários elogiosos sobre o livro Oeste, de autoria de Nelson. [S.l.], 25 set. 1942. 1 p. Orig. Dat. Com assinatura manuscrita. Fundo/Coleção: Nelson Werneck Sodré; Datas-limite: 1924-1994; Localização: 32,02,010 nº 126.

[112] VIANNA, Oliveira. Carta a Nelson Werneck Sodré elogiando o livro Panorama do segundo Império e sua capacidade intelectual. Rio de Janeiro, 1 dez. 1939. 2 p. Orig. Dat. Papel com timbre do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. Com assinatura manuscrita. Ver: Fundo/Coleção: Nelson Werneck Sodré; Datas-limite: 1924-1994; Localização: 32,02,010 nº 132.

e que se há de impor pela severidade do seu conteúdo, pela honestidade dos seus juízos e pela elevação das suas ideias".

Nelson Werenck Sodré menciona essa carta e cita alguns trechos dessa carta sobre o livro *Panorama sobre o Segundo Império*[113] e destaca traços do texto como generalidade, amplitude, perspectiva, um "ensaio [em que] há uma intuição das relações causais" (SODRÉ, 1970, p. 206). O memorialista parece interessado em chamar a atenção do leitor para a imagem de si mesmo como sendo um pesquisador que valoriza a sinceridade de conteúdo, honestidade dos juízos e era visto por seus pares como alguém cuja obra é marcada por manifestações de talento e de cultura, além da capacidade de desenvolver estudos em que o passado histórico brasileiro fosse analisado a partir de uma visão crítica e abrangente.

Correspondente ativo, em dezembro de 1943, Oliveira Vianna agradece o envio de *Síntese do desenvolvimento literário no Brasil* e elogia a erudição de Nelson Werneck Sodré, além da sua "aptidão estilística", a "amplitude de visão" e a capacidade de apanhar as fases da produção cultural no Brasil.[114]

O ano de 1945 seguia pelo mês de março quando Hermes Lima[115] publica no jornal *Correio da Manhã* um artigo com comentários sobre o livro *Formação da Sociedade Brasileira*, de NWS.[116] O crítico afirma que "Já não são raros os bons estudos sobre nossa história social e, entre os melhores, lugar de destaque se reservará certamente para o novo livro de Nelson Werneck Sodré". Comenta que em trabalhos anteriores, o autor já se mostrara um "investigador lúcido do nosso passado, das nossas tendências e das correntes de nossa formação sociológica".

Hermes Lima afirma que a história social estaria sempre pendendo a favor ou contra alguma coisa e que seria de fundamental importância que o historiador, de uma

---

[113] *Panorama sobre o Segundo Império* é um ensaio histórico produzido por Nelson Werneck Sodré e lançado em 1939 pela Companhia Editora Nacional.

[114] VIANNA, Oliveira. Carta a Nelson Werneck Sodré agradecendo o envio e tecendo comentários elogiosos ao livro Síntese do desenvolvimento literário no Brasil, de autoria de Nelson. Niterói, 4 dez. 1943. 3 p. Orig. Ms. Ver: Fundo/Coleção: Nelson Werneck Sodré; Datas-limite: 1924-1994; Localização: 32,02,010 nº 129.

[115] Hermes Lima foi um político, jurista, jornalista, professor, ensaísta e membro da Academia Brasileira de Letras. Ocupou o cargo de ministro do Gabinete Civil da Presidência da República, ministro das Relações Exteriores, presidente do Conselho de Ministros, durante a breve experiência parlamentarista ocorrida no governo João Goulart. Foi ainda, ministro do Supremo Tribunal Federal, sendo aposentado compulsoriamente desse cargo com a promulgação do AI-5.

[116] LIMA, Hermes. "Formação da sociedade brasileira". Rio de Janeiro, 30 mar. 1945. 1 p. Imp. Artigo publicado no Correio da Manhã falando do livro Formação da Sociedade Brasileira, de Nelson Werneck Sodré. Ver: Fundo/Coleção: Nelson Werneck Sodré; Datas-limite: 1924-1994; Localização: 32,02,011 nº 060.

maneira geral, "não faça da imparcialidade um pretexto para ignorar o sentido político e classista da vida social", algo que o crítico indica não ocorrer com o estudo em foco. Ao final, a obra é recomendada por ser digna da "mais atenta leitura. É já livro de pensamento amadurecido no estudo da história econômico-social do país, todo informado por um espírito científico de interpretação", além do mais, é "Cheio de ideias, denso de sugestões, oferecendo largas e seguras perspectivas do nosso desenvolvimento".

Brito Broca em um artigo intitulado "Os valores autênticos", publicado no jornal *A Gazeta* (SP)[117], comenta a obra *Introdução à Revolução Brasileira* (1958).[118] Nesse artigo, além de elogiar a obra cujo lançamento motivou a escrita da crítica, Broca chama a atenção que o indicador de sucesso do trabalho de Werneck Sodré seria o esgotamento de todos os exemplares de suas obras já editadas. O público leitor que comprara todos os livros é tido como o melhor indicativo do êxito do autor.

No texto em que avalia a obra de 1958, Brito Borca cita *Panorama do Segundo Império* (1939) e *Formação da Sociedade Brasileira* (1945). Sobre o primeiro, apesar de anos passados, o autor comenta ter guardado "indelével impressão da segurança das análises históricas". As duas obras são vistas como fruto de um trabalho que denota "segurança e objetividade". Sobre o livro que o motivara a escrever o artigo, Brito Broca comenta se tratar de um trabalho de "exegese sociológica da nossa história. Obra pensada, meditada, escrita com um plano bem delineado" com um "desenvolvimento lógico de um pensamento que não se perde em divagações".

Como se vê, tanto Hermes Lima quanto Brito Broca consideram os escritos históricos de NWS como seguros em suas análises, objetivos, científicos. Mas qual ou quais seria(m) o(s) uso(s) dessa análise segura, objetiva, científica? Segundo Lima, seria a fim de realizar um estudo de "interpretação" das "perspectivas do nosso desenvolvimento". Ao passo que para Broca, a obra de NWS oferecia uma "exegese sociológica da nossa história". Portanto, ambos os analistas, ao qualificarem a obra de Sodré com determinadas virtudes, valorizam tais elementos na medida em que operam

[117] BROCA, Brito. "Os valores autênticos". São Paulo, 26 ago. 1958. 1 p. Imp. Artigo publicado no jornal A Gazeta sobre a obra de Nelson Werneck Sodré. Ver: Fundo/Coleção: Nelson Werneck Sodré; Datas-limite: 1924-1994; Localização: 32,02,011 nº 073.

[118] BROCA, Brito. Os valores autênticos. *A Gazeta*, São Paulo, Vida Literária, 26 de agosto de 1958. Ver: Fundo/Coleção: Nelson Werneck Sodré; Datas-limite: 1924-1994; Localização: 32,02,011 nº 073.

uma obra cujo mote era a interpretação do Brasil, de suas raízes históricas a fim de se entender o presente em que viviam.

Em comum, as apreciações das obras de NWS possuem o fato de classificarem os livros comentados como sendo "história social", "análises históricas", "estudo da história" ou se referirem ao autor como um historiador. As virtudes complementam esse enquadramento e conferem sentido ao exercício de pesquisa. Assim, Sodré é concebido como um historiador que se debruça sobre o passado munido de determinadas virtudes como lucidez, capacidade de síntese, objetividade, originalidade, visão crítica, interpretação, espírito científico.

Essas virtudes coadunam em direção a propósitos definidos, não são valorizadas como um fim em si mesmas, mas na medida em que são colocadas a serviço do trabalho histórico. Por conseguinte, o espírito científico evocado por Hermes Lima, visa à interpretação; a objetividade considerada por Brito Broca serve para não se perder em divagações.

"Brilhante estudo"

No entorno dessa virtude, outras se aglutinam: erudição, inteligente, excelente, sólido, substancioso, esforço de pesquisa, profundo, original, científico. São virtudes que contemplam a capacidade do autor de arregimentar as ferramentas necessárias a fim de dar conta dos objetivos propostos em seus estudos de maneira não apenas satisfatória, mas, aos olhos dos pares, com louvor.

Algumas cartas ou bilhetes são bem sucintos, como é o caso de Monteiro Lobato[119] que em abril de 1945 escreve para agradecer o envio do livro *Formação da Sociedade Brasileira* e dizer que considera o ensaio como sendo um presente mental pela solidez da obra. Nesse mesmo ano, a fim de elogiar o livro *Formação da sociedade brasileira*, Roberto Simonsen escreve uma carta na qual, além de agradecer a gentileza do envio da obra, a adjetiva como "substancioso trabalho" e manifesta vivo interesse de conhecer pessoalmente Nelson Werneck Sodré.[120]

[119] Monteiro Lobato foi um escritor, jornalista, ativista, diretor e produtor brasileiro.
[120] Roberto Simonsen foi um engenheiro, industrial, intelectual, administrador, empresário, escritor e político brasileiro.

Com brevidade, ainda, se manifesta Milton Campos[121] em abril de 1958 sobre o livro *Introdução à Revolução Brasileira*, para ele, uma leitura que provoca grande interesse e proveito em razão dos "temas tratados e do brilhante estudo" de Nelson Werneck Sodré.

Era meados de 1958 quando Aurélio de Lyra Tavares[122], em carta a NWS, comenta que acabara de ler *Introdução à revolução brasileira* e que já mandara encadernar a obra, algo que costumava fazer "com todos os livros que resolvo guardar, como fontes de consulta, pelas ideias e pela substância que contém".[123]

O autor compreende a obra de NWS como sendo um guia para se pensar os problemas do Brasil, como a permanência da lógica colonialista, os entraves para o desenvolvimento, a questão da Segurança Nacional. O livro comentado serve como análise do "quadro nacional" a fim de se buscar "o conhecimento seguro do sentido da nossa própria formação e pela análise dos seus erros originais, através do processo de transformação" ao qual Sodré chama de Revolução Brasileira.

Volodia Teitelboim[124], em agosto de 1963, agradece, por meio de carta, o envio de livros de NWS e confessa que as obras do autor o teriam impressionado, sendo usadas como "permanente material de estudos". Projeta estar sempre atento ao que NWS viesse a produzir, uma vez que a sua obra "ensina sobre o Brasil e sobre toda a nossa América".

Cruz Costa contacta NWS a fim de comentar sobre o livro *Memórias de um soldado*, lançado naquele ano de 1967. O missivista começa por informar que Emília Viotti da Costa iria telefonar a NWS, e, ao que tudo indica, Cruz Costa parecia ser o mediador dessa conversa.[125] Ele elogia o livro de memórias escrito pelo destinatário, o qual lera "de uma assentada. Excelente livro e doloroso depoimento". Em seguida, tece comentários sobre a vida política nacional referente à ditadura militar, às perseguições

---

[121] Milton Campos, foi deputado, senador e governador de Minas Gerais. Campos foi um dos fundadores da UDN e mais tarde, inclusive, participou ativamente das articulações que culminaram no Golpe Civil-Militar de 1964, tendo sido nomeado para o cargo de Ministro da Justiça e Negócios Interiores pelo presidente Castelo Branco, mas acabou se demitindo pouco depois, em 1965, por discordar da criação do AI-2.

[122] Aurélio de Lyra Tavares foi um general de exército brasileiro, tendo sido, inclusive, membro da junta provisória que governou o Brasil após o afastamento de Artur da Costa e Silva, no contexto da Ditadura Civil-Militar.

[123] A. de Lyra. Carta a Nelson Werneck Sodré elogiando seu livro Introdução à revolução brasileira. Comenta sobre os valores e as obrigações dos militares. Rio de Janeiro, 11 ago. 1958. 1 p. Orig. Dat. Ver: Fundo/Coleção: Nelson Werneck Sodré; Datas-limite: 1924-1994; Localização: 32,02,010 nº 022.

[124] Volodia Valentín Teitelboim Volosky foi um político, advogado e autor chileno.

[125] João Cruz Costa foi um filósofo, ensaísta, crítico, sociólogo e biógrafo brasileiro, formado pela Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, tornando-se, posteriormente, professor catedrático da mesma instituição.

sofridas e como foi possível compreender muito do que vinha ocorrendo lendo as memórias de autoria de NWS.

Em plena vigência do Regime Militar no Brasil, no ano de 1967, Nelson Werneck Sodré viaja à URSS após receber convite de E. M. Zhurkov para participar de um evento na cidade de Bacú cujo tema seria "A Grande Revolução Socialista de Outubro e o movimento de libertação nacional dos povos da Ásia, África e América Latina", no contexto das celebrações dos 50 anos da Revolução Russa de 1917. Em nome do comitê organizador, o autor da carta explica que a razão do convite seria reunir "cientistas e políticos dos países da Ásia, África e América Latina" para os debates do "solene Simpósio".

Rodolfo Puiggrós[126] escreve a NWS em março de 1969 propondo publicação em espanhol do livro *História da burguesia brasileira.*[127] O autor da carta informa que "La Editorial Juárez de Buenos Aires" encarregara-o de reunir autores latino-americanos a fim de publicar as suas obras e que viera à memória os "excelentes" livros de NWS, dentre eles, *História da burguesia brasileira*, cuja tradução ficaria a cargo do próprio Rodolfo Puiggrós.

O professor e historiador brasilianista John Watson Foster Dulles[128], em setembro de 1969, escrevia a NWS elogiando o livro *História da imprensa no Brasil*, nas palavras do missivista: "desde que tive o prazer de te ver ano passado, tenho lido seu livro a *História da imprensa no Brasil*. Quero aproveitar esta oportunidade para parabenizá-lo pelas excelentes características acadêmicas do livro", ele ainda agradece a gentileza com a qual NWS o recebera no Brasil bem como "as horas de prazer" que a leitura do livro lhe proporcionara.

Em nome do Instituto de América Latina da Academia de Ciências da URSS, em finais de 1972, Victor V. Volsky, escreve uma carta na qual pede aprovação e comentários de NWS sobre nota biográfica a ser inserida no prontuário enciclopédico "América Latina", editado pelo referido instituto. Na nota anexa, NWS é identificado como "cientista, historiador, sociólogo e personalidade social brasileira". Em seguida, são destacados dois aspectos da sua trajetória: em primeiro lugar, as aulas de história militar

[126] Rodolfo José Puiggrós foi um escritor, historiador, jornalista e político argentino.
[127] PUIGGRÓS, Rodolfo. Carta a Nelson Werneck Sodré propondo a publicação em espanhol do livro História da burguesia brasileira, de autoria de Nelson. Buenos Aires, 18 mar. 1969. 1 p. Ver: Fundo/Coleção: Nelson Werneck Sodré; Datas-limite: 1924-1994; Localização: 32,02,011 nº 003.
[128] John Watson Foster Dulles foi um historiador estadunidense, professor de História do Brasil e de Estudos Latino-americanos na Universidade do Texas, tendo lecionado também na Universidade do Arizona.

na Escola Superior de Guerra (1948-1950) e as aulas de história, além da diretoria, no ISEB; em segundo, chama-se a atenção para a contribuição no âmbito dos estudos históricos sob o ponto de vista marxista dos problemas do "desenvolvimento econômico-social e político do Brasil".

Fábio de Souza Coutinho, em maio de 1991, escreve um artigo intitulado "Um intelectual engajado", como homenagem aos 80 anos de vida de NWS, que, na visão do autor da homenagem, seria possuidor de uma "trajetória profissional, política e literária de um brasileiro modelar".

Coutinho prossegue com as qualificações de NWS e enquadra-o como "militar, professor, escritor, historiador, crítico literário, pensador", mas, acima de tudo, alguém que se dedicou à luta pela democracia, sempre preocupado em construir uma obra com "seriedade absoluta" e com uma "atividade produtiva em que a qualidade científica, o rigor acadêmico e a precisão de um conteúdo se aliam a uma profusão capaz de surpreender e pasmar o mais cético dos observadores do movimento editorial de nossa terra".

Nelson Werneck Sodré é identificado como um historiador e crítico literário que "leva ao paroxismo sua postura de intelectual engajado, de pensador sempre atualizado, de cidadão permanentemente ocupado e preocupado com os problemas estruturais" que envolvem o país. Ao finalizar o texto, o autor reconhece que a homenagem é singela, mas necessária para o registro de uma "rara trajetória existencial, na qual, pela prática incondicional das virtudes da integridade, da lealdade, da honradez, do respeito, da solidariedade, do patriotismo e do pensamento integrado à ação".

Após a redação de sua dissertação de mestrado, Clóvis Pacheco Filho, entra em contato com Nelson Werneck Sodré em finais de 1994 para falar sobre o uso que fizera da obra *Ideologia do colonialismo*, de autoria do destinatário. Informa o missivista que a dissertação recebera o título de "Diálogo de surdos: as dificuldades para a construção da Sociologia e de seu ensino no Brasil (1850-1935)", defendida em 1994 na USP.[129]

Na longa carta, são 7 páginas datilografadas, o autor tece elogios à outras obras de NWS como *Memórias de um soldado*, *Memórias de um escritor*, *História da imprensa no Brasil*, *Introdução à geografia do Brasil*, sendo que a leitura de tais obras permitiu

[129] F. Clóvis Pacheco. Carta a Nelson Werneck Sodré dizendo ter usado a obra *A ideologia de colonialismo*, de Sodré, em sua dissertação de mestrado. São Paulo, 17 out. 1994. 7 p. Ver: Fundo/Coleção: Nelson Werneck Sodré; Datas-limite: 1924-1994; Localização: 32,02,010 nº 052.

"comprovar, mais uma vez, o que já conhecia do trabalho que o senhor desenvolve, nos campos da pesquisa e interpretação, desde meus tempos de estudante universitário de História, na Universidade de São Paulo". Ele comenta que no período em que estivera na USP, na graduação de História, entre os anos 1974 e 1979, conhecera Joel Rufino dos Santos, colaborador de NWS nos tempos de ISEB e co-autor de *História Nova do Brasil*, de quem muitos elogios ouvira sobre o Nelson Werneck Sodré.

A carta apresenta os planos de Clóvis Pacheco no tocante ao doutorado na área de Antropologia, além de pedidos de informações sobre livros esgotados de autoria de NWS, como *Orientações do pensamento brasileiro*, *Panorama do Segundo Império*, *Síntese do desenvolvimento literário no Brasil*. O autor da carta pede ainda conselhos sobre uma dissertação de mestrado, sobre a Ditadura Civil-Militar, de um amigo a quem prestava auxílio. Solicitava, assim, as orientações informais de NWS na "certeza de que o senhor terá elementos para indicar os livros que porventura faltam para aprofundar os trabalhos de análise".

A carta de Pacheco, além da evidente admiração pela obra e trajetória de NWS revela ainda uma gama variada de virtudes consideradas em relação à Sodré e à sua produção intelectual: "integridade, da lealdade, da honradez, do respeito, da solidariedade, do patriotismo e do pensamento integrado à ação". São virtudes do campo de atividade de pesquisa em simbiose com as relacionadas ao âmbito da ética profissional e pessoal.

Nelson Werneck Sodré valorizava essa simbiose. Indicativo disso está em um trecho de Memórias de um escritor em que o narrador ao se debruçar sobre as avaliações que o livro *Orientações do pensamento brasileiro* recebera de um crítico chamado Elói Pontes, sobre o qual comenta o seguinte:

> não era dotado de uma qualidade que é essencial no artista: sensibilidade. Faltava-lhe, também, cultura mais profunda e talvez mesmo mais extensa. [...] Seus trabalhos biográficos, entretanto [...] são copiosamente documentados, revelando pesquisa demorada e honesta. É a parte de sua obra que ficará. Sua crítica não era das mais penetrantes. Mas assentava na autonomia do pensamento [...] e na probidade" (SODRÉ, 1970, p. 250)

Apesar de estar se expressando sobre um outro indivíduo e não sobre si mesmo, NWS acaba por revelar quais as virtudes por ele valorizadas: sensibilidade, conhecimento, cuidado com a pesquisa, capacidade de crítica e autonomia de

pensamento. Justamente as virtudes que os críticos, companheiros de trabalho, historiadores, jornalistas, consideravam ser a obra de Sodré dotada. Por essa via, Sodré avalia o trabalho alheio ao mesmo tempo em que relaciona em suas memórias documentos em que a sua obra recebe os qualitativos considerados importantes, o que coaduna com as análises que temos aqui relacionado.

"Dignidade", "honestidade", "engajado"

Além dessas virtudes, que se concentram mais no campo da moral, Nelson Werneck Sodré é também qualificado como imparcial, ético, lúcido, nacionalista, político. Um primeiro exemplo disso é o de Brasílio Machado Neto, que no começo de 1959, escreve a NWS para convidá-lo a fazer parte do Conselho Técnico da Confederação Nacional do Comércio, uma instituição que, segundo o missivista, tinha a incumbência de debater os problemas do país em seus mais diferentes aspectos.[130] O autor da carta considera que os problemas nacionais seriam essencialmente de cultura, para enfrentá-los a estratégia pensada foi a de reunir pensadores e profissionais de várias frentes: economistas, sociólogos, juristas, técnicos, financistas.[131]

O remetente afirma que o Conselho busca a "unidade na variedade". A ideia é estabelecer um debate em que especialistas no assunto e os demais membros pudessem chegar a um "esclarecimento definitivo".

À essa altura, o missivista apela para uma característica latente na obra e atuação intelectual de Nelson Werneck Sodré, qual seja: a sua luta pela soberania nacional no sentido amplo da questão, envolvendo a economia, a cultura, a sociedade e a política.

O convite a NWS se justificaria, na visão de Brasílio Machado Neto, em razão dos "títulos de cultura" que colocavam o convidado em posição de destaque na vida nacional e ainda, "o seu amor pelo Brasil e seu interesse por todos os problemas com que nos

[130] MACHADO NETO, Brasílio. Carta a Nelson Werneck Sodré convidando- o a fazer parte da Confederação Nacional do Comércio como conselheiro técnico. Rio de Janeiro, 4 fev. 1959. 2 p. Ver: Fundo/Coleção: Nelson Werneck Sodré; Datas-limite: 1924-1994; Localização: 32,02,010 nº 031.

[131] A fim de dar mostras do alto nível dos membros de tal conselho, Brasílio Machado cita os seus nomes: Adroaldo Junqueira Ayres, Antonio Viana de Souza, Caio Prado Junior, Carlos Medeiros Silva, Dario de Almeida Magalhães, Edmundo Macedo Soares e Silva, Edmundo Penna Barbosa Silva, Eugenio Gudin, Glycon de Paiva, Gustavo Corção, Hermes Lima, José Augusto Bezerra de Medeiros, João de Souza Vasconcelos, José Luiz de A. Nogueira Porto, Luiz Simões Lopes, Manoel de Azevedo Leão, Marcial Dias Pequeno, Octávio Gouveia de Bulhões, Roberto de Oliveira Campos, Roberto Pinto de Souza, Seabra Fagundes, Sylvio Fróes de Abreu e Temistocles Cavalcanti.

defrontamos em nosso caminho de nação que quer ser economicamente forte para, de verdade, ser feliz e soberana".

Nelson Werneck Sodré, via narrador, em *A ofensiva reacionária*, confessa: "Até hoje analiso com perplexidade esse convite" (SODRÉ, 1992, p. 60). A perplexidade se dava em virtude de o referido Conselho se colocar em campo oposto ao do memorialista, que afirma: "Eu era homem de esquerda, marcado de público, desde as lutas do Clube Militar, entre 1950 e 1952" e completa ao dizer que a "publicidade que se concentrara em colocar-me a tabuleta de comunista" (SODRÉ 1992, p. 61). Sendo assim, chamava a atenção que fosse considerado bem-vindo em uma "entidade representativa das chamadas 'classes conservadoras'" (SODRÉ 1992, p. 61).

O episódio de fato marcara a trajetória de NWS e a importância dada ao fato se revela quando o narrador faz questão de inserir a carta de Machado em sua totalidade no texto de *A ofensiva reacionária*. Inclusive, chega a dizer que "o tempo em que participei do convívio daquelas eminentes figuras foi dos mais utilmente empregados, e ali aprendi muito." (SODRÉ 1992, p. 63).

O intento de NWS é detalhar a maneira como Machado via a sua obra como sendo fruto de análises e pesquisas sobre o Brasil, com vistas ao seu entendimento para fortalecer a luta por sua soberania. A estratégia narrativa adotada parece ser a que segue uma linha mais ou menos assim: quem melhor para conferir autonomia e quiçá isenção nas análises do que as palavras de situados em campos antagônicos ao nosso?

Em meio aos guardados de Nelson Werneck Sodré, como ele próprio denominava os itens de seu arquivo pessoal, está cópia do discurso de Manoel Cavalcanti Proença[132], no qual recepcionava NWS no Instituto de Geografia e História Militar.

No dia 11 de setembro de 1964, às 16 horas, no Salão de Conferências do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro foi realizada uma sessão solene em que se recepcionou Nelson Werneck Sodré como membro da instituição, assumindo a cadeira número 9, após o rito de aprovação da Assembleia Geral.

Manoel Cavalcanti Proença ficou encarregado do discurso de recepção. Ele inicia a sua fala com uma saudação ao novo membro e o identifica como historiador, escritor e sociólogo.[133] O orador relembra a trajetória de ambos no Colégio Militar e a importância

[132] Manuel Cavalcanti Proença foi um general do Exército, foi também escritor, ensaísta e crítico de literatura brasileira.

[133] PROENÇA, Cavalcanti. Recepção do general Nelson Werneck Sodré. [S.l.], [1964]. 8 p. Orig. Imp. Discurso contendo elogios a Nelson Werneck Sodré, publicado na revista do Instituto de Geografia e

da figura de Isnard Dantas, professor de história a quem o próprio Nelson Werneck Sodré reconhecia como tendo sido de inestimável importância e referência como historiador.

Sobre a metodologia de trabalho historiográfico de NWS, Proença afirma: "dos livros de Nelson Werneck Sodré se baniu a história épica ou melhor, o conceito épico de escrever história" e completa o raciocínio: "Nela não encontraremos nunca a 'espada gloriosa que escreveu uma página de ouro na História do Brasil', nem aquele Ponciano autor que coleta documentos, coloca um ao lado do outro e lava as mãos".[134]

Em seguida, o orador afirma que apesar de ser importante definir as "fronteiras entre História e canção de gesta", isso não significa que a poesia e a prosa, a literatura, oral ou escrita, não forneça "recursos para interpretação da pátria". Prova disso seria a *História da Literatura Brasileira*, obra de NWS.

No final do discurso, Proença destaca que um dos traços fundamentais da obra de NWS seria a sua "honestidade intelectual, aquela honestidade em estado de pureza, porque contra ela não existem sanções da lei, nem opressão policial". Aponta que NWS leva sempre em consideração as críticas, as analisa e após tomar uma posição, "sustenta-a com a infalível serenidade de quem busca honestamente o melhor caminho".

Ao comentar sobre *Formação histórica do Brasi*l, Proença chama a atenção que a lealdade e fidelidade de NWS aos próprios princípios lhe teriam custado "injustiças e até sofrimentos físicos" e que tal postura pode ser identificada no próprio livro citado, quando Sodré afirma que não possuir uma postura política que se considere justa seria o equivalente a não ter alma.

Carlos Cunha escreve artigo publicado em fevereiro de 1979 no jornal *O Imparcial*, de São Luiz – MA, em que, a pretexto de comentar sobre o livro *A coluna Prestes*, de Nelson Werneck Sodré, acaba falando mais de maneira geral sobre a produção intelectual do autor, cujo nome, estaria ligado "às tradições mais elevadas da cultura brasileira.[135] Como historiador inaugurou uma nova fase para essa disciplina, repelindo o

---

História Militar do Brasil, ano XXIII, vol. XXXIII, nº 46. Ver: Fundo/Coleção: Nelson Werneck Sodré; Datas-limite: 1924-1994; Localização: 32,02,010 nº 117.

[134] Como forma de legitimar o pertencimento de NWS ao Instituto, Proença lista as obras do membro recém aceito, mas "estritamente aquelas que se referem à História": Panorama do *Segundo Império* (1939); *Oeste*, *ensaio sobre a propriedade pastoril* (1941); *Orientações do Pensamento Brasileiro* (1942); *Formação da Sociedade Brasileira* (1944); *O que se deve ler para conhecer o Brasil* (1960); *História do Vice-Reinado do Rio da Prata* (1947); *A campanha rio-grandense* (1950); *O Tratado de Methuen* (1957); *As classes sociais no Brasil* (1957); *Raízes históricas do nacionalismo brasileiro* (1958); *Introdução à revolução brasileira* (1958); *A ideologia do colonialismo* (1961).

[135] CUNHA, Carlos. "A obra de Nelson Werneck Sodré". São Luiz (MA), 4 fev. 1979. 2 doc. (2 p.). Ver: Fundo/Coleção: Nelson Werneck Sodré; Datas-limite: 1924-1994; Localização: 32,02,011 nº 152.

dogmatismo" ao optar por um "método e um instrumental teóricos que investigam a realidade tal como ela é".

Segundo o autor do artigo, a obra de Sodré se deve à sua "grandeza intelectual", por ser um "pensador, por excelência, da ciência histórica", ao seu domínio seguro das "categorias filosóficas", à sua "familiaridade extraordinária com os sistemas científicos". Mas, acima de tudo, NWS é "político visceralmente. Jamais separa a atividade intelectual do engajamento político", não sendo "axiologicamente neutro".

O livro *Democracia e transição socialista: escritos de teoria e política*, de autoria de José Paulo Netto[136], recebera no ano de seu lançamento, 1990, uma avaliação elogiosa de Nelson Werneck Sodré. A fim de agradecer, o autor avaliado escreve carta a NWS em maio do mesmo ano e confessa que dentre os muitos exemplos para sua vida intelectual, poucos foram os que realmente o marcaram e que "Destes, entre os mais duradouros, está aquele configurado pela sua obra e pela sua vida modelar. Ao final afirma: "se há mérito no que faço é porque sou – como muitos de minha geração – uma das várias consequências do seu trabalho como escritor e como cidadão".[137]

Em 1991, quando Nelson Werneck Sodré completara 80 anos de idade, aparece em junho um texto de Ildásio Tavares publicado no jornal *Tribuna da Bahia* cujo título é "80 anos de um grande brasileiro". É o próprio Ildásio Tavares que envia o recorte ao homenageado com uma anotação manuscrita na qual diz o seguinte: "Caro Nelson: Parabéns, sei que você não gosta dessas coisas, mas merece muito mais, com o afeto de", seguido da sua assinatura.

O autor do artigo faz uma longa introdução no texto a fim de situar NWS como um intelectual que nunca buscou benefício próprio, foi um "paladino do povo brasileiro", alguém que "nunca abriu mão de sua dignidade perante as seduções do sistema que sempre combateu por sabê-lo torpe e vil". Ildásio Tavares continua sua argumentação em favor de um Nelson Werneck Sodré avesso ao elogio fácil, à bajulação.

O aniversariante tem partes da sua trajetória postas em evidência, como a carreira militar, a atuação no ISEB, a atuação política em nome de uma posição nacionalista, os enfretamentos perante a Ditadura Civil-Militar. São destacados ainda, os livros cuja

[136] José Paulo Netto é Professor Titular da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Professor Emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutor honoris causa pela Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires (UNICEN), estudioso dos fundamentos filosóficos, teóricos e metodológicos do marxismo.

[137] PAULO NETTO, José. Biografia de Nelson Werneck Sodré. São Paulo, 00 ago. 1991. 40 p. Ver: Fundo/Coleção: Nelson Werneck Sodré; Datas-limite: 1924-1994; Localização: 32,03,001 nº 002

temática versam sobre a brasileira e a literatura brasileiras, como *Introdução à Revolução Brasileia*, *Formação Histórica do Brasil*, *História da literatura brasileira*. Por isso mesmo, é tido como alguém que "ensinou Brasil; descortinou Brasil; revelou Brasil; Brasil que amou e dignificou como poucos". Sodré é identificado como um exemplo de "probidade, honradez e dignidade, qualidades tão em falta em nossos intelectuais".

Como se pode observar, tanto para Proença quanto para Cunha, a virtude da honestidade presente na obra de NWS seria responsável por guiar as pesquisas e análises feitas pelo autor. O triunfo da ciência sobre o dogmatismo e a superação do simples cotejar de documentos sem senso crítico seriam superados por um exercício de honestidade intelectual.

É curioso que tanto Proença e Cunha concluem que o modo honesto de se conduzir de NWS, não somente na escrita de sua obra, mas também na sua trajetória de vida, renderam-lhe perseguições, até mesmo o encarceramento. Assim, a honestidade é valorizada em dois planos: o da pesquisa, elaboração de livros e análises; e ainda, o da conduta cotidiana, o posicionamento político, mesmo que ao custo da própria liberdade. A dimensão pública e a intelectual se entrecruzariam de maneira tal que as virtudes cultivadas no âmbito de uma, refletiam na outra.

Netto considera que não somente a obra de NWS foi importante para a sua formação e ainda, de outros de sua geração, mas também a conduta ética de Sodré. Tavares, por seu turno, valoriza a posição ética de NWS com qualitativos como dignidade para enfrentar as realidades políticas do Brasil, a conduta honrosa, inclusive durante a Ditadura Civil-Militar.

Para entendermos os significados contidos nas avaliações acima apresentadas, precisamos acionar Herman Paul (2011), o qual propõe que o conceito de virtude epistêmica, no sentido do uso histórico que Ohara (2017) lhe confere, deve fornecer um cabedal conceitual às pesquisas nas áreas da teoria e da história da historiografia: "Sugiro que o conceito de 'virtudes epistêmicas' [...] nos permite conceber os 'fazeres' do historiador como performances idealmente reguladas por virtudes tais como diligência, precisão e veracidade" (PAUL, 2011, p. 4).

Por esse viés, o texto histórico, ou, como no nosso caso, o memorialístico, mas escrito por um historiador, não é tratado como produto acabado em si mesmo, mas a partir de uma ótica que leva em consideração as performances do historiador autobiógrafo: o uso dos arquivos, as anotações de pesquisas, os rascunhos de trabalhos publicados ou a

serem publicados, os recortes de jornais, as correspondências armazenadas, todos esses elementos estariam em estreita relação com atividades performativas.

A partir de Paul (2011), podemos identificar que Nelson Werneck Sodré, leu, selecionou, associou, interpretou, definiu e formulou, sem mencionar outras tantas atividades que o associam e reforçam seu vínculo com o campo da produção historiográfica em um determinado nicho da intelectualidade nacional.

Dessa forma, as palavras-chave pinçadas das cartas e artigos de críticas exemplificam a nossa defesa de que Werneck Sodré possuía, aos olhos de seus pares, as virtudes epistêmicas valorizadas em um historiador no período. Ao lado de virtudes técnicas tais como análise das relações causais por detrás dos fatos, poder de síntese, a ampla documentação reunida, encadeamento entre fatos, causas e consequências, estudo de conjunto e elegância e estilo do texto são destacadas as virtudes morais: integridade, honestidade nas avaliações, seriedade, sinceridade, coragem, inteligência, imparcialidade.

Ao longo desse capítulo refletimos sobre as maneiras pelas quais os elementos da virtude epistêmica funcionam como mecanismos legitimadores de NWS como historiador, ou seja, o zelo pelo arquivo e sua valorização como porta de acesso ao passado. A seguir, no próximo capítulo, a nossa proposta é analisar como tais virtudes se fundem à performance. Pois o memorialista se vê em meio ao dilema de, por um lado, ter em mãos a documentação que lhe oferece bases empíricas para escrever sobre o seu passado; por outro, percebe ser necessário realizar um esforço performático a fim de dar conta das lacunas documentais e assim se posicionar no palco da narrativa com as máscaras de um *eu* do presente que se aventura a contar sobre um *eu* que já não existe mais ou que se reconfigurou em novos contornos.

CAPÍTULO 3 - O COMPORTAMENTO PERFORMÁTICO NO MEMORIALISMO DE NELSON WERNECK SODRÉ

CAPÍTULO 3 - O comportamento performático no memorialismo de Nelson Werneck Sodré

1. A concepção de performance e a sua constante no âmbito das memórias de Nelson Werneck Sodré.

Esse capítulo contempla três seções principais. A primeira será dedicada a examinar a ideia de performance no interior das memórias escritas por NWS, discutiremos os referenciais analíticos e as formas como as memórias do autor podem ser pensadas como imbuídas de performances. Na segunda etapa, nos dedicaremos a apresentar uma análise de como o comportamento performativo se manifesta na gestação de uma obra memorialística de combate político e ainda, como alguns textos da crítica literária recepcionaram a obra memorialística de Sodré, o que nos ofereceria pistas de como a escrita de si desse autor foi pensada na época por alguns elementos da crítica.

A terceira seção procura analisar a obra *O fascismo cotidiano*, na qual NWS pratica uma simbiose de crônica jornalística em formato de diário. Essa obra, devido à sua singularidade entre os escritos de si desse autor, acabou sendo alocada para essa parte do texto da tese e será tratada segundo as suas especificidades.

1.1 A performance autobiográfica

Diana Klinger (2006, p. 56) aponta que o termo inglês "performance" significa atuação, desempenho, rendimento, mas começou a assumir significados mais específicos nas artes e nas ciências humanas a partir dos anos 1950 como ideia capaz de superar a dicotomia arte/vida. Do ponto de vista da antropologia, uma performance é "toda atividade feita por um indivíduo ou grupo na presença de e para outro indivíduo ou grupo" (KLINGER, 2006, p. 56). Mas foi somente a partir do final dos anos 1960 e início dos anos 1970 que a ideia de performance como linguagem artística ganhou força no bojo de um contexto de "expressão artística independente" (GOLDBERG, 2006).

Por sua vez, Bauman (2014) afirma que Erving Goffman, em *A Representação do eu na vida cotidiana* (1956), aborda de forma rica e original a constituição social do *eu* enquanto processo representacional, e, portanto, performático, como a elaboração e execução de um papel teatral ao mesmo tempo em que frisa que

> a identidade social é uma construção criada colaborativamente, produzida e reproduzida para apresentação, reconhecimento e ratificação perante um público, como parte do processo de produção realizado nos bastidores, por assim dizer, antes de ser apresentada no palco, na frente de todo mundo. Se a performance virtuosística tem um olhar – e um ouvido – reflexivo para as qualidades intrínsecas do ato do expressar-se, a construção performativa da identidade coloca em primeiro plano a capacidade reflexiva do Eu em se tratar como objeto. (Bauman, 2014, p. 735)

Ana Bernstein (2001) conceitua performance como "complexa e polêmica, não apenas porque abriga uma multiplicidade de formas, mas também porque, enquanto 'gênero', tem estado em permanente transformação" (BERNSTEIN, 2001, p. 91, grifos do autor). Goldberg (2006) segue a mesma direção ao dizer que "a arte da performance continua a ser uma forma extremamente reflexiva e volátil, que os artistas utilizam em resposta as transformações de seu tempo." (GOLDBERG, 2006, p. 217).

No âmbito do teatro, a fim de se classificar as manifestações performistas, compreende-se que existam pelo menos dois tipos principais de performance artística: performance de identidade e performance cultural. Em relação à primeira, Carlson (2009), aponta que a temática da identidade foi central desde as discussões teóricas iniciais sobre o assunto. Ao mesmo tempo em que se trabalhava na elaboração de identidades pessoais, havia uma preocupação em trazer ao lume discussões sobre questões normalmente excluídas ou marginalizadas em contextos artísticos.

No tocante à performance cultural, trata-se de um desdobramento da performance da identidade e o seu intuito é constituir um espaço em que um "material autobiográfico" pode ser "dedicado a dar voz aos indivíduos e grupos previamente silenciados" (CARLSON, 2009, p. 187). Entretanto, enquanto a performance da identidade visa mais o si mesmo, a performance cultural se aproxima do "contexto social e cultural no qual esse individual deve operar" (CARLSON, 2009, p. 179).

A performance, que se encontra no campo da ação, um lugar em que há a "renegociação de experiências e significados" (ZARILLI, 2007, p. 109), é terreno fértil para o desenvolvimento da performance artística, que se empenha em investir nos modos de subjetivação, inclusive, como performance de resistência, como baluarte de crítica e posicionamento perante sistemas de poder consolidados.

Se pensarmos no âmbito das escritas de si, a performance reflete a ação do indivíduo na sociedade, pois envolve os pensamentos, questionamentos e

posicionamentos de um autor em busca de entender-se a si mesmo e também o mundo que o cerca. Por conseguinte, ao considerarmos o empenho performático de NWS, trazemos para a cena da nossa reflexão que esse autor, ao apropriar-se de suas experiências de ordem histórica, social e cultural, verteria o conjunto dessas experiências em uma escrita de si na qual a elaboração de sua identidade narrativa dialoga com um determinado público, os leitores, no caso.

Esse diálogo requer a conjugação de dois elementos fundamentais para o alcance de seu sucesso: a empatia e a intersubjetividade (GIL, 2015). A concepção de empatia pode ser definida como uma capacidade de se reconhecer e de se entender o outro; e ainda, como a capacidade de se colocar no lugar do outro. A ideia de uma performance autobiográfica, na qual um indivíduo encena a própria vida em papel e letras, permite que o outro, o leitor, experencie uma trajetória alheia a partir de suas próprias emoções, é um ver o mundo a partir dos olhos do outro, do autor da performance.

A ideia de empatia está também relacionada com a noção de intersubjetividade, que, por sua vez, pode ser definida como um intercâmbio de subjetividades entre indivíduos. Por esse viés, na performance autobiográfica, tanto a tríade autor-narrador-personagem quanto o público leitor trazem para um espaço metatextual as suas perspectivas pessoais, vivências, visões de mundo, desejos, sonhos, projetos particulares. Se pensarmos por esse ângulo, a intersubjetividade, é antecedida pela empatia, uma vez que, ao se compreender o outro somos também capazes de experienciar o outro.

Ao constituir a narrativa da sua vida, o performer autobiográfico abre caminho para que o leitor, ao se colocar no lugar do outro, experiencie-se a si mesmo a partir das experiências do personagem central. Isso não significa que essa participação do leitor seja livre de estranhamento. Pelo contrário, é justamente no âmbito do diferente, do distinto que se cria um espaço de intersubjetividades.

O leitor, ao projetar a sua própria história de vida para esse espaço diferencia-se do personagem cuja vida é narrada ao mesmo tempo em que fica vulnerável o suficiente para experienciar as vivências que entra em contato por meio da leitura. Assim, tanto o conceito de empatia como o de intersubjetividade permitem-nos compreender as intercambialidades das relações entre memória individual e memória coletiva, conforme as proposições de Pollak (1989).

No geral, o uso da performance traduz uma necessidade comunicacional. No caso específico de Nelson Werneck Sodré essa concepção não se altera, uma vez que esse

historiador, tangido pelas virtudes epistêmicas do seu *métier,* ao se envolver com a elaboração de seus escritos de si precisaria ir além dessas virtudes a fim de dar conta de um gênero de escrita híbrido e performático.

No memorialismo de Nelson Werneck a performance se estrutura pelo exercício criativo da competência, ou seja, os recursos performáticos, como a capacidade de interação, de atuação, encenação ao se aliarem com as virtudes epistêmicas oferecem ao memorialista os meios necessários a fim de construir sua narrativa (BAUMAN, 2014). Como vimos, essas virtudes epistêmicas são acompanhadas de virtudes morais, éticas, sociais, que em conjunto funcionam como mecanismos de persuasão disciplinar, horizontes de expectativas ou até mesmo como rotas marginais na composição das escritas de si. Fazemos referência a rotas alternativas uma vez que a empreitada autobiográfica em meio aos historiadores brasileiros foi sempre encarada com desconfiança pelo caráter subjetivo e literário de sua composição.

Como dito há pouco, a performance é um exercício que, entre outros aspectos, exige capacidade comunicacional e de interação. Essa última competência pode ser contemplada nas ocasiões em que o narrador das memórias de Nelson Werneck Sodré, nos moldes do narrador de *A Terceira Margem do Rio*, de Guimarães Rosa ou a ação de derrubar a quarta parede, como o que ocorre no cinema, no teatro, conforme a teoria do teatro épico de Bertolt Brecht. Essa relação direta ocorre entre narrador, personagem e o público, em nosso caso, o leitor, que é convidado a participar da história contada.[138]

Gil afirma que

> No ato de se aproximar, a maioria dos performers dirige-se diretamente ao público falando como eles próprios, desequilibrando convenções teatrais como a quarta parede e, de certa forma, destruindo uma convenção teatral conhecida como distância estética, que pode ser entendida como uma referência que o artista cria através do uso de dispositivos dentro e fora da obra para a diferenciar psicologicamente da realidade. (GIL, 2015, p. 117).

Como exemplo, podemos citar passagens em que o narrador de *A fúria de Calibã* relata a perseguição sofrida por Sodré e por seus companheiros em razão da publicação da coleção *História Nova do Brasil.* A perseguição se deu a partir das denúncias do procurador geral da Justiça Militar, Eraldo Gueiros Leite. É sobre a atuação do referido

[138] Sobre a ideia do uso do recurso narrativo a que se poderia chamar de "a terceira margem", ver COSTA, 2011.

funcionário da Justiça Militar que o narrador afirma: “Não, esse sr. Gueiros não estava louco, leitor; ele sabia muito bem o que fazia, mentindo assim” (SODRÉ, 1994, p. 162).

Em outra passagem, dessa vez se referindo a uma fala de Pedro Aleixo na qual este defendia que o Brasil durante a vigência do AI-5 gozava de “plena liberdade”, o narrador ironiza: “É real, leitor: ele achava que estávamos em ‘regime de plena liberdade’. Demência, cegueira, burrice? Nada disso. Simples posição ideológica: havia liberdade para os Aleixos e tudo o que os Aleixos defendiam.” (SODRÉ, 1994, p. 164).

Em situações como as mencionadas acima é realizado um exercício performático comunicacional e interativo no qual o uso do recurso daquilo que se poderia chamar de “a terceira margem” na narrativa atrai e transporta o leitor para dentro da história e a história para a vida do leitor. Explorar esse recurso, por parte do narrador, revela um autor consciente da presença do leitor e desejoso de seduzi-lo para uma relação que se estabelece entre autor-narrador-personagem-leitor. Da parte do autor-narrador-personagem é uma atuação performática, pois é construída conforme se desenrola a narrativa e é singular a cada leitor.

O conceito de performance é complexo e polêmico, não só por aglutinar uma gama muito rica de aplicações, como também em razão de ter se transformado conceitualmente ao longo do tempo desde o seu surgimento. Se incialmente o matiz e os contornos principais que lhe conferiam cor e forma era o conteúdo das artes visuais, ao longo das últimas três décadas a performance tem sido contemplada pelo viés da narrativa (BERNSTEIN, 2001).

Apesar dessa flexibilidade conceitual, um dos traços principais da performance é o seu caráter autoral. O conceito de performance permitiria a teatralização na construção da imagem de autor. Nesse ponto, vale salientar que adotamos uma sutil diferença entre o sujeito escritor e a figura do autor.[139] Nessa acepção, não existiria um sujeito pleno que o texto traz à tona ou esconde. Pelo contrário, tanto os elementos ficcionais, no sentido de criação, quanto a esfera pública do escritor são faces da mesma moeda, elementos que se ajustam de acordo com o ritmo da narrativa, mas que não podem ser pensados de maneira isolada (KLINGER, 2008)

Nesse segmento, conforme Klinger (2008, p. 24), “O autor é considerado como sujeito de uma performance, de uma atuação, que ‘representa um papel’ na própria ‘vida

[139] Sobre a ideia de autor, mais especificamente sobre a noção de função-autor, ver Azevedo, 2007.

real', na sua exposição pública, em suas múltiplas falas de si, nas entrevistas, nas crônicas e autorretratos, nas palestras". Portanto, o que interessa do autobiográfico não é uma certa adequação à verdade dos fatos, mas sim "a ilusão da presença, do acesso ao lugar de emanação da voz" (ARFUCH, 2002, p. 42).

No caso da autobiografia, a performance está atrelada ao exercício narrativo de um *eu* que parte do presente em que escreve e usa um narrador para acessar o passado sobre esse mesmo *eu*. Todavia, a passagem do tempo faz com que haja a impossibilidade de concomitância entre esse *eu* do presente com o *si mesmo* do passado. Isso vai ao encontro da premissa de Ricoeur (1991) do "si mesmo como um outro". A impossibilidade de acesso a si mesmo no passado da maneira como foi exige do autobiógrafo a capacidade de performatizar, ou seja, utilizar algumas máscaras a fim de construir um amálgama entre a *mesmidade* (*idem*) e a *ipseidade* (*ipse*) da identidade narrativa.

A *narrativa* dos acontecimentos, e, portanto, do(s) indivíduo(s), estabelece uma relação dialética das identidades *idem* e *ipse*: de um lado está o caráter, representado pela *mesmidade* (*idem*), a estabilidade, constância, a imutabilidade; de outro, a *ipseidade* (*ipse*) como liberdade para a continuidade do "si", ou aquilo que Ricoeur (1991) vai chamar de "(con)fiança" ou "fidelidade a si", inovação, imprevisibilidade, decisão ética. O ponto central da identidade narrativa é a articulação entre o caráter (*mesmidade*) e a livre manutenção de si (*ipseidade*). A identidade é formada por meio da narrativa de sua própria história, assim é que se constitui a identidade do "eu". Existe uma articulação entre história, narrativa e o "si-mesmo como um outro", ou seja, o indivíduo se constitui como pessoa por meio de uma narrativa de sua história. É o desejo de quem quer contar sobre si e parte em busca de identidade. (ARFUCH, 2002).

Em *A representação do eu na vida cotidiana*, Erving Goffman (2005) afirma que o conjunto das interações que acontecem entre os indivíduos no tecido social são oriundas de encenações e que os agentes representam papéis sociais se valendo de diferentes personas e máscaras. Inclusive, a performances seriam as ações de um indivíduo que, conforme, a ocasião, situação, serviriam para influenciar, de algum modo, outros indivíduos. Influenciar no sentido de ser aceito, ser compreendido, ser integrado a determinados grupos, parcelas sociais a partir desse comportamento performático.

Assim, segundo esse autor, a construção da nossa identidade se pauta a partir das expectativas dos outros indivíduos em relação a nós mesmos e mais: a partir das

expectativas que nós julgamos serem as que são criadas no que diz respeito a nós mesmos. Por esse viés, a construção da nossa identidade está intimamente ligada a uma relação intersocial. É evidente que a identidade não é tão somente um constructo vinculado ao meio social, mas também resultado de escolhas individuais no contexto histórico, social e cultural em que estamos inseridos.

Seguindo essa perspectiva, a elaboração de uma identidade é um processo dialético entre o individual e o social. Nesse processo, ao encenar a própria vida, o *perfomer* autobiográfico vê-se a si mesmo na medida em que se representa a si próprio. Em nosso caso, Nelson Werneck Sodré, ao transpor para o plano escrito a sua vida, desloca-se constantemente entre um *ser sujeito* e um *ser objeto* da performance.

Esse processo de narrar a si mesmo encontra respaldo no modelo de Lacan no tocante à figura da formação de identidade no estágio do espelho.[140] O modelo apresentado por Lacan reforça a ideia de que a identidade não é algo dado *a priore*, imutável, determinado a partir de uma noção biológica, mas adquirida, construída de maneira relacional no espaço das interações sociais. A noção de identidade pensada por Lacan reforça a ideia de que a subjetividade se relaciona com o viés de alteridade na lida com o outro, o diferente, pois como tivemos a oportunidade de mencionar antes, "Quanto mais te diferencias de mim, mais eu me sinto existir: este seria hoje o aforismo do indivíduo curioso pelos outros" (LEVILLAIN, 2003, p. 173).

Nesse diapasão,

> O *eu* não passa afinal de [uma] máscara, verdadeira persona, que não permite aos outros que nos vejam, mas que curiosamente, não nos permite ter uma visão perfeita. Escondendo a nossa multiplicidade, funciona como um duplo. O *eu* e o *outro* vivendo e passando neste mundo, com suas margens, na postura ambígua de quem resguarda o seu íntimo. (GAMEIRO, 2005, p. 23, grifos do autor)

Esse jogo de máscaras ocorre na escrita de si de Sodré, pois ao construir a narrativa que conta a sua trajetória pessoal o autor performatiza no jogo duplo da não realização de amplas incursões em sua vida íntima ou privada, e, portanto, se vale das máscaras de homem público, historiador, jornalista, escritor, militar, ou seja, revela-se escondendo-se. Ao longo de suas trajetórias e em diversas situações, frente à distintas audiências, as

[140] Sobre esse assunto, ver SALES, Léa Silveira. Posição do estágio do espelho na teoria lacaniana do imaginário. In *Revista do Departamento de Psicologia*,UFF, Rio de Janeiro, v.17, n.1, p.113-127, 2005.

pessoas assumem posturas e narrativas que (re)afirmam identidades, constituindo sujeitos performativos.

Esse ponto nos faz pensar numa questão fundamental: a dimensão ética que envolve a performance autobiográfica. Isto porque ao contar a própria vida, o autobiógrafo narra também a vida social e até mesmo dos indivíduos com os quais manteve contato, relações, amistosas ou não, grupos aos quais esteve ligado, instituições às quais se vinculou.

Por conseguinte, há um nível elevado de responsabilidade do autobiógrafo em razão de não estar tratando tão somente de si próprio, mas de outras trajetórias de vida em paralelo, em confluência à sua. No caso de NWS, por exemplo, quando ele narra os acontecimentos ocorridos imediatamente após o Golpe de 64 em *Memórias de um soldado*, em razão do livro ter sido publicado no ano de 1967 não são citados os nomes das pessoas que o ajudaram no período de alguns meses quando era perseguido pelo regime recém instaurado. Somente em *A fúria de Calibã*, de 1994, que o narrador vai apontar nominalmente os amigos, familiares, conhecidos que se dispuseram a auxiliar o protagonista em um dos períodos mais críticos de sua trajetória de vida.

Além dessa questão da ética como um parâmetro que permitia a NWS pensar na segurança das pessoas que o ajudaram e correram riscos para tal, há também a questão de que ao falar sobre o outro, o autobiógrafo está colocando alguém em evidência juntamente com a própria exposição. Entretanto, a decisão de se expor é pessoal e consciente, por parte de quem escreve a história de sua vida, mas o mesmo não se pode dizer de quem figura entre os personagens secundários da narrativa.

Por conseguinte, a dimensão da responsabilidade em performances autobiográficas não se trata de uma questão tão somente de âmbito pessoal, mas está ligada à relações éticas, que por sua vez, não se desvincula de "propósitos políticos, mas é sobretudo uma teoria dos deveres sociais do indivíduo" (READ, 1993, p. 88)

Em *Autobiografia e performance*, Heddon apresenta os problemas éticos relativamente às performances autobiográficas:

> Eu chego à questão da ética não como um filósofo moral, mas como uma pessoa relacionada com a prática, e como espectadora, e as questões que eu me coloco anunciaram-se no teatro e no estúdio onde experienciei desafios éticos. A utilização do termo "ética" está ancorada no espaço vivo, e não na esfera da abstração. (HEDDON, 2008, p.125)

Heddon, que trabalha com a ideia de performance no campo do teatro, aponta que alguns *performers* autobiográficos, principalmente aqueles que encenam a vida de uma pessoa real e se expõem a uma interação mais direta com o público, em muitos casos se valem de elementos como objetos, vídeos, entrevistas, fotografias, como forma constituir evidências, no sentido de provas, de maneira a legitimarem a performance.

Nelson Werneck Sodré, à sua maneira, opera algo nesse sentido ao trazer para a narrativa as provas documentais do seu arquivo pessoal e que sustentam a sua trama de maneira a conferir um *status* de legitimidade. O *como* escrevia, para ter legitimidade, principalmente entre os seus pares, é norteado por certas virtudes epistêmicas, cujo propósito seria o de conferir um selo de confiabilidade a uma escrita memorialística, construída a partir de referenciais históricos e de uma base documental sólida.

Uma das perguntas mais corriqueiras que nos fazemos à medida em que lemos uma narrativa de vida é se o que se conta ali é verdadeiro, se aconteceu, de fato, da maneira como é narrado. A performance autobiográfica é marcada por atos de rememoração, por uma verdade subjetiva, inclusive. Como tivemos oportunidade de discutir anteriormente, a memória é atravessada por omissões, esquecimentos, (re)interpretações, (re)modelagens. Sendo assim, o regime de verdade que opera no interior de uma escrita de si, ainda que escrita por um historiador, cioso por um compromisso com a verdade dos fatos, como era o caso de NWS, ainda assim, haverá espaço para o conjectural, o preenchimento das lacunas com pinceladas de verossimilhança.

Ao se explorar a memória, a performance autobiográfica almeja uma "reconstrução" do passado e da identidade do personagem envolvido na narrativa. Escrever a própria narrativa de vida é um ato envolto em poder, em domínio sobre si mesmo, sobre a própria trajetória e identidade. Isso pode ser observado uma vez que NWS não só escreve cinco livros de memórias, como também faz questão de doar o seu arquivo pessoal ainda em vida e com as condições que apontamos no capítulo anterior.

Gil (2015, p. 111) afirma que nos casos em que *performers* trazem ao público determinados episódios traumáticos, ou ainda revelam identidades que têm sido histórica, social, cultural e politicamente silenciadas ou marginalizadas, tais performances atualizam-se em atos de confissão e/ou testemunhos, perante um público, as vozes, as trajetórias, as histórias de pessoas ou grupos reprimidos, silenciados.

De certa forma, o memorialismo de NWS carrega em seu bojo esse aspecto testemunhal, um compromisso de um dever de memória, um ato de confissão como expresso ao dizer: “Permitam que eu, finalmente, preste o meu depoimento” (SODRÉ, 1990, p. 6). É evidente o desejo do autor de dar voz ao silêncio imposto pela Ditadura Civil-Militar. É latente a vontade de expor o que sofreu no âmbito pessoal, mas que foi tão comum a tantos milhares de brasileiros que como ele discordavam do regime instaurado. Assim, a sua trajetória particular guarda pontos em comum com dezenas de milhares de trajetórias de brasileiros e brasileiras considerados inimigos do Estado a partir de 64.

As memórias produzidas por um historiador seriam uma forma de se usar seu lugar social com o objetivo acessar um público deveras mais amplo do que aquele alcançado com suas publicações de ordem acadêmica, técnica, que por sua vez, são lidas, no geral, muito mais por seus pares (AURELL, 2015, p. 247). Falar sobre o passado a partir de um ponto de vista subjetivo, se a intenção é constituir-se como uma voz de denúncia, tende a alcançar maior impacto dado a natureza intimista das escritas de si.

Por esse viés, a performance autobiográfica tem um papel terapêutico, de cura, seja de ordem pessoal ou coletiva, na medida em que a narrativa se dispõe a cumprir com um certo dever de memória, um ato de reparação ou na busca de autoconhecimento (CALLIGARIS, 1998, p. 21). Nesse ponto, o leitor tem atuação fundamental, pois reage como espectador, como testemunha, mais do que isso, inclusive, porque projeta as próprias vivências, semelhantes ou não, nas narrativas de vozes silenciadas, marginalizadas, destituídas de espaço e ceifadas antes que pudessem ser ouvidas.

Ao lançar mão da performance, NWS invoca “o enquadramento (*frame*) da performance, adota uma determinada postura reflexiva, ou alinhamento, para seu ato de expressar-se, assumindo responsabilidade por uma exposição de habilidade e eficácia comunicativas” (BAUMAN, 2014, p. 733). Nesse sentido, submete-se à avaliação pública, principalmente de seus pares. Isso talvez explique a valoração das virtudes epistêmicas da área de atuação por parte desse historiador autobiógrafo. Ele se aventura na narrativa de sua vida, mas permanece zeloso dos parâmetros que o faz ser reconhecido como historiador por seus pares.

O esforço do narrador em usar os vestígios que ainda restaram do passado para recuperar “na perspectiva dos dias atuais” os episódios pretéritos evidenciam o

comportamento performático, pois o acontecido não pode ser reconstituído tal como foi e o "si mesmo" sofreu alterações e é com as experiências do presente que será formatado.

Nesse sentido, a narrativa de si de NWS mostra-se performática, uma vez que, assim como na performance, aqui, o personagem também passa pelo processo de ser, a um só tempo, sujeito e objeto de sua obra. Além disso, ele está em formação no momento mesmo em que narra, sendo autor de si.[141] Essa construção de si mesmo por meio da narrativa vai ao encontro do pensamento de Barthes no tocante ao eterno trabalho de elaboração de si na trama do texto:

> Texto quer dizer tecido; mas enquanto até aqui esse tecido foi sempre tomado por um produto, por um véu acabado, por detrás do qual se conserva, mais ou menos escondido, o sentido (a verdade), nós acentuamos agora, no tecido, a ideia generativa de que o texto faz, se trabalha, através de um entrelaçamento perpétuo; perdido neste tecido – nessa textura – , o sujeito desfaz-se como uma aranha que se dissolvesse a si própria nas secreções construtivas da sua teia. (BARTHES, 2001, p. 112)

O cruzamento das virtudes epistêmicas com a necessidade de performance prossegue quando o escritor, na condição de autor-narrador, historiador que, por ofício, estuda a diversidade de dimensões que compõem a vida individual e coletiva, opta, como vimos, por um recorte formalístico de sua trajetória com ênfase na sua dimensão intelectual, mas que explicita, pelo silêncio, a incapacidade ou recusa de expor sua vida privada, sua afetividade e algumas relações que são cuidadosamente protegidas. O narrador se esforça em deixar claro que seu foco é a figura pública do autor. Nos raros momentos em que narra circunstâncias familiares é com o objetivo de usar a passagem como trampolim para mergulhar na esfera pública das vivências de NWS.

De um lado, Nelson Werneck Sodré se preocupa com seu lugar social legitimado por determinadas virtudes, como a capacidade analítica racional, distanciada das subjetivações, o uso de um arcabouço teórico-metodológico, o reconhecimento dos seus pares. De outro, com a execução de performances como saída para contar a sua vida em um recuo impossível a um passado tal como foi e a um si mesmo linear, homogêneo. Mas esse recuo contempla as atividades profissionais e, portanto, marginalizam aspectos subjetivos, íntimos. O comportamento performático aí se manifesta no uso de máscaras

[141] Sobre a ideia de construção de si a partir do conceito de performance, ver COHEN, 2002.

sociais que confirmam a ideia das opções por performance e traem uma objetividade sempre idealizada, porém nunca atingida.

Assim, o que seria a performance em NWS tendo em vista o nosso objeto de estudos? Ora, trata-se justamente da composição de uma escrita de si, portanto, de cunho pessoal subjetivo, mas a partir de um regramento virtuoso com base em sua experiência como historiador e de acordo com expectativas próprias e de um público leitor acerca do uso das fontes, de um compromisso com a verdade dos fatos, com a dialética do tempo e dos espaços. Cabe ressaltar o seguinte: ainda que se faça uso unicamente daquilo que se lembra, deixa-se evidenciado por meio de expressões como “se bem me recordo”, “pode ser que tenha acontecido dessa forma”, “pode ser que”, “talvez”.

A demanda e a preocupação de NWS com uma iniciativa de aglutinar ao redor seu nome próprio as instâncias que compõem o seu eu, é indissociável da questão da autoria como empenho de legitimação. Bourdieu (1996) chama a atenção para a cristalização de um indivíduo singularizado cujo eixo gira em torno de um nome próprio, não aberto a intromissões que anulem o seu caráter privado. Tal nome próprio possibilita que se distinga o sujeito social em seu meio. Por conseguinte, o registro civil agrega “uma identidade social constituinte e duradoura que garante a identidade do indivíduo biológico em todos os campos possíveis nos quais ele intervém como agente”, ou seja, “em todas as suas histórias de vida possíveis” (BOURDIEU, 1996, p. 78).

Ainda segundo Bourdieu (1996, p. 79), nesse tipo de escrita autobiográfica, o nome próprio mostra-se um designador rígido: é a forma por excelência da imposição arbitrária feita pelos ritos institucionais, na qual a nominação e a classificação introduzem divisões nítidas, absolutas, indiferenciadas nas particularidades circunstanciais e nos acidentes individuais, no fluxo e na fluidez das realidades biológicas e sociais.

O discurso memorialístico, com a centralização do tripé identitário autor-narrador-personagem, está sujeito às exigências de determinado público leitor a quem direciona o seu conteúdo. Nesse diapasão, aquele que enuncia o discurso já o faz envolto por uma relação de esperadas virtudes epistêmicas que visam legitimar a obra apresentada.

Apesar das demandas por uma escrita orientada por determinadas virtudes epistêmicas, o texto desse autor, talvez pela junção do rigor historiográfico e da prática jornalística, demonstra uma leveza da escrita que se exercita no contexto de memórias

individuais e coletivas – família, amigos, colegas e outros personagens das lembranças pessoais – e movem-se em tempos e cenários da memória coletiva.

Ao longo dos dois capítulos anteriores apresentamos aspectos daquilo que denominamos operação autobiográfica de NWS. Partimos dos três elementos do tripé da operação historiográfica trabalhados por Certeau (1982) ao analisar o ofício do historiador e propusemos o seguinte: *lugar social* (meio intelectual, instituições representativas desse meio, arquivos e acervos, entre os quais circulou e produziu sua obra); os *procedimentos* de análise (uso da metodologia historiográfica e dos recursos do campo literário); e a construção de um *texto* (uma narrativa marcada pelo hibridismo, proveniente da junção da técnica do historiador e do emprego da ficção[142]).

Segundo Certeau (1982), o terceiro elemento do tripé da operação historiográfica, isto é, a produção de um texto, é controlado pelo segundo elemento, as práticas, sendo que a escrita é também uma prática social. A História, como uma escrita, é o produto da experiência de pesquisa do historiador por meio do uso de uma prática. Esse processo ocorreria pela própria relação com o limite, a qual a atividade histórica possui. Para Michel de Certeau a escrita da história está submetida a uma ordem cronológica do discurso, a uma arquitetura harmoniosa do texto e a uma conclusão do artigo ou livro. Ou seja, mesmo que o processo de pesquisa possa ser considerado interminável, inesgotável, o resultado deste processo, o produto da pesquisa que o historiador realizou é o texto escrito e este precisa ser concluído, finalizado (CERTEAU, 1982, p. 94).

Na concepção de Certeau, a escrita da História seria a ação do *conteúdo* sobre *a forma* (CERTEAU,1982, p. 105). Esta concepção se baseia na construção e desconstrução, ações que integram o cotidiano da operação historiográfica, na qual o conceitual serve como a base para a exposição do conteúdo. Sendo assim, a escrita é o lugar do discurso histórico, da delimitação de um recorte, espacial e temporal, a ser analisado.

Nelson Werneck Sodré desenvolve uma narrativa complexa de textos e subtextos que se somam, se multiplicam, dividem-se, em um constante movimento. Na medida em que o leitor acompanha o narrador que conta as andanças do protagonista em uma variada topografia de instituições, locais de sociabilidade, de luta política e cultural como o Exército, o Clube Militar do Rio de Janeiro, o Instituo Superior de Estudos Brasileiros

[142] O uso do termo ficção aqui é no sentido de *fictio*, criação, e não de falseamento, pois a narrativa biográfica se baseia em um regime de verossimilhança entre o narrado e o vivido (SILVA, 2012a, p. 51).

(ISEB), as rodas literárias como a que havia nos fundos da editora José Olympio, as redações de jornais e revistas. As obras desse autobiógrafo estão inseridas em um processo de subjetivação e constantemente referenciado, em uma autoanálise permeada de crítica e sensibilidade.

O autor aqui analisado apresenta uma narrativa performática disciplinada pelas virtudes epistêmicas que lhes são caras: uso do método histórico na narrativa, compromisso com a verdade, receio da dimensão ficcional da escrita de si, autoafirmação como historiador. Todavia, essas virtudes epistêmicas que poderíamos chamar de tradicionais são combinadas com virtudes morais e sociais: coragem, sinceridade, honestidade, distanciamento das esferas familiares e subjetivas.[143]

As memórias de Nelson Werneck Sodré sem dúvida passaram por processos narrativos e por isso podem ser consideradas "forjadas". O termo forjar, no sentido que o empregamos, é muito mais na direção de "fabricar" do que no de "falsificar". Ou seja, forjar, aqui, serve como noção de construir, elaborar, valer-se de elementos como fontes arquivísticas pessoais e alheias bem como da própria memória para recriação narrativa de uma história de vida.

À semelhança do ferreiro na labuta com o aço, o memorialista, para reconstituir suas vivências, se vale de um material já existente para dar forma a uma nova situação, talvez nem tão nova, mas renovada, ressignificada. Seguindo a analogia, o autobiógrafo não cria algo do nada, mas parte de uma matéria prima: o vivido. Às vezes as vivências estão corroídas pela ferrugem do esquecimento e a recuperação pode ser trabalhosa. O autor de memórias então, se vê forçado a reelaborar, dar uma nova forma, mais brilhante, ou mais desgastada ainda, impondo esquecimento.

Não se trata de "inventar", no sentido de falsear, mas de utilizar-se da memória, volátil, seletiva, a fim de construir, ou melhor, reconstruir um vivido coerente para o leitor. Não existe ficcionalidade "pura". Toda ficção ancora-se em uma base de "realidade". Portanto, mesmo quando "forja" uma vivência, o autobiógrafo baseia-se em episódios de sua história de vida, que, ao serem transpostos para a narrativa, passam por

[143] "É dessa maneira que podemos dizer que a formação do historiador não envolve apenas o aprendizado de técnicas de pesquisa; trata-se de cultivar o "olhar do historiador", exercitar uma série de disposições consideradas indispensáveis ao bom exercício do trabalho histórico. Assim, consolida-se um conceito de persona que articula virtudes epistêmicas e valores extra epistêmicos em configurações específicas, dando-lhes um sentido, hierarquizando valores e objetivos, estabelecendo modelos de conduta a serem seguidos." (OHARA, 201, p. 30).

um processo de construção de sentidos, a fim de se tornar legível para o leitor que não esteve presente em sua "vida vivida".

Seria interessante que as análises das escritas de si ultrapassassem a barreira do fato, por mais importante que este seja, podemos considerar tão relevante quanto o significado da construção narrativa sobre o acontecido. Se é "verdade" ou não, o valioso seria indagar: por que foi importante para o autobiográfico construir essa narrativa? Contar dessa forma ficcionalizada, personalizada? A construção narrativa personalizada da história de um tempo e de si mesmo e o significado por detrás dessa construção são questões instigantes e frutíferas na empreitada de se estudar as autobiografias.[144]

O comportamento performático advém da impossibilidade de transpor para a narrativa a totalidade e a complexidade da vida vivida. Além disso, as escolhas de narrar a vida pública e deixar a privada em segundo ou terceiro plano forçam NWS a fazer uso de determinadas máscaras que revelam determinadas facetas: o professor, o jornalista, o crítico literário, o historiador; e escondem outras: o pai, o marido, o irmão, o tio, o sobrinho, para citar algumas.

A performance nesse autor seria a arte de se apresentar com uma proposta de narrativa a um determinado público, em grande medida de seus pares, e proporcionar aquilo que de seu autor se esperava: as vivências públicas e profissionais. Afinal, escrevia e esperava ser lido por historiadores, intelectuais e pensadores com variados níveis de afinidade, que por sua vez, estavam sob um regime de virtudes epistêmicas que valorizavam a condução regrada do texto a partir de referenciais de verdade, do método histórico, do compromisso com os fatos, do receio quanto à ficção.

Em vários exemplos, revelam-se as habilidades narrativas do autor e a sua capacidade de transitar entre os níveis macro e micro. Estes são tangidos de maneira proporcional, ou seja, o narrador desloca a lente da objetiva com um foco aberto, panorâmico sobre o contexto histórico mundial e brasileiro ao acompanhar os deslocamentos do protagonista em suas relações com esses contextos.

---

[144] A respeito da questão da verdade nas escritas de si, Calligaris comenta o seguinte: "É uma verdade que concerne ao sujeito autobiógrafo em um passo sempre crucial: o passo que consiste em se dar (de uma só vez ou no dia-a-dia) significação e consistência. Essa verdade crucial evidentemente não pode ser julgada no tribunal da verdade factual. Omissões, acréscimos, remanejamentos são peças do *puzzle* do sujeito em um momento do *fieri*. Nesse sentido (um pouco diferente de suas intenções), vale a ideia de Lacan de que a verdade está em uma linha de ficção. Sob a condição de entender que ficciona lizar a própria vida é o jeito ocidental moderno de orientá-la e reorientá-la." (CALLIGARIS, 1998, p. 53).

Aparecem, portanto, as cartas trocadas com críticos literários como Alceu Amoroso Lima, e isso é ocasião para o autor falar sobre as relações entre os críticos literários e as formações de grupos antagônicos que disputavam espaço nos jornais da época; ou então, cartas trocadas com Graciliano Ramos, o que é motivo para se abordar as perseguições sofridas por intelectuais durante o Estado Novo de Vargas; quando o narrador conta as dificuldades para o autor receber os pagamentos pelas contribuições jornalísticas ou as dificuldades para se publicar, é a chance para se construir um quadro das dificuldades encontradas por aqueles que viviam da atividade de escritor, as mazelas que acompanham o ofício, os baixos rendimentos e o péssimo reconhecimento; quando fala das rodas literárias, como a que havia nos fundos da livraria José Olympio, é para traçar um mapeamento dos grupos de literatos que tinham em comum o ofício e as dificuldades a ele inerentes e que encontravam no convívio maneiras de superar e construir redes de sociabilidade.

O constante jogo de escalas é também direcionado pelo narrador das memórias de NWS a acontecimentos internacionais. Por ocasião da Segunda Guerra Mundial o autor conta que viajava para a Bahia a bordo de um navio que foi atacado por submarinos alemães, mas que os danos não foram suficientes para causar uma tragédia maior do que o pânico generalizado entre os que se encontravam na embarcação. Segundo o memorialista, errara o governo brasileiro ao permitir que civis e militares viajassem em um navio com a Guerra em andamento. Ele havia sido destacado, assim como os demais militares a bordo, para organizar em solo nacional a participação brasileira no conflito mundial. Como se vê, a lente do narrador acompanha o vaivém entre o micro e o macro tendo como ponto de partida ou de chegada a atuação do protagonista nos eventos de sua época.

A escrita de si de NWS é a construção de uma experiência narrativa cujas vivências se apresentam no processo de escrita. São as demandas do presente que interagem no campo da memória de maneira a instigar a rememoração. Não existe algo como um estoque de lembranças, fixas, armazenadas, à espera de serem utilizadas tal como foram arquivadas. Pelo contrário, “o presente da narração ou escrita biográfica define o olhar retrospectivo sobre o passado e gera um passado recordado específico em cada caso.” (ROSENTHAL, 2014, p. 229).

Haveria uma diferença entre a sequência do vivido, a sequência do lembrado e a sequência do narrado. A cada tentativa de se recordar do passado, o indivíduo estará

correspondendo às demandas de um presente e para atender à essa demanda, determinados ângulos das lembranças serão acionados, esquecidos, (re)arranjados em uma narrativa. O viver, o lembrar e o narrar são três instâncias que se relacionam, interagem e influem nas escritas de si.

Por esse viés, NWS teve uma trajetória de vida vivida (passado), que em determinados momentos foi objeto de rememoração (presente da escrita) e ordenação narrativa (a escrita em si, com as escolhas, metodologias, esquecimentos, propositais ou não). O presente em que Sodré se dedica à escrita de sua trajetória de vida é o da Ditadura Civil-Militar, em que o autor se encontrava em um ostracismo político, intelectual e profissional: estava impedido de dar aulas, cursos, entrevistas, de colaborar com jornais e revistas e até mesmo livros de sua autoria eram apreendidos, como o caso de *História militar do Brasil*, publicado em 1965 e alvos de processos na Justiça Militar.

Ou seja, cerceado das principais formas de manifestação de opinião, trabalho e expressão, Nelson Werneck Sodré viu na escrita de suas memórias um escape, uma possibilidade de cumprir um papel de denúncia, de dever de memória, operar uma catarse. Como veremos mais adiante na análise de *O fascismo cotidiano*, NWS considerava no contexto da Ditadura, por volta do ano 1976, o encerramento de sua trajetória intelectual, apesar de contar, à época, com cerca de 65 anos de vida: "sinto que completei já minha tarefa de escritor" (SODRÉ, 1990b, p. 5). Talvez esse seja um dos motivos que também o levaram a escrever as suas memórias, por considerar que nada mais teria a contribuir. Sua escrita de si configura-se então, não só como um ato de denúncia, de dever de memória, mas também como fecho sobre as suas vivências, as suas contribuições intelectuais, profissionais.

Por conseguinte, em NWS, as esferas social, cultural e temporal também se fundem com as origens familiares (classe média que via na carreira militar do filho uma possibilidade de ascensão social), na vida profissional (militar e escritor), nas experiências intelectuais, nos laços de família (pouco comentados), nas relações de amizade e redes de sociabilidade (amplamente compartilhadas), nos relacionamentos com editores, donos de jornais. Aparece muito pouco de suas relações familiares e privadas. Quando tal ocorre é tão somente como ponto de partida para se narrar acontecimentos culturais, políticos ou sociais do nível macro.

Ele foi militar de carreira que chegou à patente de General e que cultivou uma vida intelectual e uma produção historiográfica sob o arcabouço teórico-metodológico do

marxismo. Aliar esse posicionamento intelectual com a combatividade pela soberania nacional em uma constante luta política marcou sua carreira militar, culminando, por exemplo, com sua entrada para a terrível lista dos indesejados dos grupos reacionários no interior do Exército após posicionar-se ao lado dos nacionalistas por ocasião da Campanha "O petróleo é nosso" nos idos da década de 1950.[145]

Como punição, ele foi destacado para servir em Cruz Alta, extremo sul do país, distante da vida intelectual e das proximidades com os acervos, bibliotecas, redações de jornais e revistas, locais de pesquisa, interação social e cultural. Isso para citar somente um exemplo de segregação social e intelectual desse militar que frequentou constantemente as margens. Como historiador também experimentou as margens: suas obras, principalmente durante a Ditadura Civil-Militar (1964-1985) foram repudiadas nas universidades que se institucionalizavam.[146]

Octavio Costa em um texto-depoimento reflete sobre esse não-lugar de Nelson Werneck Sodré, fadado a "ser um eterno estranho no ninho; na vida militar, o soldado de passo errado em um batalhão de anticomunistas obcecados; na vida civil, o intruso general das letras." (COSTA, 2006, p. 21).

Portanto não é de se admirar que um historiador com experiências de marginalização ou social ou intelectual (ou até mesmo ambas) tenha se aventurado na escrita de memórias, gênero segregado entre os historiadores por sua constituição híbrida. Nelson Werneck Sodré coexistiu com as margens e acabou construindo um universo próprio a fim de lidar com esse ambiente. A escrita de si foi uma forma desse autor unir os seus pendores de escritor, com uma notável carreira como jornalista e crítico literário, com a profissão de historiador, com um legado de dezenas de obras e ensaios sobre a história do Brasil. A escrita de si tornou-se então uma espécie de embarcação que permitia o tráfego entre ambas as margens: a da história e a da literatura.

---

[145] A partir dos anos 1950 Werneck Sodré enfrentará a pressão de setores do Alto Comando do Exército no sentido de arrefecer sua defesa do monopólio estatal sobre as reservas de petróleo. Além disso, a própria ascensão profissional que até então tinha sido construída a partir da dedicação em especializações e boa conduta, passou a sofrer estagnação, apesar de mantido o mesmo comprometimento, e a subida na hierarquia militar ficou restrita às promoções com base em tempo de serviço SODRÉ, Nelson Werneck. *Memórias de um soldado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. (Retratos do Brasil – 60). p. 320-342.

[146] Thomé (2001) comenta que "Nos fins da década de 60, na USP, Nelson Werneck Sodré era lido pelos discentes mais por transgressão. Líamos seus livros na preparação de seminários, por exemplo, mas omitíamos seu nome ao colocar a bibliografia utilizada, porque os professores não gostariam.".

2. O memorialismo werneckano e a crítica literária: aspectos de uma relação

Como vimos numa performance autobiográfica, o performer narra a sua história de vida preocupado com um público leitor. O ato de narrar a própria vida, propicia ao autobiógrafo a oportunidade de observa-se a si mesmo ao mesmo tempo em que representa a si próprio. Afinal, as escritas de si são representações de um eu ao longo de um determinado tempo em relação a determinados espaços.

Por conseguinte, a tríade autor-narrador-personagem é simultaneamente sujeito e objeto da performance autobiográfica. Neste processo dialético de contar a sua própria história de vida, quem o faz expõe-se de maneira a ser lido, analisado, comparado, em suma, torna-se disponível de ser observado por um público leitor. Assim, o ato de dar forma narrativa a própria vida inclui também um público.

Com o intuito de sondar as maneiras pelas quais o público leitor reagiu às publicações das memórias de NWS, nos propomos a uma prospecção de como uma parcela da crítica literária avaliou tais escritos. É evidente que a reação da crítica não é uma amostra exata da recepção do público perante o memorialismo werneckano, mas observar e analisar aspectos dessa crítica pode nos fornecer subsídios para uma reflexão sobre as relações entre a performance autobiográfica do autor e alguns elementos do público leitor.

A prospecção a que nos referimos foi realizada no site da Hemeroteca Digital, uma iniciativa da Biblioteca Nacional, que se constitui como um banco de dados com centenas de jornais e revistas digitalizados.[147] Após uma consulta inicial, percebemos que a grande maioria das avaliações acerca das memórias escritas por NWS se encontrava em jornais do eixo Rio-São Paulo. Assim, passamos a considerar as amostras advindas desse recorte, sem abrir mão de textos que por ventura tivessem sido publicados em jornais de outras regiões do país. Além disso, algumas críticas constam de recortes de jornais que o próprio memorialista preservou em seu arquivo pessoal, mas que se referem somente aos dois volumes iniciais das suas memórias.

No tocante à abordagem que iremos realizar dos materiais, a metodologia é muito semelhante à empregada quando nos debruçamos sobre as cartas e demais documentos constantes do arquivo pessoal de NWS. Ou seja, o nosso foco é realizar uma reflexão que

[147] As consultas podem ser feitas no seguinte endereço virtual: http://bndigital.bn.gov.br/

nos permita mapear e entender alguns aspectos do que parcelas da crítica tinham para falar sobre o memorialismo werneckano. A diferença é que no capítulo anterior, a nossa preocupação era entender as relações entre as virtudes epistêmicas a escrita de si de Sodré, mas aqui o nosso objetivo é estudar as relações entre a performance autobiográfica desse autor e seu público leitor, representado por elementos da crítica literária do período em que suas memórias foram lançadas.

De maneira bem esquemática poderíamos montar o seguinte quadro acerca dos jornais que figuram em nossa análise. Do estado do Rio de Janeiro temos a maioria esmagadora: *Jornal do Brasil, O Jornal, Correio da Manhã, Diário de Notícias, Jornal do Commércio, O Fluminense, Tribuna da Imprensa, Jornal da ABI* e a revista *O Cruzeiro*. Do estado de São Paulo são apenas dois representantes: *O Estado de S. Paulo* e *A Tribuna*; temos ainda, notas publicadas no jornal *Correio Braziliense*, do Distrito Federal.

Nelson Werneck Sodré colaborou como crítico literário ou articulista político em diversos jornais e revistas ao longo de sua trajetória: *Correio Paulistano*, *Última Hora*, *O Semanário*, *Revista Civilização Brasileira,* servem de exemplo. Apesar de ter estado na ativa por 38 anos até entrar para a reserva em 1963 e ter servido em várias regiões do Brasil: Bahia, São Paulo, Mato Grosso, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, foi na capital deste último estado que o memorialista construiu a sua principal rede de sociabilidades. Não é de se admirar, portanto, que a maior parte das avaliações acerca de suas memórias tenha saído desse lugar social.

2.1 A crítica literária no Brasil: um panorama

A crítica literária praticada no Brasil ao longo do século XX, em especial entre os anos 1930-40 até as décadas finais desse período, possui duas grandes fases. Nos anos 30 e 40 ainda está vinculada ao periodismo de jornais e revistas, com uma concepção deveras combativa, a chamada crítica de rodapé (BOLLE, 1979; ABREU, 1996).[148, 149] Já a partir

[148] A denominação *crítica de rodapé* é cunhada em função do espaço que ocupava em alguns jornais e revistas. Isto é, nos rodapés dos periódicos, sendo assim, o espaço que antes era dedicado aos romances-folhetins, passa a ser destinado a abrigar os textos da crítica literária. Segundo Bolle (1979, p. 23), nos anos 40 a crítica praticada em solo brasileiro era "amadorística, humanista no sentido pequeno, politizante, impressionista, superficialmente jornalística, aderente a certas necessidades da notícia".

[149] Dentre os jornais que mantinham rodapés os mais importantes eram: *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, cujo crítico era Álvaro Lins, *O Jornal*, Rio de Janeiro, contava com o trabalho de Otto Maria Carpeaux e

dos anos 1950, a crítica literária ganha novos contornos com a formação de profissionais graduados nos cursos de nível superior dedicado às Letras e ao Jornalismo; nasce a dicotomia: crítica acadêmica *versus* crítica de rodapé (ROCHA, 2011). [150]

É de fundamental importância entender o papel basilar desempenhado pelas universidades a partir de finais dos anos 1940 de maneira contribuir para uma nova geração de críticos-*scholars*, com perfis combativos ao modelo da antiga escola de crítica literária brasileira, vincada na atuação do "homem de letras" (SÜSSEKIND, 2003).

Haveria, segundo Süssekind (2003, p. 17), pelo menos três características bem delineadas na crítica dos anos 1940-1950: primeira, "a oscilação entre a crônica e o noticiário puro e simples, o cultivo da eloquência, já que se tratava de convencer rápido leitores e antagonistas, e a adaptação às exigências [...] e ao ritmo industrial da imprensa; segunda, "uma *publicidade*, uma difusão bastante grande"; e por último, "um diálogo estreito com o mercado, com o movimento editorial seu contemporâneo".

A partir dos anos 1950 até os anos 1970, a crítica jornalística passa a ser veiculada também nos suplementos literários ou ainda, nos chamados "segundo caderno" dos periódicos jornalísticos (SANTIAGO, 1993, p. 15). Constituía-se um espaço em que "se encontravam grupos de amigos, muitos originários de uma mesma região ou cidade; aí se exerciam influências, se manifestavam antagonismos, rivalidades e ocorriam cisões" (ABREU, 1996, p. 23).

Tristão de Athayde, *A Manhã*, Rio de Janeiro, no qual exercia a crítica Roberto Alvim Correa, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, com a colaboração de Múcio Leão, *Folha da Manhã*, São Paulo, em que trabalhava Antônio Cândido, *O Estado de S. Paulo*, que recrutara os serviços de Sérgio Milliet, *Diário de São Paulo* (Antônio Cândido, Carpeaux, Plínio Barreto), *Diário de Notícias,* Rio de Janeiro (Mário de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda, Barreto Filho, Afonso Arinos), *O Dia,* Curitiba, com a colaboração de Wilson Martins, *Jornal do Comércio*, Pernambuco (Olívio Montenegro), *Diário da Bahia*, também espaço de atuação de Álvaro Lins. Cabe destacar que as revistas foram as responsáveis, em maior grau, pela "descentralização" literária nos anos 1940 do eixo Rio-São Paulo para as outras capitais do Brasil, são exemplos: *Clima, Planalto, Revista Brasileira de Poesia*, em São Paulo; *Dom Casmurro, Leitura, Orfeu, Revista Branca, Revista do Brasil* (3ª fase), no Rio de Janeiro; *A Província de São Pedro e Dom Quixote*, no Rio Grande do Sul; *Joaquim*, em Curitiba; *Clã*, em Fortaleza; *Edifício*, em Belo Horizonte; *Presença*, no Recife; *José*, em Belém do Pará (BOLLE, 1979, p. 22-26).

[150] A quem se interessar pela questão dos usos dos jornais como fontes historiográfica, ver, entre outros: CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em Papel e Tinta:* Periodismo e vida urbana (1890-1915). São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2013; LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio de periódicos. In: PINKSY, Carla Bassanesi. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008; LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza (Orgs). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008; RIOUX, Jean Pierre. Entre história e jornalismo. In: CHAUVEAU, Agnès; TÈTARD, Philippe. *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999; BARBOSA, Marinalva. *História cultural da imprensa:* Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad, 2007; CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. In *Projeto História*, São Paulo, PUC, n. 35, p. 253-270, 2007.

Uma mudança começa a se operar no universo da crítica literária a partir dos anos 1980 com o advento de um fenômeno identificado como "jornalismo cultural", que para Melo (2009, p. 23-24), seria uma categoria resultante das mudanças ocorridas no Brasil e nas empresas jornalísticas, como a profissionalização e a segmentação dessa atividade. Para esse autor, há um declínio ou até mesmo uma extinção de muitos dos suplementos dirigidos por intelectuais, substituídos pelos cadernos de variedades que atendem às demandas de consumo cultural das classes médias e que serão coordenados pelos jovens formados nas faculdades de Jornalismo ao longo entre o final dos anos 1970 e início da década seguinte.

Os anos 1990 ficaram marcados, segundo Couto (1996, p. 129), pelo o excesso de espaço destinado pelos jornais a roteiros de programação cultural ao invés de se produzir textos como as reportagens. Além disso, houve também a substituição da crítica pela resenha, e mesmo quando a atenção se voltava para algum produto cultural, as coberturas seriam realizadas de modo genérico e com um agravante: as relações comprometedoras das redações de jornais com empresas de marketing encarregadas da promoção de eventos culturais.

A publicação das memórias de Nelson Werneck Sodré se insere e passa a ser apreciada pela crítica literária em dois momentos: anos 1960-70 e anos 1990. Portanto, em relação ao primeiro período, seria aquele de transição entre uma crítica de rodapé e o advento da crítica acadêmica, com a formação de uma dicotomia e a posterior acomodação de uma crítica profissional, principalmente nas seções de suplementos literários, lugar social para debate, reflexão, disputas, comensalismos.

Já no que diz respeito às memórias publicadas nos anos 1990, o quadro é de uma queda considerável de espaço destinado à crítica literária, preterida em função de uma demanda cada vez mais crescente por produtos culturais de consumo em massa e por uma urgência da notícia. O público leitor dos jornais, sabidamente a classe média, arfava por leituras leves, nada que fosse analítico, intelectual, profundo. Assim, o máximo que aparecem são breves textos com comentários superficiais, resenhas comedidas sobre os livros publicados.

Por conseguinte, não causa surpresa que a maior parte das análises da crítica literária sobre a obra de NWS se concentre em finais dos anos 1960, quando ele publica *Memórias de um soldado* e 1970, ano em que chega ao público as *Memórias de um escritor*. Enquanto que obras como *Em defesa da cultura* (de 1988, segunda edição de

Memórias de um escritor), *A luta pela cultura* (1990), *A ofensiva reacionária* (1992) e *A fúria de Calibã* (1994), não tenham sido contempladas pela crítica jornalística, que já não destinava tantos esforços quanto em décadas passadas a fim de analisar de forma mais detida as obras publicadas.

Memórias de um soldado

No *Jornal do Brasil*, Leandro Konder[151] assina uma apreciação de *Memórias de um Soldado* em que descreve os principais pontos temáticos da obra e chama a atenção para a "preocupação didática do livro", a qual produz no leitor a sensação de conhecer mais e melhor o período retratado. Além do sucesso de ensino contido, as memórias alcançam êxito "não só pela riqueza de conteúdo como pela eficácia da forma, que lhes confere uma extraordinária amenidade na leitura". [152]

Konder completa que na obra, "a elegância de estilo se combina, admiravelmente, à elegância de conduta" e que os adversários do memorialista, caso lessem o livro, ficariam constrangidos em face da "integridade moral do autor e de sua lúcida serenidade". Na avaliação do jornalista, a narrativa foca os acontecimentos com "vigoroso amor à verdade. Com a mesma objetividade com que, nos seus trabalhos historiográficos, procura ordenar os fatos e elucidar o núcleo significativo do movimento deles".

A caracterização que Konder faz dessas memórias como tendo uma "preocupação didática", remete à concepção de Goodson (2015, p. 267), que entende a autobiografia como espaço privilegiado para a prática da reflexividade e aprendizado. A reflexividade vai no sentido de que a informação é usada a fim de se pensar, registrar e redefinir regularmente as ações de quem escreve sobre si. A memória autobiográfica é, por esse viés, um espaço para intervenção corretiva, ou ainda, um local para reconstrução do conhecimento sobre si mesmo e o passado.

"Bons livros de memória", é assim que Valdemar Cavalcanti[153] intitula o seu artigo sobre as memórias lançadas naquele ano de 1967 por NWS, obra que considera

[151] Leandro Konder foi um filósofo, advogado, professor e escritor brasileiro, introdutor da obra de Lukács no Brasil.
[152] KONDER, Leandro. A verdadeira face do soldado. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Suplemento do Livro, 21 de outubro de 1967, p. 9.
[153] Valdemar Cavalcanti foi um escritor brasileiro, um dos pioneiros na atividade jornalística e na crítica literária.

como sendo algo do "bom e do melhor para ler".[154] Após expor de maneira panorâmica a estrutura da narrativa, o crítico avalia que o autor não se limita a rememorar o passado "a rever velhas imagens, a folhear o seu álbum: sempre que preciso, ele comenta os fatos, para interpretá-los, e grifa os fenômenos peculiares da vida brasileira, aí dando vasão ao seu espírito crítico e tantas vezes polêmico".

Tanto a crítica de Konder quanto a de Cavalcanti valorizam dois aspectos se combinam para garantir o sucesso da obra. O primeiro, diz respeito aos elementos estéticos da escrita ("elegância de estilo", para Konder; algo "do bom e do melhor para ler", para Cavalcanti). O segundo aspecto, para Konder, seria a questão do uso de uma metodologia de exposição, relacionada à experiência do memorialista como historiador, portanto, valorizando a objetividade, o encadeamento da dialética do tempo e do espaço na escrita de si. Cavalcanti, por sua vez, pensa algo no mesmo sentido ao avaliar de maneira positiva a maneira como o memorialista não apenas enfileira os fatos, mas interpretá-los também.

No *Jornal do Brasil*, José Edson Gomes assina um texto em que trata de alguns livros de memórias, dentre eles, a obra em que NWS conta sobre a sua trajetória à serviço do Exército brasileiro. O autor começa com uma formulação depreciativa do gênero memorialístico ao dizer que este não tem em si mesmo quase nenhuma importância, e isso, por dois motivos: "quando o autor consegue dar uma dimensão maior aos fatos acontecidos, um resultado ideal na recriação de *sua* realidade, o livro penetra nos domínios da ficção". O outro motivo seria que "apenas uma pessoa que tenha tido uma vida extraordinária ou se tenha tornado importante por uma e outra razão ou, ainda, participado de acontecimentos de importância histórica" seria digna, por seu destaque, de uma narrativa que servisse de estudo para determinada região, cidade, país.

Nota-se que para o crítico, a dimensão criativa, performativa da narrativa memorialística é totalmente descartável, desprezível. Além disso, nem todas as vidas seriam dignas de serem contadas, mas tão somente aquelas que por alguma razão teriam obtido relevância, servindo, assim, como campo de estudos das suas épocas e dos espaços sociais em que estiveram inseridas.

Como exemplo de escrita de si que valeria a pena ser lida em função da observância dos valores apontado pelo crítico, estariam as *Memórias de um soldado*, em

[154] CAVALCANTI, Valdemar. Bons livros de memória. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 2º Caderno, 05 de outubro de 1967, p. 2.

que "os fatos passaram a ter importância apenas na medida em que estivessem inseridos num contexto geral – servissem à história ou à compreensão de determinada época ou realidade". Por esse viés, mais uma vez o memorialismo werneckano é tido em alta conta por cumprir com uma demanda do período: que as escritas de si conseguissem o equilíbrio entre o geral e o particular, que mantivesse o fluxo constante entre o micro e o macro, mas sempre em função do geral, apesar de partir do particular.[155]

José Condé em sua coluna "Escritores e Livro", se ocupa das *Memórias de um soldado* em outubro de 1967. Considera que se trata de um livro "eminentemente pessoal", com análises de fatos e pessoas. A leitura é "do maior encanto e interesse". Essa frase se justicaria, na concepção de Condé, por se tratar da trajetória de um militar de conduta ilibada, que jamais teria se submetido às pressões dos interesses estrangeiros, mas que lutara pela emancipação nacional.

Vemos que a justificativa para se ler as memórias se dão numa dupla dimensão: o valor estético da obra que proporciona uma leitura "do maior encanto", mas também uma função social, intelectual, libertária das memórias, por ser o depoimento de alguém que lutara pelos interesses nacionais até mesmo com prejuízos pessoais. [156]

Algumas menções à estreia de NWS como memorialista são apenas notas pequenas, com teor mais noticioso do que analítico. Temos alguns exemplos disso, que trataremos a seguir. Apesar de não se constituírem como reflexões mais detidas, ficando mais na superfície das análises, ainda assim essas notas são dignas de serem trazidas para o nosso texto uma vez que compartilham ideias em comum e podem ser reveladoras de expectativas acerca do gênero memorialístico na época.

Em setembro de 1967, J. Valeriano Alves escreve uma nota bem comedida na qual comenta que Werneck Sodré anteriormente publicara com enorme êxito livros sobre "literatura, história, sociologia e jornalismo" e que agora se voltava para o "gênero memorialista".[157] Entre os temas presentes no livro, o jornalista destaca "o Golpe de 1945 [...] a crise de 1961, e os recentes acontecimentos políticos".

Chama a atenção que o autor em sua breve avaliação considera a queda de Vargas em 1945 como tendo sido um golpe, mas evita caracterizar da mesma maneira a tomada

---

[155] GOMES, José Edson. Memórias de generoso. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, Suplemento do Livro, 18 de novembro de 1967, p. 18.

[156] CONDÉ, José. Memórias de um soldado. Escritores e livros. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 2º Caderno, 13 de outubro de 1967, p. 2.

[157] ALVES, J. Valeriano. Memórias de um soldado. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, Primeira Seção, 24 de setembro de 1967, p. 13.

do poder pelos civis e militares em 1964. Não causa espanto, todavia, uma vez que apesar do AI-5 ainda não ter sido promulgado, as redações de jornais já se encontravam sob vigilância desde a Lei de Imprensa de 1967.

Outra breve nota aparece no *Jornal do Brasil* e avalia as memórias como uma "narrativa brilhante, feita com verdade e paixão, de uma fase dramática da vida política nacional, por um militar que dela participou e soube interpretá-la com suas qualidades intelectuais".[158]

No *Diário de Notícias*, Nestor de Holanda[159] se ocupa das memórias recém lançadas de NWS, a quem qualifica de "admirável" historiador, sociólogo, ensaísta, crítico literário, e analista político. Interessante observar que Holanda enquadra a obra como sendo um livro de autobiografia, a qual, sendo de autoria de "um dos mais considerados escritores do Brasil" não restavam dúvidas do seu sucesso. A narrativa em si é passível de ser lida "num fôlego, tanto se fica preso às páginas".[160]

Em outros casos, a obra é tomada sob análise em conjunto com outras memórias. No *Jornal do Commércio*, aparece um texto que toma sob avaliação as memórias escritas por dois generais: Umberto Peregrino, com *História e projeção das instituições culturais do Exército*, e Nelson Werneck Sodré com suas *Memórias de um soldado*.[161]

No que diz respeito a NWS, conceituado como sendo um homem corajoso, honrado, fiel aos seus princípios, o texto faz um apanhado dos temas centrais da narrativa considerada "magistral". Ao considerar as duas obras, o autor do texto afirma que os dois autores "não apenas leem, mas escrevem e, sobretudo, escrevem admiravelmente bem".

Geraldo Galvão Ferraz[162] escreve um artigo relativamente longo para analisar as *Memórias de um soldado*.[163] Começa ele com a definição de um dizer popular: "general de pijama", que se refere aos militares de alta patente que, ao entrarem para a reserva, se dedicam a atividades leves, como contar aos netos as façanhas do tempo de serviço às

---

[158] Memórias. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Suplemento do Livro (coluna "O que há para ler"), 16 de setembro de 1967.

[159] Nestor de Holanda foi um escritor, jornalista, compositor e letrista de músicas populares; trabalhou em diversos jornais e revistas: jornais, *Folha Carioca, Democracia, O Imparcial, A Noite, Folha do Rio, Shopping News, Diário Carioca, Última Hora e Diário de Notícias*; nas revistas *Manchete, A Noite Ilustrada, Carioca*.

[160] HOLANDA, Nestor. Telhas-vãs. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, Caderno 2, 21 de setembro de 1967, p. 1.

[161] Generais que escrevem. *Jornal do Commércio*, Rio de Janeiro, Cinema-Teatro, 10 de outubro de 1967, p. 5.

[162] Geraldo Galvão Ferraz foi um crítico literário, crítico de cinema, tradutor e jornalista brasileiro.

[163] FERRAZ, Geraldo Galvão. Um crítico de pijama. *A Tribuna*, Santos (SP), 18 de maio de 1968, p. 2.

forças armadas. Mas haveria aqueles que se dedicariam aos estudos, à escrita, como era o caso de NWS, visto como um crítico militante, dotado de um "radicalismo ideológico".

Embora o texto, a princípio ser dedicado à análise da obra lançada por Sodré, o que se observa, de fato, é uma clara oportunidade de uma avaliação de cunho mais pessoal em relação ao memorialista. Isso se observa em trechos como: "Nelson Werneck Sodré tem a intenção de ser o grande historiador e crítico marxista de nossa cultura", considera que seria preferível que este se aposentasse da crítica literária e "vestisse o seu pijama – certamente vermelho."

Em seguida, Ferraz expõe duras críticas às obras de NWS, como *História da literatura brasileira*, cujas análises são consideradas de "uma indigência marcante". Apesar das avaliações negativas, para dizer o mínimo, o autor reconhece o cuidado com a pesquisa que NWS tem para escrever as suas obras, apesar de lhe negar o poder de síntese e interpretação, além da elegância de expressão. Interessante que Ferraz considera que *Memórias de um soldado* deva ser aceita "sem restrições", pois viria "de um indivíduo que conheceu muita gente, que leu muito".

Portanto, o que se percebe dessa crítica seria que mesmo entre os seus críticos mais ferrenhos, que consideravam a sua obra esquemática, dogmática, radical, ainda assim, NWS era considerado como possuidor de conhecimento, cuidadoso com a pesquisa para a escrita de seus livros. Ou seja, discordava-se de suas opções metodológicas, teóricas, posicionamentos políticos, mas não se lhe negava tê-los ou defendê-los, inclusive em sua obra memorialística.

Memórias de um escritor

No Suplemento Literário do jornal *O Estado de S. Paulo*, Temístocles Linhares faz uma avaliação de *Memórias de um escritor* em que aproveita para também comentar sobre *História da literatura brasileira*, sobre a atividade de crítica de NWS e a sua importância para a cultura nacional.[164] Linhares confessa que ao longo da sua carreira de comentador de livros ocupou-se em raras ocasiões das obras de Sodré, mas que tal se deu mais em função de oportunidades do que qualquer motivo de outra ordem. [165]

[164] Temístocles Linhares foi um crítico literário, historiador e professor brasileiro.
[165] LINHARES, Temístocles. As memórias do escritor. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, Suplemento Literário, 25 de julho de 1971, p. 4.

É um artigo longo, ocupa metade de uma página do suplemento e em suas avaliações, Temístocles Linhares considera que as memórias que acabara de ler, "Como não podia deixar de ser, são mais memórias dos outros do que do próprio autor". Assim, percebe-se que o crítico, apesar de não estar pontuando isso de forma negativa, chama a atenção para algo que ressaltamos desde o começo das nossas análises: os escritos de si de NWS são em sua grande maior parte voltados para descrição, reflexão do seu tempo, as suas impressões sobre o que ocorreu ao longo de sua trajetória de vida e muito raramente se volta para aspectos da esfera pessoal, sendo que mesmo quando tal ocorre, é para lidar com algo da ordem do geral, do nível macro.

Linhares considera as memórias de Sodré fundamentais para se resolver alguns equívocos sobre o autor, dentre eles, o de que o memorialista seria radical, faccioso. O que o crítico nota, porém, é um escritor humilde, nunca sábio o suficiente, em busca de aperfeiçoamento. Considera como pontos altos na obra, a capacidade de NWS de historiar o período do Modernismo brasileiro, a luta pela cultura, as dificuldades de escritores se sustentarem com o que ganham com o trabalho com as letras. Sobre a escrita memorialística do autor avaliado, o crítico diz que "A leitura sempre foi fácil e atraente, o que prova não ser o sr. Nelson Werneck Sodré aquele escritor maçudo" e que as memórias lidas seriam uma "espécie de coroamento" dos livros de autoria de NWS.

Hélio Pólvora intitula como "Memórias de uma geração" a sua análise de *Memórias de um escritor*. Ele considera que o nicho do gênero no Brasil se enriquecera com esse livro de NWS, que figura no artigo como crítico literário, historiador e ensaísta. Em linhas gerais, o autor da avaliação afirma que em nosso país as memórias "assumem uma feição pessoal que se dilui na ficção e na crônica e é interpretado muitas vezes como ato de criação", permeada pelo anedotário.

O crítico, inclusive, tece alguns comentários acerca da questão da memória nacional, no seu entender, alimentada pela oralidade, mas que requeria ainda estudos mais profundos. No tocante às escritas de si, Pólvora se ressente de um excesso de personalismo, uma incidência muito grande de livros em que a história de vida narrada foca em demasia na personagem central e pouco se fala sobre a época, os acontecimentos.

Todavia, nas memórias de NWS o aspecto pessoal ganha "amplitude do ensaio". Sobre o enfoque na personagem central: "O biografado aparece naturalmente como centro de referência, mas este centro não é um ponto fixo: ele se desloca dinamicamente, numa sucessão de linhas concêntricas, a ponto de o eu pessoal se diluir no eu coletivo". O crítico

continua, afirma que o memorialismo de Sodré, sem deixar de ser autobiográfico, abrange o testemunho: "O escritor se analisa e observa ao mesmo tempo tudo quanto, na esfera de sua influência, na órbita da sua sensibilidade e do seu destino, tem o poder de afetá-lo".

Essas considerações do avaliador coadunam com a característica observada por nós no memorialismo werneckano: o jogo de escalas entre o individual e o geral e de volta. Esse ir e vir, essa dialética do espaço, e do tempo também, é identificado por Pólvora como uma "sucessão de linhas concêntricas", a dinâmica do jogo de escalas entre o micro e o macro.

Em função da capacidade de NWS em apreender os fatos, as épocas, Pólvora recomenda a leitura de suas memórias por se tratar de um "documento importante para avaliação político-literária do Brasil contemporâneo". Uma ressalva feita pelo crítico: em algumas passagens o livro adquire um ritmo demasiadamente narrativo, arrastado e até mesmo dogmático, como se o memorialista desejasse constituir regras para determinados aspectos da vida literária, aspectos estes, por sinal, não citados por Hélio Pólvora.

Todavia, de forma alguma NWS poderia ser acusado de desonestidade, vai dizer o crítico, pelo contrário, algo a se reconhecer é o apreço do memorialista em exercícios de autoanálise da trajetória intelectual, com severas restrições a si próprio e o reconhecimento de que a evolução literária, de pesquisa, de busca por conhecimento deve ser uma constante.

Uma linha de pensamento próxima à essa de Hélio Pólvora é seguida por Heloneida Studart ao afirmar em sua análise o seguinte: "Eu não sou leitora habitual de memórias. Tenho sempre a impressão de que os memorialistas se colocam de um ponto de vista narcisista, realçam o que lhes interessa realçar e calam o que os depreciaria" além dos "infalíveis apelos para a ficção".[166]

Entretanto, para Studart, as memórias de autoria de Sodré possuiriam as "qualidades de um bom ensaio", principalmente pela análise do período que vai desde o Modernismo até o contexto da Segunda Guerra, fazendo "muito mais um trabalho de estudo social do que um relato autobiográfico". A autora, inclusive, chega à mesma conclusão de Hélio Pólvora: NWS "só fala de si mesmo para explicar os outros e os fatos", sendo que em razão disso, a obra é, "ao mesmo tempo, crítica, autocrítica e História".

[166] STUDART, Heloneida. Livros. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 31 de janeiro de 1971, p. 9.

Em *O Jornal* é veiculado um texto que segue de perto as conclusões de Pólvora e Studart ao avaliar que nessas memórias, NWS "não se limita a fixar suas reminiscências: faz questão de comentar os fatos e acontecimentos, apreciar os fenômenos, colocar as pessoas na moldura do tempo".[167] Os elogios são destinados não somente ao método do memorialista de narrar os eventos ao mesmo tempo que os analisa, mas também ao estilo "vivo e veemente" da escrita de si de NWS.

Na sua tradicional coluna, "Últimos livros", Wilson Martins[168] escreve uma ácida crítica sobre *Memórias de um escritor*. O parágrafo de abertura oferece o tom do que virá adiante: "Votadas de toda eternidade a tormentosos e atormentados ajustes de contas, as memórias de escritores pertencem mais à vida literária do que à literatura" e continua, dizendo que as memórias "se compõem, essencialmente, da pequena história e das grandes vaidades; são, por definição, ressentidas e reivindicatórias, sem prejuízo, claro está, do seu interesse psicológico e biográfico; finaliza afirmando que esse tipo de escrita é "um gênero ironicamente pasealiano: onde esperávamos encontrar um escritor, encontramos um homem, mas desta vez, [referindo-se a NWS] exibindo antes a sua miséria do que a sua grandeza".

De certa forma, Wilson Martins pensa o gênero memorialístico como sendo uma manifestação mais subjetiva do que a que Linhares considera. Visto que enquanto para este, as escritas de si falam mais dos outros do que do próprio autor, Martins vê na essência dessas narrativas a "pequena história", ou seja, o núcleo do particular, o pessoal: as "vaidades", o "interesse psicológico e biográfico".

As críticas do artigo são direcionadas à atuação de NWS como escritor, o qual, na visão de Martins, seria possuidor de uma trajetória sem brilho. A crítica literária desenvolvida por Sodré é enquadrada mais como ensaios de ordem da "sociologia do conhecimento, disciplina, contudo, que, ao contrário da prosa, não se pode praticar sem sabê-lo, daí o constante desnível".

Após considerar de maneira bastante negativa as obras do autor em foco, inclusive sua produção no campo da crítica, mas, principalmente com relação à *História da literatura brasileira*, Martins desenvolve o restante do seu texto basicamente a partir de duros juízos de valor a um determinado aspecto da vida de NWS: a sua colaboração com

[167] "Letras". *O Jornal*, Rio de Janeiro, 17 de março de 1971, p. 4.
[168] MARTINS, Wilson. Últimos Livros. *O Estado de S. Paulo*, Suplemento Literário, 12 de setembro de 1971, p. 4.

a revista *Cultura Política*, editada pela máquina de propaganda do Estado Novo de Vargas, além da amizade com Oliveira Viana, conhecido por suas colaborações teóricas com o regime instaurado com o Golpe de 1937.

Na avaliação de Wilson Martins, seria uma enorme contradição da parte de Nelson Werneck Sodré se posicionar como um defensor da democracia brasileira, das liberdades e direitos civis, se durante a Ditadura de Vargas colaborara com a propaganda de Estado. Vale ressaltar que o próprio NWS reconhece ter sido um equívoco ter colaborado com o Estado Novo. Esse *mea culpa* é feito pelo autor em suas memórias e inclusive, como demonstramos, um dos aspectos centrais do seu memorialismo é justamente constituir-se como um espaço de remissão orientado por um dever de memória.

No mesmo jornal, meses antes saíra uma nota no Suplemento Literário e Nelson Werneck Sodré é caracterizado como "figura de relevo em nossa vida cultural" e as *Memórias de um escritor* são vistas como possibilidade de se obter uma "visão panorâmica dos variados aspectos da cultura" nacional e de pessoas que se envolveram com o mundo literário. A avaliação caminha em consonância com aquela feita por Linhares: a vida editorial, a produção literária sob o viés de uma narrativa que busca situar-se historicamente.[169]

Na revista *O Cruzeiro*, José Cândido de Carvalho[170] assina um texto intitulado "As maravilhosas viagens de Nelson", em que se ocupa do volume inicial das memórias deste.[171] O tom é elogioso desde o princípio, quando o autor confessa ler "com vontade de não acabar mais, as muitas e belas páginas" livro em questão. A narrativa é vista como vigorosa e exata. A riqueza da obra, na concepção do avaliador, é constituir-se de "pequenos retratos, fascinantes, instantâneos" de figuras do mundo cultural e intelectual da época.

A luta pela cultura

Na *Tribuna da Imprensa*, na seção "Livros", aparece, junto com uma imagem da capa do livro, uma breve notícia sobre o lançamento de *A luta pela cultura*. Segundo o

[169] Memórias. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, Suplemento literário (coluna "Lançamentos"), 11 de julho de 1971, p. 2.
[170] José Cândido de Carvalho foi um advogado, jornalista e escritor brasileiro.
[171] Carvalho, José Cândido de. As maravilhosas viagens de Nelson. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, Ano I, n. 42, 16 de junho de 1971.

texto, Nelson Werneck Sodré, nessa obra, dava continuidade a um empenho de toda uma trajetória: a luta para que o "povo brasileiro tenha bases culturais sólidas".[172]

Em *O Fluminense*, na seção dedicada às análises literárias, a obra é avaliada no mesmo sentido que no texto veiculado na *Tribuna da Imprensa*: um livro em que o memorialista se empenha em um trabalho de conscientização, ocupado em conduzir-se de maneira crítica e progressista, "empenhado [...] em dar bases culturais sólidas ao povo brasileiro".[173]

O artigo considera que há uma relação entre a "visão clara e a objetividade" de NWS com o seu aperfeiçoamento nos cursos aos quais se dedicou ao longo da sua carreira de oficial do Exército, exercida em paralelo à de crítico literário em jornais e revistas no eixo Rio-São Paulo. O autor do texto faz questão de mencionar a contribuição de Sodré como professor do ISEB, "instituição fechada pela Ditadura Militar".

Na última semana do ano de 1990 sai um artigo no jornal *Correio Braziliense* comentando sobre dois livros publicados por NWS: *A luta pela cultura* e *O fascismo cotidiano*.[174] O autor do texto, Maurício Melo Junior, firma que os volumes de memórias de Sodré vinham "contribuindo com os protestos e as indignações que se levantam contra" as ações impetradas pelo regime militar de 1964.

Nelson Werneck Sodré é reportado como um "conceituado crítico literário e historiador" "ligado às esquerdas", apesar da condição de militar, o que, para Melo Junior, serve como indicativo da combatividade inerente ao memorialista. Inclusive, as narrativas de seus escritos de si são tomadas como oferta de amplo painel dos tempos em que viveu: as oscilações entre uma democracia claudicante e os regimes ditatoriais.

A fúria de Calibã

Uma breve nota sobre *A fúria de Calibã* aparece no jornal *O Estado de S. Paulo* no dia 12 de maio de 1994. O livro é apontado como sendo um levantamento da repressão cultural no regime militar de 1964. O autor chega a exclamar: "Quanta gente, santo Deus, foi perseguida nos idos de 1964, e, na maioria dos casos, a meu ver, futilmente, pois não representava perigo ade espécie alguma". Em seguida, como que para justificar a sua fala,

[172] Livros. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, Tribuna Bis, 02 de outubro de 1990, p. 2.
[173] *O Fluminense*, Niterói (RJ), 04 de fevereiro de 1991, p. 2.
[174] MELO JUNIOR, Maurício. Jeitinho driblava o Macarthismo à brasileira. *Correio Braziliense*, Brasília (DF), Caderno Dois, 23 de dezembro de 1990, p. 10.

o autor do texto comenta sobre Ênio Silveira, que, à frente da Civilização Brasileira, foi um dos mais combativos editores no campo da oposição à Ditadura Civil-Militar.[175]

"Memórias duras do golpe de 64" é o título do artigo que se debruça sobre o derradeiro livro de memórias de NWS.[176] O texto considera que mais do que falar sobre o golpe de 64, o memorialista discute "a árdua luta travada por aqueles que batalharam heroicamente contra a ditadura militar".

O autor do artigo se vale da oportunidade e também do fato de a democracia ter sido restabelecida, para tecer críticas ao regime dos militares. A importância da obra de Sodré, no entender do avaliador, seria que a "reconstituição dos passos desse período da história brasileira, ajuda na compreensão dos dias atuais".

No *Jornal da ABI*, na coluna "Livros", Fernando Segismundo[177] se ocupa em um longo artigo de analisar essa obra de NWS.[178] O jornalista faz uma longa introdução para explicar as razões cabíveis para o título do livro e contextualizar a estrutura da narrativa. Sendo que esta é considerada como sendo possuidora de "rigor cronológico, de modo a constituir, como constitui, valioso trabalho histórico." Para Segismundo, as análises de NWS são profundas, corretas, não se prendem aos fatos, simplesmente, mas os examina para encontrar as razões para o golpe de 64: o imperialismo estadunidense.

2.2 Crítica literária, performance e virtudes epistêmicas

Os textos de crítica que avaliam as memórias publicadas por NWS se dividem em dois tipos: aqueles que são mais de ordem noticiosa, artigos rápidos, de análise mais para o gosto de quem escreve do que um estudo cuidadoso, mais impressionista do que analítico (BOLLE, 1979, p. 25); mas também há os textos mais longos, cuidadosos, como os de Temístocles Linhares, por exemplo, em que há um esforço da parte do analista a fim de ultrapassar a mera impressão e proporcionar ao leitor não apenas a sua opinião sobre a obra, mas uma avaliação em que os elementos estéticos são destrinchados na

[175] *O Estado de S. Paulo*, São Paulo. Suplemento literário (coluna "Lançamentos"), 12 de maio de 1994.
[176] Memórias duras do golpe de 64. *O Fluminense*, Niterói (RJ) Livros, 2º Caderno, 10 de maio de 1994, p. 4.
[177] Fernando Segismundo, português de nascimento, foi jornalista e ex-presidente da Associação Brasileira de Imprensa – ABI.
[178] SEGISMUNDO, Fernando. A fúria de Calibã. *Jornal da ABI*, Rio de Janeiro, Livros, maio/junho de 1994, p. 6

composição de um mosaico de juízos de valor atrelados a uma visão mais detida, decantada.

Em nosso trabalho de mestrado tivemos a oportunidade de analisar as recepções da crítica literária no tocante à temática do biografismo.[179] O nosso recorte foi basicamente o mesmo que fizemos no presente estudo, com a diferença que no caso atual algumas críticas foram publicadas nos anos 1990 e na pesquisa de mestrado o recorte foi o período de 1950-1970.[180] Todavia, é possível estabelecer um certo paralelo entre os nossos resultados da dissertação de mestrado e os de agora, uma vez que a maior parte das avaliações acerca das memórias de NWS foram publicadas nos anos 1960 e 1970.

Sobre o nosso trabalho no mestrado, o que nos foi possível notar naquela ocasião seria que entre os anos 1950-70, para a crítica literária que voltou o seu olhar para a análise de biografias publicadas nesse período, a pesquisa documental era considerada a base do edifício biográfico. Isto porque a biografia histórica era encarada como uma fórmula narrativa capaz de cumprir com excelência as demandas condizentes à narrativa de uma trajetória de vida em que o contexto, a época do indivíduo cuja vida é contada, fossem contemplados de maneira plena.

No período de 1950 1970, a "biografia romanceada" dos anos 1930-40, como analisado por Gonçalves (2009), quando não é totalmente repudiada, é vista com desconfiança pela crítica literária. Em diversas ocasiões foi-nos possível notar o tom revelador da ideia de que esta modalidade narrativa perdera o seu espaço de glória ocupado nas duas décadas anteriores para aquilo que passa ser denominada de biografia histórica.

Como se trata de uma crítica literária que se debruça sobre o biografismo, é possível estabelecer um paralelo entre o que essa crítica produziu de avaliações sobre biografias e o que essa crítica pensou sobre o memorialismo de Nelson Werneck Sodré. É possível notar uma analogia entre o regime de valores que era considerado como o ideal na escrita de biografias e o que procura enquadrar a escrita de memórias nos anos 1950-1970, quiçá 1990.

---

[179] Wilton C. L. Silva entende como biografismo "as práticas narrativas que envolvem a seleção, descrição e análise de uma trajetória individual a partir de diversos enfoques e metodologias que permitem sua incorporação através do romance histórico, das memórias pessoais (autobiografias e testemunhos), da literatura escolar e das biografias propriamente ditas" (SILVA, 2009, p. 153)

[180] Sobre essa questão das relações entre a crítica literária e as expectativas e valorização de um modelo de biografismo histórico, ver: MUNIZ JUNIOR, João. *Biografia e história em Raimundo Magalhães Junior:* narrativas de panteonização e iconoclastia. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017, p. 50-103.

Acima, destacamos trechos em que parcelas da crítica literária cuidou de analisar as memórias de NWS. É possível aferir que há uma valorização de dois aspectos principais: a escrita fluida, o bom rendimento da narrativa, o famoso "escrever bem" e, *pari passu*, o cuidado em compor o quadro mais geral, o contexto histórico, social, cultural e político do tempo em que o memorialista viveu.

Se a crítica dos anos 1950-70 valorizava o cuidado com o pano de fundo histórico das biografias, o mesmo pode-se dizer dessa mesma crítica em relação às autobiografias, em especial, das memórias assinadas por NWS. Alguns críticos, como Hélio Pólvora, alertam que muitas memórias eram escritas de maneira a diluir o personagem central em meio a um excesso de ficcionalização, algo que Wilson Martins considerava até mesmo normal. Mas que o ideal, na perspectiva de figuras como Linhares e Studart, seria que a escrita memorialística seguisse a metodologia adotada por NWS e atingissem a "amplitude do ensaio", como avaliou Pólvora.

Uma diferença notável entre os textos que avaliam o memorialismo de Nelson Werneck Sodré nos anos 1960-1970 e os artigos que fazem o mesmo nos anos 1990 é com relação ao enorme receio que os críticos e jornalistas tinham de, durante a Ditadura Civil-Militar, escrever algo que fosse interpretado como crítica ao governo e provocasse reprimenda dos órgãos de censura. Afinal, as memórias assinadas por NWS e lançadas nesse período davam conta justamente de temas delicados como o Golpe de 64, abordado no último capítulo de *Memórias de um soldado*.

Algo que chama a atenção é a considerada pouca retumbância que as memórias assinadas por NWS encontra na crítica dos anos 1960-70. Como abordamos anteriormente, nos anos 1960 a crítica literária veiculada nos jornais passava por reformulações que faziam com que aos poucos fosse deslocada dos "rodapés" para os suplementos literários, segundos cadernos, assim, a crítica personalista, impressionista, feita no calor da hora, perde espaço.

Além disso, NWS era um general da reserva, que no ano do Golpe de 64 fora preso pelo regime, passara a ser perseguido, impedido, especialmente após o AI-5, de escrever em jornais e revistas, de ministrar cursos, colocado em um ostracismo político e cultural, apesar de continuar a escrever, suas memórias, principalmente. Sendo assim, publicar textos na crítica literária apreciando obras de tal autor era algo de certa maneira arriscado. Por conseguinte, embora tenhamos focado no eixo Rio-São Paulo, não causa surpresa o comedimento com que suas memórias nesse período tenham sido acolhidas pela crítica.

O que temos é um memorialista considerado *persona non grata*, primeiro por ter se recusado a compactuar com os golpistas, segundo por ser um crítico vigoroso do regime e um dos que mais lhe impuseram resistência nos meios intelectuais, enquanto isso foi possível, fosse com artigos na *Revista Civilização Brasileira*, ou até mesmo os dois volumes iniciais de suas memórias.

Quando os autores de críticas se debruçavam sobre as escritas de si de NWS em tempos de Ditadura, evitavam tocar de maneira direta no Golpe de 64, preferiam mencionar mais a trajetória militar de Sodré de uma maneira geral. Mesmo quando se elogia o empenho do autor em recriar os cenários de tempos passados, ainda assim não se fala abertamente do governo dos militares. O único a fazê-lo é Geraldo Ferraz e mesmo assim usa a expressão "Revolução de 1964" em sua análise deveras depreciativa das memórias de NWS, indicando, portanto, que estaria em lado oposto àqueles que criticavam o regime.

Já as avaliações sobre as memórias que são publicadas nos anos 1990, no contexto já de pós Ditadura Civil-Militar, não se intimidam em criticar abertamente o regime dos militares. A crítica veiculada em *O Fluminense*, ao tratar de *A luta pela cultura*, menciona claramente o fechamento do ISEB por parte da "Ditadura Militar", expressão do próprio texto.[181] Como mostramos anteriormente, Maurício Melo Junior, ao se referir à mesma obra, diz que esta vinha "contribuindo com os protestos e as indignações que se levantam contra" as ações impetradas pelo regime militar de 1964. Mais uma vez o período ditatorial é abertamente mencionado, inclusive com juízos de valor da parte do crítico, algo que não ocorre em absoluto no período dos anos 1960-1970.

No texto bem enxuto sobre *A fúria de Calibã* que aparece no jornal *O Estado de S. Paulo* no dia 12 de maio de 1994, o autor chega a exclamar: "Quanta gente, santo Deus, foi perseguida nos idos de 1964" e comenta sobre o tributo de NWS a Ênio Silveira, que, à frente da editora Civilização Brasileira e também da *Revista Civilização Brasileira*, foi um dos mais combativos editores no campo da oposição à Ditadura Civil-Militar.[182] Mais uma vez em *O Fluminense*, mas agora para comentar sobre *A fúria de Calibã*, obra, que na visão de quem a avalia, é considerada de suma importância por se tratar de um

[181] *O Fluminense*, Niterói (RJ), 04 de fevereiro de 1991, p. 2.
[182] *O Estado de S. Paulo*, São Paulo. Suplemento literário (coluna "Lançamentos"), 12 de maio de 1994.

depoimento sobre "a árdua luta travada por aqueles que batalharam heroicamente contra a ditadura militar". [183]

Com os exemplos citados, vê-se claramente uma diferença entre o tom adotado pelos críticos nos dois períodos apontados ao se referirem ao regime militar instaurado com o Golpe de 64. Não chega a ser algo inesperado, visto o aparato repressor do governo no combate às vozes que ousavam se levantar contra a Ditadura Civil-Militar durante o período de sua vigência. Porém, faz-se necessário realizar o registro e apontar essas diferenças.

Isso fica ainda mais vívido no reconhecimento que o próprio NWS faz sobre as dificuldades para a publicação do restante de suas memórias, ele havia lançado os dois primeiros volumes enquanto os militares ainda estavam no poder. Ele afirma nas páginas finais de *A fúria de Calibã*, escrito em 1972 e publicado somente em 1994, que não fazia ideia sobre quando seriam publicados os volumes de continuação às *Memórias de um escritor*, e sobre o que escrevia naquele momento? "Muito menos, pois, nele, estão opiniões que chocam com o monólogo enfadonho e otimista da palavra oficial da ditadura". Ele continua dizendo que para o editor, lançar tal livro era um risco pessoal e financeiro, "com possível apreensão, como ocorreu com outros livros meus.". De maneira retórica, o narrador questiona: "Que razões me levaram, então, a escrevê-lo, se sabia da dificuldade, ou impossibilidade mesmo, de publicá-lo? Porque era preciso. Porque era de meu dever." (SODRÉ, 1994, p. 312).

Em seguida, o autor faz uma declaração, via narrador, que já trabalhos no primeiro capítulo quando tratamos da questão do dever de memória, mas que não custa trazer de volta e também para abordarmos o mesmo trecho sob um outro ponto de vista. Eis a declaração:

> Desde já, entretanto, uma explicação: não fiz referência alguma, aqui, a um problema conhecido e comentado, o da tortura. Infâmia das infâmias, ela foi consagrada pela ditadura, particularmente depois de 1968, como rotina. Não conheço dela senão por ouvir dizer. E penso que merece trabalho especial. Não gosto de apreciar senão aquilo que conheço, de cujos dados disponho. Não conheço suficientemente o problema da tortura. Não disponho de dados sobre ele. Se dispusesse, ele apareceria aqui. Mas não quero, por outro lado, dar a ideia de que o ignorei ou me permiti a omissão criminosa, que raia à conivência de, sabendo, simular não saber. (SODRÉ, 1994, p. 312-313)

[183] Memórias duras do golpe de 64. *O Fluminense*, Niterói (RJ) Livros, 2º Caderno, 10 de maio de 1994, p. 4.

Essa longa citação é uma amostra do cuidado com o qual o autor conduz a narrativa sobre um tema tão delicado quanto o da prática de tortura pela Ditadura Civil-Militar no Brasil. Nelson Werneck Sodré carregava um fardo, comentado já, de ter, nos idos dos anos 1930, de certa forma colaborado com a máquina de propaganda do Governo Vargas ao escrever artigos para a revista *Cultura Política*, algo que o próprio memorialista reconhece como sendo uma prática que ele não faria caso pudesse voltar no tempo.

Como tivemos a oportunidade de demonstrar no capítulo 1 do presente trabalho, é clara a preocupação de NWS em não ser mal interpretado por não abordar a questão da tortura. Ele se justifica afirmando que não possui dados sobre o assunto. Mas demonstra considerar a questão como sendo da maior importância ao dizer que isto mereceria "trabalho especial". Apesar de não tratar do tema em suas memórias, insiste em apresentar suas explicações a fim de não ser mal interpretado, de parecer que ignorou a gravidade de tal demanda.

Essa preocupação, como vimos, está de acordo com a nossa interpretação no tocante às motivações do memorialista para escrever sua história de vida como sendo um dever de memória, algo que salta aos olhos quando após se questionar sobre o que o fazia escrever um livro que não sabia nem mesmo quando publicaria, o narrador afirmar: "Porque era preciso. Porque era de meu dever".

Ainda sobre a citação que fizemos, uma outra parte nos chama a atenção. Trata-se de quando o narrador expressa o pensamento do autor: "Não gosto de apreciar senão aquilo que conheço, de cujos dados disponho. Não conheço suficientemente o problema da tortura. Não disponho de dados sobre ele."

Com essa fala, chegamos a uma outra perspectiva sobre essa declaração: a questão das virtudes epistêmicas relacionadas com a performance e com a crítica literária. A crítica literária representa o público leitor, que por sua vez, é elemento importante da performance autobiográfica (sempre que nos referirmos à performance autobiográfica estaremos levando em consideração a questão do público), sendo que tal comportamento performático se relaciona com as virtudes epistêmicas.

Afinal, NWS sabia que seria lido e assim o desejava (performance autobiográfica), e ciente disso, elabora uma obra memorialística orientada por virtudes que seriam reconhecidas como as de um historiador, memorialista, sim, mas historiador acima de

tudo, que deseja ser reconhecido pelo público (no caso tomamos a crítica como campo de observação) como tendo cumprido bem esse papel.

A afirmação do narrador: "Não disponho de dados sobre ele.", ao se referir à questão da tortura, é reveladora de um comportamento performático, que por sua vez, reveste-se do manto das virtudes epistêmicas como forma de garantir credibilidade ao narrado. Em reiteradas ocasiões, como demonstrado, a crítica literária reconhece o esforço do memorialista em compor uma narrativa baseada em documentação, em manter-se fiel aos fatos, em compor um panorama da história que viveu e vivenciou em suas mais variadas nuances: política, econômica, social, cultural. A partir do individual, sim, mas sem perder de vista o quadro geral.

A expectativa que havia entre a parcela da crítica que analisamos era de uma escrita memorialística que não excedesse na centralização do indivíduo, mas que desse conta do tempo em que o memorialista viveu, trazendo para o plano escrito a reconstrução do passado, até mesmo mais do que a individualidade de quem contava sobre esse passado. Valoriza-se a percepção, a visão, o testemunho sobre o passado, mas não tanto o individual pelo individual.

Nelson Werneck Sodré era um historiador, experimentado, portanto, na atividade de se debruçar sobre o passado. Ciente da necessidade do uso das fontes, de uma metodologia de análise, das regras que regiam a prática historiográfica. Quando decide escrever as suas memórias, ele tinha diante de si a expectativa de um público leitor e as suas próprias expectativas a respeito de como deveria construir a sua narrativa de vida. Trata-se de um comportamento performático, ou seja, quem conta a própria vida é sujeito e objeto a um só tempo. Para dar conta de tal performance, o autor faz uso das virtudes epistêmicas que o consagraram como historiador: a busca de uma verdade, a fidelidade aos fatos, a preocupação com as fontes e o seu tratamento.

Ao se aventurar em um gênero de escrita marcado pela subjetividade, NWS o faz municiado com as virtudes que o consagraram como historiador. Assim, o reconhecimento da crítica literária coaduna com o reconhecimento de seus pares como demonstrado no capítulo anterior do presente estudo.

Dedicamos especial atenção às maneiras como historiadores, críticos, amigos, colegas de imprensa e intelectuais de uma forma geral se dirigiram a NWS reconhecendo-o como historiador e como isso se demonstrou importante a ponto de o memorialista

realizar um duplo arquivamento desse reconhecimento, no seu arquivo pessoal e no uso das cartas e demais documentos em suas narrativas de si.

O nosso intuito ao fazermos esse esforço de análise foi justamente para entendermos como funcionavam os mecanismos de escrita de si desse autor. Ora, se ele valoriza o reconhecimento de seus pares, principalmente por não ter formação acadêmica e a sua produção intelectual se constituir como comprovação de que realizara trabalho de historiador, era porque tal reconhecimento de fato era importante para o memorialista; a ponto de arquivar as cartas e recortes de jornais em que seu trabalho como historiador é reconhecido e trazer essa documentação ao seio de sua trama narrativa.[184]

Como historiador, NWS se sentia mais confortável contando a história da sua vida com o máximo de recursos possíveis advindos da sua prática como historiador. Mas ao mesmo tempo, precisava garantir que seria lido com a mesma seriedade, por isso o cuidado em lastrear sua escrita em documentação, nas fontes.

Ele deixa claro que escreve sobre a dimensão pública da sua vida, inclusive a própria crítica literária aponta que o pessoal só aparece se for para dar conta do geral. Assim, mesmo ao aproximar-se de si mesmo no âmbito privado, NWS, como em um choque de polos idênticos de um imã, opera um afastamento do seu eu como ponto central em sua narrativa. Ele parte de si para falar do seu tempo, trajetória, vivências, mas o objetivo não é aprofundar-se em sua subjetividade. Quando o caminho da narrativa volta a se encontrar com esse eu, é tão somente para uma nova partida. O eu do autor funciona como as lentes da objetiva: a partir do seu enfoque, coordenadas as idas e vindas do jogo de escalas entre o individual e o geral.

O que se esperava de um texto memorialístico na época, ainda mais uma narrativa assinada por um historiador? Vimos que a expectativa e a valorização de uma escrita que desse conta do contexto histórico. Isso enquadra principalmente os anos 1960-1970, quando NWS publica os seus dois primeiros volumes de memórias. Sodré consegue articular muito bem os mecanismos de legitimação dos fatos narrados ao recrutar para a

[184] No tocante à rejeição e estigmas que marcaram Nelson Werneck Sodré, mais especificamente a questão do seu autodidatismo, Octavio Costa em seu depoimento sobre esse autor, ao comentar a passagem de NWS da ativa para a reserva, afirma o seguinte: "E ele, que já sofria de longa data algumas incompreensões, ou até mesmo rejeições, na vida universitária, pela carência de formação acadêmica e também pela ortodoxia de suas posições ideológicas, no entrechoque das diversas correntes da esquerda brasileira, passou a sentir, também mais nitidamente, a rejeição do preconceito antimilitar." (COSTA, 2006, p. 21).

trama do texto as virtudes epistêmicas, mas não deixa de construir um texto agradável de ser lido, com fluxo narrativo, oriundo, possivelmente, de sua experiência jornalística.

Já a expectativa dos anos 1990, quando os demais volumes serão publicados, se volta para narrativas, obras, que de alguma forma contribuíssem para o entendimento do que se passara nos anos da Ditadura. Isso fica visível quando o autor do texto veiculado em *O Fluminense* ao se referir *A fúria de Calibã* como testemunho do período de ditadura, servia como "reconstituição dos passos desse período da história brasileira, ajuda na compreensão dos dias atuais".[185]

É justamente esse trabalho reflexivo uma das marcas mais importantes das escritas de si. O trabalho com a memória autobiográfica pode atuar como "intervenção ao vivo" (performance), pela qual pode-se transcender a "escravidão do passado" a abrir-se a novos caminhos para o futuro (GOODSON, 2015, p. 268). Nelson Werneck Sodré escreve suas memórias a partir das demandas do presente e com vistas ao futuro.

Essa perspectiva voltada ao futuro se confirma, de certa maneira, quando o narrador de *A fúria de Calibã* encerra o livro da seguinte maneira:

> Estou certo de que o Brasil voltará a conhecer a liberdade, sempre relativa, naturalmente. Já passamos por fases semelhantes e delas conseguimos emergir, e dando um passo à frente, quando menos. As fases de atraso político não são mais que pausas, no infinito processo de avanço que, no conjunto, a História assinala. (SODRÉ, 1994, p. 314)

Anteriormente já chamamos a atenção para essa concepção do autor de uma história teleobjetivada, progressiva. Mas o que realmente nos interessa nesse momento é a confiança de NWS em um futuro em que haveria o retorno da democracia, da garantia das liberdades e direitos civis. É para esse futuro que ele escreve sobre o passado. Para que o que se passou sirva de lição, afinal "Já passamos por fases semelhantes e delas conseguimos emergir".

Na medida em que as histórias de vida são baseadas em fatos biográficos, estes são trespassados conforme quem escreve sobre si mesmo se apropria seletivamente de determinados aspectos de suas experiências para, de forma imaginativa, interpretar o

[185] Memórias duras do golpe de 64. *O Fluminense*, Niterói (RJ) Livros, 2º Caderno, 10 de maio de 1994, p. 4.

passado e o futuro, como ocorre com NWS, para construir histórias que possuam sentido para si mesmo e para o público.

Essa é uma característica fundamental das escritas de si: o desvelamento de um eu, seja de maneira mais ou menos subjetiva, mas que revela algo de si e do seu passado a fim de constituir uma narrativa reflexiva sobre si, portanto a nível de passado, e para um público, que se encontra em um futuro.

O autor memorialista insere-se em uma encruzilhada temporal em que opera um fluxo de um presente em que escreve sobre um passado com vistas a um futuro. A narrativa elaborada a partir desse fluxo temporal precisa fazer sentido para quem escreve e para quem vai ler, portanto, o exercício performático inerente às escritas de si. Pois conforme Goodson (2015, p. 271), as histórias de vida são construções psicossociais em coautoria da pessoa e do contexto cultural dentro do qual a vida desse indivíduo é incorporada e ganha significado.

A seletividade que ocorre no processo de rememoração e conversão do que se lembra em uma narrativa de sentidos é possível com o uso das máscaras, performance autobiográfica, que o eu se reveste para falar de si para os outros. NWS utilizou-se da máscara de sua persona como historiador para conferir credibilidade ao arregimentar as virtudes legitimadoras do seu discurso narrativo. Ciente de que no presente em publicava suas memórias nos anos 1960-70 havia um apreço por memórias que conferissem ao passado um lugar de destaque, que não fosse mero pano de fundo, mas sim o cenário vivo em que a vida do protagonista foi encenada.

Já os anos 1990, no contexto do processo de redemocratização, há uma demanda por vozes que funcionassem como testemunhos do que ocorrera entre 1964 e 1985. NWS entende ser o momento propício para publicar os volumes restantes de suas memórias em que o uso da máscara de sua persona como historiador se alia ao uso da máscara de cunho testemunhal. Aliás, é emblemático que o autor lançara em 1988, ano marcado pelo advento da Constituição Cidadã, a segunda edição de suas *Memórias de um escritor*. Mas é somente a partir de 1990, com intervalos de dois anos, que ele vai lançar os derradeiros tomos de suas escritas de si.

Essa questão sobre as máscaras assumidas por NWS conforme se faz necessário, toca na discussão estabelecida por (OHARA, 2017, p. 25) ao trabalhar o conceito de *scholarly self*, que se refere à dissonância entre dois pontos, o primeiro se refere “aos repertórios abstratos de características e valores considerados necessários para que

alguém seja considerado historiador" e o segundo às "performances individuais daqueles que se reconhecem enquanto historiadores".

Essa dissonância é justamente esta que estamos a refletir em relação ao memorialismo de Nelson Werneck Sodré, uma vez que ele procura desenvolver as habilidades inspiradas nas virtudes epistêmicas que o identificavam como historiador e também apresenta performances individuais na medida em que se lança à empreitada de narrar sua vida.

A performance autobiográfica carrega em seu bojo as relações entre narrador e o destinatário. Assim, o principal destinatário da autobiografia é o próprio sujeito da enunciação, ou seja, o autor, que seria algo como um "leitor ideal". Afinal, o autor é dotado de características como compreensão e aprovação totais do discurso narrativo. Portanto, a entidade narrador/leitor é responsável pelo fecho do circuito comunicativo (ROCHA, 1977, p. 139-140. É isso o que queremos dizer ao afirmarmos que o performer autobiográfico é sujeito e objeto de sua narrativa sobre si.

As escritas de si lidam com uma questão relacionada à problemática da identidade entre autor e o ator, sujeito, personagem da narração. Existe uma dialética entre autor e ator. Autor seria aquele que hoje escreve, mas é diferente do ator da narração, ou seja, o autor como foi no passado é diferente daquele futuro (presente) autor (ROCHA, 1977, p. 127). Sendo assim,

> Um e outro pertencem a um gênero diferente de enunciado: se o eu/sujeito constrói a sua identidade a partir do modo como define o discurso presente, o eu/objeto pertence ao enunciado histórico, que conjuga numa só a primeira e a terceira pessoas (o eu e o eu outro). E porque a narrativa do eu e experiência do eu, embora distintos, se fundem num só eu, mais complexa se torna a análise do estatuto da personagem. Não esquecendo que narrador e personagem, na autobiografia, são termos correlatos. (ROCHA, 1977, p. 128)

Por conseguinte, a presença de um destinatário, que não o próprio autor, de certa forma contribui para impor às escritas de si quatro condições ideais: discursividade, literariedade, credibilidade e empenhamento individual do autobiógrafo (ROCHA, 1977, p. 140-142).

A discursividade, que seria a presença de um destinatário estranho à diegese e desconhecedor da trama narrada que legitima a discursividade da obra. A segunda, diz respeito a literariedade, ou seja, o cuidado estilístico, técnico-formal do narrador e o

cuidado estético da obra justificam-se em razão da presença de um destinatário que não o próprio autor. A terceira condição seria o pacto de credibilidade, firmado entre o sujeito da narração e o seu destinatário, no qual o narrador se compromete em produzir uma imagem do real (uso de documentos, arquivos, menções a arquivos, reprodução ou citação de fontes) e o destinatário se compromete a acreditar no discurso narrativo. Por fim, o empenho individual do autobiógrafo, poderia ser entendido como os esforços do autor de uma escrita de si no sentido de alcançar um nível comunicacional ao aliar os elementos anteriores.

Se pensarmos o memorialismo de NWS à luz dos conceitos de discursividade, literariedade, credibilidade e empenhamento individual, percebemos que o autor se preocupa com a questão da discursividade ao desenvolver os quadros sociais, políticos, econômicos dos períodos em que situa a sua narrativa a fim de oferecer ao leitor a possibilidade de se colocar num meio em que possa lhe ser estranho no sentido de não ter estado presente.

Sobre a questão da literariedade, Sodré é avaliado pela crítica como um autor que escreve de maneira a compor uma narrativa agradável de ser lida, como bom ritmo. Alguns críticos chegam a exaltar essa competência do memorialista. No tocante à credibilidade, nós trouxemos evidências de como NWS se preocupava em inserir em suas memórias os documentos, arquivos, citações e transcrições de cartas, como lhe era caro comprovar, legitimar a sua narrativa. Por fim, o empenhamento do autor em conciliar os três elementos pode ser conferido a partir das avaliações da crítica literária e ainda, das análises apresentadas por nós.

3. “Permitam que eu, finalmente, preste o meu depoimento”

Quando ainda estávamos na fase de montagem do projeto de doutorado, entre meados de 2015 e início de 2016, após esboçarmos os objetos de estudo, localizarmos as fontes e termos rastreado os escritos de si de NWS, foi-nos possível identificar as obras que abordamos até aqui. Todavia, já com a pesquisa em andamento, nos deparamos com mais um livro de Sodré que poderia ser enquadrado em um tipo de escrita de si: *O fascismo cotidiano*, que desafia os limites dos gêneros diário, autobiográfico e memorialístico.

Por essa razão, decidimos que abordaríamos esse volume ao final do texto da Tese. Não por julgarmos menos importante ou menos digno de atenção. A verdade é que as suas especificidades exigiam um cuidado à parte. Assim, nas próximas linhas nos debruçaremos sobre essa obra escrita em 1976, portanto, anos depois de NWS ter concluído a escrita de suas memórias, entre o final de 1971 e o começo de 1972.

Inicialmente, iremos trazer para reflexão alguns referencias analíticos que sirvam no sentido de nos ajudar a compreender o tipo de escrita efetuada por Nelson Werneck Sodré em *O fascismo cotidiano*, tendo em vista as particularidades dessa obra quando comparada aos outros escritos de cunho autobiográfico do autor. Após essa breve explanação de ordem mais geral, nos debruçaremos sobre o livro em si.

O primeiro passo seria justamente enquadrar *O fascismo cotidiano* em algum dos variados tipos de escritas de si. Não que uma classificação resolveria as questões relacionadas à obra, mas serviria como ponto de partida para as análises. Precisamente nesse aspecto começa o desafio: esse livro é uma mescla de depoimento, testemunho, diário, não intimista, mas de ordem pública, política.

Se pensarmos de uma maneira mais geral, o diário diferencia-se da autobiografia, das memórias, pelo aspecto da orientação da retrospectiva (LEJEUNE, 2008).[186] Nos escritos autobiográficos, parte-se de um presente em direção a um passado mais distante e elabora-se a narrativa com essa perspectiva temporal. Já no caso dos diários, há uma menor projeção temporal e espacial entre o eu, o vivido e a narrativa das vivências, uma vez que na maior parte dos casos, as entradas são diárias, semanais, de certa maneira, mais presentistas.

Dessa forma, o diário se interessa pela atualidade, enquanto que a autobiografia, as memórias se ocupam de um passado mais distanciado. O tempo em sua dimensão no presente, os lugares, os acontecimentos, as pessoas preenchem os espaços da narrativa do diário, conferindo-lhe sentidos. A entrada de 17 de abril corrobora essa questão do

[186] Segundo Ana Amélia Coelho (2011, p. 44), "Um diário pode ser definido, sumariamente, com a seguinte formulação: anotação, registro do acontecimento em sua data, que se fundamenta em seu caráter de simultaneidade. A simplicidade de sua definição abarca ao mesmo tempo uma infinidade de variações: suporte (caderno, agenda, fichário, folhas soltas, editor de texto no computador, página na Internet); autoria (os diários individuais são mais comuns, mas há também coletivos); duração (são feitos durante todo o transcorrer de uma vida ou somente em ocasiões pontuais); função (servem como controle de contas, relato científico de experimentos, registro dos caminhos percorridos por uma embarcação, laboratório para uma obra artística); linguagem (podem se apresentar como uma listagem concisa dos fatos, tomar uma forma narrativa, reflexiva, adotar uma linguagem cifrada, com códigos e apelidos); recursos que acompanham o texto (colagem de desenhos, fotos, recortes de jornal anexados)."

império do tempo presente na escrita diarística de NWS. Ao contar sobre um projeto de alguns jornalistas que pretendiam realizar uma pesquisa sobre a situação da imprensa nacional nas últimas décadas, o narrador de NWS afirma: “Sou procurado por jovem jornalista [...]” (SODRÉ, 1990b, p. 13), não precisamos citar o trecho todo, uma vez que nos interessa o tempo verbal empregado pelo autor: “sou”, conjugado no presente, em referência a um “hoje”.

O próprio título da obra faz uma clara referência à presença do cotidiano na escrita. Além do mais, o dia a dia se manifesta em várias outras situações em que o narrador se utiliza do tempo verbal no presente para indicar que os eventos narrados são cotidianos e presentistas. É comum o uso de expressões como: “Hoje, por exemplo”, “Há poucos dias”, “Na data de hoje”, “Ontem”, “Ultimamente”. Ou então, em trechos como esse: “O cotidiano, mesmo visto através do que filtra o noticiário dos jornais, serve para marcar o quadro que vivemos” (SODRÉ, 1990b, p. 84). Além disso, a própria demarcação das datas de cada entrada e o uso de notícias daquele mesmo dia ou semana para explorar os temas abordados pelo autor, dão mostras de uma escrita feita no presente, em uma tentativa de entender esse presente, mas também, como espaço de denúncia, portanto, com vistas a um futuro.

Em suma, a autobiografia é uma retrospectiva, o diário, é uma escrita em aberto, o narrado ali está inconcluso, está à espera de um fecho. Não que a escrita memorialística também não seja aberta, inconclusa, mas no diário, o aspecto do devir se torna ainda mais evidente. Quem escreve um diário defronta-se com a repetição cotidiana, periódica, no registro de inconclusões, na busca de identidade, na confidência como terapia, na procura de sentidos.

O ato de escrever um diário mostra-se lacunar, disperso, descentrado. Ao sabor dos acontecimentos cotidianos, o diário procura registrar as impressões, situações, vivências como maneira de legar ao futuro as lembranças e preservar os momentos presentes. Assim, o diário traz à lume as duas forças que envolvem a escrita autobiográfica, de um lado, um sujeito, disperso e descentrado, e, de outro, a desintegração desse mesmo eu em uma narrativa que não pode, apesar de almejá-lo, fundi-lo em um amálgama.

Embora tenha a seu dispor várias possibilidades de abordagens, metodologias de escrita, suportes materiais, periodicidades, o diário é refém de uma regra: a inflexibilidade do tempo, como explica Maurice Blanchot:

> o diário íntimo, que parece tão livre de forma, tão dócil aos movimentos da vida e tão capaz de todas as liberdades, já que pensamentos, sonhos, ficções, comentários de si mesmo, acontecimentos importantes, insignificantes, tudo lhe convém, na ordem e na desordem que se quiser, é submetido a uma cláusula aparentemente leve, mas perigosa: deve respeitar o calendário. Esse é o pacto que ele assina. O calendário é seu demônio, o inspirador, o compositor, o provocador e o vigilante (BLANCHOT, 2005, p. 270)

Podemos partir dessa que seria uma das pedras angulares da caracterização daquilo que seria um atributo fundamental do diário, ou seja, a inflexibilidade da periodicidade da sua escrita, lacunar, caótica, mas ainda assim, periódica, para enquadrarmos *O fascismo cotidiano* como uma espécie de diário, não intimista, mas ainda assim, um diário, uma vez que cada entrada é assinalada por uma data.

Ao contrário de boa parte dos diários em que as entradas são demarcadas pela data de escrita logo no início, no caso deste de NWS o marco temporal é inserido ao final de cada texto. O primeiro registro é de 17 de abril de 1976 e o último de 11 de junho do mesmo ano. Temos, portanto, um intervalo curto de escrita, não chega a ser de dois meses completos. Todavia, o livro soma um total de exatas 150 páginas, excetuando elementos paratextuais.

A periodicidade é variada, com algumas entradas em dias seguidos, sendo o período com maior sequência aquele que fica entre os dias 01 e 09 de maio. Os maiores períodos sem nenhuma entrada seriam entre 19 e 26 de abril, acompanhado da sequência de entradas seguidas mencionada acima e depois um hiato entre 14 e 21 de maio. Essa escrita lacunar, inclusive está de acordo com o alerta que o próprio autor faz no texto que escreve à guisa de apresentação:

> Não há sequência, não há intervalos fixos, não há periodicidade obrigatória, não há tema predominante nem único. Não há mesmo um fio que ligue as diversas partes e as coordene. Posso fazer mais de um registro por dia e passar dias sem fazer nenhum. Não estou preso a obrigações, a prazos, a servidões. Vou escrevendo devagar, ao estímulo do fato recente, do episódio colocado em evidência. (SODRÉ, 1990b, p. 5-6).

De fato, NWS em alguns casos insere 5 entradas em uma mesma data, como ocorre nos dias 06 e 22 de maio, mas a maior parte das datas conta com uma média de uma ou duas entradas. Inclusive, há ocasiões de uma única entrada com 5 ou 6 páginas

escritas e casos em que são feitas várias entradas de meia página ou menos cada. Vale destacar que a entrada do dia 26 de abril precede a do dia 25, o mesmo ocorre com a do dia 02 de maio em relação ao dia 01 do mesmo mês. Ou seja, realmente não há preocupação da parte do autor em manter um equilíbrio na composição dos textos e nem mesmo com a periodicidade ou ordem cronológica das entradas.

Essa questão das entradas que não seguiram a cronologia rígida, nos faz pensar, de maneira hipotética, evidentemente, se a versão publicada desse diário não pretendeu seguir o ritmo do manuscrito que lhe deu origem. Ou seja, é possível que em sua escrita cotidiana NWS tenha feito uma série de entradas no diário com a data de 26 de abril e depois tenha desejado comentar sobre acontecimentos do dia 25 do mesmo mês.

Essa questão poderia ser facilmente resolvida no momento da edição do livro. Mas pelo visto, Sodré desejou manter o ritmo que a escrita havia adquirido ao longo do período que a ela se dedicara. Cabe ressaltar que não tivemos acesso a esse material original, por isso ficamos tão somente com a versão publicada, no terreno conjectural e com as palavras do próprio autor: "Não há sequência, não há intervalos fixos, não há periodicidade obrigatória" (SODRÉ, 1990b, p. 5-6).

De maneira genérica, poder-se-ia indagar: o que levaria alguém a desejar e de fato escrever um diário? Ora, sem entrar na questão da consciência do sujeito moderno, algo que já discutimos anteriormente, poderíamos pensar que quem escreve um diário, no mínimo, julga ter algo para contar.

Calligaris (1998) afirma ser ingenuidade pensar que um diário seja escrito sem intenções de publicação ou que se pense na possibilidade de um dia vir a público. Uma vez que "compor uma imagem para os outros está se tomando, provavelmente, a poética ordinária do sujeito moderno: de repente, ela orienta os seus atos autobiográficos, sejam eles privados ou públicos, sejam eles, se públicos, favoráveis ou não aos percalços de sua vida." (CALLIGARIS,1998, p. 54).

A questão de que quem escreve um diário tem consciência ou até desejo de ser lido, nos leva à noção de "pacto autobiográfico", proposta por Lejeune (2008), abordada por nós anteriormente, mas que pode ser trazida de volta aqui. Para Lejeune (2008), o pacto autobiográfico seria um elemento textual que viabilizasse ao leitor fazer a distinção entre uma narrativa ficcional e um relato de vida. O autor de um texto autorreferencial poderia valer-se de várias estratégias para efetuar tal pacto, desde o uso de expressões no título da obra, na apresentação ou mesmo no corpo do texto.

Assim, o pacto autobiográfico está relacionado com um público leitor. Ora, não haveria sentido em se fazer um pacto de dizer a verdade dos fatos somente consigo próprio e para si mesmo. O pacto, para acontecer, preconiza a existência de uma relação entre a tríade autor-narrador-personagem com um leitor. Sobre esse aspecto do pacto, NWS de certa maneira o faz ao dizer: "Há assuntos realmente constrangedores. Só a necessidade de ser verdadeiro e sincero me obriga a tratar, aqui, de assunto desse tipo." (SODRÉ, 1990, p. 76).

O assunto em questão era o falecimento de Érico Veríssimo e as avaliações que NWS fizera da obra do autor, que não merecera, da parte do diarista, nenhum apreço. Sodré faz questão de deixar claro que o seu juízo sobre Érico Veríssimo, enquanto pessoa, sempre diferiu de sua avaliação sobre a sua obra. Apesar de considerar o falecido escritor uma pessoa "estimável, digna, simpática", merecedora de estima, a sua obra seria fraca, de pouca densidade cultural, cheia de convencionalismos (SODRÉ, 1990b, p. 76-77).

Assim, ao dizer "Só a necessidade de ser verdadeiro e sincero me obriga a tratar, aqui, de assunto desse tipo.", o narrador faz um pacto com o leitor, no sentido de, se até mesmo fatos que traziam desconforto ao autor são tratados na narrativa, os demais acontecimentos receberão a mesma abordagem de compromisso com a verdade. É evidente que se trata de uma verdade muito mais no sentido de sinceridade, como bem define Calligaris:

> É uma verdade que concerne ao sujeito autobiógrafo em um passo sempre crucial: o passo que consiste em se dar (de uma só vez ou no dia-a-dia) significação e consistência. Essa verdade crucial evidentemente não pode ser julgada no tribunal da verdade factual. Omissões, acréscimos, remanejamentos são peças do *puzzle* do sujeito em um momento do seu *fieri*. Nesse sentido (um pouco diferente de suas intenções), vale a ideia de Lacan de que a verdade está em uma linha de ficção. Sob a condição de entender que ficcionalizar a própria vida é o jeito ocidental moderno de orientá-la e reorientá-la. (CALLIGARIS, 1998, p. 53).

A verdade nas escritas de si, inclusive nos diários, se relaciona com essa vontade de orientar o vivido, está relacionada a todo um processo de mudanças e adaptações. Sendo assim, quem escreve sente-se estar vivenciando uma época histórica e vê despertar em si mesmo um desejo de entender o mundo ao seu redor e também a si próprio numa relação dialética com o seu meio histórico, social e cultural. Assim como a escrita de memórias pode ser motivada pelo enfretamento de situações limites no passado ou no

presente, quem escreve um diário também pode se encontrar em uma posição de tensionamento das forças políticas, sociais, em processos de ruptura, dor, sofrimento, angústias. Escrever sobre o presente se torna uma rota de escape, entendimento, (re)ação sobre as vivências, conferindo-lhes sentido.

Por esse ângulo, NWS ao escrever as suas memórias partia de um presente em direção a um passado, ou passados, a fim de reconstituir o vivido sob as demandas do presente e com vistas a um futuro. Ao escrever *O fascismo cotidiano*, o autor não se volta a um passado de décadas, mas ao que se passou em um determinado dia, semana, também sob as contingências e demandas de um presente e também com vistas a um futuro.

Na apresentação de *O fascismo cotidiano*, Sodré se defendeu de possíveis críticas que viesse a sofrer em razão de seu ato de falar de si e indicou que a escrita do livro não teria um viés narcisista uma vez que a narrativa não era motivada pelo "desejo de posar". Seria válido citarmos aqui o trecho completo em que o autor se manifesta:

> Se os amigos adiante encontrarem interesse neste registro, muito bem. Se não encontrarem, não tem importância. Quero apenas – e não é pouco, do ponto de vista humano – confidenciar-me. Há coisas que um escritor não coloca em seus livros – aos ensaístas me refiro, não aos ficcionistas ou aos poetas – salvo os de memórias. São essas coisas – pequenas, triviais, cotidianas, particulares – que aqui estão. Se não servirem para compreender a minha época, que sirvam ao menos para me compreender. Quero, em suma, explicar-me. Não por desejo de posar. Mas porque suponho que em minha experiência individual existe muita coisa peculiar ao meu tempo e ao meu país. Permitam que eu, finalmente, preste o meu depoimento. (SODRÉ, 1990b, p. 6).

Algo que chama muito a atenção é o fato de o autor expressar-se dizendo "Permitam que eu, finalmente, preste o meu depoimento". A questão é: por que "finalmente"? Ora, em 1976 Nelson Werneck Sodré já havia encerrado a escrita de quatro obras memorialísticas nas quais contava justamente sua vida e relações mantidas com o seu tempo histórico. Conforme o próprio autor, "As memórias foram completadas há cinco anos, embora inéditas, em sua maior parte. Não voltarei a escrever memórias. O essencial foi dito, dentro de minhas limitações." (SODRÉ, 1990, p. 5).

A ideia contida em "Permitam que eu, finalmente, preste o meu depoimento" pode ser reveladora em vários sentidos. Primeiro, confirma o posicionamento do memorialista ao longo de suas narrativas de vida em que insistiu em afirmar não ser o seu relato sobre si mesmo, mas, sobretudo, do seu tempo a partir de sua visão, fosse como partícipe dos fatos narrados ou observador dos mesmos.

Apesar de se tratar de um diário, essa obra autobiográfica de Sodré se encarrega de encontrar sentidos para "compreender a minha época", vai dizer o autor. E mais, não somente a época, mas também "que sirvam ao menos para me compreender". O narrador complementa dizendo que, na concepção do autor, o sentido de se escrever a obra seria que haveria uma interrelação estreita entre a "experiência individual" do personagem e o seu tempo.

A questão de escrever de forma a contemplar a verdade dos fatos e o pacto realizado com o leitor, nos faz pensar na dimensão performática das escritas de si, incluindo aí os diários. A performance autobiográfica compreende a existência de um público. Anseia, até, por esse público, inclusive quando o autor menciona os possíveis leitores que poderiam, eventualmente, procurar significados em sua escrita de si para entender a época ou o próprio NWS.

Esse talvez seja um dos aspectos mais tocantes, mais íntimos, de maior vulnerabilidade de Nelson Werneck Sodré perante o leitor. Quando o autor diz a respeito dos fatos narrados: "que sirvam ao menos para me compreender. Quero, em suma, explicar-me." E finaliza, "Permitam que eu, finalmente, preste o meu depoimento" (SODRÉ, 1998b, p. 6).

Nos vemos diante de um autor que almeja ser compreendido, que apela para a empatia do leitor no sentido de estabelecer um vínculo que possibilitasse um fluxo de trocas no âmbito da narrativa que fosse capaz de dar conta desse entendimento. Há sim o NWS preocupado com a verdade dos fatos, para isso, ele utiliza as reportagens, artigos veiculados nos periódicos da época, mas interpreta-os a partir de sua visão de mundo, com base nas suas experiências de vida.

Esse é o compartilhar que deseja o diarista: trazer ao leitor os pequenos fatos, corriqueiros, cotidianos, mas reveladores da época em que vivia o protagonista. *O fascismo cotidiano* é uma voz que clama em meio à censura imposta pela Ditadura Civil-Militar. Cumpre com um dever de memória, de denúncia, é símbolo de resistência, resiliência. É obra que revela também um NWS cansado, esgotado, sem forças para levar adiante seus projetos intelectuais. Inclusive, o autor chega a dizer: "estou vivendo os meus últimos anos e quero ainda ser útil" (SODRÉ, 1990b, p. 5).

Todavia, ele parece recuperar as forças, prestar o seu depoimento. Reside nesse aspecto uma das principais funções do diário: possibilitar uma rota de escape, uma atividade de cura, de entendimento de si próprio e do tempo que está sendo vivido: "Mas,

agora, nesta altura da vida, ocorreu-me o desejo de registrar observações originadas do cotidiano, na confiança de que, com a seriação delas, fique, ainda que pálido, um retrato da época conturbada que estamos vivendo, no mundo e no Brasil." (SODRÉ, 1990b, p. 5).

Nelson Werneck Sodré havia já concluído a escrita de seus livros de memórias, em que as virtudes do campo da história orientaram a narrativa de forma a atender as demandas de sua época em relação a questões como verdade, fidelidade aos fatos, uso de documentação. Ou seja, estamos nos referindo a um autor que se via envolvido pelo seu *metier*, cioso de manter-se enquadrado pelas virtudes epistêmicas do seu campo e que constrói uma narrativa na qual o método histórico recebe maior espaço do que a faceta ficcionalista inerente às escritas de si.

Essa preocupação com os fatos, em ser fiel a uma verdade, transparece em *O fascismo cotidiano* pela escolha metodológica de NWS de elaborar a sua narrativa a partir dos jornais publicados cotidianamente, mas ao mesmo tempo, em que traz a sua visão sobre tais fatos.

O *Jornal do Brasil* publica em dezembro de 1990, uma pequena nota sobre o lançamento de *O fascismo cotidiano* de Nelson Werneck Sodré, citado como historiador e escritor.[187] A obra é vista como uma análise "das relações sociais no período final do governo ditatorial de do general Ernesto Geisel". O autor da nota aponta que o livro de NWS, a partir de anotações cotidianas, desvela as contradições de um regime que se propunha a uma abertura democrática, mas que a todo momento enfrentava o paradoxo da permanência de episódios de perseguições e censura.

Leandro Konder volta a se ocupar de uma obra de NWS e escreve, sob o título de "Um historiador polêmico", a sua análise de *O fascismo cotidiano*.[188] O livro é caracterizado como uma reunião de "algumas despretensiosas anotações feitas a partir de leituras de jornais e revistas ao longo de 1976". Konder chama a atenção para o fato de nos idos de 1976, Sodré ter demonstrado certa melancolia, um evidente desânimo para continuar com as pesquisas, a escrita de livros. Algo que foi temporário, uma vez que o autor lançaria, naquele mesmo ano de 1990, *Capitalismo e revolução burguesa no brasil*,

[187] *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Ideias/Livros, 08 de dezembro de 1990.
[188] KONDER, Leandro. Um historiador polêmico. Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, Tribuna Bis, 03 de dezembro de 1990, p. 2.

o que, no entender de Konder, evidenciaria que NWS não desertara da arena de lutas e nem de defender os seus pontos de vista

Essas duas notas críticas apontam para a principal característica dessa obra de NWS: uma escrita com as impressões do autor sobre o dia a dia brasileiro a partir da leitura e reflexão de notícias veiculadas pela mídia jornalística nacional em um curto período balizado entre os meses de abril e junho de 1976, quando o Regime Militar, cujo presidente era Geisel, encontrava-se em crise.

A matéria prima dessa obra foi as reportagens, artigos e textos que circularam em grandes e pequenos periódicos nacionais. Apesar da censura ainda vigorar, algumas notícias conseguiam escapar esporadicamente e denunciar os malfeitos do regime. Mas o grande mérito do livro reside em conseguir extrair análises sobre a Ditadura Civil-Militar em textos veiculados pela mídia ainda que tais artigos não tivessem sido barrados pela censura. Tais análises foram possibilitadas em função da arguta observação de Sodré, sua capacidade de ler nas entrelinhas, decifrar o não dito.

Nesse livro, lançado somente em 1990, Sodré escreveu, em um misto de ensaísmo e depoimento, comentários que procuraram denunciar aquilo que o próprio título aludiu: o "fascismo cotidiano", ou seja, sobre as mazelas da Ditadura Civil-Militar em vigor na época.[189] A inspiração para o título da obra pode ser encontrada na primeira das duas últimas entradas do diário. Em 11 de junho, NWS começa assim: "O clima em que vivemos, no brasil submetido ao fascismo, pode ser aferido por acontecimentos cotidianos, que vão do sequestro, tortura e assassínio de pessoas a simples demonstrações de arbítrio". Em seguida, o autor relata três casos que lhe chamaram a atenção.

No primeiro, um músico que fora preso em Natal, Rio Grande do Norte, após ter cantado versos em que criticava o descompasso do salário mínimo perante as altas de preços. No segundo, o autor comenta a censura praticada contra uma peça teatral, "Entreato", de Gilberto Gil, que sofrera cortes em razão de uma cena em que os personagens discutem sobre a questão das liberdades e da democracia. Por último, uma nota de jornal em que se critica os valores relacionados a bens como automóveis que no Brasil custariam muito mais caro do que nos Estados Unidos, apesar de lá o trabalhador ter um poder de compra muito superior ao daqui.

---

[189] O livro foi publicado pela editora Oficina de Livros como parte da *Coleção Nossa Terra*, cujos títulos versaram sobre a esquerda brasileira, sua produção intelectual, sobre o PCB e as apropriações de conceitos marxistas por essa parcela de estudiosos dos problemas sociais, econômicos e políticos nacionais.

Ao finalizar os relatos das três notícias ou textos jornalísticos, o autor comenta: "é o cotidiano, é o que acontece, centenas e centenas de vezes em cada canto do Brasil. É o regime, o 'sistema' – o fascismo." (SODRÉ, 1990, p. 156). Essa entrada, apesar de estar ao final do diário, nos mostra claramente o método adotado por NWS de selecionar casos do seu dia a dia, localizados no tempo e no espaço, a fim de ilustrar e denunciar uma realidade mais ampla, a nível nacional. Essa lida com uma dialética do espaço é próxima do trabalho que o autor faz em suas memórias, ou seja, partir do individual para chegar no universal, em um constante jogo de escalas.

O texto em si do diário é escrito de forma leve, no sentido de não haver preocupações relacionadas a organização temática, o autor se sente, como ele próprio faz questão de frisar na apresentação, livre para abordar os assuntos que lhe apetecerem, da maneira que lhe aprouver. Todavia, chama atenção o tom de desabafo e pessimismo do autor já na apresentação do texto: "ao aproximar-se do meu 65º aniversário, sinto que completei já minha tarefa de escritor. Não há assunto que me desperte entusiasmo para, em torno dele, escrever algo de específico." (SODRÉ, 1990, p. 5).

Esse desânimo é notado por Konder em seu texto de apreciação ao livro, como vimos acima. Aliás, as décadas seguintes se encarregariam de demonstrar que essa fase de melancolia, provavelmente em virtude das perseguições que sofrera durante o Regime Militar, foi transitória, pelo menos no sentido de o autor sentir ter encerrado a sua carreira de escritor. Isso porque entre 1976 e 1998, chegaria ao público cerca de 27 obras assinadas por Nelson Werneck Sodré.[190]

[190] Entre as obras publicadas por NWS no período que mencionamos, algumas são inéditas, outras são fruto de reedições, ou até mesmo a publicação de textos escritos em colaboração com jornais e reunidos na forma de livro. Dentre estas obras, podemos citar: *Introdução à Geografia*, de 1976; em 1978 Sodré lançou três livros: *A verdade sobre o ISEB*, *Oscar Niemeyer* e *A Coluna Prestes*. Em 1984, *Vida e morte da ditadura*; em 1985, mais três títulos: *Contribuição à história do PCB*, *O tenentismo,* e *História e materialismo histórico no Brasil*. Após a redemocratização, vêm a público *História da História Nova* e *A intentona comunista de 1935*. Passados dois anos, em 1987, são publicados *O governo militar secreto* e *Literatura e história no Brasil contemporâneo*. No ano de 1988, como já tivemos a oportunidade de comentar, as *Memórias de um escritor* são republicadas com o título de *Em defesa da cultura*. Já os títulos: *A República: uma revisão histórica*, *A marcha para o nazismo* e *O populismo, a confusão conceitual*, são publicados em 1989. Em 1990, um conjunto de textos elaborados no final da década de 1970 são reunidos e publicados sob o título de *Capitalismo e revolução burguesa no Brasil*, além de *O fascismo cotidiano* e *A luta pela cultura*. Em 1992 e 1994, os dois últimos volumes do memorialismo werneckano são publicados: *A Ofensiva Reacionária* e *A Fúria de Calibã,* respectivamente. Em 1995, vem a público *A farsa do neoliberalismo* e a reedição de seis obras: *Capitalismo e revolução burguesa no Brasil*, *Panorama do Segundo Império*, *Literatura e história no Brasil contemporâneo*, *Formação histórica do Brasil*, *História da literatura brasileira* e *As razões da independência*. Em 1998, Ivan Alves Filho organizou no formato de livro uma série de artigos publicados por NWS ao longo da sua carreira, alguns, inclusive, censurados pelo Regime Militar, trata-se de *Tudo é Política, 50 anos do pensamento de Nelson Werneck Sodré*, que fez, segundo Alves Filho (2006, p. 419), algo inédito: participou da cerimônia de

Cabe ressaltar que após afirmar na apresentação de *O fascismo cotidiano*: "sinto que completei já minha tarefa de escritor. Não há assunto que me desperte entusiasmo para, em torno dele, escrever algo de específico.", dando mostras de uma crise existencial, pelo menos a nível de produção intelectual, o próprio autor se contradiz com o que escreve em 06 de maio no diário: "Estou reunindo materiais para fazer uma análise do descalabro da cultura nacional, em consequência do regime. Quero, agora, alinhar apenas alguns fatores, que constituem indícios veementes do tipo de vida que estamos vivendo" (SODRÉ, 1990b, p. 63).

É interessante que o mesmo autor que se mostra melancólico, desestimulado a continuar com o trabalho intelectual na apresentação da obra, mais adiante venha admitir estar reunindo materiais para publicação de livro sobre os atrasos culturais que o Regime Militar estava impondo ao Brasil. Gostaria de destacar ainda, a maneira como o narrador frisa a escrita realizada no presente ao afirmar: o "tipo de vida que estamos vivendo". Não somente presente, mas inconclusão, "vivendo", no gerúndio. Afinal, como mencionado, o diário é composto por uma escrita em aberto, um devir, à espera de fecho.

Sobre essa fase da vida do memorialista, de dúvidas, inflexões, apatia, é possível citar Maurice Blanchot, que afirma o seguinte:

> A ilusão de escrever, e por vezes de viver, que [o diário] dá, o pequeno recurso contra a solidão que ele garante, a ambição de eternizar os belos momentos e mesmo de fazer da vida toda um bloco sólido que se pode abraçar com firmeza, enfim, a esperança de, unindo a insignificância da vida com a inexistência da obra, elevar a vida nula à bela surpresa da arte, e a arte informe à verdade única da vida, o entrelaçamento de todos esses motivos faz do diário uma empresa de salvação: escreve-se para salvar a escrita, para salvar seu pequeno eu (as desforras que se tiram contra os outros, as maldades que se destilam) ou para salvar seu grande eu, dando-lhe um pouco de ar, e então se escreve para não se perder na pobreza dos dias ou, como Virginia Woolf, como Delacroix, para não se perder naquela prova que é a arte, que é a exigência sem limite da arte. (BLANCHOT, 2013, p. 274.)

Mais uma vez, cabe dizer que um total de quatro livros memorialísticos de autoria de Sodré encontravam-se prontos quando ele escreveu *O fascismo cotidiano*. Assim, entendendo que nada mais havia para narrar naquele estilo, mas ainda necessitado de

lançamento de uma obra de sua autoria, apesar de ter publicado dezenas de livros ao longo de sua trajetória de vida.

colocar por escrito suas vivências, o autor lançou mão de um outro recurso narrativo: o diário. Obra escrita com o intuito de compartilhar suas angústias, suas análises do presente em que vivia. Em suma, para legar um depoimento que funcionasse como denúncia das práticas do Regime Militar aos leitores no futuro. Afinal, como alerta Lejeune (2008, p. 263) uma utilidade do diário é que ele está voltado para o futuro: "Fazer o balanço de hoje significa se preparar para agir amanhã".

De maneira esquemática, a obra foi composta por um conjunto de quarenta de seis textos distribuídos ao longo de 150 páginas. Não há subdivisão de capítulos ou sessões, sendo que os textos são separados pelas marcações das datas de entrada, inclusive não há sumário. Assim, é possível ler a obra a partir de qualquer página sem que isso cause prejuízos à leitura ou ao entendimento do livro, uma vez que cada texto se compõe como um universo à parte dentro do conjunto de escritos.

Não somente agudez nas observações e capacidade de apreensão do cotidiano, esse livro é, principalmente, um registro da desolação, da revolta, da indignação do autor que leu na imprensa as notícias sobre assuntos variados: economia, meio ambiente, crime organizado, violência urbana, violência policial, violência no trânsito, práticas de tortura pela Ditadura Civil-Militar, política nacional e internacional, educação, cultura, censura, imprensa, entre outros. Dessas notícias, o autor extrai análises históricas e das relações sociais, expõe de maneira lúcida, didática, as táticas de manutenção do poder pelos militares, as manipulações da mídia nacional e internacional em prol dos interesses do capital, principalmente do internacional, em relação ao Brasil.

A título de exemplificação, cita-se alguns dos temas e comentários do autor nessa obra. A data de 17 de abril de 1976 possuiu um registro analítico das notícias sobre o II Congresso Brasileiro de Psicopatologia Infanto-Juvenil. Nessa ocasião, o autor comentou sobre a Liga Brasileira de Higiene Moral, atuante no Brasil entre os anos 1920-1940. Tal organização adotava, entre as suas propostas, uma ideologia nitidamente eugênica, identificada com a Alemanha nazista. Essa menção foi gatilho para o autor afirmar que o Golpe de 1964 fez reviver as teses fascistas como "segurança nacional", "anticomunismo", "modelo brasileiro de desenvolvimento", o "inimigo interno". Com essas teses levantadas, Sodré realizou comparações entre os regimes totalitários da Europa Ocidental dos anos 1920-1940 com o Brasil do presente ditatorial do período em que escrevia.

Em outro momento, o autor comentou sobre a proliferação de anúncios em jornais sobre os serviços de videntes, cartomantes, leitoras de búzios etc. Algo que poderia passar despercebido, mas que aos olhos de Sodré evidenciavam o sentimento de frustração e desamparo da sociedade frente ao desastre do "milagre brasileiro". Ainda no âmbito da economia, o autor ironizou os discursos dos interessados em entregar as estatais ao capital internacional, quando estes afirmaram que o Brasil não tinha capacidade de gerenciá-las. Sodré relembrou que a mesma linha de raciocínio foi utilizada à época da campanha nacionalista o "Petróleo é nosso".

É comum, portanto, o autor partir de situações do seu presente e fazer longas digressões sobre fatos que ocorrera tempos atrás. É justamente situações como essas que dificultam situar o livro no modelo tradicional de diário. Uma vez que em muitas ocasiões a narrativa dos fatos cotidianos de 1976 é atravessada pela de fatos pretéritos, ocorridos nas décadas de 1940-60. Todavia, há que se reconhecer que os retornos à eventos ocorridos há muito seria uma estratégia de NWS de procurar entender o seu presente a partir de análises do passado.

Aconteceu, por vezes, de escapar na imprensa nacional notícias dos crimes da ditadura: prisões arbitrárias, torturas, sequestros, assassinatos, censura, proibição de manifestações públicas contrárias ao governo, cassação de mandatos, suspensão de direitos políticos. Em contraste a isso, existiam as matérias que relatavam a absolvição de agentes públicos, como policiais, membros das forças armadas, além dos grupos de extermínio e paramilitares. O autor denuncia esse contraste, lembrando que o regime teria de prestar contas à sociedade em algum momento e que a vilania, a infâmia, as ações fascistas seriam lembradas pela história.

Ora, se havia agentes públicos, policiais e demais servidores das forças armadas sendo absolvidos de possíveis crimes, seria porque, no entender arguto de NWS, de certa maneira o Regime Militar estaria cometendo crimes contra a população. Sobre a questão da violência policial "comum" atrelada à que a Ditadura praticava contra os seus opositores, Sodré vai dizer o seguinte: "As operações dos chamados 'esquadrões da morte', responsáveis por centenas de assassínios frios, à margem da lei, são, no terreno do crime comum e do crime dito político" cumprimento das prescrições de ordem nazifascista discutidas pelo autor ao tratar da Liga Brasileira de Higiene Moral, cujas ações o autor traz para debate na primeira entrada do diário. O autor completa: "Em muitos casos, não aparecem os cadáveres. Assim, no Brasil, de 1964 a esta parte, foram

sacrificados, à margem da lei, criminosos comuns, mas também criaturas cujo ‘crime’ era a posição política que defendiam.” (SODRÉ, 1990b, p. 9, grifos do autor).

O Golpe de 1964 é, portanto, um tema recorrente nas entradas do diário. O autor parte de pequenas notas de jornais sobre a atuação dos EUA na interferência de assuntos internos de países da América Latina, principalmente o Brasil e faz várias análises conjunturais que situava o país no contexto latino-americano do pós-Segunda Guerra Mundial.

Dessa forma, NWS denuncia as ações da Agência Central de Inteligência (Central Intelligence Agency – CIA) e do Departamento de Estado estadunidenses, que arquitetaram e financiaram o golpe. As relações entre as Forças Armadas brasileiras e as norte-americanas, que tiveram início durante os conflitos das Segunda Guerra, quando militares brasileiros ingressaram em escolas militares nos Estados Unidos. Com a Guerra Fria, os treinamentos estritamente profissionais e técnicos passaram a ser investidos de carga ideológica e doutrinárias. Sendo assim, o papel das forças armadas na América Latina passou a ser o de auxiliares das tropas americanas em conflitos de ampla magnitude. Com a Revolução Cubana de 1959, as primeiras foram encarregadas pelas segundas de mais um papel: o de combater a chamada “ameaça comunista”.

Apesar de propor-se a tratar somente de assuntos rotineiros, que surgiam no cotidiano da imprensa, Sodré não se esquivava de comentar, a partir de suas experiências pretéritas, sobre assuntos que envolviam as Forças Armadas, a política nacional e internacional, a economia e a sociedade. Ainda que de maneira tangencial, tocava em pontos nevrálgicos: os oportunistas no poder; os que aderiram facilmente a quem quer que seja que ocupe as posições de comando; os covardes, que ao menor sinal de ameaça recuam ante o capital internacional; o reacionário, que a todo custo procurara destruir qualquer ameaça aos seus privilégios.

A maior parte da narrativa do diário se ocupa de acontecimentos públicos, de ordem impessoal, apesar de contar sempre com as opiniões, juízos de valor do autor. Todavia, em algumas ocasiões, NWS se permite compartilhar momentos de ordem mais íntima. É curioso que nas raras ocasiões em que o autor se permite a incursões de ordem mais subjetiva, isso ocorre sem que artigos de jornais sejam citados. A seguir, trataremos de alguns exemplos que são emblemáticos.

Era 4 de junho de 1976 quando Ivan Alves, com quem NWS estabelecera relações de amizade quando visitara a sua filha, Olga Sodré, em Paris nos anos 1970, em conversa

com o autor, intima-o a reatar a amizade estremecida com Di Cavalcanti. Segundo o narrador, apesar da amizade de longa data, desde os tempos em que o pintor participou de conferências no ISEB, as coisas entre ambos não estavam mais como antes desde que NWS ficara sabendo que Di Cavalcanti estivera a comentar que ele fora um dos responsáveis pelo agravamento da crise política e consequentemente do advento do Golpe de 64.

Apesar de sentir ofendido com tais acusações, NWS se dirige à residência de Di Cavalcanti. A narrativa flui com a inserção dos verbos no tempo presente. O leitor fica a par da situação precária do pintor tanto na vida financeira quanto na saúde, muito debilitada. A conversa entre ambos se volta para eventos do passado, amigos e vivências em comum. O narrador afirma que o autor não toca na questão das calúnias proferidas por Di Cavalcanti: "Pra que serviria lembrar o que nos separou, se agora estamos novamente no mesmo lado, unidos ao menos pelas reminiscências?". Em seguida, sobre o falecimento de Di Cavalcanti, o narrador conta: "Foi justo e sereno: pouco adiante, com Oscar Niemeyer, fui leva-lo ao túmulo." (SODRÉ, 1990b, p. 150).

No dia seguinte à visita a Di Cavalcanti, há uma entrada que conta a visita que NWS recebera de Roland Corbisier e sua esposa, Raquel. O propósito do encontro fora entregar o prefácio que NWS escrevera para o livro de memórias de Corbisier. O narrador externa os sentimentos do autor em relação ao visitante: "O que me atrai nele – além daquilo que está ligado à cultura, naturalmente – é a sua integridade". Em seguida, Sodré conta ao leitor como conheceu Corbisier, as lutas travadas juntos em nome da cultura, da democracia.

Sobre o texto do prefácio, NWS conta o seguinte: "Li-o, nessa tarde calma de domingo e no sossego da velha rua Dona Mariana, ainda cheia de árvores e de sombras e silêncio. Vi que o casal gostou do que escrevi. Raquel levantou-se e enxugou as lágrimas. Sua emoção me comoveu." (SODRÉ, 1990b, p. 151).

Uma última passagem que seria interessante comentarmos é a que o narrador conta sobre um livro que ajudara a uma prima sua publicar. O autor costumava passar as férias na cidade de Cambuquira, Minas Gerais, local de residência da mãe e de familiares. Uma de suas primas, Martha Antiero, professora, aventurou-se pelo mundo da literatura e pediu conselhos e apadrinhamento de NWS. Após ler os originais, levou para que Ênio Silveira, à frente da editora Civilização Brasileira, lesse a obra e eventualmente a publicasse.

Chama a atenção a maneira como narrador expressa as sensações do autor em relação à intimidade familiar e os contatos com a prima: “Nossas temporadas cambuquiranas, que me retemperam, são mais suaves pela sua conversa movimentada, pitoresca, viva, com que ela nos embala.” (SODRÉ, 1990b, p. 26). É justamente essas qualidades que transparecem nas conversas com Martha que a autora consegue transferir ao livro, o que convence NWS a ajuda-la no que fosse possível para conseguir a publicação.

A partir daí, após Ênio Silveira ter lido e aprovado a publicação, procurou-se parcerias com o Instituo Nacional do Livro (INL), que financiava obras como incentivo à cultura. A questão era que NWS escrevera uma apresentação do livro, algo que os censores do Regime Militar exigiam que fosse excluído. Sem consultar a autora, Sodré autorizou que isso fosse feito. Ele justifica que caso entrasse em contato com a prima, esta se sentiria numa encruzilhada moral e acabaria não publicando a obra para não ter que, para tal, excluir a contribuição de NWS e assim, desfazer de alguém que tornara viável justamente que o livro fosse publicado.

Mas não para por aí, mais tarde, outra restrição: não poderia haver menção alguma a NWS, nem mesmo a dedicatória que Martha lhe fizera no livro. Para finalizar, os censores exigiram ainda que determinadas expressões consideradas de baixo calão e ofensivas à moral também fossem substituídas. O livro acabou sendo publicado sob o título de *O desafio aos limites*, recebendo, inclusive, uma segunda edição.

Ao final dessa passagem, o narrador externaliza o desabafo do autor que salienta ter sido preso pela Ditadura, teve seus livros apreendidos, foi impedido de ensinar, livrarias se recusavam a receber as suas obras, os jornais não mencionavam o seu nome e as raras contribuições aos periódicos eram feitas sob pseudônimo. Enfim, o autor afirma: “Fui assassinado, em suma, enquanto escritor. O episódio, pois, apenas foi amostra, e amostra simples, do que a ditadura fez contra a cultura.” (SODRÉ, 1990, p. 30).

Esse último episódio que trouxemos para reflexão seria um meio termo entre os acontecimentos narrados pelo autor sobre algo de ordem pública a fim de trazer para luz as ações do Regime Militar, sobre os matizes do tempo em que viveu e os episódios anteriores em que a questão da intimidade, do privado prevaleceu.

A narrativa sobre os encontros com Di Cavalcanti e Corbisier revelam o lado amigo, companheiro, de NWS, bem como suas demonstrações de afeto, humanidade, e as maneiras como era também querido pelos seus. Basicamente são situações que

afetaram de maneira positiva o autor a ponto de fazê-lo transpor para o plano escrito, ainda que não tenha explorado de maneira mais contunde, como o faz em outras passagens da obra, a questão mais geral da política, da economia e da sociedade.

Já o episódio envolvendo a sua prima Martha, apesar de também ser eivado de emoções, relacionadas ao convívio familiar, a evocação de lembranças felizes, serve muito mais para denunciar o sistema de censura operante durante a Ditadura Civil-Militar contra a cultura de uma maneira geral e ainda, para ecoar o protesto de Nelson Werneck Sodré contra as perseguições sofridas no âmbito pessoal e também contra a sua produção intelectual.

Nessa etapa final procuramos nos debruçar sobre *O fascismo cotidiano*, enquadrá-lo, apesar de suas especificidades, como um diário voltado mais para temas de ordem pública. Tentamos comprovar que de fato, o texto de NWS insere-se nesse gênero, não somente por ser um diário, mas também porque o autor, via narrador, avalia de maneira autocrítica a sua posição no mundo, na sociedade. Além disso, reflete sobre as suas vicissitudes, as marcas que o tempo impunha em sua trajetória.

Não se trata de um texto de valor literário no sentido do primor estético. O próprio NWS reconhece isso ao dizer que está "Sem pretensões literárias, menos ainda, científicas". Aliviado do fardo de se comprometer com questões de ordem estética, o texto flui ao sabor do cotidiano, das vivências do autor. As confissões surgem, os medos são revelados, as preocupações com o futuro econômico, social, cultural e político do Brasil vêm à tona, bem como o apreço pelas verdadeiras amizades, o carinho dos amigos e familiares.

O fascismo cotidiano é um tributo à resiliência, à coragem, ao espírito de luta, a sinceridade do autor ao desvelar suas impressões sobre temas aparentemente banais do dia a dia, mas que são reveladores quando inseridos na dialética do tempo e do espaço. A narrativa serve para nos mostrar outras facetas de NWS, na medida em que o próprio autor procura se entender, se encontrar. Independentemente, portanto, de valor estético, essa obra de Sodré tem valor documental, que, entretanto, não é o mais importante do livro. É preciso valorizar a dimensão humana que se nos é revelada de um autor que, finalmente, prestava o seu depoimento.

Considerações finais

As histórias de vida são capazes de atrair leitores dos mais diversos estratos sociais e com os mais variados níveis de formação educacional. Um dos formatos mais consumidos de relatos de trajetórias individuais, tradicionalmente, é a modalidade em que a narrativa é vertida para uma escrita. Entretanto, outras modalidades, nas quais o centro gravitacional é a vida de um indivíduo, também se tornaram atrativas, como as peças de teatro, os filmes, as séries televisivas (e nos últimos anos, os serviços de *streaming*), os programas de *reality show*, as entrevistas (em seus mais variados formatos, inclusive as do tipo *talk show*), o universo de produtos audiovisuais disponíveis para consumo em plataformas como o *YouTube*, *weblogs, fotologs e vlogs*, além, é claro, das mídias sociais.

Em que residiria o amplo sucesso das histórias de vida? Ora, as respostas podem ser pensadas a partir de diferentes ângulos. Umas das possibilidades seria considerarmos que o sucesso das (auto)biografias se daria em virtude da evocação da ideia de tal gênero se estabeleceria como guardião de uma vida da qual admiramos, nos inspiramos, nos comparamos, numa relação de empatia e alteridade. O leitor se sente desejoso de olhar no espelho das palavras que procuram captar uma trajetória pessoal e encontrar um pouco de si mesmo, no sentido da teoria do estágio do espelho de Lacan.

Escritas de cunho (auto)biográfico carregam em suas bagagens possibilidades de sentidos, direcionamentos, vivências, experiências, confidências, testemunhos, fóruns íntimos e/ou públicos, impasses, fluxos, refluxos que se constituem, muitas vezes, como lugares de trocas em que a moeda corrente é a memória individual e a memória coletiva em suas mais complexas e variáveis imbricações.

As narrativas que são englobadas como atos biográficos possuem fronteiras permeáveis e à mercê de expectativas variáveis ao longo do tempo no tocante a aproximar-se desse ou daquele modelo, elogiosos, iconoclastas, romanceados, históricos. As sociedades, em suas complexidades, acordos, restrições, imposições, barganhas, (re)arranjos, negociaram as variantes dos modelos de escritas de si compatíveis com determinadas realidades localizadas no tempo e no espaço.

Neste trabalho discutimos como, na escrita autobiográfica, a questão da identidade narrativa é ponto fulcral para se pensar sobre esse tema. Os mais diferentes tipos de abordagens de escritos do eu se deparam com a dimensão da identidade narrativa. É em torno e em função desse eu que gravita o universo composto pelos elementos do tempo

em seus fluxos de passado, presente e futuro, não necessariamente nessa ordem, e do espaço, ou melhor, dos espaços, uma vez estes podem ser de cunho material ou imaterial.

O ato autobiográfico é tensionado entre um regime de verdade e a liberdade criativa. Isso ocorre em função da sua constituição híbrida, em que os domínios da história e da literatura se interpenetram em graus variados, conforme as escolhas do autor, via narrador. Ao longo do tempo, com alcances variados, esse intercâmbio entre o dito real e o considerado ficcional foi encarado como um estigma desse tipo de narrativa. Todavia, é possível que seja justamente tal marcação um dos coeficientes de seu sucesso e ainda, de campos férteis em possibilidades de análises e reflexões de ordem historiográfica.

O gênero autobiográfico, inclusive a escrita memorialística, é passível de ser estudado de maneira a nos debruçarmos sobre ricas possibilidades que se abrem como vias de acesso às condições humanas em suas múltiplas diversidades, não condicionando os movimentos do sujeito histórico, mas servindo de palco em que as diversas personas que compõem um indivíduo tenham suas atuações na arena social.

Ao estudarmos as narrativas de trajetórias individuais, nos deparamos com oportunidades de estabelecermos análises mais equilibradas ao considerarmos tanto o contexto em que vivia o protagonista do enredo quanto a sua atuação na sociedade em que experenciou suas vivências. Além do mais, podemos buscar entender as maneiras pelas quais as ações de um indivíduo, em suas escolhas, decisões, influem o campo social e como este impacta na vida de um sujeito.

Desde os anos 1980, sobretudo a partir dos anos 1990, quando se intensificaram os debates acerca do que se convencionou denominar como um "retorno" do gênero biográfico, muitas foram as formulações explicativas para que tal ocorresse, tais como a crise do marxismo, a libertação de uma história quantitativa e serial que havia subjugado a história factual, ou seja, a evolução da historiografia francesa, o desenvolvimento do formas de escrita correlatas, como o diário e a autobiografia, o crescimento de um público leitor especialista, ou não, que fomentou uma procura ou uma intensificação dessa procura por narrativas (auto)biográficas, ou até mesmo, o apelo ao *voyeurismo*.

Apesar de toda a enorme gama de teses levantadas sobre o sucesso, alcance, impacto, origens, acerca do tema do biográfico, pode-se pensar que a confluência da reflexão historiográfica e do gosto do público pelo gênero se operou em virtude de um fator mais praticamente incontornável: a renovação do individualismo. Apesar de serem variáveis as tentativas de explicação para a explosão das narrativas de vida nas últimas

décadas, há algo que precisamos reconhecer: a importância do gênero na reflexão historiográfica atual.

Essas concepções nos inspiraram a realizar no primeiro capítulo, "Identidade narrativa, dever de memória e seus usos políticos", um esforço analítico no qual tratamos da concepção de indivíduo no âmbito da narrativa. Todavia, antes de entrar nesse tema e como forma de apresentarmos o nosso objeto de estudos, partimos do centenário do nascimento de Nelson Werneck Sodré em 2011.

A ideia foi justamente inteirarmos o leitor a respeito das disputas de memória em torno de NWS como forma situarmos e orientarmos o sentido que as nossas análises assumiriam. Integrou essa estratégia uma panorâmica do memorialismo werneckano, na qual a escrita de si do autor é esquematizada tendo como fio condutor as maneiras pelas quais o narrador fala do personagem central e conduz a trama.

Ainda no primeiro capítulo, procuramos refletir sobre a constituição do indivíduo por meio da narrativa. Além disso, fez parte do nosso escopo de análise a noção do dever de memória e dos seus usos políticos presentes nas escritas de si de NWS. Problematizamos as concepções de Lejeune (2008) no que concerne a sua abordagem da questão autobiográfica. Chamamos a atenção que esse autor, ao exigir que uma narrativa, para ser autobiográfica, teria que manter uma unidade contínua entre autor, narrador e personagem, parece não levar em consideração as propostas de Heidegger (1996) no tocante às mudanças que operam no eu ao longo de uma existência.

Trouxemos para o debate as formulações de Arfuch (2010), que se encarrega de esmiuçar as alterações e variações do eu no processo de construção de si. Isso nos levou a recorrer a Ricoeur (1991) a fim de pensarmos sobre a identidade narrativa e a construção imaginária do "si mesmo como outro".

Para esse autor, compreender o gênero autobiográfico implica considera-lo como um tipo de composição em sua dimensão de narrativa, em sua abertura para que um determinado indivíduo questione a sua existência e sobre ela teça avaliações por meio da escrita. Neste sentido, importou-nos distinguir a identidade narrativa elaborada como autobiografia, para, então, problematizarmos e interpretarmos a elaboração de um *eu* e um *si mesmo* que Nelson Werneck Sodré fez em sua obra memorialística.

Vimos que o ponto central da identidade narrativa é a articulação entre o caráter (*mesmidade*) e a livre manutenção de si (*ipseidade*). A identidade é formada a partir da narrativa de sua própria história, assim é que constitui-se a identidade do *eu*. Existe uma

articulação entre história, narrativa e o *si-mesmo como um outro*, ou seja, o indivíduo compreende-se como pessoa por meio de uma narrativa de sua história. Portanto, o *si* é formado como agente e paciente por meio da narrativa.

Após analisarmos a questão da identidade narrativa, dedicamo-nos ao estudo das relações entre o exercício político que o narrador faz da escrita de si de Nelson Werneck Sodré com um dever de memória e as demandas do presente em que o autobiógrafo compôs as suas narrativas.

O dever de memória foi pensado como uma ação de falar sobre um passado a que o memorialista queria fazer justiça, reparação. Para tanto, propomos que NWS encontrou suporte na exposição de um testemunho realizado na forma de escrita de sua história de vida. Ou seja, o memorialismo werneckano seria a materialização de um dever de memória que ao manifestar-se constrói um lugar de memória via escrita de si. Seria em meio a essa confluência entre lugar de memória e dever de memória que os escritos de si de Nelson Werneck Sodré podem ser inseridos.

Consoante a isso, Nelson Werneck quis não só descrever, como também, e, principalmente, refletir sobre esse passado, não apenas como informação, mas como testemunho de uma fase da história brasileira que chegava ao fim e fora a construtora de sua cultura: questão essa que pode pensada na perspectiva de interpretação da identidade narrativa, elaborada por quem escreve sobre o seu *eu* e sobre o mundo no qual está.

O capítulo 2, que recebeu o título de: "As virtudes epistêmicas como parâmetro garantidor de legitimidade", foca o memorialismo de NWS a partir da identificação das escolhas narrativas que o autor fez. Para pensarmos essas escolhas, refletimos sobre as virtudes epistêmicas e seus usos no âmbito da escrita de si de Sodré. Constatamos que se trata de um historiador, cioso de manter o decoro de sua prática ainda que se aventurasse pelo mundo da escrita de sua história de vida.

As virtudes se constituíram, então, em uma espécie de salvaguarda para que NWS elaborasse uma escrita de si, mas a partir de uma preocupação de legitimação, cujo alcance se daria pelo uso constante dos recursos discursivos, técnicos e metodológicos do campo histórico.

O conceito de virtudes epistêmicas nos proporcionou um olhar mais abrangente que permitiu contemplar as relações entre a produção historiográfica de NWS, um autodidata, portanto, fora dos muros universitários, e a sua escrita memorialística. Isso foi possível, pois as virtudes epistêmicas permitem a elaboração de uma análise que leve

em consideração os valores considerados desejáveis, em determinado espaço, tempo e grupos, para que um indivíduo possa falar sobre o passado de maneira legítima. (OHARA, 2017, p. 23).

A partir dessas concepções, pudemos entender NWS como um historiador, reconhecido por seus pares, sempre preocupado com a questão da formação histórica brasileira e suas expressões culturais e ainda, em busca de reconhecimento. O protagonista, que, além de historiador, foi jornalista, professor, escritor, crítico literário e editor, apesar de não ter feito parte da comunidade de "historiadores profissionais", foi considerado como um dos tais em função da sua produção historiográfica e por apresentar as virtudes epistêmicas ou as técnicas que o qualificavam como um historiador.

Um dos pilares desse capítulo foi pensar o conjunto dessas virtudes epistêmicas, concebidas como técnica de elaboração de uma *persona* acadêmica (e social) e as maneiras pelas quais influenciaram a maneira como NWS procurou trabalhar com as técnicas do ofício de historiador no interior do seu memorialismo no âmbito de uma operação autobiográfica.

Percebemos que a principal manifestação da valorização de NWS a respeito do cultivo de virtudes epistêmicas em relação ao seu memorialismo se deu pelo uso intenso de seus arquivos na trama narrativa. A fim de nos debruçarmos sobre esse aspecto, nos valemos, em boa parte de nossa reflexão, das concepções de Derrida (2001) sobre o tema do arquivo.

Foi-nos possível identificar em NWS uma contínua renovação do seu arquivo, visto a partir da perspectiva do tempo presente. Assim, refletimos que é a partir das demandas do agora que se opera em relação ao arquivo as relações de poder. Chamamos a atenção o cuidado e preocupação do autor, não somente com a manutenção do seu arquivo, mas ainda, o seu esforço para garantir que fosse doado, ainda em vida, para a Biblioteca Nacional.

Propusemos que as memórias de NWS funcionariam dentro do sistema de consignação do arquivo. A relação de poder se dá uma vez que o memorialista procura garantir uma dupla sobrevida ao seu arquivo: ao doá-lo, mas também por meio de uma determinada leitura e interpretação, a sua, sobre esse acervo.

Cabe ressaltar que a fim de estabelecermos as relações entre a ideia de virtudes epistêmicas e o zelo arquivístico de NWS, procuramos conectar o uso que o memorialista faz de documentos presentes em seu arquivo pessoal no interior de sua escrita de si. A

nossa intenção foi demonstrarmos a importância que o autor devotava ao seu arquivo pessoal e a uma ideia de legitimação do seu discurso memorialístico na construção de uma imagem de si mesmo que fosse de acordo com as expectativas de seus pares, num desejo constante de ser aceito.

No terceiro e último capítulo, "O comportamento performático no memorialismo de Nelson Werneck Sodré", procuramos trabalhar com a ideia de performance no interior das memórias escritas por NWS. Uma preocupação nossa foi mostrar como as narrativas de vidas possibilitam ao performer autobiográfico abrir as vias de acesso para que o leitor, numa relação de empatia, experiencie-se a si mesmo a partir das vivências do personagem central. Para que essa relação alcance seu propósito, é preciso que o performer desenvolva a contento um desempenho comunicacional, base de toda performance.

No memorialismo de NWS a performance se desenvolve a partir de um plano de interação com o leitor, em que, o memorialista tange sua narrativa sobre si com base em recursos performáticos que se aliam às virtudes epistêmicas de maneira a constituir uma escrita que encena a sua história de vida sem comprometer os valores que lhe eram caros.

Como ficou demonstrado, no memorialismo werneckano, a performance do autor tem íntima relação com o empenho narrativo de um *eu* que parte do presente em que escreve e usa um narrador para acessar o passado sobre esse mesmo *eu*. Mas, em virtude da passagem do tempo, torna-se impossível a concomitância entre esse *eu* do presente com o *si mesmo* do passado.

Com base nessa impossibilidade, nos indagamos: qual seria o Nelson Werneck Sodré que se apresenta em sua narrativa sobre si? Seria o homem (do) partido que sugere o título do presente estudo? Ora, como ficou registrado, não se trata de pensar numa singularidade do indivíduo no sentido de uma identidade unívoca. Ocorre que NWS se vale de um constante jogo de máscaras para construir a narrativa que conta a sua trajetória pessoal o autor. Mas uma coisa é certa, a vida privada é praticamente intocada, sendo privilegiada o aspecto público de sua trajetória. As máscaras, portanto, seriam as do homem público, historiador, jornalista, escritor, militar, ou seja, revela-se escondendo-se. Se *do* Partido Comunista ou não, vale lembrar que os silêncios também se comunicam e que algo é inegável: estamos diante de um homem partido, em diversas atuações profissionais, intelectuais e ainda, partido nas diversas identidades de si mesmo ao longo do tempo, constituídas via narrativa.

No processo de uso dessas máscaras a fim de falar de si para um público, afinal, quem se dispõe a contar a sua própria história de vida, o faz de maneira a ser lido, analisado, comparado, em suma, torna-se disponível de ser observado por um público leitor. Assim, o ato de dar forma narrativa a própria vida inclui também um público.

Com o intuito de sondar as maneiras pelas quais o público leitor reagiu às publicações das memórias de NWS, nós realizamos uma prospecção de como uma parcela da crítica literária avaliou tais escritos. Centramos as nossas análises em uma amostragem composta por textos de crítica veiculados em jornais do eixo Rio-São Paulo, cujo intuito foi o de mapear e entender alguns aspectos do que parcelas da crítica tinham para falar sobre o memorialismo werneckano.

Sobre essa crítica literária, sobretudo nos anos 1960-1970, vimos que havia uma expectativa e uma valorização de uma escrita memorialística que desse conta do contexto histórico. Aliás, NWS consegue articular muito bem os mecanismos de legitimação dos fatos narrados ao recrutar para a trama do texto as virtudes epistêmicas, mas não deixa de construir um texto agradável de ser lido, com fluxo narrativo, oriundo, possivelmente, de sua experiência jornalística. Em confluência à essa perspectiva, ficou claro que o autor administrou sua escrita de modo a performar uma identidade narrativa que fosse lida, no sentido de compreendida, por seu público e concebida de acordo com sua intenção comunicacional: um historiador que decidiu falar de si mesmo como forma de falar do seu tempo.

Isso ficou ainda mais evidente quando abordamos *O fascismo cotidiano*, obra que se enquadra em um nicho particular das escritas de si: o dos diários. Uma vez que essa modalidade escrita se interessa pela atualidade, enquanto que a autobiografia, as memórias se ocupam de um passado mais distanciado.

Nos empenhamos em mostrar que apesar de se tratar de um diário, essa escrita de si de NWS se encarrega de encontrar sentidos para compreender a "minha época", como se encarrega de enfatizar o autor. Entretanto, nos vemos diante de um NWS que almeja ser compreendido em sua particularidade, sim, mas em sua dimensão de agente histórico, testemunha e partícipe na sociedade em que se inseria.

O ponto essencial que pudemos constatar foi o desejo do diarista de compartilhar com o leitor os pequenos fatos, corriqueiros, cotidianos, mas reveladores da época em que vivia o protagonista. Nelson Werneck Sodré se colocou como voz que clamava em

meio à censura imposta pela Ditadura Civil-Militar, motivado por um dever de memória, por uma força de resistência.

A escrita de si de autoria de Nelson Werneck Sodré é permeada por questões como as relações entre indivíduo e sociedade, as maneiras pelas quais o protagonista é entretecido na malha social, as disputas pelo poder, nas alterações pelas quais passou a sociedade da época em que viveram, além, evidentemente, do olhar, em primeira pessoa, do autor, via narrador, na montagem dos quadros temporais em que foi testemunha e agente histórico.

É justamente a ideia de ter sido testemunha e partícipe da história de sua época que se constitui um dos pilares do edifício memorialístico de Nelson Werneck Sodré. Cabe então questionarmos: como foi que NWS deu conta de construir essa edificação? Ora, ele adotou um comportamento performático em que as máscaras do escritor, do crítico literário, do jornalista, do ensaísta, do historiador se juntaram em um jogo de representações de múltiplos *eus* na configuração de uma escrita de si orientada pelas virtudes epistêmicas, mas que não perdeu de vista a sua dimensão narrativa, e nem as suas parcelas de ficção.

Tendo claro que se aventurava na escrita de um texto marcado pela condição de ser híbrido, misto de história e de literatura, não há dúvidas da opção de NWS pela valorização do aspecto histórico. Prova disso é o uso maciço de documentos de seu arquivo pessoal, a preocupação em situar o personagem central no contexto em que viveu e o flagrante receio de tratar de temas de fórum particular, portanto, cerceando o alcance subjetivo que a narrativa poderia ser alçada.

É evidente que há a dialética entre o individual e o geral, entre o personagem das memórias e a época em que viveu. Independentemente de onde o foco do jogo de escalas parta, se do geral para o particular ou vice-versa, a intenção do autor sempre é a compreensão do tempo em que viveu. Mesmo que haja o dever de memória, os usos políticos de sua escrita de si, o comportamento performático, os mecanismos narrativos são desenvolvidos para o testemunho de uma época.

Nelson Werneck Sodré foi um historiador preocupado com as origens do Brasil. Sua produção historiográfica insere-se entre a geração de historiadores autodidatas, dependentes do reconhecimento de seus pares e a geração dos historiadores profissionais formados pela academia. Conduziu a sua escrita sobre a nossa história a partir do

arcabouço teórico-metodológico do marxismo. Um autor marcado pela carreira multifacetada: militar, jornalista, crítico literário, professor, historiador, ensaísta.

Apesar de uma vida agitada, produtiva, as suas várias facetas possuíam em comum uma dedicação ao entendimento dos problemas nacionais, ao estudo das possibilidades de se vencer os desafios que se colocavam ao desenvolvimento do país em suas mais variadas dimensões: econômica, política, social, cultural, principalmente esta, que se constituiu em uma de suas principais bandeiras de luta. Não poderíamos deixar de mencionar ainda, que estamos diante de um autor que se valeu de suas armas intelectuais e de sua combatividade política em prol de uma democracia saudável, da garantia da dignidade humana, principalmente em tempos de angústia, incertezas e retrocessos.

Ao concluirmos as nossas análises sobre esse autor e sua produção memorialística, sentimo-nos gratos pelo aprendizado relacionado à pesquisa em arquivos, como o acervo pessoal do autor sob a guarda da Fundação Biblioteca Nacional, pela experiência de nos depararmos com uma fatia do tempo da história brasileira, com uma determinada concepção de escrita da história e ainda, com o rico debate sobre o gênero autobiográfico, em particular, a escrita memorialística.

FONTES

Instituições com acervos referentes

Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ

Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, Assis, SP

Fontes manuscritas e impressas

Correspondência ativa e passiva de Nelson Werneck Sodré; recortes de jornais e revistas, disponíveis no Fundo/Coleção: Nelson Werneck Sodré; datas-limite: 1924-1994; localização: 32; 67,003; ARQ 1,2; MAP II; sob a guarda da Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ.

Obras de cunho autobiográfico de autoria de Nelson Werneck Sodré:

SODRÉ, Nelson Werneck. *Memórias de um soldado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. (Retratos do Brasil – 60).

SODRÉ, Nelson Werneck. *Memórias de um escritor – I - Formação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970. (Vera Cruz – 146).

SODRÉ, Nelson Werneck. *Em defesa da cultura*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A Luta pela Cultura*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990a.

SODRÉ, Nelson Werneck. *O fascismo cotidiano.* Belo Horizonte (MG): Oficina de Livros, 1990b.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Ofensiva Reacionária*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A Fúria de Calibã:* memórias do golpe de 64. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Alzira Alves de. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50. In: ABREU, Alzira Alves de (Org.). *A imprensa em transição:* o jornalismo brasileiro dos anos 50. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

ALVES FILHO, Ivan. Meu amigo Nelson Werneck Sodré. In: CUNHA, Paulo; CABRAL, Fátima (Orgs). *Nelson Werneck Sodré:* entre o sabre e a pena. São Paulo: Editora da Unesp, 2006, pp. 31-45.

ALVES FILHO, Ivan. Tudo é política. In: SILVA, Marcos (Org.). *Dicionário crítico Nelson Werneck Sodré.* Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2008.

AMADO, Janaína. O Grande Mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. *In: História*. São Paulo, n.14, p. 125-136, 1995.

ANHEZINI, Karina. Correspondência e escrita da história na trajetória intelectual de Afonso Taunay. *In*: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 32, p.51-88, 2003.

ARARIPE, Luís de Alencar. Militares e democracia. In: CUNHA, Paulo; CABRAL, Fátima (Org.). *Nelson Werneck Sodré:* entre o sabre e a pena. São Paulo: Editora da Unesp, 2006, pp. 61-84.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico:* dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *In*: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.11, n. 21, p. 9-34, 1998.

AURELL, Jaume. Autobiography as unconventional history: Constructing the author. *In*: *Rethinking History*, v. 10, n. 3, p. 433-449, 2006.

AURELL, Jaume. Textos autobiográficos como fontes historiográficas: relendo Fernand Braudel e Anne Kriegel. *In*: *História*, Franca, v. 33, n. 1, p. 340-364, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARBOSA, Marinalva. *História cultural da imprensa:* Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e Família. *In*: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 29-42, 1989.

BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (Org.). *Destinos das Letras:* história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: UPF, 2002.

BAUMAN, Richard. *Story, Performance and Event:* contextual studies of oral narrative. Cambridge University Press, 1986.

BELLOTO, Heloísa Liberalli. *Arquivos permanentes:* tratamento documental. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Arquivos pessoais em face da teoria arquivística tradicional: debate com Terry Cook. *In*: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.11, n. 21, p. 201-207, 1998.

BENJAMIM, Walter. *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e história da cultura**.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BERSTEIN, Ana. A performance solo e o sujeito autobiográfico. *In*: *Sala Preta. Revista de Artes Cênicas*, São Paulo, n. 1, p. 91-103, 2001.

BLANCHOT, Maurice*. O livro por vir*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BOLIVAR, Silvia. [Orelha do livro]. *In:* SODRÉ, Olga. *Odisseia de um general do povo brasileiro e de sua geração intelectual:* testemunho de Olga Sodré sobre o combate intelectual de Nelson Werneck Sodré. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2019.

BOLLE, Adélia Bezerra de Menezes. *A obra crítica de Álvaro Lins e sua função histórica*. Petrópolis: Vozes, 1979.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p.181-191.

BRESCIANI, Maria Stella, NAXARA, Márcia Regina (Org.). *Memória e (re) sentimentos*: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Ed. Unicamp, 2001a.

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. *In: Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 43-58, 1998.

CAMARGO, Ana Maria de A. Arquivos Pessoais são Arquivos. *In: Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, n. 2, p. 26-39, 2009.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. O público e o privado: contribuição para o debate em torno da caracterização de documentos e arquivos. *In: Arquivo: boletim histórico e informativo*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 57-64, 1988.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida; GOULART, Silvana. *Tempo e Circunstância:* a abordagem contextual dos arquivos pessoais. São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2007.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. "Cartas adolescentes. Uma leitura e modos de ser...". In: MIGNOT, Ana Crystina Venancio, BASTOS, Maria Helena Câmara e CUNHA, Maria Teresa Santos (Org.). *Refúgio do eu*. Educação, História, escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000, p. 203-22.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. *Cartas e Escrita.* 2000a. 147f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2000a.

CANDAU, Jöel. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.

CARLSON, Marvin. *Performance:* uma introdução crítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

CARLSON, Marvin. *Teorias do teatro:* estudo histórico-crítico, dos gregos à atualidade. São Paulo: UNESP, 1999.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. Biografia, identidade e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica. *In: Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 9, n. 19, p. 283-302, 2003.

CARVALHO, Raphael Guilherme de. Escrita de si e história da historiografia. *In: Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 7, n.15, p. 243-248, 2015.

CEZAR, Temístocles. Prefácio: a constituição de um panteão de papel. In: OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Escrever vidas, narrar história: a biografia como problema historiográfico no Brasil Oitocentista.* Rio de janeiro: FGV, 2011, p. 11-14.

CHARTIER, Roger. (Org.). *La Correspondance*. Les usages de la lettre au XIX siècle. Paris: Fayard, 1991.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural:* entre práticas e representações. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. *O que é um autor?:* revisão de uma genealogia. Tradução de Luzmara Curcino e Carlos Eduardo Bezerra. São Carlos: Ed. da UFSCar, 2012.

COELHO, Ana Amelia. História do tempo antigo, para o futuro: o diário de Helena Morley. *In*: *Revista Criação & Crítica*, n. 6, p. 44 – 57, 2011.

COHEN, Renato. *Performance como Linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2. ed. 2009.

COOK, Terry. Arquivos pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. *In: Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.11, n. 21, p.129-149,1998.

COSTA, Célia Leite. Intimidade versus interesse público: a problemática dos arquivos. *In: Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.11, n.21, p.189-199,1998.

COSTA, Octavio. Vida e obra de Nelson Werneck Sodré. *In:* CUNHA, Paulo; CABRAL, Fátima (Orgs). *Nelson Werneck Sodré:* entre o sabre e a pena. São Paulo: Editora da Unesp, 2006, p. 17-30.

COTTA, André Guerra. Correspondência pessoal como fonte histórica e musicológica. *In: Cadernos do Colóquio*, v. 8, n. 1, p. 1-18, 2006.

COUTO, J. G. Jornalismo cultural em crise. In: DINES, A.; MALIN, M. *Jornalismo brasileiro:* no caminho das transformações. Brasília: Banco do Brasil, 1996, p. 129-131.

CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em Papel e Tinta:* Periodismo e vida urbana (1890-1915). São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2013.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *In: Projeto História*, São Paulo, PUC, n. 35, p. 253-270, 2007.

CUNHA, Paulo Ribeiro da Cunha. *Um olhar à esquerda:* a utopia tenentista na construção do pensamento marxista de Nelson Werneck Sodré. Rio de Janeiro: Revan; São Paulo: Fapesp, 2002.

CUNHA, Paulo Ribeiro da. Nelson Werneck Sodré, os militares e a questão democrática: algumas questões e uma problemática. In: CUNHA, Paulo; CABRAL, Fátima (Org.). *Nelson Werneck Sodré:* entre o sabre e a pena. São Paulo: Editora da Unesp, 2006, pp. 31-45.

CURTIS, Regina. A Revolução Brasileira: um diálogo entre Nelson Werneck Sodré, Celso Furtado e Caio Prado Júnior. *In: Revista Textura*, Canoas, n.11, p. 65-72, 2005.

D'ALESSIO, Marcia Mansor. A política no fazer e no saber históricos. In: SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti *et all* (Org.). *Dimensões da política na historiografia*. Campinas: Pontes, 2008, p. 39-49.

DANTAS, Beatriz Góis; NUNES, Verônica M. M. (Org.) *Destinatário:* Felte Bezerra – Cartas a um antropólogo sergipano (1947-59) e (1973-85). São Cristóvão: Editora UFS, 2009.

DAUPHIN, Cécile; POUBLAN, Daniele. Maneiras de escrever, maneiras de viver: Cartas familiares no século XIX. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (Org.). *Destinos das Letras:* história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 75-87.

DE PAULA, Cristiano Pinheiro. Revista Civilização Brasileira: dilaceramentos e combates. *In: Boletim de Pesquisa NELIC*, v. 5, n. 6/7 - Polêmicas (2003), p. 82-92, 2003.

DEL ROIO, Marcos. Sodré e a dialética da formação social brasileira. *In: Crítica Marxista*, n.42, p.85-102, 2016.

DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo:* uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DOSSE, François. *O Desafio Biográfico:* Escrever uma Vida. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

ENGEL, Doraci. Virtude epistêmica e normatividade. *In: Anais* da Semana Acadêmica do Programa de Pós-graduação em Filosofia da PUCRS - VIII Edição, Porto Alegre: PUCRS, 2011, p. 1-15.

FALCON, Francisco J. C. A identidade do historiador. *In: Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: CPDOC, v. 9, n. 17, p. 7-30, 1996.

FIORUCCI, Rodolfo. História Oral, Memória, História. *In: Revista História em Reflexão*, Dourados, v. 4 n. 8, p. 1-17, 2010.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Tradução de António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Alpiarça: Vega, 2000.

FRAIZ, Priscila. A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo Gustavo Capanema. *In: Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.11, n. 21, p. 59-87, 1998.

GALUCIO, Andréa Lemos Xavier. *Civilização Brasileira e Brasiliense:* trajetórias editoriais, empresários e militância política. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Org.). *Prezado senhor, prezada senhora*. Estudos sobre cartas. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

GIL, Maria. A intimidade em performances autobiográficas. *In: Cadernos PAR,* n. 6, p. 104-123, 2015.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2005.

GOLDBERG, Roselee. A arte da performance: do futurismo ao presente. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GOMES, Ângela de Castro. *Em família*: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre. Rio de Janeiro: CECULT (Centro de Pesquisa em História Social da Cultura), 2005.

GOMES, Angela de Castro. *História e historiadores*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

GOMES, Angela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. *In: Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.11, n.21, p.121-127,1998.

GONÇALVES, Márcia de Almeida. *Em terreno movediço:* biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

GONTIJO, Rebeca. "Paulo amigo": amizade, mecenato e ofício do historiador nas cartas de Capistrano de Abreu. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004, p. 163-196.

GONTIJO, Rebeca. A reta e o círculo: amizade, projeto intelectual e construção identitária nas cartas de Capistrano de Abreu a João Lúcio de Azevedo (1916-1927). *In: Revista Trajetos*, Fortaleza, v. 3, n. 5, p. 1-25, 2004.

GOODSON, Ivor. Exploring history and memory through autobiographical memory. *In: Historia y Memoria de la Educación*, v. 1, p. 263-285, 2015.

GUAZZELLI, Dante Guimaraens. O dever de memória e o historiador: uma análise de dois casos brasileiros. *In: Revista Mosaico*. Rio de Janeiro, v.2, n. 4, 2010, p. 46-68.

GUIMARÃES, Lúcia M. P.; ARAÚJO, Valdei L. de. O sistema intelectual brasileiro na correspondência passiva de John Casper Branner. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.) *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004, p. 93-110.

GUSDORF, Georges. *Les écritures du moi*. Paris: Garnier, 1991.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HEDDON, Deirdre. *Autobiography and Performance*. New York: Palgrave Macmillan, 2008.

HEIDEGGER, Martin. Identidade e diferença. In: HEIDEGGER, Martin. *Os pensadores:* Heidegger. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Muller. *In: Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 41-66, 1997.

HEYMANN, Luciana Quillet. *De "arquivo pessoal" a "patrimônio nacional":* reflexões acerca da produção de "legados". Rio de Janeiro: CPDOC, 2005.

HEYMANN, Luciana Quillet. O devoir de mémoire na França contemporânea: entre memória, história, legislação e direitos. In: GOMES, Angela de Castro (Org.). *Direitos e cidadania:* memória, política e cultura. Rio de Janeiro: FGV, 2007, p. 15-43.

HEYMANN, Luciana Quillet. O indivíduo fora do lugar. *In: Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, v. 45, n. 2, p. 40-57, 2009.

IUMATTI, Paulo Teixeira; NICODEMO, Thiago Lima. Arquivos pessoais e a escrita da história no Brasil: um balanço crítico. *In: Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 38, n. 78, p. 97-120, 2018.

KLINGER, Diana. *Escritas de si e escritas do outro. Auto-ficção e etnografia na literatura latino-americana contemporânea.* 2006. Tese (Doutorado em Letras. Literatura Comparada). Universidade Estadual do Rio de Janeiro, UERJ, 2006.

LALIEU, Olivier. L'invention du "devoir de mémoire *In: Vingtième Siècle. Revue d'histoire*, n. 69, p. 83-94, 2001.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LEAL, Mara Lucia. Corpo e(m) Performance. In: *Anais* VI Congresso de pesquisa e pós-graduação em artes cênicas 2010. UFBA.

LEJEUNE, Philippe. Guarda-memória. *In*: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 111-119, 1997.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico:* de Rousseau à Internet. Org. Jovita Maria Gerheim . Tradução Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Guedes. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LEJEUNE, Phillipe. *O Pacto Autobiográfico:* de Rousseau à Internet. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LEMOS, Alexandre Piana. A Formação História Brasileira: perspectivas marxistas. *In*: *Revista AEDOS*, Rio Grande do Sul. v. 2, n. 3, p. 52-72, 2009.

LEMOS, Renato. *Bem traçadas linhas*. A história do Brasil em cartas pessoais. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2004.

LEMOS, Renato. Benjamin Constant: biografia e explicação histórica. *In*: *Estudos Históricos*, v. 10, n. 19, Rio de Janeiro, 1997, p. 67-81.

LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: Da biografia. In: REMOND, René. *Por uma história política*. Tradução de Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. pp. 141-184.

LIMA, Kleverson T. "Up to date: práticas de um missivista no início do século XX". *In*: Borges, Maria Elisa Linhares (Org.). *Campo e cidade na modernidade brasileira*: literatura, vilas operárias, cultura alimentar, futebol, correspondência privada e cultura visual. Belo Horizonte: Argumentum, 2008. pp.157-190.

LIMA, Luiz Costa. *Sociedade e Discurso Ficc*ional. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.

LISBOA, Marcos José Alves. O conceito de identidade narrativa e a alteridade na obra de Paul Ricoeur: aproximações. *In*: *Impulso***,** Piracicaba, v. 23, n. 56, p. 99-112, 2013.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de Escala:* a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio de periódicos. In: PINKSY, Carla Bassanesi. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.

LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza (Org.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

LYONS, Martym. Práticas de leitura, práticas de escritura: cartas de amor e escritas íntimas – França e Austrália, século XIX. *In*: *Locus: Revista de História*, Juiz de Fora, v.4, n.2, p.55-67, 1998.

MALATIAN, Teresa Maria. A biografia e a história. *In*: *Cadernos Cedem*, v 1, p. 16-32, 2008.

MALATIAN, Teresa Maria. Itinerários na correspondência entre Oliveira Lima e Fidelino de Figueiredo (1912-1928). *In*: *História da Historiografia*, Ouro Preto, v. 8, n. 19, p. 10-28, 2016.

MALATIAN, Teresa. "Cartas: Narrador, registro e arquivo". In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (Org.). *O Historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

MARIN, Louis. Ler um quadro – uma carta de Poussin em 1639. In: CHARTIER, Roger (Org.) *Práticas da leitura.* - 4ª edição. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. pp.117-140.

MARQUES DE MELO, J. *Jornalismo, compreensão e reinvenção*. São Paulo: Saraiva, 2009.

MAUES, Flamarion. Livros, editoras e oposição à ditadura. *In*: *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 28, n. 80, p. 91-104, 2014.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. *In*: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.11, n.21, p.89-103,1998.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. Entre cartas e cartões postais: uma inspiradora travessia. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; GONDRA, José Gonçalves (Org.). *Viagens Pedagógicas*. São Paulo: Cortez, 2007. p. 246-276.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos (Org.). *Refúgios do eu:* educação, história e escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000.

MIGUEL, Felipe Mendes Sozzi. Virtudes epistêmicas na epistemologia de Alvin Plantinga. *In*: *Theoria*, Pouso Alegre (MG), v. 5, n. 14, p. 1-21, 2013.

MIRANDA, Tiago C. P. dos Reis. A arte de escrever cartas: para a história da epistolografia portuguesa no século XVIII. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella. *Prezado, senhor, prezada senhora:* estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, pp. 41-55.

MORAES, João Quartim; DEL ROIO, Marcos (Org.) *História do marxismo no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995-1998, vols. I a VI.

MORAES, José Geraldo Vinci de; REGO, José Marcio. *Conversas com historiadores brasileiros*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2002.

MORAES, Marcos A. Epistolografia e crítica genética. *In*: *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 59, n. 1, p. 30-32, 2007.

MORAES, Marcos A. *Orgulho de jamais aconselhar:* a epistolografia de Mário de Andrade e seu projeto pedagógico. São Paulo: Edusp, 2002.

MORAIS, Fernando *et al*. Narrativa documental e literária nas biografias. *In*: *Hist. cienc. saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 93-113, Out. 1995.

NETTO, José Paulo. Nelson Werneck Sodré. In: SODRÉ, Nelson Werneck. *O naturalismo no Brasil*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992, p. 7-39.

NICOLAZZI, Fernando. Muito além das virtudes epistêmicas. O historiador público em um mundo não linear. *In*: *Revista Maracanan*, Rio de Janeiro, n. 18, p. 18-34, jan./jun. 2018.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. *In: Projeto História*. São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

OHARA, João Rodolfo Munhoz. *Virtudes Epistêmicas na Historiografia Brasileira (1980-1990).* 2017. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Assis, 2017.

OHARA, João Rodolfo Munhoz. Virtudes Epistêmicas na Prática do Historiador: o caso da sensibilidade histórica na historiografia brasileira (1980-1990). *In*: *História da Historiografia*, v. 9, n. 22, p. 170-183, 2017.

PALUDO, Luciana. *Corpo, fenômeno e manifestação: performance.* 2006. Dissertação (Mestrado em artes visuais/ Poéticas visuais) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul / Instituto de Artes programa de pós-graduação em artes visuais, Porto Alegre, 2006.

PAUL, Herman. Historicismo fraco: sobre hierarquias de virtudes e de metas intelectuais. *In: História da Historiografia*, Ouro preto, n. 21, p. 25-42, 2016.

PENNA, Rejane Silva; GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. Arquivo Particular Júlio de Castilhos: cartas, bilhetes e anotações pessoais como fontes históricas. *In: Patrimônio e Memória*, Assis, v. 4, n. 2, p. 55-73, 2009.

PEREIRA, Daniel Mesquita; FELIPPE, Eduardo Ferraz. Missivas que constroem limites: projeto intelectual e projeto político nas cartas de Capistrano de Abreu ao Barão do Rio Branco (1886-1903). *In: Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 28, n. 56, p. 487-506, 2008.

PEREIRA, Danielle Cristina Mendes. Literatura, lugar de memória. *In: Soletras* – Revista do Departamento de Letras da FFP/UERJ, n. 28, p. 344-355, jul.-dez. 2014.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; SANTOS, Pedro Afonso Cristovão dos; NICODEMO, Thiago Lima. Brasiliana historical writing in global perspective: on

the emergence of the concept of "historiography". *In: History and Theory*. Wesleyan University, Theme Issue 54, p. 84-104, 2015.

PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego:* composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. São Paulo: Companhia de bolso, 2006.

PINHEIRO, Filipe Leite. *As interpretações do Brasil de Caio Prado Jr. e Nelson Werneck Sodré:* um debate sobre a revolução brasileira. Monografia (Bacharelado em Economia). 80f. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *In: Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *In: Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POPKIN, Jeremy D. Historians on the Autobiographical Frontier. *In: The American Historical Review*, v. 104, n. 3, p. 725-748, 1999.

PROCHASSON, Christophe. Atenção: Verdade! Arquivos privados e renovação das práticas historiográficas. *In: Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.11, n.21, p.105-119, 1998.

READ, Alan. *Theatre and everyday life:* an ethics of performance. London: Routledge, 1995.

REIMÃO, Sandra. "Proíbo a publicação e circulação..." - censura a livros na ditadura militar. *In: Estudos Avançados*, São Paulo, v. 28, n. 80, p. 75-90, 2014.

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil:* de Varnhagen a FHC. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

REMOND, René. (Org.) *Por uma história política*. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François et al. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2007.

RICOEUR, Paul. *O si mesmo como um outro*. Tradução: Lucy Moreira César. Campinas SP: Papirus, 1991.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa* (tomo II). São Paulo: Papirus, 1995.

RICUPERO, Bernardo. A tempestade e a América. *In: Lua Nova*, São Paulo, n. 93, p. 11-31, 2014.

RIOUX, Jean Pierre. Entre história e jornalismo. In: CHAUVEAU, Agnès; TÈTARD, Philippe. *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999.

ROCHA, Clara. *O espaço autobiográfico em Miguel Torga*. Coimbra: Almedina, 1977.

ROCHA, Clara. *Máscaras de narciso.* Estudos sobre a literatura autobiográfica em Portugal. Coimbra: Almedina, 1992.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Crítica literária:* em busca do tempo perdido? Chapecó: Argos, 2011.

SALES, Léa Silveira. Posição do estágio do espelho na teoria lacaniana do imaginário. *In: Revista do Departamento de Psicologia*,UFF, Rio de Janeiro, v.17, n.1, p.113-127, 2005.

SALOMON, Marlon. *As correspondências:* uma história das cartas e das práticas de escrita no Vale do Itajaí. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

SANTIAGO, Silviano. Crítica literária e jornal na pós-modernidade. *In: Revista de Estudos de Literatura*, v. 1, p. 11-17. Belo Horizonte, 1993.

SANTOS, Lívia Maria Natália de Souza. *A pedagogia franqueada:* Judith Grossmann e a cena teórico-crítica dos estudos literários no PPGLL, do ILUFBA. Tese de doutorado. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2008.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado:* cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHWARCZ, Lilia. Moritz. Biografia como gênero e como problema. *In: História Social*, Campinas, n. 24, p. 51-73, 2013.

SEIXAS, Jacy Alves. Halbwachs e a memória-reconstrução do passado: memória coletiva e história. *In: História*, São Paulo, v. 20, p. 100-120, 2001b.

SEIXAS, Jacy Alves. Percursos de memórias em terras de história: problemas atuais. In: SILVA, Marcos. (Org.) Dicionário crítico Nelson Werneck. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

SILVA, Marcos. (Org.) *Nelson Werneck Sodré na historiografia brasileira*. Bauru: EDUSC; São Paulo: Fapesp, 2001.

SILVA, Marcos. Werneck Sodré hoje. *In: Marxismo21*, São Paulo, 2012a.

SILVA, Wilton C. L. A vida, a obra, o que falta, o que sobra: memorial acadêmico, direitos e obrigações da escrita. *In: Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 7, n.15, p. 103 -136, 2015.

SILVA, Wilton C. L. Biografias: construção e reconstrução da memória. *In: Fronteiras*, [S.l.], v. 11, n. 20, p. 151-166, 2009.

SILVA, Wilton C. L. Espelhos de palavras: Escritas de si, autoetnografia e ego-história. In: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). *Grafia da vida:*

reflexões e experiências com a escrita biográfica. São Paulo: Letra e Voz, 2012b. pp. 39-6.

SILVA, Wilton, C. L. Textos autobiográficos como fontes historiográficas: relendo Fernand Braudel e Anne Kriegel. *In: Revista História (São Paulo)*, v. 33, p. 340-364, 2014 (Tradução de artigo).

SILVEIRA, Ênio. [Orelha do livro]. In: SODRÉ, Nelson Werneck. *A fúria de Calibã:* memórias do golpe de 64. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

SILVEIRA, Ênio. [Orelha do livro]. In*:* SODRÉ, Nelson Werneck. *Memórias de um soldado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. (Retratos do Brasil – 60).

SODRÉ, Nelson Werneck. *Memórias de um soldado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. (Retratos do Brasil – 60).

SODRÉ, Nelson Werneck. *Memórias de um escritor – I - Formação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970. (Vera Cruz – 146).

SODRÉ, Nelson Werneck. *Em defesa da cultura*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A Luta pela Cultura*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990a.

SODRÉ, Nelson Werneck. *O fascismo cotidiano.* Belo Horizonte (MG): Oficina de Livros, 1990b.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Ofensiva Reacionária*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A Fúria de Calibã:* memórias do golpe de 64. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

SODRÉ, Olga. *Odisseia de um general do povo brasileiro e de sua geração intelectual:* testemunho de Olga Sodré sobre o combate intelectual de Nelson Werneck Sodré. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2019.

STAROBINSKI, Jean. *Jean-Jacques Rousseau:* a transparência e o obstáculo; seguido de Sete ensaios sobre Rousseau. Tradução de Maria Lúcia Machado. - São Paulo: Companhia das Letras, 1991

SÜSSEKIND, Flora. *Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001.

SÜSSEKIND, Flora. *Papéis colados*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

TEDESCO, João Carlos. *Passado e presente em interfaces:* introdução a uma análise sócio-histórica da memória. Passo Fundo: EDUPF, 2011.

THOMÉ, Maria Cristina. Nelson Werneck Sodré e a formação do profissional de história. In: SILVA, Marcos (Org.). *Nelson Werneck Sodré na historiografia brasileira*. Bauru, SP: EDUSC, 2001, pp. 171-181.

TOMEI, Samuel. História e desvios da moral. *Le Monde Diplomatique*. 2001, p. 1.

VELLOSO, Mônica Pimenta. Entre o sonho e vigília: o tema da amizade na escrita modernista. *In: Tempo*, Niterói, v. 13, n. 26, p. 205-224, 2009.

VENÂNCIO, Giselle Martins. Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna. *In: Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 28, p. 23-47, 2001.

VENÂNCIO. Giselle Martins. Cartas de Lobato a Vianna. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.) *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 111-138.

VIEIRA, Luiz Renato. Ênio Silveira e a Civilização Brasileira: notas para uma sociologia do mercado editorial no Brasil. *In: Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v. 20, n. 2, p. 139-192, jul./dez. 1996.

ZAGZEBSKI, Linda Trinkaus. *Virtues of the Mind*: an inquiry into the nature of virtue and the ethical foundations of knowledge. Cambridge (UK): Cambridge University Press, 1996.

ZARILLI, Philip. For whom is the king a king? Issues of intercultural production, perception and reception in a Kathakali King Lear. In: JANELLE, G. R; ROACH, Joseph R. (Org.). *Critical theory and performance*. Ann Arbor-Michigan, University of Michigan Press, p. 108-134.